intrínseca



anatomia

uma história de amor

dana schwartz

anatomia

uma história de amor



dana schwartz

tradução de guilherme miranda

intrínseca

Copyright ©2021 by Sidley Park

TÍTULO ORIGINAL
Anatomy: A Love Story

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL
Devan Norman

ARTE DE CAPA
Zach Meyer

DESIGN DE CAPA
Kerri Resnick

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

GERAÇÃO DE E-BOOK
Victor Huguet | Intrínseca

E-ISBN
978-65-5560-715-4

Edição digital: 2023

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 @editoraintrinseca

 intrinsecaeditora

Sumário

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Prólogo

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

Epílogo

Agradecimentos
Sobre a autora

Para Ian, que tem meu coração.



Para examinar as causas da vida, devemos antes recorrer à morte.

— **Mary Wollstonecraft Shelley,**
Frankenstein

prólogo

Edimburgo, 1817

— Mais rápido!

— Estou cavando o mais rápido possível, Davey.

— Então, acelere.

Como a noite quase não tinha luar, Davey, em cima da grama molhada, não enxergou Munro revirar os olhos dentro da cova que estava abrindo. Estava levando mais tempo que o normal. A pá de madeira que Munro conseguira roubar dos fundos da estalagem em Farbanks era menor do que a pá de metal com que havia começado o trabalho naquela noite. Porém, fazia menos barulho, o que era o mais importante. Desde que o cemitério de Thornhill Kirkyard contratara um guarda para vigiar as covas, o silêncio se tornara essencial. Três dos amigos deles já haviam sido pegos pelo guarda e não tiveram como pagar a multa pela infração. Davey nunca mais os vira nas ruas.

Alguma coisa estava errada. Davey não conseguia identificar o quê, mas algo parecia anormal. Talvez fosse o ar. Tinha sempre uma fumaça engordurada pairando baixo na Cidade Velha de Edimburgo, com o cheiro de óleo de cozinha e tabaco e a combinação tóxica de dejetos humanos e imundície que afugentara os mais abastados colina abaixo, para os novos edifícios chiques do outro lado dos Jardins de Princes Street. Não havia vento essa noite.

Davey não mencionou esse pressentimento a Munro. O companheiro só teria dado risada. *É pra você ficar de olho em vigias noturnos, não em pressentimentos estranhos*, diria Munro.

Ao longe, atrás da igreja, Davey conseguia enxergar uma vela acesa na janela da casa paroquial. O padre ainda devia estar acordado. Será que daria para ele ver um

movimento tão distante no cemitério em meio à escuridão? Provavelmente não, mas e se o padre decidisse sair para um passeio noturno?

— Dá para ir *mais* rápido? — sussurrou Davey.

Em resposta veio o som inconfundível de madeira batendo em madeira. Munro havia atingido o caixão. Os dois garotos prenderam a respiração para a etapa seguinte: Munro ergueu a pá o mais alto possível e a baixou com força. Davey estremeceu com o estalo da tampa se abrindo. Eles esperaram… talvez um grito soar ou cachorros latirem… mas nada aconteceu.

— Joga a corda — pediu Munro.

Davey obedeceu e, em instantes, Munro amarrou com habilidade a corda ao redor do pescoço do cadáver.

— Agora puxa.

Enquanto Davey içava a corda, Munro, ainda na cova, ajudou a direcionar o corpo para fora do caixão e até a superfície. Era como um parto inverso e bizarro, trazendo alguém de volta da morte. Munro conseguiu remover os sapatos do cadáver enquanto este deixava o caixão, mas cabia a Davey despir as roupas e jogá-las de volta na cova. Roubar um corpo era contra a lei, mas tirar qualquer propriedade da cova, isso, sim, seria um crime grave.

O corpo era de uma mulher, como Jeanette havia informado. Jeanette agia como espiã para o ressurreicionista que pagasse melhor a cada semana. Ela entrava de fininho em funerais e se aproximava para confirmar que não havia uma placa de pedra cara no caixão para evitar o crime que eles estavam cometendo naquele instante.

— Sem protetor de túmulo nem família — dissera Jeanette, aparecendo à porta do apartamento de Munro em Fleshmarket Close.

Ela esticara o pescoço e sorrira sob sua cortina de cabelo acobreado. A garota devia ter no máximo catorze anos, mas já havia perdido vários dentes.

— Ou pelo menos com pouca gente na família — continuara ela. — O caixão parecia vagabundo também. Madeira de pinho ou coisa assim.

— Por acaso ela estava grávida? — perguntara Munro com esperança, erguendo as sobrancelhas.

Os médicos queriam tanto dissecar gestantes que estavam dispostos a pagar o dobro pelo corpo. Jeanette fizera que não com

a cabeça e estendera a mão para receber o pagamento. Assim que a noite caiu, Munro e Davey partiram com um carrinho, pás e corda.

Davey desviou o olhar enquanto tirava o vestido gasto do cadáver. Conseguia sentir que estava corando. O garoto nunca despira uma mulher viva, mas perdera a conta das vezes em que havia tirado a roupa de uma mulher enterrada no dia anterior. Ele vislumbrou o nome na lápide semiescondida pela terra e pela escuridão: PENELOPE HARKNESS.

Obrigado pelos oitenta guinéus, Penelope Harkness, pensou ele.

— Joga aqui — disse Munro.

Davey atirou o vestido para ele. Assim que as roupas da mulher foram devolvidas ao caixão vazio, Munro se alçou para fora do buraco e se pôs de pé na grama úmida.

— Certo — comentou ele, batendo as mãos para se livrar da terra. — Vamos tapar o buraco e encerrar por hoje.

Munro não falou nada, mas também sentia algo estranho. Havia uma leveza no ar parado que dificultava recuperar o fôlego. A vela na janela da casa paroquial tinha se apagado.

— Você não acha que ela morreu da febre, acha? — sussurrou Davey.

A pele da mulher não tinha pústulas nem sangue, mas corriam boatos impossíveis de se ignorar. Se a febre romana estivesse mesmo de volta a Edimburgo…

— Claro que não — retrucou Munro com certeza. — Não seja tonto.

Davey soltou o ar e abriu um sorrisinho no escuro. Munro sempre conseguia fazer o amigo se sentir melhor, dissipando os medos que penetravam seu cérebro como roedores saindo das paredes.

Em silêncio, os garotos terminaram a missão. A cova estava coberta outra vez por terra e grama, como estivera pela manhã, e o corpo, duro por conta do *rigor mortis,* encontrava-se no carrinho de mão sob um manto cinza.

Algo se mexeu no canto do cemitério, ao longo da mureta de pedra que cercava o lado leste do terreno. Tanto Davey como Munro repararam no movimento e viraram o rosto de imediato, mas, quando seus olhos se ajustaram à escuridão, o que quer que fosse já havia desaparecido.

— Só um cachorro — declarou Munro, soando mais confiante do que realmente estava. — Vamos. O médico gosta que a gente chegue antes do amanhecer.

Davey empurrou o carrinho e Munro caminhou ao seu lado, segurando o cabo da pá com força. Quando chegaram perto da saída do cemitério, três homens usando mantos surgiram na frente deles.

— Olá — cumprimentou o mais alto dos três, que parecia ainda mais alto graças à cartola.

— Que bela noite — comentou o mais baixo do grupo, que era careca.

— Perfeita para um passeio — completou o terceiro homem, cujo sorriso amarelado reluzia sob o bigode mesmo na escuridão.

Eles não eram vigias noturnos, notou Davey de imediato. Talvez também fossem ressurreicionistas.

Era evidente que Munro tinha chegado à mesma conclusão.

— Saiam da frente. Ela é nossa, arranjem outro morto — interveio ele, colocando-se à frente de Davey e do carrinho de mão. Sua voz só tremeu um pouco.

Davey baixou o olhar e viu que os cavalheiros usavam sapatos de couro elegantes. Nenhum ressurreicionista tinha sapatos assim.

Os três homens riram quase em uníssono.

— Você tem razão — disse o baixinho, dando um passo à frente. — E, claro, nem sonharíamos em chamar os vigias noturnos.

Davey reparou que havia uma corda embaixo da manga dele.

Tudo se sucedeu em uma rapidez impressionante: os três avançaram, e Munro os contornou com um salto e correu em direção à cidade, gritando:

— Davey! Davey, corra!

Mas Davey ficou paralisado atrás do carrinho, hesitando por um momento, sem saber se abandonava Penelope Harkness enquanto observava Munro sair em disparada até sumir. Quando seus pés foram seguir o amigo, já era tarde demais.

— Peguei você! — exclamou o homem alto de cartola, segurando o punho de Davey com sua mão gigante. — Calma, isso não vai doer nem um pouquinho.

Então o homem tirou uma faca do bolso.

Davey se debateu. Contudo, por mais que puxasse o braço ou se contorcesse, não conseguia se soltar.

O homem passou a faca com delicadeza pelo antebraço do garoto, produzindo um fio de sangue carmesim que parecia quase preto na escuridão.

Davey sentia medo demais para gritar. Ele observou em silêncio, com os olhos vidrados de pânico, o homem careca pegar um frasco com algo roxo e viscoso, desarrolhar o recipiente e estender o braço.

O homem de cartola balançou a faca em cima do frasco até uma única gota de sangue cair em seu interior. O líquido ficou mais escuro e, então, assumiu um tom amarelo, emitindo um brilho dourado e iluminando o rosto dos três homens, que sorriam.



Em sua caminhada matinal, o padre encontrou um carrinho de mão abandonado com o cadáver enrijecido de uma mulher que tinha sido enterrada no dia anterior. Ele balançou a cabeça. Os ressurreicionistas nesta cidade estavam ficando mais ousados… e mais perigosos. O que Edimburgo estava se tornando?



Trecho de ***Tratado de anatomia do dr. Beecham — ou A prevenção e cura de doenças modernas*** *(17ª edição, 1791), de dr. William R. Beecham:*

Todo médico que deseje tratar efetivamente qualquer doença ou variedade de lesão doméstica comum deve antes entender de anatomia. Uma compreensão do corpo humano e de todas as suas partes é elementar para nossa profissão.

Neste tratado, vou apresentar os fundamentos de anatomia que descobri ao longo de minhas décadas de estudo, além de ilustrações feitas a meu próprio punho. No entanto, as ilustrações não substituem a descoberta em primeira mão da anatomia por meio da dissecção, e nenhum aspirante a médico pode estar a serviço de nossa profissão sem antes realizar o processo em ao menos uma dezena de corpos para estudar suas diversas partes.

Embora alguns dos meus colegas em Edimburgo recorram a medidas nefastas, contratando os serviços ilegais dos chamados ressurreicionistas, que roubam cadáveres de inocentes, os corpos oferecidos a meus estudantes na minha escola de anatomia são sempre os de homens e mulheres que sofreram a morte pela forca, uma vez que a lei britânica ordena que ofereçam um último serviço a seus compatriotas como penitência final.

1

O SAPO ESTAVA MORTO, não havia dúvida quanto a isso. Já estava morto quando Hazel Sinnett o encontrara durante seu passeio diário após o café da manhã, caído de costas no meio da trilha do jardim, como se quisesse pegar um bronzeado.

Hazel mal conseguiu acreditar na própria sorte. Um sapo, bem ali. Uma oferenda. Um sinal dos céus. O dia estava nublado, o céu denso com nuvens cinzentas ameaçando uma chuva que ainda não havia chegado. Em outras palavras: o tempo perfeito para o que pretendia. Mas aquelas condições não durariam muito. Assim que a chuva começasse a cair, seu experimento seria arruinado.

De trás dos arbustos de azaleia, Hazel estudou os arredores para ver se alguém a observava (será que sua mãe não estava olhando pela janela do quarto, no segundo andar?) antes de se ajoelhar e, sem cerimônia, envolver o sapo num lenço para escondê-lo na cintura da anágua.

As nuvens se aproximavam. Não restava muito tempo. Então, Hazel interrompeu o passeio e deu meia-volta para retornar ao Castelo Hawthornden. A garota entraria pelos fundos, para que ninguém a interceptasse e ela conseguisse subir para seu quarto imediatamente.

A cozinha estava quente quando Hazel entrou às pressas. Grandes colunas de vapor escapavam da panela de ferro no fogo e o cheiro forte de cebola empesteava todas as superfícies. Uma cebola meio picada estava abandonada sobre uma tábua. Havia respingos de sangue na hortaliça, na tábua e em uma faca caída no chão ali perto. Os olhos de Hazel seguiram o fio vermelho até encontrar a cozinheira sentada em um banco no canto da cozinha, perto do fogo, abraçando a mão e se balançando de um lado para o outro, falando baixinho para se acalmar.

— Ah! — exclamou a cozinheira ao ver Hazel.

Seu rosto estava coberto de lágrimas e mais vermelho que o normal. Ela as enxugou e se levantou, tentando alisar as saias e esconder a mão atrás do avental.

— Não esperava a senhorita aqui embaixo. Só estava… descansando as pernas.

— Ah, você está sangrando! — comentou Hazel, estendendo a mão. — Deixe-me dar uma olhada.

A garota pensou no sapo sendo esmagado por sua anágua e na tempestade iminente, mas apenas por um instante. Hazel precisava se concentrar na situação atual.

A cozinheira se encolheu. O corte, ao longo da palma carnuda e calejada, era profundo.

Hazel limpou as próprias mãos nas saias, depois ofereceu um sorrisinho reconfortante para a cozinheira.

— Não vai ser tão ruim. Você vai estar novinha em folha a tempo do jantar. Ei — dirigiu-se Hazel à copeira —, Susan, não é? Pode me buscar uma agulha de costura?

A criada tímida assentiu e saiu às pressas.

Hazel levou uma bacia para perto da cozinheira, lavou a mão machucada e a secou com um pano de prato. Quando o sangue e a fuligem saíram, deu para ver o corte profundo com nitidez.

— Ora, nem parece mais tão assustador agora que o sangue foi lavado — comentou Hazel.

Susan voltou com a agulha. Hazel a colocou sobre o fogo até ficar preta e, então, ergueu a própria saia e puxou um longo fio de seda da *chemise*.

A cozinheira soltou um gritinho.

— Suas roupas finas, senhorita!

— Ah, bobagem. Não importa, cozinheira, de verdade. Agora, sinto muito, mas talvez isso arda um pouquinho. Tudo bem?

A cozinheira fez que sim. Trabalhando o mais rápido possível, Hazel enfiou a agulha na palma machucada e começou a dar pontos no corte. A cor se esvaiu do rosto da cozinheira, que apertou bem os olhos.

— Quase lá… já estou acabando… eeeee pronto! — anunciou Hazel, amarrando o fio de seda em um nó perfeito.

Ela cortou o fio com os dentes. Não conseguiu conter um sorriso ao examinar o próprio trabalho: os pontinhos caprichados e regulares enfim deram uma utilidade à prática tediosa de bordado durante a infância. Hazel ergueu a própria saia de novo, com cuidado para não deixar o sapo cair, e arrancou uma faixa grossa de tecido da *chemise* antes que a cozinheira pudesse se opor, chocada por mais um estrago à peça. Hazel envolveu o tecido com firmeza ao redor da mão com os pontos.

— Pois bem. Tire o curativo à noite e lave a ferida, se puder. Vou preparar um cataplasma para você amanhã. E tome cuidado com a faca, cozinheira.

Os olhos da mulher ainda estavam úmidos, mas ela sorriu para Hazel.

— Obrigada, senhorita.

Hazel subiu para o quarto sem mais interrupções e correu em direção à sacada. O céu continuava cinzento. A chuva ainda não havia começado. Hazel suspirou e pegou o sapo envolto no lenço de dentro das saias. Ela o desembrulhou e deixou que caísse com um *ploft* no balaústre de pedra.

As partes do Castelo Hawthornden de que Hazel mais gostava eram a biblioteca — com o papel de parede verde mosqueado, os livros encadernados em couro e a lareira que era acesa todas as tardes — e a sacada de seu quarto, de onde conseguia enxergar o riacho cercado de árvores e a natureza se estendendo por quilômetros. Seu quarto era na parte sul do castelo, então não dava para ver a fumaça que subia no coração de Edimburgo, a apenas uma hora de viagem ao norte. Na sacada, Hazel podia fingir que se encontrava sozinha no mundo, que era uma exploradora à beira do pico do conhecimento humano, criando coragem para dar um passo à frente.

Hawthornden fora construído num penhasco, com paredes de pedra cobertas de hera que se assomavam diante das florestas escocesas e de um córrego estreito que ia mais longe do que Hazel jamais conseguira acompanhar. Sua família por parte de pai morava ali havia pelo menos cem anos. A história da família Sinnett marcava suas paredes: carvão, grama e musgo agarrados às pedras antigas.

Por conta de uma série de incêndios na cozinha ao longo do século XIII, a maior parte do castelo foi reconstruída sobre a base original, tijolos sobre pedras. Os únicos resquícios da estrutura original eram os portões, na entrada, e uma masmorra de pedra fria na lateral da colina, que ninguém se lembrava de ter sido

usada em tempos recentes… exceto como ameaça, quando a sra. Herberts flagrava Percy roubando alguma sobremesa antes do chá, e na vez que Charles, o lacaio, foi desafiado a passar um dia inteiro preso lá dentro, mas não durou mais que uma hora.

Na maior parte do tempo, Hazel tinha a impressão de que morava em Hawthornden sozinha. Percy estava sempre brincando lá fora ou ocupado com aulas. A mãe quase nunca saía do quarto, percorrendo o cômodo vestida de preto, ainda de luto, como um fantasma da morte. Às vezes, era solitário, mas Hazel se sentia grata pela solidão. Em especial quando queria fazer experimentos.

O sapo morto era pequeno, e marrom cor de lama. Seus membros finos, que haviam balançado como uma boneca de pano quando Hazel o pegara na trilha, se encontravam rígidos e desagradavelmente viscosos. Mas o animal estava morto, e havia uma tempestade no ar. Era perfeito. Todas as peças estavam em seu devido lugar.

De trás de uma pequena pedra na sacada, Hazel pegou o atiçador de lareira e o grande garfo da cozinha que havia guardado ali algumas semanas antes, à espera de uma oportunidade igual àquela. Bernard tinha sido irritantemente vago ao descrever o tipo de metal usado pelo mago-cientista na Suíça ("Foi latão? Bernard, só me diga qual era a *cor*." "Já falei, não me lembro!"), então Hazel decidiu se virar com objetos de metal que fossem fáceis de arranjar em casa sem que ninguém notasse. O atiçador da lareira viera do escritório do pai, onde nem mesmo os criados se davam ao trabalho de entrar nos últimos meses, desde que ele e todo o seu regimento foram assentados em Santa Helena.

Um som distante de trovão ecoou pelo vale lá embaixo. Aquela era a hora. Hazel atravessaria a fronteira entre a vida e a morte, usando eletricidade para reanimar um ser vivo. O que eram milagres, senão a ciência que o homem ainda não compreendia? E o fato de os segredos do universo serem acessíveis, códigos que poderiam ser decifrados por pessoas dotadas de inteligência e tenacidade suficientes, não tornava tudo ainda mais milagroso?

Com cuidado, Hazel colocou o atiçador perto de um dos lados do sapo e, então, com um ar de reverência solene, posicionou, devagar, o garfo de cozinha do outro lado.

Nada aconteceu.

Ela aproximou tanto o garfo quanto o atiçador do animal e, então, impaciente, os encostou na pele do sapo. Era para fazer isso? Não, não, Bernard teria mencionado se a cabeça do condenado estivesse *empalada* em uma estaca. Quando ele voltara de seu *grand tour* pela Europa, Hazel estava esbaforida de tantas perguntas que queria fazer sobre a demonstração que ele mencionara de passagem na carta da Suíça, oferecida pelo filho do grande cientista Galvini. Usando eletricidade, Galvini filho tinha feito as patas de um sapo dançarem e a cabeça decepada de um condenado piscar como se estivesse viva outra vez.

— Foi assustador, na verdade — dissera Bernard, levando uma xícara de chá aos lábios e pedindo para a criada trazer mais um biscoito de gengibre. — Uma maravilha, mas de um jeito estranho, não acha?

Hazel achava, sim. Embora Bernard tivesse se recusado a contar mais detalhes ("Você é sempre tão *mórbida*, prima!"), Hazel percebeu que conseguia evocar a cena em sua mente com facilidade, como se a tivesse presenciado: o homem usando uma jaqueta em estilo francês no palco de um pequeno teatro de madeira, as cortinas de veludo vermelho pesadas e empoeiradas atrás dele. Hazel conseguia ver as patas do sapo subindo e descendo como as pernas das dançarinas de cancã, antes de Galvini retirar o pano para revelar a atração principal: a cabeça de um homem que tinha sido enforcado. Na imaginação de Hazel, o pescoço do homem tinha sido cortado de forma que ainda exibia os hematomas arroxeados da corda.

Nós, homens, tememos a morte, conseguia imaginar Galvini dizendo com um forte sotaque italiano. *A morte! Horripilante e terrível! Inevitável e sem sentido! Dançamos na direção dela como se fosse uma bela mulher* (os italianos adoravam falar sobre belas mulheres) *e a Morte também valsa em nossa direção, nos chamando, sempre nos chamando. Quando o véu é trespassado, nunca mais voltamos. Porém, estamos em um novo século, meus amigos.*

Naquele ponto, Hazel o imaginava erguendo uma haste de metal, que nem Hamlet com a caveira, depois outra, deixando um raio dançar entre elas enquanto a plateia se admirava.

E a humanidade vai conquistar as leis da natureza!

A plateia perdia o fôlego. As luzes do palco estalavam, fumaça de pólvora cinza estourava para efeito dramático, e a cabeça do condenado ganhava vida.

Bernard descrevera tudo isso em uma carta que Hazel memorizou de tanto ler: o sobressalto da cabeça do condenado quando as hastes desceram às têmporas, as pálpebras se abrindo. Por um momento, foi como se ele tivesse recuperado a consciência, encarado a cena à sua frente… a multidão de homens e suas esposas usando suas melhores luvas e chapéus… e de fato os *visto*. Bernard não havia mencionado se a boca do condenado se abrira, mas Hazel imaginava uma língua preta rolando para fora dos lábios, como se a cabeça estivesse cansada de ser levada para mais uma matinê, diante de mais uma multidão.

Ao fim da apresentação, Galvini devia ter feito uma reverência diante de aplausos incrédulos e, então, os cavalheiros voltariam a seus castelos e *villas* para entreter seus anfitriões com a descrição dos eventos daquela noite enquanto tomavam vinho do Porto.

Foi como feitiçaria, escrevera Bernard. *Embora eu nunca tivesse imaginado um feiticeiro usando uma calça tão mal-ajustada*. Bernard também havia mencionado que comprara uma capa para caça por quatrocentos francos e, depois, vira o príncipe Friedrich von Hohenzollern usando uma idêntica.

E ali estava Hazel, o céu repleto de eletricidade, um objeto de metal em cada lado do sapo e, ao contrário das cobaias de Galvini, a sua continuava enlouquecedora e inconfundivelmente imóvel. Hazel olhou para trás. Seu quarto se encontrava vazio. Sua criada, Iona, sempre terminava de arrumar o cômodo antes que o café da manhã acabasse. Hazel conseguia ouvir o tilintar de notas do piano-forte saídas da janela aberta da sala de música, onde Percy estava tendo aula. A sra. Herberts devia estar preparando o almoço para a mãe de Hazel, como sempre. A mãe comia no quarto, sentada à escrivaninha, diante de um espelho coberto por um pano preto translúcido.

Hazel prendeu a respiração e ergueu o atiçador de fogo outra vez. Havia uma última coisa que ainda não havia experimentado, mas… De súbito, ela ficou zonza, sentindo a mente leve, como se um barbante a puxasse pelo topo do crânio. Seus dedos tremiam. Sem esperar o corpo se conter, Hazel enfiou o atiçador nas costas do sapo até sair pela barriga dele. Perfurar o animal havia sido de uma facilidade desconcertante, o atiçador atravessando a pele marrom e saindo úmido, cintilando com um visco indeterminado.

— Desculpe — disse Hazel em voz alta.

Em seguida, se sentiu boba. Era apenas um sapo. Um sapo *morto*. Para se tornar cirurgiã, mais cedo ou mais tarde ela precisaria se acostumar com esse tipo de coisa. Como se para provar a própria coragem, ela afundou o atiçador um pouco mais.

— Pronto — murmurou. — Bem feito.

— Bem feito para quem? — perguntou Percy, um pouco atrás dela, com os olhos sonolentos e o cabelo desgrenhado, usando apenas uma das meias.

Em seu entusiasmo, Hazel não havia notado que o som do piano-forte cessara.

Embora Percy tivesse sete anos, a mãe ainda o vestia como se ele tivesse apenas metade da idade, em uma camisa de algodão com bordado azul e aberta na gola. Lady Sinnett o paparicava sem parar, como se o menino fosse um cristal de valor inestimável e incrivelmente frágil. O irmão era mimado e egoísta, mas Hazel não conseguia se irritar, porque a verdade era que sentia pena dele. Como a mãe dedicava toda a atenção a ele, Hazel desfrutava de uma liberdade rara, enquanto Percy mal tinha permissão para sair de casa. Imagine, Deus o livre, se o menino arranhasse o joelho na trilha do jardim.

— Não é nada — respondeu Hazel, se virando e escondendo o sapo atrás das saias. — Agora vá embora. Não era para você estar na aula?

— Mestre Poglia me liberou mais cedo por ser um bom menino — explicou Percy, sorridente, exibindo uma fileira de dentes pequenos e afiados.

Hazel notou que estava faltando um dente na parte de cima.

O irmão se balançou para a frente e para trás.

— Brinque comigo. Mamãe diz que você precisa fazer o que eu mandar.

— Ah, é?

O céu estava começando a clarear. Uma faixa azul era visível no horizonte distante. Para dar certo, o experimento precisava ser realizado em breve, enquanto a eletricidade ainda estivesse no ar.

— Por que não pede para a mamãe brincar com você, então?

— Mamãe é *cha-ta* — cantarolou Percy, pulando em um pé só e, depois, no outro. Ele balançou a cabeça para afastar os cachos louros dos olhos. — Se eu entrar no quarto da mamãe, ela vai apertar minha bochecha e me fazer recitar latim.

Hazel se perguntou se George, o irmão deles, tinha sido uma criança parecida, choramingona e carente, precisando de uma testemunha para aplaudi-lo e beijá-lo na bochecha por cada passeio a cavalo e aula terminada. Não parecia possível. Além do mais, naquela época, a mãe deles não era tão medrosa nem sufocante assim.

George tinha sido quieto e introspectivo. Cada sorriso dele parecia contar um segredo vindo do outro lado do aposento. Aos sete anos, Percy já sabia usar seus sorrisos de forma estratégica. Será que o menino se lembrava de George? Ele era tão jovem quando o irmão mais velho morreu.

Percy suspirou.

— Tá bem. Podemos brincar de piratas — anunciou ele, como se estivesse fazendo uma concessão, como se Hazel tivesse invadido o quarto *dele* e implorado para brincar de pirata e, só neste instante, em toda a sua benevolência, Percy concordara.

Hazel revirou os olhos.

O irmão fez beicinho e uma careta exagerada.

— Se não concordar, vou gritar e buscar a mamãe e ela vai ficar brava com você.

Mais uma nuvem se agitou, e um raio de luz atingiu a parte de baixo do vestido de Hazel, o calor ampliado pelas camadas de saias.

— Por que você não desce à cozinha e pergunta para a cozinheira o que ela está preparando para o chá? Aposto que, se pedir agora, ela vai fazer seus bolinhos de limão favoritos.

Percy considerou a sugestão, franzindo o cenho para Hazel e o que quer que ela estivesse escondendo atrás da saia. Após um momento de ponderação, o menino se virou e saiu correndo, sem dúvida para descer a escada estreita a fim de atormentar a cozinheira e a sra. Herberts. Hazel havia feito uma boa aposta: comer bolinhos de limão era muito superior a brincar com ela.

Não restava muito tempo. Porém, antes de continuar, Hazel precisava trancar a porta para que não houvesse mais intrusos. Ela voltou ao quarto e girou a chave pesada na fechadura até ouvir um estalo. Então correu, de volta para a sacada, onde algumas gotas de chuva haviam caído nos segundos em que ela se afastara, deixando a pedra musgosa quase preta. Se algo fosse acontecer, teria que ser agora.

Ela ergueu o garfo de cozinha e o acenou sobre cada um dos membros do sapo como se fosse um xamã. Nada aconteceu. Talvez a demonstração a que Bernard assistira fosse apenas um truque. Talvez não houvesse sequer um cadáver, mas um homem escondido sob a mesa, com o pescoço para fora através de um buraco na madeira e com maquiagem teatral para deixar a pele com um aspecto morto, sem expressão e sem cor. Que gargalhada esse ator *mentiroso* e o tal do Galvini devem ter dado após o espetáculo, contando o dinheiro que arrecadaram, embebedando-se com seus colegas ordinários, ainda com a maquiagem teatral…

Então o sapo se mexeu.

Será que tinha sido mexido? Será que não tinha sido apenas um efeito da luz? Ou uma brisa soprando pelo vale? Hazel não havia sentido nada. Suas saias não se agitaram. Ela balançou o garfo sobre o sapo morto e empalado várias vezes, cada vez mais rápido, mas nada aconteceu. Foi então que ela se deu conta.

Hazel tirou a chave gigante do bolso e a baixou com delicadeza na direção do animal, que começou a dançar. O sapo, que momentos antes pendia inerte em sua estaca, agora vibrava de energia. Ele ainda parecia ter vontade de viver, era como se estivesse tentando escapar. Era algo saído de um conto de fadas, pensou Hazel. *Tire-me deste atiçador*, parecia dizer o sapo, *e vou lhe conceder três desejos!* Ou talvez fosse algo saído de um pesadelo, como as histórias dos panfletos de terror que o tutor de Percy às vezes entregava a Hazel discretamente, com uma piscadinha. Os mortos ganhavam vida, e queriam vingança contra os vivos.

Havia funcionado! O que era aquilo? Magnetismo? Estava evidente que a chave era um condutor de eletricidade, mas de que tipo de metal era feita, afinal? A jovem precisaria fazer uma análise completa, uma série de testes com todas as combinações de metais que conseguisse identificar.

Contente, Hazel continuou passando a chave ao longo dos membros do sapo. Contudo, em menos de um minuto, os espasmos foram diminuindo até pararem por completo. Qualquer que fosse a magia que estivera presente no tempo nublado, no humor do sapo morto, no atiçador de fogo, na chave do quarto… havia se esgotado.

O sapo estava morto outra vez. Naquele instante, Hazel conseguiu ouvir o choro da mãe vindo do outro quarto. Ela chorava quase todos os dias desde que a febre matara George.



Trecho de ***Tratado de anatomia do dr. Beecham — ou A prevenção e cura de doenças modernas*** *(24ª edição, 1816), de dr. William R. Beecham, modificado por dr. William Beecham III:*

A febre romana (*Plaga romanus*) se revela primeiro através de furúnculos nas costas do paciente. Em menos de dois dias, os furúnculos começam a estourar, manchando a camisa do paciente de sangue (daí o nome "febre romana", devido à semelhança das várias feridas nas costas com as facadas recebidas por Júlio César). Outros sintomas incluem gengivas enegrecidas, letargia, diminuição da função urinária e dores. Nomes coloquiais para a doença: doença romana, furúnculos, febre do pedreiro, morte vermelha. Quase sempre é fatal. Um surto ocorreu em Edimburgo no verão de 1815, provocando a perda de cinco mil vidas.

Embora a taxa de sobrevivência seja baixa, aqueles que sobrevivem retêm imunidade. Não há cura conhecida.

2

Na carruagem a caminho da Residência Almont, Hazel tentou em vão limpar a tinta preta dos dedos e de debaixo das unhas. Ela passara a noite inteira acordada, fazendo anotações a partir da antiga edição do pai do livro sobre anatomia do dr. Beecham. Durante todo o tempo, havia mantido o cartaz que avistara pela janela da carruagem, pregado na porta de um pub, ao seu lado na escrivaninha.

— Pare, pare! — gritara ela, batendo na porta do veículo.

Hazel saíra às pressas, arrancara o anúncio da porta e voltara para a carruagem sem fôlego, entusiasmada demais para se preocupar se alguém tinha visto a cena.

O cartaz estava dobrado no bolso de sua saia. Hazel o tocou com os dedos manchados de tinta, desejando que lhe trouxesse conforto e sorte.

Bernard não se importaria com a tinta — Hazel tinha suas dúvidas de que ele sequer notaria —, mas lorde Almont sim e, conhecendo o pendor dele ao decoro, sem dúvida o incidente chegaria aos ouvidos da mãe da jovem. *Adoraria que você não me envergonhasse na frente de seu tio, Hazel,* diria a mãe ao erguer uma xícara de chá aos lábios finos ou ao puxar um fio de bordado enquanto um criado acrescentava lenha na lareira da sala de estar onde o sol batia pela manhã. *Não que eu me importe que você pareça uma pedinte quando visita a cidade, mas sei que isso vai afetar os convites durante a Temporada iminente.*

Hazel nem conseguia imaginar o que lorde Almont ou sua mãe fariam se soubessem sobre o cartaz em seu bolso, um anúncio para uma demonstração de anatomia que seria realizada pelo famoso dr. Beecham III, neto da figura lendária e o cirurgião vivo mais famoso em Edimburgo, para não dizer em todo o reino.

A garota quase vibrava de entusiasmo só de pensar no assunto.

COBAIA VIVA! DEMONSTRAÇÃO DE ANATOMIA GRATUITA!

VEJA O DR. BEECHAM, CHEFE DE CIRURGIA DA
UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO, REALIZAR DISSECAÇÃO
E AMPUTAÇÃO USANDO SUA NOVÍSSIMA TÉCNICA.
INTERESSADOS PODEM SE INFORMAR SOBRE O
SEMINÁRIO DE ANATOMIA DO DOUTOR.
OITO HORAS DA MANHÃ
SOCIEDADE REAL DE ANATOMISTAS DE EDIMBURGO

Era a esse tipo de evento que Hazel queria comparecer! Não aos almoços monótonos com viúvas desmazeladas e debutantes insuportáveis nem aos bailes maçantes e demorados. Desde que Hazel fizera quinze anos, sua mãe a forçava a viajar para Londres durante a Temporada da alta sociedade. Lá, ela era enfiada em um vestido de crinolina do tamanho de um pequeno sofá para poder girar por uma variedade de salões de baile nos braços de diversos garotos com mau hálito.

Em teoria, o objetivo de ir a Londres para a Temporada era fazer com que um daqueles garotos com mau hálito se apaixonasse perdidamente por Hazel (ou por seu respeitável dote) e se casasse com ela, embora esse plano parecesse sem sentido, porque já era dado como certo que ela se casaria com seu primo Bernard, para manter o título e a fortuna Almont na família.

Não havia nada de errado em Bernard, dizia Hazel a si mesma. Ele era bem simpático, e tinha a pele relativamente lisa. Era, digamos, insosso, mas os outros garotos também eram. Bernard era um pouco vaidoso e se importava mais com suas roupas do que com qualquer outra coisa, mas era um bom ouvinte. Ele havia brincado com Hazel na lama quando eram crianças e, por isso, não esperava que ela se comportasse como uma boneca frágil de porcelana, como as demais moças em seu círculo social.

Ele conhecia Hazel fazia tanto tempo que considerava seu desejo de se tornar uma cirurgiã mera excentricidade, em vez de um escândalo. Seria essencial ela ter um homem ao seu lado quando se matriculasse para ter aulas e realizar o Exame Real de Medicina, e um homem poderoso com um título seria ainda melhor. Hazel passou os dedos pelo vinco do cartaz, sentindo esperança.

Era um dia frio de outono, e o ar de setembro se encontrava o mais limpo possível tendo em vista a proximidade com a Cidade Velha, no alto da colina,

onde edifícios de madeira se empilhavam uns sobre os outros como se fossem dentes tortos em uma boca que exalava a fuligem preta da vida diária.

Lorde e lady Almont moravam logo abaixo da colina, do outro lado dos Jardins de Princes Street, mas a um universo de distância da Cidade Velha. Eles residiam na Cidade Nova, perto da Charlotte Square, em uma casa branca e elegante com pilares na entrada e espaço suficiente para suas duas carruagens nos fundos.

Hazel não tinha conseguido limpar a tinta dos dedos, então, assim que saltou e o lacaio fechou a porta da carruagem, a jovem enfiou as mãos nos bolsos, onde estava escondido seu panfleto secreto.

O lacaio abriu a porta antes mesmo que Hazel tocasse a campainha. Suor manchava a gola dele, e sua careca brilhava.

Algo estava acontecendo. Havia um turbilhão de atividade no salão principal. O olhar de Hazel cruzou com o de Samuel, o valete, que passava às pressas com uma bacia vazia e um pano. Ele lhe ofereceu apenas um leve cumprimento com a cabeça.

Um homem estranho — um mendigo, usando farrapos cor de poeira — estava sentado ali perto, em uma cadeira simples de madeira que Hazel nunca vira antes, provavelmente tirada dos aposentos dos criados. Um médico de jaleco comprido examinava o interior da boca dele.

O homem parecia pouco à vontade na mansão bem-decorada. Tudo nele parecia deslocado e chamava atenção. Sua camisa era a única em todo o salão que não estava passada nem engomada, seu cabelo era o único despenteado, seu rosto o único que não estava limpo, com um círculo de suor e sujeira sob o queixo, onde ele não tinha conseguido se lavar. O médico fez uma careta e bateu na bochecha do homem, que fechou a boca, obediente.

Lorde Almont se encontrava sentado do outro lado do salão, em uma cadeira mais larga e acolchoada trazida da sala de jantar, mas levantou-se assim que Hazel entrou.

— Ah, Hazel. Peço desculpas pelo estado da casa hoje. Imagino que Bernard vá descer em breve. Samuel, diga a Bernard que a srta. Sinnett chegou.

Hazel respondeu com a pequena reverência que a situação exigia antes de sua atenção se voltar ao estranho mendigo. A garota se perguntou o que estava acontecendo. Será que era alguém que lorde Almont decidira acolher? Ou alguém

que se beneficiava de alguma de suas caridades? Ou um candidato a uma vaga de criado, prestes a ser dispensado de maneira categórica? Hazel não conseguia imaginar que o lorde Almont se encarregasse pessoalmente das contratações. E por que o tio teria exigido um exame médico?

— Podemos prosseguir? — perguntou o médico em voz baixa.

Pela primeira vez, Hazel notou o rosto dele. Era marcado por pústulas e cicatrizes, com rugas e sulcos vermelhos e profundos. Ele usava um tapa-olho de cetim no lado esquerdo, mas Hazel conseguia distinguir um inchaço vermelho nas beiradas do tecido. O cabelo do médico era escuro, comprido e escorrido, preso por uma faixa preta na nuca. Ele segurava o que parecia uma pinça de metal, o instrumento refletindo a luz que atravessava as janelas da entrada da casa. Seu casaco tinha manchas cor de ferrugem nas pontas.

Os olhos do mendigo estavam arregalados, as íris cercadas de branco. Ele torcia um chapéu marrom no colo, como se tentasse secá-lo depois de lavar. Após alguns segundos de silêncio aterrorizado, ele assentiu para o médico, recostou-se na cadeira e abriu a boca.

— Talvez a senhorita… — começou lorde Almont, mas, antes que conseguisse terminar a frase, o médico já tinha completado sua tarefa.

Ele havia inserido a pinça na boca do mendigo, dado uma torcida rápida e arrancado um molar com um estalo nauseante.

A bacia que Samuel havia trazido logo serviu a seu propósito. O mendigo a levou até o queixo para conter o sangue e a baba que escorriam de seus lábios. Ele sequer teve tempo de gritar.

O médico fungou e examinou o dente, que ainda brilhava com sangue.

— Rápido — disse ele a lorde Almont. — Devemos agir enquanto o dente ainda está fresco para conseguir afixá-lo na sua gengiva.

Obediente, lorde Almont se reclinou e abriu a boca.

O médico aplicou uma pasta prateada na parte de baixo do dente e o encaixou no fundo da boca de lorde Almont com um pequeno bisturi. O mendigo choramingava baixinho atrás deles.

— Agora — instruiu o médico enquanto terminava o procedimento —, nada de mastigar carne por um mês, a menos que seu cozinheiro a faça bem macia. Fique longe de bebidas alcoólicas, e nada de tomates.

Lorde Almont se levantou e endireitou a gravata.

— Com certeza, doutor.

Do bolso frontal da jaqueta, ele tirou algumas moedas, conferiu seu valor e, então, entregou-as ao mendigo, estendendo o braço para permanecer o mais longe possível.

— Imagino que este seja o valor de mercado para um molar hoje em dia?

Hazel pensou que o lorde parecia estranhamente determinado a manter distância de um homem cujo dente se encontrava em sua boca. O mendigo guardou as moedas na bolsa e saiu em silêncio, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Perdoe-me, Hazel — disse lorde Almont, depois que o eco da porta se fechando silenciou —, por expô-la a essa cena terrível. Embora Bernard tenha mencionado que você até gosta desse tipo de coisa.

Ele esfregou a mandíbula e prosseguiu:

— É algo horripilante, mas um pequeno preço a pagar por saúde e bem-estar. Creio que você ainda não tenha sido apresentada ao estimado dr. Edmund Straine, da Sociedade Médica de Edimburgo? Dr. Straine, essa é a srta. Sinnett, filha da minha irmã Lavinia.

O dr. Straine se voltou para Hazel. Ele ainda não havia terminado de guardar seus equipamentos e segurava um pequeno bisturi, com sangue pingando. O médico mal moveu o pescoço em cumprimento.

— Como vai? — perguntou Hazel.

O dr. Straine não respondeu. Seu olho bom se concentrou nas manchas de tinta nas mãos de Hazel. Ela se apressou em escondê-las atrás das saias. Os lábios finos do médico se afinaram ainda mais.

Quando o doutor enfim falou, foi com lorde Almont:

— Não se esqueça que mastigar pode danificar o novo dente, vossa senhoria.

Sem dizer outra palavra, o homem pegou sua bolsa, deu meia-volta e saiu pela porta dos fundos com seu sobretudo preto se esvoaçando.

— Ele não tem lá os melhores modos, infelizmente — sussurrou lorde Almont depois que Straine havia saído. — Mas me disseram que é o melhor da cidade. Foi um protegido do grande dr. Beecham quando ele ainda era vivo, acredite se quiser. Você vai ficar para o chá, não vai?

Fazia dois anos que o pai de Hazel havia assumido o posto em Santa Helena. Ele era o capitão da Marinha Real incumbido de vigiar a prisão de Napoleão, e, desde então, lorde Almont havia assumido a responsabilidade de tomar conta da sobrinha. Hazel pegava a carruagem para ir a Edimburgo uma ou até duas vezes por semana para tomar chá ou jantar com a família Almont, sentar-se em uma das salas de estar e ler os livros de lorde Almont ou acompanhar Bernard aos eventos sociais que parecessem inevitáveis. Ao menos a lembrança de George não pairava como uma fumaça densa na Residência Almont, como fazia em todos os cômodos do Castelo Hawthornden.

Quando Hazel se casasse com Bernard e se tornasse a nova lady Almont, as memórias ruins poderiam ser esquecidas, como se estivessem guardadas entre as capas de um livro pesado. Ela ganharia um novo nome e um novo lar. Teria uma vida nova. Seria uma nova pessoa, alguém que a tristeza não conseguiria encontrar.

— Ah, Bernard! — exclamou lorde Almont quando o filho apareceu no alto da escada. — Vocês vão almoçar aqui? Tenho certeza de que Samuel pode avisar ao cozinheiro.

— Na verdade, tio — interveio Hazel —, eu gostaria que Bernard me levasse para um passeio.

Bernard saltou o último degrau e lhe ofereceu o braço. Quando os dois saíram do salão, os criados já haviam limpado todos os vestígios da cirurgia realizada poucos minutos antes.



Trecho de ***As cidades da Escócia: Um guia de viagem*** *(1812), de J. B. Pickrock:*

Chamam Edimburgo de "Atenas do Norte" graças a seus talentos em filosofia, mas agora isso também é evidente em sua arquitetura: pedra branca, colunas, avenidas largas e retas. Começaram a construir a Cidade Nova na extensão de terra plana à sombra do castelo de Edimburgo nos anos 1760, creio eu (quando o fedor e a superlotação dos prédios ao longo da High Street, na colina, se tornaram insuportáveis para qualquer pessoa de origem decente), mas foi apenas a partir de 1810 que os prédios no estilo clássico romântico começaram a impressionar de verdade. Inclusive, ouso dizer que, no momento, Edimburgo ostenta um exemplo mais bonito do estilo clássico romântico que todas as capitais da Europa continental.



3

— Por favor.

— Não.

— *Por favor*.

— De jeito nenhum.

— Não vão me deixar entrar sem você. É impossível. Mas eles não poderão me expulsar se eu estiver com o visconde Almont.

— *Futuro* visconde Almont. Meu pai está vivíssimo, por sinal.

— Bom, mas você tem algum título, não tem? Sem dúvida, deve ser um baronete, pelo menos. Isso já vale para alguma coisa, *futuro* visconde Almont.

— Hazel — alertou Bernard.

— Você nem precisa assistir. Pode cobrir os olhos o tempo todo.

— Ainda vou *ouvir.*

Hazel segurou o cartaz com mais força e balançou o papel.

— *Poxa*, Bernard. Quando já pedi um favor a você? Se eu não for a esse evento, vou passar o resto da vida pensando nisso. Vou mencionar o assunto durante o jantar até nós dois estarmos velhos e grisalhos, e você vai se arrepender de não ter ido só para me fazer calar a boca.

Bernard continuou andando e sentenciou:

— Não.

Ele usava uma cartola cinza nova e, quando deu as costas para Hazel, ela notou o cuidado dele de manter a cartola inclinada no ângulo mais favorável, a fim de que as bordas reluzissem, deixando seu queixo marcado em destaque. O paletó também era cinza, complementado por um colete de seda amarelo-canário.

Embora a tarde tivesse começado com um frio outonal agradável, ao longo da caminhada, o ar tinha sido tomado por um calor sufocante. Hazel sentiu uma gota de suor escorrer pelas costas, sob as camadas de tecido.

— Está com receio de que minha mãe fique brava com você por…?

Bernard se virou e a interrompeu:

— Estou. Para ser bem franco, estou, sim. Estou com receio de que sua mãe fique brava comigo, porém, mais que isso, Hazel, tenho receio de que sua mãe fique brava com *você*. Faz *ideia* do tamanho da encrenca em que *você* se meteria se sua mãe… ou seu pai, por sinal… descobrir que você foi a uma demonstração de anatomia? Uma *demonstração pública de anatomia*! O tipo de gente que frequenta esses eventos! Bêbados… e estupradores! E… e… atores de teatro!

Hazel revirou os olhos e endireitou as barras das luvas cor de marfim. O pai as comprara para ela antes de partir para Santa Helena.

— Estudantes, Bernard. São eles que frequentam esses eventos. Enfim, já pensei em tudo: vou dizer à minha mãe que farei um piquenique com você nos Jardins de Princes Street e avisar para ela não me esperar antes do anoitecer. Podemos descer a colina e estar de volta à sua casa na hora do chá.

Uma carruagem passou, e Bernard adiou a resposta para cumprimentar educadamente o cavalheiro lá dentro com um aceno decoroso. Quando se virou para Hazel, seu rosto retomou o ar exasperado.

— Estudar medicina é uma coisa. É útil, até. Meu amigo do colégio Eton, John Lawrence, está estudando em Paris agora. Ele vai se tornar um excelente médico, se casar bem e será bem-vindo em todos os jantares futuros que nós oferecermos. Se você quisesse fingir que viraria médica ou enfermeira, acho que seria diferente. Mas cirurgia… Hazel, cirurgia é a especialização de homens sem dinheiro. Sem status. Eles não passam de carniceiros.

Ele deu mais alguns passos até se dar conta de que Hazel não o acompanhava.

— Hazel?

— Como assim "fingir"?

— O que…?

— Você disse "fingir que viraria médica".

— Só quis dizer que… Hazel. Assim… Você nunca achou de verdade que… — Bernard parou e recomeçou. — Seu conhecimento de tratar arranhões e febres será muito útil quando estivermos casados!

— Você sempre soube que quero ser cirurgiã. Falamos disso há séculos. Você sempre me apoiou.

— Ah, sim — disse Bernard, olhando para baixo. — Quando éramos crianças.

Hazel sentiu um gosto súbito de cobre. Sua língua pareceu mais pesada de repente. Os dois estavam a apenas um quarteirão da Residência Almont, as colunas brancas cintilando sob o sol da tarde.

— Olha — retomou Bernard, preparando-se para voltar a andar. — Vamos tomar um chá na sala de visitas.

Ele pegou o cartaz das mãos de Hazel e o rasgou ao meio, depois o rasgou outra vez. Por fim, amassou os pedaços de papel e os jogou para trás na água imunda da sarjeta. Hazel observou o material se dissolver.

— Pronto — disse ele. — Vamos esquecer essa bobagem. Tem um espetáculo novo no Le Grand Leon, podemos assistir em breve. E levar sua mãe. Não seria uma noite agradável?

Hazel concordou com um pequeno aceno de cabeça.

— Acho que, se você não se incomodar, vou andar um pouco mais. Só pela avenida, antes de pegar a carruagem para jantar em casa.

Bernard olhou ao redor, nervoso.

— Sem acompanhante? Não acho que…

— Só por alguns minutos. Estamos a um quarteirão da sua casa. Olhe, é logo ali. Vou estar à vista o tempo todo.

— Você tem certeza? — perguntou Bernard, inseguro.

— Eu insisto.

— Tudo bem, então.

Foi simples assim. Bernard assentiu, satisfeito, o rosto afável outra vez. Ele era filho de um visconde, e por isso não havia nada de errado no mundo. Ele estava a poucos passos de casa, onde haveria um assado esperando para o jantar.

— Vou a Hawthornden na semana que vem — avisou ele. — Diga a Percy que faço questão de jogar uma nova partida de uíste com ele.

Hazel abriu o mais próximo que conseguiu de um sorriso. Ela o sustentou enquanto observava as pernas compridas de Bernard descerem a rua, até desaparecerem nas sombras da Residência Almont.

Só então ela se permitiu olhar para os restos amassados do cartaz que mantivera escondido em seu guarda-roupa, a salvo dos olhos curiosos da mãe e da sra. Herberts, para que pudesse mostrá-lo a Bernard. Apenas algumas letras ainda

não haviam se dissolvido na lama que escorria pela sarjeta à beira da rua, fragmentos de palavras parecendo peças de um quebra-cabeça.

COBAIA VIVA

BEECHAM

EDIM... ANAT...

INFORM...

...OVA TÉCNICA

Ela suspirou e caminhou em direção à carruagem que a aguardava. Havia uma pessoa no portão lateral da Residência Almont, no ponto onde a rua se afastava da Charlotte Square e se dirigia à Queensferry Street Lane. Ao fundo, a torre da catedral de Saint Mary perfurava o céu azul com a ponta de sua cruz de ferro.

Era uma mulher de cabelo avermelhado, que pareceria ainda mais avermelhado se não estivesse tão sujo, preso em uma touca. Uma das criadas da família Almont? Hazel não a reconheceu, mas isso não era inesperado. Uma casa como aquela sem dúvida tinha no mínimo uma dezena de criadas, e elas tentavam se manter invisíveis na presença de visitas. Talvez ela fosse nova. Parecia jovem, muito jovem. Mais jovem que Hazel. A criada estava à espera de alguém, pela maneira como olhava por cima do ombro e pela rua, mas não aparentava estar nervosa.

Hazel parou para observá-la, curiosa. E, então, em um piscar de olhos, um homem apareceu. Não, não era um homem. Um garoto. Um garoto muito alto e magro. Os dois conversaram, e a criada lhe entregou um papel de maneira furtiva.

Será que estavam roubando a Residência Almont? Em plena luz do dia? A praça estava longe de se encontrar vazia, e diversas carruagens passavam por Hazel enquanto ela observava o par. Ninguém parecia prestar atenção nos dois. Era verdade que eles estavam escondidos à sombra da mansão, mas até ladrões preferiam a calada da noite.

Hazel se aproximou, fingindo estar fascinada por uma pequena roseira. Embora estivesse a menos de trinta metros de distância, os dois estranhos não olharam em sua direção. A criada de cabelo acobreado estendeu a mão, e o garoto alto depositou algumas moedas na palma dela. Agora que estava mais perto, Hazel vislumbrou um nariz longo e fino sob o cabelo escuro do garoto.

— Cuidado com esse, Jack — disse a criada.

Com as moedas guardadas na cintura, a menina sumiu atrás da fachada de pedra da Residência Almont, contornando a construção rumo à entrada de serviçais.

Estranho, pensou Hazel.

— Para casa, senhorita? — chamou seu cocheiro, sr. Peters, da esquina, dando uma rápida estalada nas rédeas para despertar os cavalos.

O garoto nas sombras ergueu o rosto e, por um momento, o olhar de Hazel cruzou com o dele. Ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Os olhos dele eram brilhantes, claros e cinzentos. Com o nariz comprido, ele parecia uma ave de rapina, pensou Hazel. O garoto abriu um sorriso que poderia ser inocente ou sarcástico, ou talvez fosse apenas uma ilusão de ótica porque, um instante depois, ele tinha desaparecido, subindo em direção à rua principal, onde a fumaça da Cidade Velha pairava preta e densa. Hazel entrou na carruagem e passou o caminho até Hawthornden tentando relembrar o rosto dele, mas a memória já se esvaía.

4

Era incrivelmente fácil morrer em Edimburgo. Pessoas morriam todos os dias. Havia incêndios e facadas em becos atrás de bares sujos. Machucados ignorados até que ficavam verdes e inchados, quentes e com pus, então a morte vinha antes de a pessoa ter tempo de ver o médico do serviço público. Ladrões eram enforcados na Grassmarket Square, como Jack vira com os próprios olhos, os corpos se contraindo antes de ficarem duros.

Era fácil morrer em Edimburgo, mas Jack tinha chegado aos dezessete anos porque sabia sobreviver.

Jeanette já o esperava no portão lateral da casa, perto da Queensferry Street, quando ele terminou de descer a colina.

— É um emprego novo — disse ela, num tom quase suplicante, antes mesmo que ele pedisse desculpa pelo atraso. — Estou me esforçando para manter este. A comida é boa. Mingau de verdade toda manhã, *com* creme de leite.

— Foi você que me falou para vir aqui em plena luz do dia — retrucou ele.

— Tenho um *emprego* agora, Jacks, se ainda não entendeu. Não posso mais sair andando até sua espelunca a qualquer hora para contar as coisas que sei.

Os pelos da nuca de Jack se arrepiaram e seus sentidos se aguçaram, tensionados como um barbante sendo esticado entre os dedos. Uma garota na rua os observava, a menos de quinze metros de distância. Jeanette não notou. Ele acreditava que a garota estava longe demais para ouvi-los, mas sem dúvida os havia notado, embora fingisse cheirar uma rosa. Era rica, isso ficava evidente pelas roupas dela, desde o tecido refinado às plumas de verdade no chapéu. Ela devia ser a esposa de alguém, para estar andando na Cidade Nova sem acompanhante, mas não parecia mais velha do que Jack. Talvez tivesse dezesseis ou dezessete anos. Essas garotas ricas se enfeitavam como bonecas de papel, então era difícil saber.

Jack a observou de canto de olho, a forma como um pedaço fino da nuca ficou visível quando ela se agachou, a pele tão branca que era quase translúcida. Uma fenda na armadura formada por sua roupa e cabelo.

Jeanette pigarreou.

— Você quer, não quer? Porque, se não quiser, conheço ressurreicionistas de sobra que adorariam um caso duplo como esse. Conheço, sim, Jack Currer, não pense que não! — exclamou ela, pronunciando as sílabas do nome dele com a língua enrolada: *Currer*.

— Não, não, eu quero, é claro que quero.

Jack pegou o papel que ela estendeu e tirou as moedas do bolso.

Jeanette falou alto enquanto contava o pagamento:

— Um pequenininho. Morreu de alguma coisa. Não estava doente, então acho que uma ama de leite deve ter esmagado ele. Dá pra acreditar? Acontece o tempo todo. Pequenos herdeiros todos emperiquitados de camisolas e saias sendo amamentados quando a mulher pega no sono. O segundo é um homem. Cuidado com esse, Jack… Ouvi um cavalariço dizer que foi a doença.

Jack baixou o olhar para os nomes e o mapa do cemitério desenhado às pressas.

— Não é a febre romana, Jeanette, e você não devia espalhar esses boatos. Deixa as pessoas com medo.

— *Você* não tá com medo? — retrucou Jeanette.

Jack tamborilou os dedos na perna. Ele trabalhava como ressurreicionista fazia anos, desenterrando corpos em decomposição com doenças e putrefações, mas, por algum motivo, sempre permaneceu saudável. Não sabia se era um deus lhe dando uma misericórdia que ele não merecia ou pura sorte, mas tendia a acreditar na segunda opção.

— Não, não estou com medo.

Jeanette apenas deu de ombros e saiu andando para os jardins dos fundos da casa, onde poderia voltar discretamente pela entrada de serviçais e fingir que nunca havia saído.

Jack dobrou o papel e o guardou no bolso da calça. Então, voltou a se concentrar na garota que havia deixado de observar as rosas. Ela o encarava, estreitando os olhos castanhos, tão escuros que pareciam quase pretos. Era bonita, como as garotas ricas sempre são, com seus rostos limpos e o cabelo penteado. O

dela era avermelhado, farto e ondulado embaixo do chapéu. Seu nariz era comprido e reto. Os lábios estavam curvados para um lado. Jack se sentiu exposto de repente, e um calor formigante subiu por sua nuca. Ele não conseguia tirar os olhos dela. Era como se a garota o estivesse acusando de alguma coisa. Ou conspirando com ele. Será que estava sorrindo ou aquela era a inclinação natural de seus lábios arroxeados?

Para o alívio de Jack, a atenção da garota enfim foi desviada, e ela ergueu um sapatinho elegante para subir em uma carruagem vistosa.

Suas luvas eram brancas e, enquanto ela sumia de vista, Jack conseguiu perceber uma mancha vermelha brotando na ponta de um dedo da mão esquerda, que havia segurado o caule de uma rosa. Sangue. Um espinho perfurara o tecido fino, e a garota não notara, deixando um rubor do tamanho de um dedal em suas mãos cor de marfim.



Trecho de ***Enciclopédia Caledônia*** *(29ª edição, 1817):*

William Beecham, barão Beecham de Meershire, também conhecido como sir William Beecham, baronete (nasceu em 5 de abril de 1763, Glasgow, Escócia; morreu em 7 de janeiro de 1801, Portree, ilha de Skye, Escócia). Cirurgião e cientista médico escocês, presidente e fundador da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo, mais conhecido por seu estudo de anatomia e pela publicação do *Tratado de anatomia do dr. Beecham — ou A prevenção e cura de doenças modernas*. O *Tratado*, com seus diagramas anatômicos detalhados e seu registro atualizado de doenças, proporcionou os alicerces para a geração seguinte de estudantes de medicina. Já foi reimpresso mais de uma dezena de vezes em edições atualizadas. Segundo rumores, Beecham era um nacionalista escocês que teria recusado o cargo de médico particular do rei Jorge III e, após esse episódio, nunca mais recebeu permissão de voltar a Londres.

Nos anos seguintes, a reclusão de Beecham se tornou famosa. Ele se recusava a atender a pacientes e a ministrar palestras públicas, dedicando sua energia ao estudo de alquimia e do ocultismo. Seu objetivo declarado era a busca pela vida eterna. Beecham sucumbiu a envenenamento pelos efeitos do consumo experimental de ouro, mercúrio e chumbo em altas doses. O *Tratado do dr. Beecham* continua a ser revisado e reimpresso após sua morte pelo seu neto, William Beecham III.

Casado com: Eloise Carver Beecham de Essex (nasceu em 1742, morreu em 1765). Filhos: John (n. 1760), Philip (n. 1762), Dorothea (n. 1764).

Ver: *neto* William Beecham III

5

Ela tinha certeza de que conseguiria mesmo sem Bernard. Era só calcular o tempo com precisão: ela sairia após o café da manhã e diria à mãe que faria uma longa caminhada nos campos atrás do castelo. Depois, precisaria pegar um dos sobretudos do pai e sair para os estábulos sem ser vista. Percy não atrapalharia, ele tinha aulas a manhã toda. E o quarto da mãe dava para o lado leste do castelo, então, mesmo se ela olhasse pela janela enquanto terminava de escrever suas cartas, não veria Hazel escapulindo pelo portão da frente.

Usar uma carruagem estava fora de cogitação. Faria muito barulho, chamaria atenção. Alguém a veria e reconheceria a carruagem no trajeto entre sua casa e Edimburgo. Não, seria muito mais seguro cavalgar até lá, erguer a gola do sobretudo o mais alto possível e manter a cabeça baixa.

Hazel nunca tinha ido à Cidade Velha desacompanhada, mas acreditava que não se perderia. As ruas eram organizadas como um esqueleto de peixe: a coluna da High Street ia do alto do Castelo de Edimburgo até o Palácio de Holyrood lá embaixo, com ruelas e becos se ramificando de ambos os lados. Ela sabia como era a fachada da Sociedade Real de Anatomistas, afinal, seu tio havia apontado uma vez. Vigas de madeira escura e pedra, com uma placa dourada perto da porta. Não devia ser difícil de encontrar. As seis moedas para a taxa de entrada estavam em seu bolso, aquecidas graças a seu hábito nervoso de esfregá-las com os dedos, mas, se tudo corresse conforme o planejado, Hazel não precisaria delas.

Naquela manhã, a garota havia repassado cada etapa em sua mente várias vezes, enquanto levava colheradas de mingau à boca diante da mãe, à mesa larga de carvalho. A sala de jantar informal talvez fosse o único cômodo em Hawthornden que poderia ser considerado "aconchegante". Como ficava perto da cozinha, estava sempre quentinho e, em geral, tinha um cheiro agradável da carne que a cozinheira assava para o jantar. Embora as paredes de quase todos os cômodos

fossem repletas de retratos a óleo escuros, armas de metal e espécimes das viagens de seu pai guardados atrás de uma lâmina de vidro, naquela sala a madeira era exposta, e sua cor de castanheiro convidativa era iluminada pelo fogo crepitante que aquecia a chaleira perto do piso da lareira.

Se ao menos Bernard não tivesse rasgado o cartaz… Hazel já havia decorado cada palavra, mas teria gostado de lê-lo e relê-lo. O cartaz não indicava que mulheres estavam proibidas de entrar na palestra, mas nem precisava. Além disso, ela não queria que alguém a reconhecesse e a denunciasse para a mãe… ou, Deus a livre, para o tio. Então, esperaria até os sinos da catedral de Saint Giles soarem oito horas, indicando o início da palestra, e ficaria perto das portas até se fecharem. Então, quando todos estivessem distraídos pela nova técnica milagrosa que o dr. Beecham prometera demonstrar, ela conseguiria entrar discretamente, em silêncio e sem ser vista.

Claro, *o* dr. Beecham, cujo livro redefinira o campo da anatomia e transformara Edimburgo na capital mundial das ciências médicas, estava morto fazia tempo. Era seu neto, o dr. Beecham III, atual diretor da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo, que daria a palestra.

Hazel repetiu o plano em sua mente várias vezes, como um cântico: *cavalo, cidade, palestra. Cavalo, cidade, palestra*. Se ela voltasse cavalgando com vigor, chegaria para o jantar, e poderia fingir ter perdido a noção do tempo no bosque. Sua mãe não notaria, ela mal prestava atenção na filha. George estava morto e Percy era o herdeiro. De que importava como Hazel passava seu tempo?

— Graças a Deus que vamos a Londres para a Temporada.

Hazel estava tão distraída com os próprios pensamentos que a voz da mãe a atingiu como uma rajada de eletricidade.

— Desculpe, o que disse?

Lady Sinnett se aprumou, e o véu que sempre cobria seu rosto tremulou.

— Vamos para Londres — repetiu ela, firme. — Para a Temporada. Não seja tão fatigante, Hazel.

— Sim, claro. Londres.

Alguns meses infelizes sendo amarrada feito um peru de Natal, obrigada a sorrir para estranhos de olhar inexpressivo e lançada aos braços de Bernard.

— Graças a Deus que vamos para lá — repetiu lady Sinnett —, considerando tudo que tenho ouvido.

Hazel tentou manter a voz firme.

— O que a senhora tem ouvido? — perguntou, o ar se prendendo na garganta.

Então sua mãe sabia sobre a palestra e a escola de anatomia. Claro. Por que Hazel tinha pensado que conseguiria esconder isso…?

— A febre, Hazel — soltou lady Sinnett. — É óbvio que não é comum onde as pessoas civilizadas moram, mas, lá em Edimburgo, com os prédios em cima uns dos outros e os pobres que já estão semimortos mesmo… Todo aquele ar ruim… Sinceramente, quanto antes formos para Londres, melhor. Ainda mais com a constituição delicada de Percy.

— Ah. Sim. Claro.

Os sinos da abadia do outro lado do campo soaram, e a cozinheira entrou na sala de jantar para tirar os pratos.

— Vou dar uma caminhada agora pela manhã — informou Hazel, quebrando o silêncio. — Uma longa caminhada. Para respirar ar puro.

Do andar acima delas, veio o som de Percy batendo sem ritmo nas teclas do pianoforte.

— Sim, está bem — concordou lady Sinnett, distraída.

Hazel tomou mais um gole de chá para a mãe não ver seu sorriso.

A cavalgada até Edimburgo levou menos de uma hora, e na estrada só havia meia dúzia de fazendeiros desconhecidos que não se deram ao trabalho de erguer os olhos para observar quando a jovem passou em alta velocidade. Hazel seguiu a estrada principal em direção à fumaça preta bruxuleante, visível a quilômetros de distância: Edimburgo, também conhecida como Auld Reekie, "a velha esfumaçada". Era o coração pulsante da ciência e literatura na Escócia. Antes de partir para Santa Helena, o pai de Hazel havia levado a filha e George à Residência Almont para ouvir sir Walter Scott declamar seu poema narrativo "A dama do lago". Menos de uma estação depois, a febre romana havia levado George. Hazel

também tinha adoecido, agarrando os lençóis e sujando a roupa de cama com suor e sangue das feridas nas costas. Até que, certa manhã, sob a luz fraca e amarelada do amanhecer entrando por sua janela, descobriu que conseguia se sentar. A cozinheira chorou quando Hazel pediu mingau. Era a primeira coisa que a garota pedia para comer em uma semana. Ela havia sobrevivido, enquanto seu irmão mais velho — que era mais forte, mais esperto e mais valente que ela — tinha morrido.

Hazel sabia que a Cidade Velha era um labirinto de ruas sinuosas. Mesmo se lembrando da aparência da porta da Sociedade de Anatomistas, a garota ensaiou em silêncio como pararia um estranho para perguntar, com educação, o caminho. Mas, assim que deixou seu cavalo em uma hospedaria e começou a avançar pelos paralelepípedos, ela identificou dois estudantes de anatomia na multidão. Eles não podiam ser outra coisa: usavam casacos pretos esfarrapados, sapatos manchados e, o mais óbvio, carregavam exemplares do *Tratado do dr. Beecham* embaixo dos braços. Perfeito.

Hazel os seguiu a pé sobre as pedras manchadas pela chuva até entrarem em uma ruela que fedia a peixe do dia anterior, perto da South Bridge. A ruela dava em um terreno cercado, uma praça estreita limitada por prédios de pelo menos três andares. Todos os edifícios pareciam inclinados para a frente. O céu, que era azul e extenso enquanto Hazel cavalgava rumo à cidade, ali não passava de um pedaço quadrado e cinza, com um tom parecido com água suja. Roupas penduradas para secar e o cheiro de urina pairavam no ar.

Porém, lá estava ela. Em uma placa de bronze ao lado de uma porta preta, estava gravado SOCIEDADE REAL DE ANATOMISTAS DE EDIMBURGO. Vários dos homens que vagavam por ali carregavam o cartaz com o anúncio do evento. Hazel ficou surpresa ao perceber que a maioria deles parecia cavalheiros. Secretamente, ela havia se deixado convencer por Bernard de que estaria entrando por livre e espontânea vontade em um covil de malfeitores e atores de teatro. Mas não… Havia cartolas e sapatos de couro legítimo. Embora não conseguisse se lembrar de seus nomes, ela reconheceu o rosto de um ou dois homens que frequentavam os salões da Residência Almont. A garota prendeu a respiração e se recostou em uma das paredes úmidas para não ser vista, mas nem precisava se dar a esse trabalho.

Os homens estavam distraídos pela própria importância, e nenhum deles teria olhado para alguém que estivesse um centímetro abaixo de sua linha de visão.

Então os sinos da Saint Giles tocaram, mais alto do que Hazel já ouvira. O som vibrou no peito dela. Os homens murmuraram e arrastaram os pés por mais alguns instantes até a pequena porta se abrir. Todos começaram a entrar às pressas.

Hazel se manteve afastada, observando-os, notando a impaciência deles e a maneira como se cumprimentavam com um ar frio e reservado. Em meio a capas e casacos compridos, ela reconheceu um homem e teve que conter sua surpresa. Era o dr. Straine, o médico de tapa-olho que havia transferido o dente do mendigo a seu tio Almont. Ele não a viu, ou não pareceu vê-la, mas, por via das dúvidas, Hazel se aproximou ainda mais da parede de tijolos.

Os sinos já haviam tocado um quarto de hora quando os últimos homens entraram e os resmungos e exclamações de reconhecimento enfim se silenciaram. Quando a porta preta se fechou, Hazel ficou sozinha no terreno cercado.

Daria cinco minutos antes de entrar discretamente. Ela os contaria sozinha, enquanto observava o balanço suave dos lençóis manchados pendurados nas janelas. A Cidade Velha não era tão ruim assim, pensou. Sua mãe havia lhe contado histórias de assassinos à espreita em cada esquina, cavalheiros corrompidos pela cidade a ponto de se transformarem em criaturas. Segundo lady Sinnett, mal dava para andar um quarteirão por ali sem esbarrar em meia dúzia de monstros saídos de livros de terror baratos. Mas Hazel, com apenas dezessete anos, havia chegado até ali sozinha.

Pronto. Cinco minutos se passaram. Ela entraria pela porta, escondida em meio à escuridão, e veria com os próprios olhos o dr. Beecham (o neto do *próprio* dr. Beecham!) demonstrar o que o cartaz havia prometido ser "uma revolução do campo da cirurgia". Ela ouviu uma salva de aplausos através da porta. O evento começara. Era a hora.

Havia apenas um probleminha. A porta estava trancada. Hazel deu mais um puxão, torcendo para que talvez a madeira tivesse ficado um pouco empenada ou inchada no batente… mas não. Estava trancada com firmeza. Hazel se deixou sentar no chão, sem ligar que as saias estavam se umedecendo nas pedras. Ela tinha ido até lá à toa.

— Ei!

Uma voz a chamou do outro lado do terreno, mas sua origem estava escondida nas sombras. Hazel ergueu o rosto, quase na expectativa de ver um dos monstros de sua mãe. Mas era só um garoto. Um garoto que ela já tinha visto antes, com olhos acinzentados e cabelo escuro comprido. O mesmo garoto que aparecera em frente à Residência Almont. Ele veio na direção de Hazel e estendeu uma das mãos. Os dedos saíam por buracos na luva suja, mas as unhas estavam limpas. Hazel a aceitou e deixou que o garoto a erguesse.

Ele pigarreou.

— Eles trancam quando a demonstração começa. O dr. Beecham odeia interrupções.

— Entendi — disse Hazel, oferecendo um leve sorriso para ele.

O garoto afastou o cabelo do rosto.

— Você não entrou quando teve a chance. Eu estava de olho. Quer dizer, não em *você*, mas vi você.

— Minha estratégia era entrar discretamente depois que a demonstração começasse — admitiu Hazel, alisando as saias. — Para evitar ser notada. Imagino que poucas mulheres compareçam a esse tipo de coisa.

— Acho que você tem razão.

Hazel esperou. O garoto arrastou os pés e tentou limpar a sujeira das mãos na calça. Por fim, Hazel se apresentou:

— Sou a srta. Sinnett.

Assim que disse o próprio nome, ela se arrependeu. Os lábios do garoto se curvaram em um sorrisinho, e ele fez uma grande reverência.

— É um prazer, srta. Sinnett — respondeu, ainda sorrindo ao se levantar.

Hazel sentiu a nuca corar.

— O correto é você se apresentar agora.

O sorriso irônico do garoto se alargou, revelando o brilho de longos caninos.

— Ah, é? — perguntou ele, mas não informou o próprio nome. Em vez disso, falou: — Se quiser ver a demonstração, conheço uma entrada.

— Para o anfiteatro cirúrgico?

O garoto assentiu.

— Quero! Por favor! — exclamou Hazel, notando o entusiasmo na própria voz. — Quer dizer, se não for muito incômodo.

— Imagina. Sem problema.

Sem esperar, ele pegou a mão de Hazel e a puxou por uma viela tão estreita que a garota nem tinha notado antes, com pedras molhadas em ambos os lados que cheiravam a mofo e suor. A armação da saia de Hazel roçou nas paredes. O garoto tinha passos firmes, saltando e atravessando as pedras irregulares como se fossem feitas de fumaça. Então, ele deu duas batidas fortes em uma porta de madeira. A porta se abriu e, em um instante, o garoto havia puxado Hazel pelo batente, para uma passagem escura com apenas uma tocha acesa no extremo oposto.

— Você trabalha aqui? — sussurrou Hazel enquanto o garoto a guiava adiante. — Para os anatomistas?

— Pode-se dizer que sim — respondeu ele, olhando para Hazel por cima do ombro.

Seus olhos cinzentos pareciam brilhar na escuridão e, embora o ar fosse abafado, Hazel de repente sentiu frio.

— Venha, por aqui — indicou ele.

Eles haviam chegado ao fim da passagem escura. A luz da tocha na parede deixava o rosto do garoto estranho, cheio de ângulos e sombras. Hazel conseguia ouvir vozes próximas… conversas murmuradas, um tom barítono ressoando… mas não conseguia entender as palavras.

— Se quiser ver, a porta fica aqui — explicou ele.

— Você não vem comigo?

— Não — respondeu o garoto. — Já vejo sofrimento demais na vida real, não preciso assistir a um médico causá-lo em troca de aplausos.

Hazel não sabia se ele estava brincando. Do outro lado da porta, vieram os gritos de um homem. Mesmo sob a luz fraca da tocha, Hazel percebeu seu guia arquear uma sobrancelha, como se dissesse: *Viu?*

Ele abriu uma fresta da porta, mas não era o suficiente para Hazel enxergar o que havia do outro lado. Ela hesitou.

— Está tudo bem — disse o garoto. — Vai dar certo. Confie em mim.

Hazel assentiu e ergueu as saias para passar por ele o mais silenciosamente possível. Quando seus corpos encostaram um no outro entre as paredes estreitas,

ele desviou o olhar. Hazel levou a mão à maçaneta e empurrou de leve. A porta de madeira se abriu sem fazer barulho, e então ela entendeu por que o garoto tinha tanta certeza de que o plano daria certo: a porta ficava debaixo das arquibancadas nas quais os homens estavam sentados. Através das pernas e botas, ela tinha uma visão perfeita do palco de Beecham, a pouco menos de vinte metros de distância.

Hazel se virou para agradecer, mas o garoto já havia desaparecido na escuridão.



Trecho de ***Introdução à área médica para cavalheiros*** *(1779), de sir Thomas Murburry:*

A diferença entre um cirurgião e um médico do século XVIII é gritante. O médico pode ser um cavalheiro de boas condições sociais e recursos consideráveis, com acesso à faculdade de medicina e uma educação em latim e belas-artes. Seu papel é realizar consultas e aconselhar a respeito de todas as enfermidades, internas e externas, e fornecer cataplasmas ou medicamentos que possam trazer alívio.

O cirurgião, por outro lado, tende a ser um homem de classe social mais baixa que enxerga um talento no estudo da anatomia como uma maneira de atingir uma classe mais alta. Ele deve estar preparado para trabalhar com os pobres e deformados, com os monstros não amados que a guerra ou outras circunstâncias tornaram grotescos.

O médico trabalha com a mente. O cirurgião trabalha com as mãos e com a força bruta.

6

Ele havia ajudado a garota bonita. Não sabia por quê. Ela era rica, o tipo de pessoa que conseguiria se virar. De todo modo, Jack já estava lá mesmo. E havia perdido a conta de quantas vezes atravessara às escondidas as passagens nos fundos do anfiteatro da Sociedade de Anatomistas. Talvez tivesse sentido pena dela, parada no terreno cercado, parecendo mais sozinha do que se imaginaria possível, suas bochechas coradas de vergonha ou frio. Havia sangue na luva dela na primeira vez que Jack a avistara, na Cidade Nova, onde os prédios eram retos e reluziam como moedas e a grama crescia confinada a canteiros bem-cuidados. A garota estava deslocada na Cidade Velha.

Jack não deveria ter permanecido perto da Sociedade de Anatomistas até aquela hora da manhã. Ele já tinha feito sua venda a Straine. Ressurreicionistas eram os vampiros que proporcionavam alimento aos estudantes de medicina da cidade, e deveriam desaparecer à luz do dia. A entrega demorara mais do que o esperado. Straine havia se recusado a pagar o preço cheio pelo cadáver porque a cobaia tinha morrido havia mais de uma semana. Era verdade, mas isso não era culpa de Jack. Corpos estavam se tornando cada vez mais difíceis de encontrar: os vigias noturnos estavam fechando o cerco ao redor dos cemitérios de Edimburgo. Mas de nada adiantava barganhar com Straine e sua pele cor de cera, cabelo ensebado e seu olho preto se revirando. Não era de se admirar que a Sociedade o tivesse designado a comprar os cadáveres: ele parecia um.

Enfim, quanto a ajudar a garota, isso já estava feito. Tinha sido breve, e Jack não se demoraria mais. Ele já havia realizado sua venda do dia (no fim, o assistente pagou a contragosto o preço total), e a prata tilintava alegremente em seu bolso. Jack tinha que voltar a seu emprego no Le Grand Leon, o teatro no coração da cidade, onde varria o palco e lavava os figurinos e construía os cenários e fazia o que quer que o sr. Anthony lhe pedisse. Naquela noite, depois da apresentação,

depois que Isabella saísse do palco e tirasse o pó branco do rosto, ele a convidaria para tomar uma cerveja… e talvez, quem sabe, ela aceitasse.

7

O ANFITEATRO CIRÚRGICO estava escuro, iluminado apenas por velas que cercavam o palco e algumas tochas que crepitavam ao longo das paredes. O palco era mais baixo que os assentos da plateia para que todos tivessem uma visão perfeita dos procedimentos. Embaixo dos bancos elevados, escondida nas sombras, Hazel estava praticamente invisível. Através da fumaça e entre os pares de pernas impacientes, Hazel observou o dr. Beecham escolher uma faca em uma bandeja, segurada por um assistente de aparência nervosa.

Beecham era um homem bonito que parecia estar na casa dos quarenta, com apenas uma mecha grisalha salpicando seu cabelo aloirado. O ar no anfiteatro era opressivo e abafado, mas ele vestia uma camisa comprida, um paletó cuja gola subia até seu queixo e usava luvas de couro preto.

— Dizem que ele nunca as tira — sussurrou um dos homens sentado no banco acima de Hazel, para o colega ao lado. — Está sempre com as luvas.

— Será que ele tem medo de sujar as mãos de sangue? — sussurrou o outro.

Qualquer que fosse o motivo, as luvas de Beecham permaneceram em suas mãos enquanto ele selecionava uma faca da bandeja. Tinha a lâmina longa, gume serrilhado e um cabo de prata polida. Beecham sorriu para o objeto, demorando-se ao examinar a maneira como a luz do fogo quase o fazia brilhar, antes de devolvê-lo com gentileza à bandeja. Parecia que o doutor havia se esquecido que estava em um anfiteatro cheio de homens observando todos os seus movimentos. Hazel estava tão compenetrada nele que levou alguns minutos para perceber que havia um paciente lá atrás, um homem de meia-idade deitado em uma mesa com a perna coberta por um lençol.

Por fim, Beecham declarou:

— Prometi aos cavalheiros aqui presentes algo extraordinário, e é isso que vou apresentar. Meu avô fundou essa sociedade para que cientistas notáveis se

reunissem e compartilhassem seu trabalho e suas descobertas. Hoje, trarei Edimburgo para o século XIX.

Enquanto falava, o doutor voltou sua atenção para o paciente sobre a mesa e, com um floreio, tirou o lençol que cobria a perna dele.

A plateia se agitou de maneira coletiva. Hazel também soltou uma exclamação, mas, para sua sorte, ninguém ouviu. A perna do homem parecia saída de um pesadelo: estava inchada e esverdeada em algumas partes, avermelhada em outras, com o dobro da grossura de uma perna normal e cercada por veias roxas saltadas.

O dr. Beecham selecionou outra arma da bandeja do assistente. Ele ergueu uma serra no ar, quase com alegria, e então o paciente se debateu.

— Calma, calma, sr. Butcher. Não é hora de ter medo.

O sr. Butcher não conseguiu seguir o conselho. Ele se contorceu como uma minhoca em um anzol, esperneando com a perna boa e batendo a perna ruim na mesa, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Beecham abaixou a ferramenta, suspirou e pediu:

— Cavalheiros, por favor.

Dois homens surgiram das sombras, um de cartola alta e outro com um bigode ruivo grosso. Eles foram até a mesa onde estava o paciente, e cada um colocou a mão sobre um dos ombros do sr. Butcher.

— Prometi ao sr. Butcher antes de ele vir aqui hoje que o procedimento seria completamente indolor, mas parece que ele não acredita em mim! — exclamou Beecham.

Os cavalheiros na plateia riram baixinho.

— Mas eu jamais mentiria. Cavalheiros!

De dentro do paletó, Beecham tirou um pequeno frasco com um líquido azulado e turvo. Não era maior que uma carta de baralho. Beecham o ergueu para que todos na plateia pudessem ver.

— Neste frasco — começou ele —, está o futuro da cirurgia. Um composto químico inventado por mim. Meu avô escreveu em seu livro que, às vezes, um médico deve atuar como boticário e, ao fazer isso, descobri algo extraordinário. Isso aqui, cavalheiros, se me permitem, é um milagre.

Houve murmúrios de desaprovação e interesse, algumas bengalas bateram nos bancos, mas o dr. Beecham prosseguiu:

— Elaborei sozinho este segredo que tornará todas as cirurgias indolores.

Dessa vez, nem Hazel conseguiu conter o riso. O dr. Beecham abriu um sorrisinho e se voltou para a multidão.

— Em breve, meus amigos, em breve. Mas, antes de começarmos, creio que devo demonstrar outra de minhas invenções.

Ele inclinou a cabeça e, então, houve um estalo, um chiado e o som de vidro tilintando. O palco foi iluminado por uma luz branca ofuscante.

Hazel ergueu a manga para proteger os olhos. Beecham foi o único que não se incomodou com o brilho súbito. O palco estava cercado por candeeiros a gás conectados por tubos, que a garota não tinha percebido na escuridão. Ela jamais vira uma claridade tão forte em um ambiente fechado.

— O futuro… — disse Beecham — … são candeeiros a gás. Com algumas modificações, descobri que eles facilitam muito o trabalho na sala cirúrgica.

Os espectadores aplaudiram. Beecham assentiu de leve, agradecendo o reconhecimento. Ele esperou a plateia se acalmar e olhou para o frasco em sua mão, onde o fluido azul-violeta parecia rodopiar. Com o salão iluminado, Hazel pôde enxergar a cor propriamente, um tom escuro de safira entrelaçado com prateado. Os candeeiros a gás eram tão fortes que nem Beecham nem o frasco pareciam lançar sombras.

Beecham pegou o frasco e, em seguida, tirou a rolha. Por um momento, Hazel sentiu um aroma doce e estranho, que remetia a flores silvestres e putrefação. Então, de outro bolso do casaco, o médico pegou um lenço branco, bordado com as iniciais

W. B. Ele ergueu o lenço no alto, como um mágico, antes de mergulhá-lo no frasco azul. Quando retirou o lenço, Hazel voltou a sentir o cheiro de flores silvestres e putrefação. Havia outro aroma saindo do frasco também, algo muito específico, mas Hazel não conseguiu identificá-lo.

O dr. Beecham se aproximou do paciente aterrorizado, estendendo o lenço. Embora os dois homens parrudos o segurassem com firmeza, o sr. Butcher continuava a resistir o máximo possível. Beecham sorriu sem mostrar os dentes.

Ele se voltou para a plateia.

— Cavalheiros, eu lhes apresento *ethereum*. Ou, como passei a chamar no laboratório, "o ardil do escocês".

Houve murmúrios de confusão e interesse nas arquibancadas. Alguns homens bateram os pés, o que fez uma aranha cair no cabelo de Hazel.

Enquanto o paciente se debatia, o dr. Beecham pressionou o lenço com firmeza no rosto dele, abafando seus gritos. O sr. Butcher parou de resistir. Os espectadores ficaram em silêncio. Com um gesto elegante, Beecham tirou a serra de osso da bandeja de seu assistente e começou a serrar a perna desfigurada.

Levou menos de um minuto e menos de cinco movimentos para a frente e para trás até que a perna caísse com um baque úmido e repugnante em meio à serragem no chão. O rosto de Beecham não se alterou em momento algum, nem quando o sangue respingou, traçando uma linha vermelho-viva de sua testa até o lábio superior. Ele trocou a serra por um instrumento comprido de metal com um gancho na ponta e, então, puxou algumas veias ainda sanguinolentas no que restava da perna do paciente. O dr. Beecham amarrou as veias umas às outras, usando um nó direito caprichado, e, em seguida, fez sinal para outro assistente, que começou a envolver o membro ensanguentado com linho.

Durante todo o processo, o paciente não acordou nem gritou. Ele dormia como uma criança tendo sonhos agradáveis.

— O ardil do escocês, cavalheiros — repetiu o dr. Beecham, em voz baixa.

O anfiteatro irrompeu em uma salva de palmas. Várias aranhas caíram em Hazel. Fosse pelo ângulo, pela luz de velas ou pela expressão de confiança suprema em seu rosto, Hazel viu com clareza a semelhança do dr. Beecham com a xilogravura do avô na primeira página do *Tratado do dr. Beecham.* O nariz pequeno, a sobrancelha baixa, até as covinhas fundas que se revelavam com o menor sorriso. Era extraordinário. Inconfundível. A única diferença era o sangue que escorria devagar pelo queixo do Beecham vivo.

Os assistentes do médico começaram a arrumar o palco, limpando o sangue da mesa e levando a perna mutilada embora. A serragem onde a perna havia caído ficara tão escura devido ao sangue que parecia quase preta, mesmo sob o brilho grotesco dos candeeiros modificados de Beecham. Quando terminaram, o paciente estava abrindo os olhos.

— Já…? — perguntou ele.

— Acabou — completou o dr. Beecham.

A plateia bateu palmas mais uma vez.

Hazel estava tonta devido ao calor, ao cheiro de sangue quente e metálico e à cena que tinha acabado de presenciar. Uma cirurgia! Com seus próprios olhos! Carne manchada e ferida sendo cortada até revelar o vermelho-vivo por baixo. Veias e artérias sendo costuradas por um mestre talentoso com uma agulha de bordado. E o mais empolgante: aquela poção, aquele *ethereum* ou seja lá o que fosse, que havia feito o paciente dormir.

Por fim, Beecham ergueu um braço para silenciar a multidão extasiada.

— Minhas aulas de anatomia vão recomeçar neste semestre. O pagamento deve ser feito de modo integral no primeiro dia de aula. Já vou avisando que o curso é extremamente exigente, mas posso garantir que nenhum aluno meu jamais foi reprovado nos Exames de Medicina.

Ele sorriu diante de aplausos ainda mais arrebatadores.

Um curso! Aquela era a resposta que Hazel vinha buscando sem nem saber. O fio invisível que a havia levado de Hawthornden até aquele lugar, naquele momento exato. Não precisaria mais entrar às escondidas no escritório do pai para memorizar uma edição já obsoleta do *Tratado do dr. Beecham* com a lombada se desfazendo. Nem dos pequenos experimentos que ela conseguia forjar com os materiais do jardim. Ela poderia passar um semestre inteiro aprendendo com um cirurgião de verdade, examinando corpos, tratando casos. Hazel poderia se tornar a pessoa que curaria a febre romana! Ela seria a salvadora da Escócia. Como a mãe poderia reclamar se Hazel se tornasse célebre?

Mesmo em Santa Helena, seu pai ficaria sabendo através de cartas e recortes de jornal. O prisioneiro Napoleão cairia morto de espanto com a notícia de uma jovem médica genial e, então, o posto de seu pai chegaria ao fim e ele poderia voltar para casa. Se a mãe achava que Hazel iria passar a Temporada em Londres, estava muitíssimo enganada. De jeito nenhum. Precisariam amarrá-la aos cavalos para fazer com que ela saísse de Edimburgo em um momento como aquele, quando o século XIX estava enfim começando, e Hazel tinha a chance de estar no cerne da ação!

A jovem decidiu que seria mais seguro esperar o salão se esvaziar para voltar pela passagem que levava ao mundo exterior. Devagar, a multidão começou a deixar o anfiteatro em fila, com uma dezena de homens se acotovelando para

chegar ao palco e tentar apertar a mão do dr. Beecham, na esperança de que parte do talento e da importância dele pudesse ser transferida pelo contato.

Por fim, o ar no salão se tornou outro, e a maioria dos cavalheiros parecia ter saído. Os assistentes tinham terminado de limpar a mesa e partido para os bastidores junto ao dr. Beecham. Hazel cruzou a passagem estreita até a rua.

O sol já estava se pondo. Hazel não fazia ideia de quanto tempo a demonstração havia demorado, mas a cidade se tornara estranha ao redor dela. O ar estava denso devido ao aroma de gordura e peixe. Ela precisava ir para casa. Já tinha perdido a hora do chá, e a mãe devia estar furiosa, mas a garota poderia fingir ter se perdido no bosque ou algo assim. Ela cavalgaria o mais rápido possível e…

— Srta. Sinnett, não é? — chamou uma voz com textura de madeira nodosa mergulhada em mel, interrompendo seus pensamentos.

Hazel se virou e deu de cara com o médico de tapa-olho que conhecera na casa do tio.

— Dr. Straine.

O coração de Hazel bateu forte enquanto ela fazia a melhor reverência que conseguiu.

O médico era mais baixo do que ela imaginara. Seu porte, a forma como andava e a longa capa preta lhe davam o ar de um abutre, mas Hazel ficou espantada ao descobrir que, a apenas um metro de distância, eles tinham quase a mesma altura.

— Estremeço só de pensar no que uma dama do seu status está fazendo na Cidade Velha. — Seus lábios se curvaram e seu olho se estreitou. — Desacompanhada.

As mãos de Hazel começaram a suar dentro das luvas. Ela forçou o rosto a assumir uma imitação de sorriso e se controlou para não olhar para a porta da Sociedade de Anatomistas.

— Apenas uma caminhada para aproveitar o clima.

A obviedade da mentira se refletiu na expressão dele. O dr. Straine flexionou os dedos, e o couro das luvas dele rangeu.

— Uma pena que mulheres não sejam permitidas na Sociedade de Anatomistas — comentou ele. — Sempre considerei que o sexo frágil exerce

uma… influência calmante nos impulsos sanguíneos dos homens.

— De fato — respondeu Hazel, com tom seco.

O olhar de Straine parecia penetrar as roupas e a pele de Hazel, e enxergar seu âmago. Por fim, ele voltou a falar:

— Mande meus cumprimentos a seu tio.

Straine deu meia-volta e, antes que Hazel pudesse responder, o homem se foi.

As ruas estavam mesmo diferentes. Havia ficado ainda mais escuro, e estranhos a encaravam através de janelas e batentes. Hazel apertou as saias ao redor do corpo e caminhou o mais rápido possível até a rua principal, onde a última centelha de luz do sol ainda se refletia nos paralelepípedos.

Quando a garota voltou a Hawthornden, as únicas chamas que ainda estavam acesas eram as da cozinha. Hazel pegou uma vela para subir discretamente para o quarto, sem que ninguém a notasse. A cozinheira estava jogando cartas com a copeira; Hazel conseguia ouvir sua risada estrondosa e ver as sombras compridas das duas ao longo da parede da cozinha. Ela subiu a escada e percebeu que a porta dos aposentos de lady Sinnett se encontrava fechada. A criada de Hazel, Iona, cochilava na cadeira perto das brasas que ardiam baixo em seu quarto. Ela despertou para desamarrar o vestido de Hazel e ajudá-la a se deitar.

— Onde a senhorita…? — começou a criada.

Hazel balançou a cabeça. De repente, sentia-se tão exausta que mal conseguia falar. Todo o peso do dia pareceu recair sobre ela de uma vez, deixando o corpo pesado, como se seu sangue fosse chumbo derretido.

Ao se deixar cair no colchão, Hazel relembrou a demonstração várias vezes, tentando reter cada detalhe na memória, gravando-os em seu cérebro como se fosse uma litografia. Foi só quando ela estava prestes a cair no sono, e apenas um fio finíssimo a ligava à consciência, que de repente percebeu qual era o terceiro aroma saindo do frasco violeta de *ethereum*. Era uma memória guardada nas profundezas de sua mente, em meio a corredores curvos e labirintos de quartos, de quando Hazel estivera deitada naquela mesma cama, tomada por náusea e desidratação. De quando ela estivera certa de que a doença a levaria. O frasco mágico do dr. Beecham cheirava a flores silvestres, putrefação e morte.

8

Hazel esperava receber no mínimo um sermão, um golpe de vara na mão ou um comentário inflamado como: "Espere até contarmos ao seu pai. Ele vai ficar furioso!" Era verdade que, quando a mãe de Hazel não estava tomada pelo luto por George, ela mimava Percy de forma tão obsessiva que mal conseguia ver além da própria crinolina. Porém, mesmo assim, decerto Hazel sofreria *alguma* consequência pelo que havia feito.

Mas não. Quando a jovem acordou tarde na manhã seguinte, com o sol brilhando amarelo através das cortinas, ela descobriu que a mãe ainda não havia deixado os próprios aposentos. Iona lhe contou que lady Sinnett também não havia saído do quarto para jantar na noite anterior.

A mãe não era assim antes de George morrer. Quando o primogênito ainda estava vivo — e o marido ainda estava em casa —, a família deles era, bem, normal. Hora do chá na biblioteca. Leituras ao redor da lareira. Natais na Residência Almont. Tardes em que o pai levava Hazel, em segredo, até a pequena nascente além do bosque em Hawthornden e apontava os tetrazes se aninhando nos galhos ao redor. Mas então veio o posto do pai (um posto *muito* prestigioso, como lady Sinnett adorava lembrar a todos) e a febre levou George. Passaram a ser somente os três em casa: Hazel, a mãe e Percy, que era o principezinho mimado, o orgulho e a alegria da mãe, vivendo protegido e escondido como uma pérola dentro de uma ostra para que nunca ficasse doente. Como George ficara. Lady Sinnett dedicava todo o seu tempo e atenção a Percy, a seu ensino, a suas roupas, ao ar que ele respirava. Na maioria das vezes, quando falava com Hazel, era para perguntar se a filha tinha visto Percy em algum lugar.

Hazel só viu a mãe alguns dias depois, fazendo alarde por causa do bacon no café da manhã de Percy. A garota se sentou em sua cadeira discretamente enquanto lady Sinnett limpava a gordura nas bochechas do menino com um lenço.

Mas então, para a surpresa de Hazel, a mãe se voltou para ela.

— Bacon, querida? — ofereceu lady Sinnett, pegando um prato com sua luva preta e o estendendo à filha.

Fazia mais de um ano desde a morte de George, mas a mãe ainda usava um traje de luto completo. Seu vestido era de tafetá preto, e ela portava um broche com o cabelo de George no meio do busto.

Hazel aceitou com cautela. Parecia um truque. Se fosse, ela logo descobriria. Talvez sua mãe tivesse *sim* notado seu sumiço, e a aparente indiferença não passasse de um ardil para transmitir uma falsa sensação de segurança.

— Percy, meu bem, por que não vai pedir ao mestre Poglia que comece a sua lição? — sugeriu lady Sinnett, sorrindo.

Percy olhou para a irmã com desconfiança, mas obedeceu à mãe e saiu da sala de jantar com a maior alegria.

Lady Sinnett tomou um gole de chá e se esforçou para parecer despreocupada.

— Então, Hazel… O teatro, Le Grand Leon, é claro, tem uma estreia hoje. Um espetáculo de dança maravilhoso, creio eu. Acho que nós duas deveríamos comparecer.

Hazel quase se engasgou com um pedaço de torrada.

— Eu e a senhora? Juntas?

— Claro — respondeu lady Sinnett. — Uma mãe não pode ir a um compromisso social com a filha?

— Acho que pode. E o Percy?

— Percy é jovem demais para ir ao teatro, minha querida. Além disso, quem sabe que tipo de doença ele poderia pegar em um teatro. Ele vai ficar sob os cuidados da sra. Herberts. Que bobagem a sua perguntar.

Lady Sinnett esperou que Hazel dissesse alguma coisa. Como ela não falou nada, a mãe prosseguiu:

— Bom, maravilha. Vou pedir a Iona que ajude você a colocar aquele vestido novo de seda. O verde arsênico. Faz seus olhos parecerem um pouco menos castanhos.

Então Hazel não estava encrencada, afinal. Ela ficou tão aliviada que apenas assentiu.

Lady Sinnett notou a concordância e sorriu, contente.

— Sei que ainda estou de luto, mas acho que posso usar as pérolas que minha mãe me deu e o anel de esmeralda que seu pai comprou quando estávamos noivos. Não sei como ele conseguiu pagar na época, porque era apenas um tenente. E lá estava eu, a filha de um visconde, tão facilmente envolvida pela ideia de romance e… — ela deu uma risada melancólica — … amor. Sabe, cresci na Residência Almont, com uma casa de verão em Devon e um apartamento em Londres para a Temporada.

Ela reparou na expressão estranha da filha.

— Por que você está me encarando assim, como um gato preso em um parapeito? Isso só piora a ruga em sua testa.

Hazel se esforçou para tomar um gole de chá.

— Acho que essa é a primeira vez que a senhora fala tanto comigo desde que… papai partiu — explicou. Ela sabia que era melhor não mencionar George.

Lady Sinnett bufou.

— Ah, deixe disso, Hazel. Não é de bom tom dizer bobagens.

As duas não disseram mais nada por alguns minutos. Apenas o tilintar de garfos na louça de porcelana e o crepitar ocasional do fogo quebravam o silêncio. Quando lady Sinnett voltou a falar, sua voz estava diferente. Grossa e séria. Ela não fitou o rosto da filha. Em vez disso, olhou pela janela, para o campo extenso e enevoado e os estábulos mais além.

— Hazel, quando seu pai morrer, a casa vai ficar para Percy. Você sabe disso. Tudo… a casa, o terreno, o dinheiro que seu pai tem, o dinheiro que *eu* trouxe para este casamento… tudo vai para Percy.

Bem nesse momento, ecoou o som do menino correndo e rindo ao longo da galeria no andar de cima.

— O que quer dizer — continuou a mãe com cautela — que seria conveniente você fazer seu primo formalizar o noivado o quanto antes.

Hazel riu.

— Formalizar o noivado? Mãe, estamos noivos praticamente desde que éramos crianças.

Lady Sinnett não riu. Só apertou os lábios finos.

— Ele já pediu sua mão?

— Bom, não, mas…

— Não brinque com o seu futuro. Isso dá margem para você perder.

Lady Sinnett tocou o sino para a copeira vir tirar a mesa.

— Vou tomar minha infusão no meu quarto — anunciou ela, levantando-se para sair. Então, olhando para Hazel, acrescentou: — Peça a Iona que aperte bem o espartilho. Que ajuste a cintura do vestido se for necessário. Hoje, Bernard deve ver você como uma mulher, não como uma amiga de infância.

O fogo crepitou outra vez quando uma lenha caiu. O bacon de repente pareceu grande demais ao descer pela garganta de Hazel.



Quando Hazel e a mãe chegaram ao Le Grand Leon, quase todas as outras carruagens já haviam deixado seus passageiros. Lady Sinnett usava um vestido cinza com mangas compridas fora de moda. O de Hazel era vermelho, um vestido de seda com bordado em fio chenile na barra e nas mangas que a mãe trouxera de Paris. Ela quase nunca o usava, mas o estômago da garota tinha se revirado ao ver o vestido verde-arsênico que Iona estendera na cama. Algo a atraíra para o vermelho, escondido no fundo de seu guarda-roupa. Hazel havia se esquecido daquele traje. Era mais macio do que sua crinolina, e possuía uma transparência nos ombros.

— Lady Sinnett, a senhora está com uma aparência *boa*!

O rosto de Hazel estava na altura dos grandes seios de Hyacinth Caldwater enquanto elas subiam os degraus para entrar no Le Grand Leon. A sra. Caldwater já havia tido dois maridos e se vestia como se estivesse à caça de um terceiro. Seu vestido era decotado e de um tecido rosa-choque. Suas bochechas estavam maquiadas com ruge de uma forma que teria sido considerada infantil para uma mulher com metade de sua idade.

O rosto de lady Sinnett se fechou.

— Sra. Caldwater, que prazer revê-la — cumprimentou, sem demonstrar prazer algum.

— Faz *séculos* que não nos vemos! Ainda em meio-luto? Ah, pobrezinha. Que bom vê-la fora de casa. A senhora não me convidou para o chá que prometeu,

ainda não me esqueci! Ha-ha-ha! — Então a sra. Caldwater viu Hazel e soltou um gritinho de prazer. — *Aaaah!* Essa não pode ser a Hazel. Não. Não! Não é possível! Como está grande. Juro, ela cresceu bastante nesse meio-tempo. A senhora não está guardando sua filha a sete chaves, está?

Lady Sinnett olhou para além da sra. Caldwater, torcendo para que alguém a chamasse para outra conversa.

— Não — respondeu ela, de maneira distraída —, mas infelizmente Hazel é uma leitora voraz, ela mal sai de Hawthornden, se puder evitar.

— Uma *leitora voraz*. Que fascinante. O que a senhorita anda lendo, minha cara? Romances?

Hazel olhou para a mãe antes de responder.

— Acabei de começar *O antiquário*, do autor de *Waverley*. Meu pai encomendou o livro e o enviou para mim.

A sra. Caldwater bateu palmas.

— Que cabecinha ela tem, Lavinia!

A mãe de Hazel a puxou pela mão e disse:

— É melhor irmos para nossos lugares agora.

Atrás delas, Hyacinth Caldwater acrescentou:

— Não se esqueça daquele chá, Lavinia, ficarei *escandalizada* se continuar me evitando!

— Mulher pavorosa — murmurou lady Sinnett enquanto ela e a filha atravessavam a multidão. — Ah, olhe, lá estão Bernard e seu tio!

Bernard fez uma reverência a Hazel e à lady Sinnett ao se aproximar.

— Espero que esteja bem, Hazel. Devo dizer que esse vermelho combina perfeitamente com você.

Hazel não conseguiu forçar um sorriso. Ela olhou para Bernard, e tudo o que viu foi a expressão vazia e arrogante dele naquele dia na rua. *Quando éramos crianças*, dissera Bernard. Se ele soubesse o que Hazel era capaz de fazer! Se soubesse o que ela tinha visto!

Lady Sinnett deu uma cotovelada nas costelas da filha.

— Estou muito bem, obrigada, primo — respondeu a garota com frieza.

— Imagino que veremos você em Londres durante a Temporada, não é, Bernard? — apressou-se a perguntar lady Sinnett, sorrindo como uma serpente.

— Hazel está muito animada para o baile de máscaras que o duque sempre dá em Delmont, não é, querida?

Hazel desviou o olhar.

— Hmmm — disse ela.

— Eu não perderia por nada — confirmou Bernard. — Ah! Parece que meu pai está me chamando para nosso camarote. Se me derem licença.

Ele ofereceu mais uma reverência e voltou para o meio da multidão.

Hazel e a mãe subiram o restante da escada até seus lugares, em um camarote no lado direito do teatro. A cortina, de um veludo grosso e empoeirado com um tom de verde ácido, pendia na frente do palco. A orquestra ainda estava se aquecendo, e Hazel aproveitou para observar a multidão e ver quem mais viera ao espetáculo.

Bernard e lorde Almont estavam em um camarote do outro lado do teatro, sentados ao lado dos gêmeos da família Hartwick-Ellis, Cecilia e Gibbs. Fazia um tempo que Hazel não via Cecilia… Quando tinha sido a última vez? No baile da família Morris? Isso fora no verão anterior. Cecilia estava mais alta, o pescoço comprido e fino como o de uma cegonha. Ela sempre tinha sido bela, e o cabelo loiro estava penteado com cachos emoldurando o rosto. Seria impossível Hazel ou qualquer pessoa não percebê-los. Cecilia balançava os cachos de um lado para o outro, tentando fazer a luz se refletir neles, enquanto ria de maneira pouco digna. Seu irmão, Gibbs, parecia mal-humorado como sempre. Era um rapaz loiro cujos olhos, nariz e boca pareciam pequenos e próximos demais no rosto da largura de um prato de jantar.

— Cecilia está bonita — comentou Hazel.

Lady Sinnett não respondeu. Ela lançava um olhar violento para Cecilia e, conforme Hazel notou, para Bernard. Ele parecia estar rindo junto a Cecilia, desviava alegremente de cada ataque de seus cachos e, quando ela segurou a mão dele, deu tapinhas cordiais em sua mão enluvada. Estariam os dois… flertando? Não era possível. Cecilia Hartwick-Ellis tinha a personalidade de um pudim de arroz. Os dois, Cecilia e Gibbs, mal conseguiriam contar até cinco se começassem do quatro. E, somando ambos, com certeza não haviam lido mais do que quatro livros na vida.

Naquele instante, Cecilia deu uma risada tão ridícula e falsa que Hazel a ouviu do outro lado do teatro. E Bernard… Bernard pareceu gostar. Havia até um rubor subindo de seu pescoço até as bochechas. Ele havia feito algo diferente com o cabelo essa noite. Estava penteado para a frente, e as costeletas, compridas, como se ele estivesse fingindo ser aquele poeta escandaloso, Lord Byron. Bernard sussurrou alguma coisa no ouvido de Cecilia e ela riu de novo, deixando a cabeça tombar para trás e chacoalhando os cachos. Hazel não conseguia assistir àquilo. Ela não sabia por qual dos dois se sentia mais constrangida.

Por fim, os candeeiros do teatro se apagaram e a orquestra começou a tocar um lamento melancólico em um tom menor. Quando a cortina se abriu, revelou um palco quase vazio. O cenário era um pântano enevoado, todo cinza e marrom, com uma árvore morta e retorcida e uma lua alaranjada que pendia baixo. Uma bailarina ruiva usando um vestido branco esvoaçante, parecido com uma camisola, subiu ao palco. Logo foi acompanhada por um homem que interpretava seu marido. Hazel tentou se concentrar na trama e ignorar o que acontecia no outro camarote. Na dança, o marido era convocado para uma guerra vaga e distante, e a mulher ficava deprimida em sua ausência, rodopiando pelo palco e erguendo os braços na direção do céu… Ou, melhor dizendo, dos caibros no teto. Todo dia, a mulher ia à janela esperar a volta de seu amor e, todo dia, ela se desapontava.

Até que um homem chega todo vestido de preto, com um bigode de vilão e olhos escuros e obstinados, usando o gibão do antigo amor dela. Talvez seja o marido voltando da guerra, pensa a mulher. Eles dançam juntos, ela é seduzida. Mas, enquanto o par dança, a fantasia do homem misterioso se desfaz. Ele não era o marido, afinal. Tratava-se do Diabo em pessoa. Desolada com seu erro e sua traição, a mulher retira uma adaga da escrivaninha e apunhala o próprio peito. Laços vermelhos representando sangue descem até o chão do palco. A bailarina cai. Seu verdadeiro marido enfim volta para casa e encontra o corpo frio dela, e a cortina desce. Uma tragédia.

Um pouco pesado, pensou Hazel. Mas o Le Grand Leon não era conhecido por sutilezas. No mês anterior, eles tinham estreado outro espetáculo com mais ou menos a mesma trama, sobre uma jovem bela e virtuosa perdendo o rumo, só que

da outra vez tinha sido por um vampiro estrangeiro que a tentou com ouro e joias antes de consumir seu coração.



Essa era a lição ensinada a moças de todos os lugares durante toda a vida — não seja seduzida pelos homens que conhecer, proteja sua virtude — até, claro, chegar o momento em que sua vida inteira vai depender da sedução pelo homem certo. Era uma situação impossível, uma contradição da sociedade: obrigar as mulheres a viverem à mercê do homem que as desejasse, mas criticá-las por fazer *qualquer coisa* para que um homem as desejasse. Passividade era a maior virtude. Deus as livre de se transformarem em alguém como Hyacinth Caldwater. Seja paciente, seja silenciosa, seja bela e pura como uma orquídea, e *apenas então* receberá sua recompensa: uma redoma para mantê-la a salvo.

Lady Sinnett havia apertado o braço de seu assento durante toda a apresentação. Antes mesmo de os aplausos terminarem, ela arrancou Hazel da cadeira e a puxou escada abaixo, para fora do teatro e para dentro da carruagem.

Ela esperou até estarem a uma boa distância do teatro, na estrada silenciosa de volta a Hawthornden. Então, se voltou para Hazel.

— Você… — disse a mãe entre os dentes — … faz alguma ideia do futuro que terá?

— Do que a senhora está falando? — perguntou Hazel.

Lady Sinnett engoliu em seco e apertou os lábios.

— O mundo não é gentil com as mulheres, Hazel. Mesmo mulheres como você. Sim, seu avô era um visconde, mas ele teve uma filha e, portanto, isso vale de muito pouco. Seu pai é dono de Hawthornden, mas quando ele… quando seu pai morrer, Hawthornden vai passar para Percy. Você sabe o que acontece com mulheres solteiras?

Hazel franziu o cenho.

— Creio que… quer dizer…

O riso triste de lady Sinnett a interrompeu.

— Sem ter onde morar. À mercê de familiares. À mercê do seu irmãozinho e da mulher com quem ele se digne a se casar. Implorando a sua cunhada por atos de bondade e torcendo para que ela seja generosa.

Hazel não sabia o que responder. Apenas encarou o próprio colo.

A mãe continuou a falar, passando o dedo pela borda do véu:

— Sei que… sei que, desde que George se foi, talvez eu não tenha dedicado tanta *atenção* a você quanto deveria. Talvez eu não tenha salientado a importância de seu casamento com Bernard Almont, pois imaginei que você soubesse.

— Eu sei.

— Sim, pensei que soubesse. Uma garota inteligente, sempre lendo. Nem todos serão tão compreensivos com suas pequenas… peculiaridades quanto seu primo. Os livros sobre filosofia natural que você rouba do escritório do seu pai… Não haverá nada disso quando formos a Londres. Garanto que Cecilia Hartwick-Ellis não suja seus vestidos de lama… nem de tinta de livros.

— Porque ela não sabe ler — murmurou Hazel, na direção da janela da carruagem.

— Que seu destino fique por sua conta, então — zombou lady Sinnett. — Eu já lhe dei todos os conselhos maternos possíveis.

Elas passaram o restante da viagem em silêncio. Hazel olhou para a escuridão sombria pela janela e observou os galhos mortos passarem enquanto os cavalos as levavam para longe da cidade e rumo ao castelo.

9

Dois contrarregras faltaram à apresentação de estreia naquela noite. Jack resmungou enquanto os substituía antes do espetáculo, colocando os figurinos em seus respectivos lugares e verificando os candeeiros na beira do palco. Ele gostava de já estar no alto dos caibros, a postos para levantar a cortina ao sinal do sr. Anthony.

Isabella se alongava nas coxias com o rosto maquiado, o figurino de musselina esvoaçante no corpo. Ela ficava linda assim, pensou Jack, com o cabelo loiro em um penteado no alto da cabeça e as bochechas pintadas de ruge. Mas a verdade era que Jack sempre a achava linda. Ele passou o espetáculo todo nos caibros, no alto do palco, observando-a… observando a maneira como ela deslizava pelo ar como um peixe dentro d'água. Com facilidade. Ela se virou, deparou-se com o garoto a admirando e sorriu. Jack sorriu em resposta.

— Ei! Don Juan! — chamou o sr. Anthony, segurando uma corda e equilibrando um charuto no lábio inferior. — Lembre-se de arrumar o cenário das árvores para o Segundo Ato. Carafree não apareceu, então você está encarregado das responsabilidades dele agora. — O homem soltou um suspiro profundo. — Você dá conta, certo, Jack?

O sr. Anthony tinha perdido um braço combatendo os franceses nas Índias Ocidentais. No lugar, possuía um membro de couro, estufado com o que parecia crina de cavalo saindo pelas costuras entre os dedos falsos, embora Jack soubesse que era melhor não perguntar.

O garoto afastou o cabelo dos olhos.

— É claro que dou. Mas cadê o Carafree? E o John Nickels? Eles não são de faltar.

— Quer dizer que você não sabe?

— Não, é claro que não. O que houve?

O sr. Anthony olhou ao redor e então se aproximou de Jack, dando as costas para um grupo de coristas risonhas.

— Morreram.

— Como assim? Os dois?

— Sim, estão mortinhos. Dizem por aí que a doença voltou. Que acabou com Carafree antes mesmo que ele sentisse febre, e com John Nickels mais rápido ainda.

— Não — rebateu Jack, apressado. — Não, os rapazes só gostam de falar besteira em King's Arms para assustar os outros. Aposto que Carafree e John Nickels estão em uma carruagem a caminho de Glasgow, morrendo de rir por terem deixado as dívidas de jogo para trás, e não devem estar nem aí para todo o trabalho extra que sobrou para mim.

O sr. Anthony deu de ombros.

— Não foi isso que ouvi dizer, rapaz. As pessoas andam falando que a febre voltou. Mês passado, matou uma família inteira em Canongate.

— Não é a febre romana — retrucou Jack, soando confiante. — Não pode ser. Eles fechariam os teatros. Ficaríamos sem trabalho.

O sr. Anthony deu uma gargalhada triste que se transformou em um acesso de tosse.

— Meu jovem, se a febre estiver de volta, nós vamos ter preocupações bem maiores do que trabalho.

A coreógrafa tocou o sino para o começo do espetáculo. Jack lançou um último olhar esperançoso na direção de Isabella, para o caso de ela ainda estar o observando, mas a mulher estava distraída, vestindo a meia-calça. Então Jack apenas acenou para Thomas Potter, o ator principal, e subiu a escada na parede dos fundos para chegar à galeria sobre o palco.

Os caibros sobre o Le Grand Leon davam a Jack a impressão de estar em um grande navio. Havia cordas, vigas de madeira e velas grossas de lona para cenários pintados. E, em meio àquilo tudo, pulando e balançando, puxando e soltando, ficava Jack. Ele não sabia onde havia nascido, imaginava que nas proximidades de Canongate, mas o teatro era o lugar mais próximo de um lar que já tivera.

Os anos miseráveis após fugir da mãe, que trabalhava e bebia demais, eram nebulosos em sua memória; anos mendigando na High Street, apresentando

truques de cartas paras as damas nos Jardins de Princes Street e disputando os ossos jogados atrás do açougue com outros moleques magricelas. Ele tinha morado um tempo com um grupo de ladrões ali perto, em Fleshmarket Close, onde o cheiro do sangue coagulado que escorria do açougue para a rua permanecia no nariz de Jack dia e noite. Munro também morara lá, um garoto alguns anos mais velho que usava calça de pesca até para dormir e cujo nariz tinha sido quebrado tantas vezes que se entortava em meia dúzia de direções. Tinha sido Munro quem ensinara Jack a se tornar um ressurreicionista.

— Está vendo? — perguntara Munro a ele certa tarde enquanto assistiam a um enforcamento no Grassmarket.

As mãos do assassino estavam amarradas às costas, e ele precisara pedir ao carrasco que tirasse seu gorro, revelando o cabelo empapado de suor. O homem seria enforcado por ter espancado a esposa grávida até a morte. Durante semanas, os garotos nas ruas venderam panfletos com desenhos do homem e detalhes sobre o crime.

Jack e Munro acompanharam o corpo cair pelo buraco no piso de madeira, o ricochete hediondo, os espasmos terminarem e os gritos da multidão se silenciarem. Quando o corpo ficou imóvel, uma horda de homens se estapeou para avançar e pegar o cadáver.

— Ali, todos aqueles homens indo pegar o corpo — continuara Munro. — Está vendo?

Jack mordera uma maçã esfarelenta.

— Quem quer os ossos de um assassino?

— Não seja tolo — retrucara Munro, arrancando a maçã da mão de Jack e dando uma mordida. Ele tinha feito uma careta, mas então dera outra mordida. — Estão tentando pegar o corpo para vendê-lo aos médicos. Os alunos da universidade. Eles precisam de corpos para estudar, esse tipo de coisa. Um corpo vale dois guinéus e uma coroa. Se for uma mulher grávida, vale três guinéus, mas aí é mais difícil, já que quase nunca enforcam uma mulher nessas condições.

Munro apontara com a cabeça na direção da forca, onde quatro ou cinco homens empenhavam canivetes furiosamente para cortar pedaços da corda.

— Eles vão vender aqueles pedaços de corda como lembrancinhas. Servem para afastar maus espíritos, creio eu. Ou afastar assassinos. Ou talvez afastar a má

sorte para você não ser enforcado. Mas o que dá dinheiro de verdade é o corpo — explicara Munro, chupando o miolo da maçã. — O problema é que todo mundo sabe quando tem um enforcamento, então precisam disputar o cadáver. Mas um corpo é um corpo, quer tenha sido enforcado, quer não, e os médicos não se importam tanto com as leis como seria de se imaginar.

E havia sido assim que Jack Currer se tornara um ressurreicionista. Ele tinha uma pá e entrava às escondidas em cemitérios depois do anoitecer para desenterrar corpos frescos. Às vezes sozinho, em geral com Munro, às vezes com Munro e algum garoto pobre que tivesse aparecido em Fleshmarket em busca de um prato de comida.

Será que acabariam se metendo em problemas? Bem, nenhum maior do que os problemas que eles já tinham por serem pobres e viverem nas ruas de Edimburgo. Ladrões de corpos eram um órgão vital para a sobrevivência da cidade. Era um trabalho asqueroso, e as pessoas chiques preferiam ignorá-los, mas eles eram essenciais mesmo assim. Todos sabiam o que eles faziam, e a polícia mal se importava desde que não retirassem roupas ou joias das covas. Famílias ricas recorriam a grades de ferro para proteger os túmulos, ou colocavam placas de pedra sobre as covas para protegê-las de pessoas como Jack. Famílias pobres às vezes deixavam uma sentinela sentada ao lado da cova por três ou quatro dias, até que o cadáver tivesse se decomposto o suficiente para não ser mais valioso para os médicos. (Ambas as estratégias eram bem fáceis de serem burladas por um profissional como Jack: bastava começar a trabalhar a uns vinte metros de distância e escavar um túnel que passasse por baixo das barreiras para retirar o corpo, e ninguém ficaria sabendo.)

Porém, em geral eram os corpos sem amor, enterrados em covas rasas e esquecidos, que compunham o ganha-pão de Jack. Eles eram inestimáveis para Jack e para os médicos que os compravam. Essas pobres almas podiam não ter tido muito valor na vida, mas valiam muito na morte.

Ao começar a trabalhar no Le Grand Leon, o garoto havia pensado que abandonaria aquela vida, as longas noites escavando até os ombros doerem, com vermes entrando em seus sapatos, roubando corpos inchados de gases e fezes. Ele tinha um lugar para dormir, dentro da lona estendida nas tábuas acima do palco, e

o sr. Arthur fazia cozidos com repolho, casca de batata e todo tipo de restos que a equipe conseguia encontrar.

Jack gostava de pensar que, ali de cima, tinha uma vista melhor do que todos os grã-finos em seus camarotes chiques. Em troca, ele só precisava garantir que a cortina e os panos cenográficos se abrissem no momento correto. As pessoas na plateia estavam presas em seus assentos, usando roupas de seda que se enrugariam se ficassem na posição errada, que dirá se pulassem uma cerca de jardim, e sapatos que apertavam seus pés. Mas o desejo de dinheiro surgia sorrateiramente, como uma raposa na escuridão.

Além disso, havia Isabella. Isabella, sempre dançando no palco lá embaixo, noite após noite. Como seria possível alguém *não* se apaixonar ao ver como ela dançava, como as lanternas no palco faziam seu cabelo loiro e todo o seu corpo brilhar? Ela era a coisa mais parecida com um anjo que Jack já vira em Edimburgo.

Jack trabalhara como contrarregra no Le Grand Leon por dois meses antes de voltar a roubar corpos.

— Você está bem? — perguntou Thomas, o ator principal, para Jack nas coxias durante uma pausa para os aplausos.

O ator já usava o figurino da cena seguinte, na qual interpretaria o diabo disfarçado do antigo amante da dama. Jack assentiu. Thomas era de Birmingham. Ninguém sabia como havia chegado ao Le Grand Leon, mas ele gostava de dizer para todo mundo que economizaria dinheiro suficiente para ir a Londres interpretar peças de Shakespeare para o rei. Ele era bonito, com ombros largos. O tipo de beleza que fazia as moças que cuidavam do figurino rirem escondido. Já Jack desaparecia nas sombras, mas isso era proposital. Como um animal noturno, a melhor maneira de o garoto se manter seguro era continuar invisível.

O Le Grand Leon parecia uma caixinha de música. O teto com bordas douradas tinha quatro seções com pinturas representando as quatro estações, cada uma com sua própria coleção de querubins rechonchudos com bochechas cor-de-rosa e pele marfim. E havia a dançarina no centro do palco, Isabella Turner. Jack a imaginava como uma das bailarinas de porcelana que ele via na vitrine do antiquário na Holyrood Street, equilibrada em uma perna só, a outra estendida para trás, o braço erguido e o corpo todo tenso. Girando devagar no palco, ao som da música de corda.

Quando ainda morava em Fleshmarket Close, Jack passava por aquele antiquário todos os dias. Mas só na semana anterior criara coragem para entrar. A mulher atrás do balcão havia olhado feio para o garoto, ainda mais quando o vira pegar a caixinha de música da vitrine.

— Quanto custa?

— Mais do que você pode pagar, creio eu — respondera ela, mas de maneira menos ríspida do que esperado.

— Tenho um emprego. Tenho mesmo, juro. Trabalho no Le Grand Leon. Quanto custa essa aqui?

A bailarina na caixinha de música era loira, como Isabella.

A dona da loja havia suspirado e tamborilado os dedos no balcão.

— Já vi você antes, não é? Olhando pela vitrine.

Jack assentira.

— O mínimo que posso cobrar é dez xelins.

Para Jack, eram os olhos da cara. Ele ganhava aquela quantia em um mês de trabalho. Mas tinha ido à loja decidido. Ele levara a mão ao bolso e pegara as moedas.

— Tome, então — dissera ele.

E saíra da loja antes que mudasse de ideia. Era um presente para Isabella, e era perfeito. Ele precisaria passar mais uma noite no cemitério, mas Jack estava disposto a roubar e vender mil corpos se isso lhe permitisse comprar coisas para Isabella que mostrariam o quanto ele a adorava. O garoto passaria todas as noites em meio à terra se este fosse o preço de passar as manhãs com ela.



O espetáculo acabou com os aplausos de sempre. Jack baixou a cortina pesada de veludo verde, estremecendo quando a corda rangeu ao descer. Isabella sorriu para a plateia, estendeu os braços como se fosse dar um mergulho e fez uma reverência digna de uma dama da sociedade. Depois, voltou para trás da cortina, onde estaria protegida, e seu sorriso se desfez. O feitiço acabou, todos eles eram humanos de novo, e os espectadores voltaram para suas carruagens reclamando do clima.

Jack teria que agir rápido se quisesse falar com Isabella antes que ela saísse discretamente pela porta dos fundos, a caminho de casa. Ele pegou a caixinha de música debaixo da sobrecasaca, onde a havia embalado para protegê-la, e desceu a escada usando uma mão só, mantendo o presente equilibrado.

Ele ouviu Isabella em seu camarim… sons de passos, o barulho de uma vela sendo acesa, o farfalhar de uma saia… mas não conseguiu encontrar forças para bater à porta. Ainda não. Pela centésima vez, o garoto passou os dedos pelas bordas lisas da caixinha de música, então respirou fundo e bateu com força, duas vezes, à porta.

Esta foi aberta antes que o garoto terminasse de bater, mas não por Isabella. Pela filha da coreógrafa, Mary-Anne, uma menina de oito ou nove anos com olhos cintilantes que cuidava da arrumação e fazia a bainha dos figurinos.

— Ela não está aqui — disse Mary-Anne, sem rodeios, olhando Jack de cima a baixo.

Seus olhos se fixaram na caixinha de música.

— Sabe aonde ela foi? — perguntou Jack, tentando ao máximo dar algo parecido com um sorriso maroto.

Mary-Anne só deu de ombros.

— Que eu tenha visto, ela não voltou para cá depois da cortina se fechar.

Jack suspirou. Então ouviu o riso de Isabella. Ele reconheceria aquele som em qualquer lugar, a milhares de quilômetros de distância: a voz dela repicava como um sino. Estava vindo do beco. Jack empurrou um caixote até a parede e subiu nele para olhar pela janela.

Por que fez aquilo? Por que não desistiu de uma vez? Por que não foi dormir, concluindo que era uma gentileza do destino Isabella não estar no camarim e que ele deveria esquecê-la? Mas Jack havia passado metade da vida nos caibros, e isso lhe dera o instinto de espiar os outros de cima, em silêncio. Quando o garoto alcançou a janela, viu Isabella lá fora, com os braços em volta do ator principal, que a puxou para um beijo.

A caixinha de música escapou da mão dele e atingiu o chão com um estrondo. Jack caiu do caixote, derrubando duas árvores de mentira.

— Estou bem! — gritou ele para as pessoas que o encaravam, embora ninguém tivesse perguntado.

Com o impacto, a caixinha de música havia se aberto e começado a tocar sua melodia baixinho. Quando Jack a pegou, viu que a bailarina havia se lascado e quebrado. Ela havia perdido os braços, a cabeça, o pescoço e o tronco. Só restava a perna, ancorando-a ao palquinho minúsculo, e o saiote rosa do vestido. Mas ela continuava girando, até Jack fechar a caixinha com força.

Ele subiu de volta para os caibros, onde tinha montado sua cama e escondido seus poucos pertences. Enfiou a caixinha de música embaixo de seu casaco reserva. Não queria mais vê-la. Bastava olhar para ela para o garoto arder de humilhação. Desde sempre, Isabella tinha sido uma fantasia. O que ele tinha na cabeça? Achou que se comprasse uma caixinha de música idiota ela se apaixonaria? Jack nem sabia se Isabella gostava de caixinhas de música! Ele era um tolo. Não, pior do que um tolo. Um tolo romântico.

Jack se envolveu em uma cortina abandonada e pegou o vinho que mantinha escondido embaixo de um pedaço de corda. Bebeu com gosto até ficar sozinho no teatro escuro e silencioso. Restaram apenas os ratos nas paredes, os camundongos nos assentos e o batimento de seu coração solitário.



Gazeta Vespertina de Edimburgo

11 de novembro de 1817

MAIS SEIS MORTOS POR DOENÇA MISTERIOSA

Seis mortes na Cidade Velha de Edimburgo na última quinzena deixaram várias autoridades com receio de um novo surto da devastadora febre romana. Quatro corpos ainda não foram identificados — três homens e uma mulher —, mas duas vítimas foram identificadas como o engraxate Davey Jaspar, de 12 anos, e Penelope Marianne Harkness, de 31 anos.

A sra. Penelope Harkness trabalhava na estalagem Deer & Stag e foi descrita pelos fregueses como sendo gentil e risonha. Ela relatou ter sentido febre na noite de sexta. Seu senhorio a encontrou morta na manhã de domingo, após ela não ter saído para ir à igreja.

"É uma situação terrível", afirmou William Beecham III, diretor da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo e cirurgião-chefe do Hospital da Universidade do Rei. "Examinei o corpo pessoalmente e fiquei horrorizado ao constatar que as lesões nas costas da sra. Harkness eram compatíveis com a febre romana. É claro que torcemos para que a doença não retorne à nossa cidade, mas devo recomendar cautela e vigilância."

A febre romana assolou Edimburgo há dois anos, no verão de 1815, deixando mais de dois mil mortos.

10

Hazel sabia o que estava por vir. Embora lady Sinnett abominasse jornais e tentasse manter Hawthornden hermeticamente fechada, como um casulo, estava a par dos rumores e receios que começavam a borbulhar na sociedade respeitável de Edimburgo. Se a febre estivesse retornando, lady Sinnett faria de tudo para manter Percy a salvo. Ainda assim, a iniciativa viera um pouco antes do que Hazel previra: as malas feitas no corredor, os preparativos frenéticos para providenciar um apartamento em Bath.

— Mas nós sempre passamos o Natal em Hawthornden — argumentara Hazel, observando a mãe envolver as joias em linho com cuidado.

— Não este ano — respondera ela. — Este ano, vamos para Bath e ficaremos lá até ir para Londres.

Várias vezes por dia, lady Sinnett pressionava de leve o dorso da mão fria na testa de Percy e repetia com a voz suave:

— As águas quentes de Bath sem dúvida vão lhe fazer bem, meu querido.

Ela andava pela casa como uma mariposa aprisionada, abrindo e fechando janelas ao acaso, murmurando algo sobre circular "ar bom" para Percy.

No dia anterior à viagem, Hazel começou a tossir ostensivamente. À noite, ela reclamou que estava com frio. Na manhã seguinte, não desceu para tomar café. Pediu para Iona avisar à mãe que ela estava febril. Da cama, Hazel conseguiu ouvir o grito agudo da mãe no andar debaixo. Um barulho de movimentos frenéticos e sussurros se seguiu e, então, uma batida suave na porta do quarto.

— Sou eu, senhorita — disse Iona, baixinho, do lado de fora. — Sua mãe me pediu para não abrir a porta, caso a senhorita esteja adoecendo. Ela perguntou quais são os seus sintomas.

Hazel pensou por um momento.

— Febre, com certeza. Acho que talvez apenas febre. E visão turva.

Então pensou: por que não?

— E minha língua ficou verde — acrescentou.

Passos se afastando. Depois, passos se aproximando. Hazel conseguia sentir a hesitação de Iona no corredor.

— Sua mãe… Lady Sinnett perguntou se não faria mais sentido a senhorita descansar aqui, em Hawthornden, e encontrá-la em Bath apenas quando estiver bem.

Lady Sinnett gritou algo ao pé da escada.

— Ou talvez… — emendou Iona — … esperar eles chegarem em Londres para a Temporada e encontrá-los lá. Para garantir que a senhorita já esteja recuperada.

Hazel sorriu debaixo das cobertas. Ela havia colocado brasas em um recipiente sob a cama para esquentar os lençóis e trazido um copo d'água que poderia ser usado para umedecer a testa caso sua mãe precisasse de provas de que a garota estava febril. Porém, Hazel deveria ter imaginado que lady Sinnett ficaria assustada demais para se aproximar além do patamar da escada.

— Por mim, tudo bem — aceitou Hazel. Então, percebendo que talvez sua voz tivesse soado um pouco animada *demais*, acrescentou: — Se é o que a minha mãe acha melhor. Pela segurança de Percy.

Novos passos soaram, mais pesados dessa vez, e Hazel soube que a mãe se encontrava do outro lado da porta.

— Hazel — disse lady Sinnett —, cuide-se. Iona e a cozinheira estarão aqui. E pedi a lorde Almont que envie mais uma criada se você precisar. — Ela fez uma pausa. — Você entende, não é? Poderíamos adiar a viagem, mas…

— Não tem problema, mãe. Na verdade, eu insisto. Acho que eu preciso apenas de repouso. E não há por que arriscar a saúde de Percy. Vou descansar em Hawthornden e encontrar vocês quando me sentir melhor. — Hazel acrescentou uma tosse teatral. — Estou fraca demais até para me levantar da cama.

— Bom, tudo bem — respondeu lady Sinnett, após um momento. — Verei você em breve. Deixei o endereço do apartamento em Bath. Por favor, escreva para nos avisar como está se sentindo.

— Vou escrever.

Houve o farfalhar de saias se arrastando no piso de madeira.

Hazel passou a hora seguinte em silêncio, escutando os sons da casa durante os preparativos finais para a viagem a Bath: o cachorro latindo quando as malas foram levadas lá para fora, a cozinheira embalando tortas para a viagem, os cavalos sendo aprontados. Por fim, os passos de Percy e lady Sinnett deixando seus quartos, e os ecos quando os funcionários saíram para se despedir dos dois.

Hazel esperou o som da carruagem no cascalho cessar. Depois esperou mais meia hora — aproximadamente o tempo que levaria para chegar ao portão no fim da estradinha, onde o terreno de Hawthornden encontrava a estrada principal. Então a garota afastou a coberta, saiu da cama e chamou Iona para pedir uma xícara de chá. Ela conseguira. Passaria *meses* sozinha, sem lady Sinnett, sem Percy, com todas as pessoas que importavam crentes que ela estava doente demais para sair de casa.

Iona voltou com a chaleira e duas xícaras. Ela apoiou a bandeja na mesa com cuidado e, então, ergueu os olhos para Hazel e sorriu.

— Você me acha louca, Iona? — perguntou Hazel, baixinho. Era mais uma afirmação que um questionamento.

Iona fez que não com a cabeça antes de responder:

— Além do mais, não haverá muitas oportunidades para cometer loucuras quando a senhorita se tornar a viscondessa Almont. É melhor aproveitar agora.

Hazel tentou resistir ao sorriso que surgia nos cantos de seus lábios.

— E a minha mãe não desconfiou de nada?

Iona riu.

— É claro que não. Está tão preocupada com Percy que acho que a teria deixado aqui se a senhorita apenas estivesse pálida no café da manhã. Pobre menino.

— Pobre menino? Pobre *Percy*? Ele recebe toda a atenção do mundo.

— Não é bom ser paparicado assim. Meninos precisam de ar puro e um pouco de lama nos joelhos de vez em quando.

— George cavalgava todos os dias, e olhe onde ele foi parar. Ah… ah, Iona, me perdoe.

Iona havia se apaixonado perdidamente por George quando ele voltara de Eton para as férias de verão após ter deixado o bigode crescer e ficado uns quinze centímetros mais alto. Ela o seguia por toda parte, como uma filhotinha

apaixonada, repetia as palavras dele para os criados e ficava tão nervosa que derramava chá quando ele estava presente.

— Ele era tão lindo, não era? — perguntou ela.

Hazel assentiu e afugentou o pensamento que borbulhava na superfície de sua mente, como espuma em um lago, todos os dias nos últimos dois anos: *Talvez ele devesse ter sobrevivido, e não eu*. Aquele pensamento roía como um rato; era ilógico, terrível e cruel. Hazel sabia disso. E ainda assim…

Iona olhou pela janela com os olhos inexpressivos e lacrimosos, presa em alguma memória distante de George.

— Sabe — comentou Hazel —, notei que o lacaio Charles ficou muito bonito nos últimos anos. E ele não consegue tirar os olhos de você. Eu já o flagrei mais de uma vez se demorando na biblioteca, na esperança de encontrar você acendendo a lareira. O rapaz está apaixonado, com certeza.

— Charles? Sério?

— E ele não será um lacaio para sempre. Antes de partir, lembro que meu pai comentou com o mordomo que Charles daria um bom valete.

Iona se afundou em pensamentos, ou fantasias, por um momento. Hazel observou um sorrisinho aparecer nos lábios dela.

— E a senhorita acha que ele olha para mim?

— Juro por Deus.

A luz entrando pela janela tocou as bochechas de Iona sob sua touca, e Hazel poderia jurar que a mulher estava corando.

— Bom, chega de bobagem. Temos uma missão a cumprir — declarou Iona. Ela deu um passo para trás e semicerrou um olho para ter uma visão melhor de Hazel. — Creio que a senhorita se parece muito com seu irmão. De perfil. O mesmo nariz, as mesmas sobrancelhas.

As duas voltaram os olhos involuntariamente para o corredor, onde havia um retrato de George pendurado na parede. Hazel sabia que Iona estava sendo gentil. Ela até era bonita, mas, desde que os dois eram crianças, as pessoas comentavam sobre a beleza impressionante de George.

— O importante… — disse Hazel — … é que ele não era muito mais alto do que eu.

Com a ajuda de Iona, Hazel logo estava vestindo uma camisa de musselina, um colete, um gibão e uma calça de George.

— Esse calção de montaria é bonito. Embora não pareça muito moderno — comentou Iona, segurando uma peça na altura do joelho enquanto elas reviravam o guarda-roupa de George. — Deve ter sido a moda alguns anos atrás.

— Não. Precisamos de uma calça. Com suspensórios. Tenho que parecer um homem da medicina, não um dândi.

Quando elas terminaram e tiraram a poeira de um chapéu que estava em uma prateleira alta, Hazel Sinnett poderia se passar por um cavalheiro com facilidade.

— Essas botas vão ser grandes demais, infelizmente — disse Iona, tirando um par de couro preto elegante que tinha sido feito para chegar no meio da panturrilha, mas em Hazel alcançaria o joelho.

— Não importa. Vamos encher os dedos com meias. Deve haver uma sobrecasaca em algum lugar, talvez até uma de meu pai.

— Que tal um plastrão? — perguntou Iona.

— Não, estou tentando parecer George, não Beau Brummell.

Iona arregalou os olhos.

— A senhorita não pode fingir que é George. Com certeza eles saberão que George está mo…

— Garanto a você que eles não saberiam diferenciar George Sinnett de Adão. Mas acho que você está certa sobre usar um nome falso. Que tal George… Hazelton?

Iona secou as lágrimas e sorriu de leve.

— Acho que combina com você, *sr.* George Hazelton.

— Além do mais — acrescentou Hazel —, desde que eu pague o valor do semestre todo adiantado, duvido que se importariam se eu me apresentasse como Mary Wollstonecraft.



Trecho da ***Autobiografia do rev. Sydney Smith*** *(1798), de Sydney Smith*:

Nenhum cheiro se iguala aos cheiros escoceses… Ao andar pelas ruas, você tem a impressão de que os médicos administram catárticos a todos os homens, mulheres e crianças da cidade. Contudo, o lugar possui uma beleza sem igual, e vivo constantemente dividido entre admiração e receio.

11

As paredes da sala de aula eram de madeira preta descascada. O lugar cheirava a serragem e formol. No fundo do cômodo, prateleiras iam do chão ao teto. Hazel tentou espiar o que havia ali antes de se sentar. Reconheceu uma fileira de edições do *Tratado do dr. Beecham*, cada uma mais grossa do que a anterior. Também havia livros em francês, alemão e italiano. Alguns tinham títulos em línguas que Hazel nem conseguia identificar. Um dos livros estava encadernado em couro marrom, e Hazel percebeu, ao espanar a lombada com o dedo, que podia ser pe-
le humana.

Ao redor do salão havia jarros de espécimes que já haviam chamado a atenção dos outros rapazes que fariam o curso de Beecham: animais preservados em um líquido amarelo sujo, órgãos humanos, conjuntos completos de dentes. Hazel notou um pote que continha dois fetos humanos minúsculos — do tamanho da palma de sua mão, no máximo — unidos pela cabeça. Havia mãos e pés decepados, e uma fileira de cérebros cinza-esbranquiçados de dimensões que variavam desde uma noz até uma toranja inchada. Por fim, formando uma galeria mórbida em uma prateleira alta, ficavam os crânios. Havia ao menos dez deles, todos em diferentes estados de deterioração, a maioria com deformidades estranhas.

Acima deles, pairava o esqueleto de uma criatura marinha imensa, preservado com perfeição e fixado por um arame no teto, como se o animal nadasse através de uma corrente de água invisível. Hazel estava tão absorta na estranheza do ambiente que só notou o dr. Beecham de pé atrás do púlpito quando ele pigarreou e estendeu os dedos, fazendo as luvas de couro preto ranger.

Os outros estudantes também se espantaram. De imediato, todos correram para seus lugares.

O dr. Beecham ficou parado enquanto o barulho no salão diminuía, deixando sua atenção pousar em um estudante de cada vez. Quando os olhos de Beecham encontraram Hazel, ela sentiu o couro cabeludo pinicar sob o chapéu. Os grampos que ela e Iona haviam usado para prender seu cabelo de repente pareceram afiados. Antes de vestir as roupas de George, Hazel havia imaginado que elas lhe ofereceriam mais liberdade do que seu espartilho, suas crinolinas e sua saia. Mas naquele instante, sentada com uma calça masculina mal-ajustada e com a gola da camisa fechada até o queixo, a garota estava extremamente desconfortável. Suor encharcava o tecido grosso nas axilas.

O olhar de Beecham desceu à carteira de Hazel, até sua edição desgastada do *Tratado do dr. Beecham*, com a lombada descascada e manchas marrons. Ele estalou a língua em sinal de desaprovação pelo estado do livro. Então, para a sorte da garota, voltou sua atenção para o estudante seguinte, um garoto que não devia ter mais de quinze anos e ainda não conseguia crescer um bigode.

— Bem-vindos — cumprimentou o dr. Beecham, por fim. — Antes de começarmos, devo oferecer uma breve observação de caráter pessoal. Certos indivíduos… talvez não neste grupo à minha frente, mas sem dúvida nos muitos salões de Londres, Edimburgo e Paris… acreditam que minha posição de elite na universidade e na Sociedade de Anatomistas se deve a meu avô. Garanto a vocês: não devo nada ao nepotismo.

Beecham aguardou para ver se alguém o contestaria. Ninguém o fez. Quem se atreveria? Sem dúvida, pensou Hazel, ninguém que tivesse visto a demonstração de anatomia no anfiteatro, a velocidade da lâmina, o uso daquele… *ethereum*. O Beecham mais velho morreria outra vez se pudesse ver como a cirurgia havia avançado desde sua morte.

O professor manteve a postura inacreditavelmente ereta ao dar continuidade a sua introdução. Ele ajustou a costura das luvas de couro preto enquanto falava:

— Aviso a vocês que o curso em que estão prestes a embarcar não será fácil. Será um desafio no aspecto físico. Será um desafio no aspecto mental. Vocês ficarão cara a cara com o estranho e o macabro. O ramo médico está prestes a enfrentar uma grande mudança, e pretendo, com meus estudantes, liderar um avanço rumo ao futuro. Vamos aprender anatomia básica, fisiologia básica e técnicas cirúrgicas. Os fundamentos conhecidos pelos boticários. Ao final do meu

curso, vocês estarão bem-preparados para realizar o Exame Real de Medicina antes do Natal. Depois disso, estarão autorizados a trabalhar como médicos em qualquer lugar dentro do império de Sua Majestade. O ramo da medicina é letal. Eu seria remisso se deixasse de mencionar que já perdi mais de um estudante desde que comecei a dar aulas. Gosto de acreditar que tenho experiência suficiente para saber, só de olhar para os estudantes, exatamente quais de vocês não possuem fortidão suficiente para aguentar o trabalho.

Ele fez uma pausa. Os estudantes se remexeram nos assentos, inquietos.

— Sangue manchará suas mãos. Vocês descobrirão que ele pode manchar até suas almas.

De trás do púlpito, o dr. Beecham tirou um coelho. Um coelho vivo, que não parecia se incomodar em ser erguido diante de uma sala de aula e olhava, indiferente, na direção dos estudantes. Houve uma onda de risadinhas, incluindo a de Hazel. Beecham arqueou uma sobrancelha e aninhou o coelho junto ao peito, acariciando-o com seus dedos longos.

— Trago isso à tona para deixar claro que, caso queiram abandonar este curso agora, não vou me opor. Pelo contrário, acho que o autoconhecimento é uma forma de sabedoria. O ramo da medicina é árduo. Eu estaria mentindo se dissesse que não perdi mais de um paciente ao longo de um semestre.

O dr. Beecham tirou um bisturi pequeno do bolso e examinou a lâmina.

— Por conta de infecções. Por conta de doenças. Por conta de uma lâmina mal utilizada. Até uma vez…

Ele apoiou o coelho sobre o púlpito. O animal deu um saltinho, mas então se acomodou em silêncio sob a mão de Beecham.

— … por conta do choque.

E então o médico levou o bisturi ao coelho. Hazel se assustou, mas felizmente não foi a única. Beecham pegou um lenço para limpar o esguicho de sangue que tinha acertado sua testa.

— Repito. Se quiserem abandonar este curso, façam isso agora.

O garoto ao lado de Hazel parecia prestes a desmaiar. Ele empurrou a cadeira para trás e saiu correndo do salão.

— Mais alguém? Não? Ótimo.

Beecham tocou um sininho de bronze que tirou de trás do púlpito. Um assistente de avental entrou na sala, carregando uma caixa de coelhos. Por sorte, todos já estavam mortos. Os animais foram distribuídos entre os estudantes, junto a bisturis que pareciam ter anos de uso. Hazel tirou uma gota marrom de sangue seco do cabo do seu instrumento.

— Todos vocês receberam um coelho — disse Beecham. — Tomei a liberdade de matá-los por vocês. O semestre começa com anatomia, mas, até que mais homens comecem a desrespeitar as leis de Sua Majestade, a quantidade de cobaias humanas é limitada, sem mencionar o preço considerável. Sendo assim, para seu primeiro dia, temos coelhos. A tarefa será identificar e articular os principais órgãos: cérebro, coração, estômago, pulmões, bexiga, fígado, baço, intestino grosso e intestino delgado.

Beecham escreveu o nome de cada órgão com giz no quadro às suas costas e os grifou.

Hazel olhou para seu coelho, um ser magro e rígido com o pelo marrom manchado. O cheiro a lembrava do aroma na cozinha depois das caçadas de seu pai e George. Ela voltou a atenção para o dr. Beecham, que se encontrava impaciente e expectante.

— O que estão esperando? — dirigiu-se ele à turma. — Comecem!

A correria teve início de imediato. Os garotos ao redor de Hazel passaram o bisturi nos animais e começaram a arrancar suas entranhas. Hazel esperou um momento, examinando o coelho diante de si. Ela só levantou o bisturi quando conseguiu imaginar à perfeição todas as incisões que faria, o mínimo possível. Então cortou o animal.



— Terminei. Quer dizer, terminei, senhor.

Alguns dos garotos perto de Hazel ergueram a cabeça, incrédulos. Estavam cobertos de suor.

O dr. Beecham levantou a vista do jornal que estava lendo à mesa, na frente da sala.

— Todos os órgãos — instruiu ele. — Não apenas o primeiro da lousa.

— Eu sei, senhor. Tirei todos.

Beecham se levantou e caminhou devagar até a mesa de Hazel, onde ela havia removido de maneira metódica todos os órgãos requisitados e os disposto em fileiras organizadas ao lado do coelho estripado.

— Cérebro, coração, estômago, pulmões, bexiga, fígado, baço, intestino grosso, intestino delgado — recitou Hazel, apontando para cada um deles.

Beecham franziu o cenho, incrédulo.

— Qual é o seu nome, rapaz?

A boca de Hazel ficou seca.

— George. George Hazelton, senhor.

— Hazelton. Hazelton, creio que não conheço este nome. Seu pai é médico?

— Não, senhor. Ele serve na Marinha Real. Mas tinha interesse por filosofia natural, e estudei os livros dele.

— Os livros dele.

— Sim. Na verdade, foi com o livro do seu avô que mais aprendi. O *Tratado do dr. Beecham.*

O professor sorriu.

— Conheço bem. Você não poderia ter encontrado uma cartilha melhor. Classe, larguem seus bisturis. O sr. Hazelton superou todos vocês. — Ele se inclinou para examinar o que restava do coelho de Hazel. — Posso afirmar que, em todos os anos que dei esse curso, nenhum outro estudante conseguiu fazer cortes tão precisos e rápidos. Bravo.

Um garoto atrás de Hazel tossiu alto.

— *Lambe-botas* — disse, antes de tossir de novo.

Os estudantes ao redor dele riram. Hazel havia passado tempo suficiente com os irmãos para saber o que aquilo significava: que ela estava bajulando o professor. O garoto que tossiu tinha várias pintas proeminentes no rosto e longas costeletas, talvez para desviar a atenção das pintas.

— Basta, sr. Thrupp.

Thrupp revirou os olhos enquanto o dr. Beecham voltava à frente da sala.

— Agora, que tal todos se aproximarem do resultado do sr. Hazelton? — instruiu Beecham, começando a desenhar o diagrama de um coelho esfolado na lousa.

Hazel sentiu algo úmido e frio atingir sua nuca.

Era um coração de coelho, que caiu no chão atrás dela, com sangue ainda escorrendo. Os comparsas de Thrupp riram, e o rapaz abriu um sorriso sarcástico para ela. Hazel sentiu algo úmido escorrer de seu pescoço para a camisa.

Suas bochechas arderam, mas ela se forçou a manter o contato visual com o garoto enquanto baixava a mão e pegava o coração de coelho. Fitando bem nos olhos dele, Hazel ergueu o órgão e cerrou o punho com força, esmagando-o.

Os risos cessaram, e a garota se virou para escutar o restante da aula do dr. Beecham, satisfeita demais consigo mesma para se importar com os restos desagradáveis de sangue e vísceras entre seus dedos pelo que restava da tarde.

7 de outubro de 1817
Henry Street, 2
Bath

Minha querida Hazel,

Depois de uma viagem terrivelmente longa… horrível, o clima, apenas horrível… chegamos a Bath. O ar já está fazendo bem a Percy, mas o levarei às fontes termais de imediato como medida preventiva. Vai saber que doenças terríveis ele pode ter pegado por conta do ar ruim durante nossa jornada? Devemos permanecer aqui por alguns meses e, então, ir para o apartamento de Londres, onde você deve nos encontrar. Eu avisei a lorde Almont que espero que Bernard peça você em casamento ainda este ano, então, se possível, tente chegar a Londres noiva.

— Sua mãe, lady Lavinia Sinnett

P.S.: Espero que sua saúde tenha melhorado. Escreva se tiver alguma piora.

12

As semanas se passaram para Hazel em um torpor inebriado. Embora as tardes de sua infância gastas no chão do escritório do pai, memorizando o exemplar antigo do *Tratado do dr. Beecham,* tivessem lhe dado uma vantagem em relação aos outros estudantes no início, logo ficou evidente que ela precisaria absorver tudo na aula se quisesse ter alguma chance de passar no Exame de Medicina ao fim do semestre.

Ela tomava notas o mais rápido possível para acompanhar o ritmo das palestras do dr. Beecham, que saltavam do sistema linfático à estrutura esquelética e ao uso de sanguessugas na sangria moderna. Não foram poucas as vezes em que ele lembrou os alunos que as aulas só se tornariam mais difíceis, em especial depois que começassem a assistir a dissecações humanas. *Aquele* era o verdadeiro cerne do curso, pelo qual os estudantes haviam pagado a taxa: a chance de ver um profissional realizar a autópsia eficiente de um ser humano. Se os corpos eram obtidos através de enforcamentos públicos ou de ressurreicionistas, Hazel não sabia dizer. George tinha sido enterrado no cemitério da família perto de Hawthornden, então nunca tiveram que se preocupar com a ralé do centro da Cidade Velha, os homens que entravam nos cemitérios à noite, às escondidas, com pás para trazer os recém-sepultados de volta à superfície.

A princípio, Hazel teve receio de que seu disfarce não funcionasse, de que assim que os especialistas no corpo humano a vissem, com seu chapéu largo e a calça com caimento estranho que nem a bainha feita por Iona conseguiu resolver, identificariam com facilidade o que ela era: uma garota usando as roupas do irmão. Mas a sala de aula era escura, iluminada por tochas e velas, e seus colegas viviam tão focados nos próprios cadernos, fazendo anotações de maneira frenética para acompanhar as palavras de Beecham, que ninguém prestava muita atenção nela.

Quer dizer, ninguém além de Thrupp, o garoto com as pintas no rosto e o sorriso de javali pronto para atacar. Quando ficou evidente que Hazel… ou, melhor, George Hazelton… era de longe o melhor aluno da turma, Thrupp passou a aproveitar toda oportunidade de atormentá-la. Certa manhã, Hazel descobriu que sua tinta fora substituída por uma pequena poça de sangue. Na seguinte, havia um pedaço de cérebro cravado em sua carteira com um canivete. Mas nem Thrupp conseguia reunir energia suficiente para atrapalhar *de verdade* a vida de Hazel, pois também precisava se concentrar para acompanhar o material.

O Exame de Medicina se aproximava, mas havia outra ameaça muito mais imediata: apesar das boas-vindas iniciais, Beecham era fanático por expulsar da turma aqueles que ficavam para trás. No segundo dia de aula, um garoto esqueceu a pena e foi colocado para fora da sala. No quarto dia, dois garotos foram expulsos sem cerimônia do curso porque não conseguiram identificar os principais sistemas do corpo.

— Você aí! De colete azul. Cite os sintomas da febre romana, *Plaga romanus*. Também conhecida como "febre de pedreiro" ou "a doença". Pois bem? — gritara Beecham para um aluno na semana anterior.

O rosto do garoto tinha ficado branco de pavor. Hazel imaginou que aquela era a mesma expressão que alguém faria se tivesse acabado de perceber um leão correndo em sua direção em alta velocidade.

— Hã… é… então. Febre? — respondera o garoto, com a voz aguda.

Thrupp rira baixinho. O dr. Beecham tinha esperado o garoto continuar, a sobrancelha erguida com expectativa. Desesperado, o garoto olhara ao redor em busca de ajuda. Como não recebera nenhuma, o pobre rapaz havia se levantado da cadeira, feito uma reverência ao dr. Beecham e depois saído correndo da sala.

Quando o segundo mês de aulas começou, a sala — outrora cheia de alunos, que se trombavam e se acotovelavam para arranjar espaço nas carteiras — continha apenas doze estudantes.

Beecham parecia contente com tal desdobramento.

— Bom dia — cumprimentou ele, sorrindo, ao chegar. — O *crème de la crème* permanece. Teremos alguns bons médicos entre vocês, sem dúvidas.

Sob o chapéu, Hazel não conseguiu conter um sorriso.

Beecham deu a aula do dia sobre colocar ossos quebrados no lugar e os ligamentos das pernas, mas, quando os alunos estavam guardando suas anotações, ele ergueu a mão para que continuassem em seus lugares.

— Amanhã será um pouco diferente. Houve um enforcamento em Grassmarket ontem à noite, uma assassina, e tivemos a sorte de obter o corpo.

Houve um burburinho de euforia. Thrupp deu um soco jovial no braço do companheiro.

— Embora em geral eu espere termos avançado um pouco mais no seminário para fazer a dissecação humana, a carne fresca não obedece ao calendário de ninguém!



Impaciente e ansiosa demais para dormir, Hazel chegou à sala de aula no dia seguinte quase uma hora adiantada e a encontrou vazia. O púlpito do dr. Beecham tinha sido substituído por uma mesa longa. Hazel preparou a pena e o mata-borrão e esperou. Os estudantes foram chegando aos poucos, alguns sorrindo educadamente para ela, a maioria a ignorando. Dez minutos antes do horário da aula, dois assistentes entraram por uma porta lateral, carregando um volume coberto por um lençol. Eles o depositaram com cuidado sobre a mesa e tiraram o tecido.

Lá estava. O cadáver. A mulher poderia ter por volta de cinquenta anos, mas talvez tivesse apenas trinta. Era difícil precisar. Fios grisalhos se cacheavam em suas têmporas. O rosto estava muito enrugado e inchado, mas ainda assim, de algum modo, parecia sereno. Beecham havia dito que se tratava de uma assassina, mas nada em seu rosto indicava isso. Lá estava ela: uma criatura estranha, nua e desconhecida, à espera da lâmina que a cortaria como punição final por seus pecados.

Lá fora, os sinos da igreja ecoaram no horário de a aula começar. Mas Beecham, que toda manhã chegava antes de Hazel, não estava presente. Os estudantes ficaram inquietos em seus lugares.

— Talvez seja um teste — comentou Gilbert Burgess, um garoto nervoso de franja loira que nunca conseguia lembrar os nomes dos ossos da mão. — Talvez a gente deva dissecar o corpo. O doutor pode estar observando de algum lugar! Esperando para ver o que vamos fazer!

Thrupp inspirou por entre os dentes e disparou:

— Talvez você devesse enfiar algodão nos buracos da sua cara gorda, Burgess.

O garoto afundou na cadeira.

Hazel pigarreou e rebateu:

— Pelo menos conseguimos enxergar a cara de Burgess. Existe um nariz por baixo dessas suas marcas de varíola, Thrupp?

Os próprios capangas de Thrupp riram, até o garoto dar uma forte cotovelada na costela de um deles. Burgess abriu um sorrisinho grato para Hazel.

— Ei! — gritou Thrupp para Burgess. — Sorte a sua que esse garoto bonito resolveu protegê-lo. Você se acha algum tipo de cavalheiro com esses casacos forrados, Hazelton?

— Sim — respondeu Hazel, com a maior presunção masculina que conseguiu. — Eu me acho, sim. E as mulheres gostam bastante.

Burgess soltou uma gargalhada gutural, e Thrupp desistiu com um revirar de olhos.

Parecia mesmo que os alunos deveriam fazer *alguma coisa*. As batidas do relógio revelaram que dez minutos tinham se passado, e depois quinze. Hazel estava prestes a ir à sede da Sociedade de Anatomistas no fim do quarteirão para perguntar se o dr. Beecham teve algum imprevisto quando a porta dos fundos se abriu. Mas não era o dr. Beecham parado na soleira. Hazel identificou o homem por seu porte, pela capa e pelo bater da bengala no piso de madeira, antes mesmo de ver seu tapa-olho.

— Bom dia — cumprimentou uma voz áspera como cascalho úmido.

O dr. Straine avançou até a frente da sala e parou diante do corpo nu. Seu olho pousou em Hazel. Ele havia sido apresentado a Hazel. Sabia quem ela era. A garota tentou desaparecer sob a gola da camisa de George. Ela rezou a qualquer deus que lhe desse ouvidos para que o disfarce funcionasse.

O dr. Straine ergueu um bisturi e uma sobrancelha.

— Vamos começar.

13

— A ANATOMIA FEMININA... — declarou o dr. Straine, encarando Hazel — ... é peculiar. Esta mulher aqui foi enforcada ontem, às onze horas, em Grassmarket, pelo assassinato de um dos hóspedes de sua pousada. Ela parece pequena e fraca demais para ter sido capaz desse ato.

Alguns garotos da turma riram. Hazel não.

O dr. Straine limpou o bisturi no paletó.

— Meu nome é dr. Edmund Straine. Vou conduzir a parte anatômica de seus estudos daqui em diante. O dr. Beecham, por mais bem-relacionado e *famoso* que seja, prefere deixar essa parte do curso para mim. Como já devem ter percebido, ele não gosta de sujar as mãos. — Straine balançou os dedos no ar e fingiu colocar uma luva. — E imagino que seja difícil encontrar tempo para os estudantes quando se tem um calendário social repleto de compromissos como tomar chá e sessões de autógrafo. Porém, isso não importa. Como eu disse, enfim chegou a hora de aprenderem anatomia.

Thrupp bufou.

— Já aprendemos anatomia de sobra — retrucou o garoto.

O dr. Straine quase sorriu.

— Não. Vocês aprenderam teoria. O dr. Beecham é um excelente médico e um acadêmico muito erudito, mas receio que ele nunca tenha dominado a arte da cirurgia como eu. Sim, *arte*, sr. Thrupp: o equilíbrio delicado de entender que um corpo é ao mesmo tempo carne e veículo da alma, de sentir o zumbido sob sua lâmina... — O olho de Straine parecia ter se concentrado em algo longínquo, até ele balançar a cabeça e voltar a focar nos alunos. — Também suspeito que o dr. Beecham se acostumou aos salões elegantes de lordes e cavalheiros, então não quer feder a cadáver — alfinetou ele, com um sorriso irônico. — Sendo assim, duas vezes por semana, nas terças e quintas, estarei encarregado das aulas de

anatomia. As aulas do dr. Beecham serão voltadas para tratamentos e remédios. Saibam que não sou tão fácil de impressionar quanto meu estimado colega. E garanto que os detalhes de minhas aulas serão parte integral do Exame de Medicina no fim do semestre. Então, aqueles dentre vocês com um pingo de esperança de sucesso, prestem muita atenção.

Sem mais delongas, o dr. Straine levou o bisturi ao cadáver sobre a mesa e o deslizou do esterno ao umbigo.

A sala de aula sempre tinha um odor estranho: de sangue velho, de ferro e dos estranhos líquidos usados nos jarros com espécimes em conserva nas estantes. Mas o primeiro corte da dissecação de Straine libertou uma onda de cheiro terrível no ar. Vários estudantes se engasgaram, embora Hazel tenha conseguido engolir a bile que subiu à sua boca.

— Você aí — disse Straine, apontando para Gilbert Burgess com o bisturi ainda pingando. — Nome.

— Gilbert Burgess, senhor — respondeu o garoto, que estava esverdeado, sem sombra de dúvida.

— Quantas câmaras no coração, Gilbert Burgess?

O aluno tremia. Se fosse Beecham perguntando, Hazel tinha certeza de que ele teria respondido no mesmo instante. Mas havia algo em Straine… talvez o tapa-olho, a capa ou a expressão severa de sua boca… que o transformava em uma figura de terror.

— Er… seis, senhor? — tentou Burgess, a voz pouco mais que um sussurro estridente.

Straine bateu com tanta força no chão da sala que fez o piso todo tremer.

— Quem sabe? Mãos para cima, não sejam tímidos. Você, aí.

Ele apontou para Hazel, que percebeu, para a própria surpresa, que sua mão havia se levantado sozinha.

— George — apresentou-se ela, em voz baixa. — George Hazelton. São quatro, senhor. Ventrículo direito, ventrículo esquerdo, átrio direito e átrio esquerdo.

— Correto — sentenciou Straine, entredentes. — Continue, então, sr. *Hazelton*. Cite as quatro valvas do coração.

Hazel fechou os olhos e tentou se lembrar do diagrama nas páginas do *Tratado do dr. Beecham.*

— A valva aórtica, senhor. A valva tricúspide. A valva pulmonar e… e a valva bicúspide — concluiu ela, sorrindo. Alívio percorreu seu corpo.

— Muito bem, sr. Hazelton — disse Straine baixinho, embora seu tom talvez fosse sarcástico. — Por favor, levante-se e venha até a frente da sala.

Os pés de Hazel obedeceram e ela caminhou até chegar tão perto de Straine que conseguia sentir o cheiro dele: vinho do Porto e algo azedo, como limões estragados.

— Remova o coração, sr. Hazelton.

Hazel engoliu em seco, prendeu a respiração e obedeceu, evitando olhar para o rosto da mulher em cujo corpo sua mão havia acabado de entrar. Ela segurou o coração. Era frio, mais pesado do que ela esperava e tinha uma gosma viscosa.

— Agora — instruiu Straine —, identifique as valvas que você citou.

Hazel encarou o coração, um objeto estranho em tons de preto e roxo. Tinha uma forma peculiar e assimétrica. Era mais gordo de um lado do que do outro, e metade estava coberta por uma placa bege grossa. Era completamente diferente do desenho em linhas pretas precisas no livro de Hazel, tanto que ela nem sabia ao certo qual era a parte de cima.

— Não consigo, senhor — declarou ela por fim.

— *Não consegue?* — repetiu Straine, em um tom cruel. — Mas você as identificou com tanta habilidade quando estava sentado…

— É muito diferente ao vivo, senhor.

— Onde está a vesícula biliar, sr. Hazelton?

Hazel olhou para a confusão de vísceras dentro do corpo. Formas vermelhas e roxas inchadas, pressionadas umas contra as outras, tudo estranho e bulboso. Aquele era o estômago, ela conseguia identificá-lo… e aquele era o intestino grosso. E os pulmões. Mas as estruturas menores se perdiam no mar de carne em deterioração e inchada pelo gás da decomposição. A visão de Hazel se turvou e sua respiração ficou presa no peito apertado.

— Não sei ao certo, senhor.

— Que tal um mais fácil, então? O fígado.

Hazel se forçou a olhar outra vez para a barriga aberta do cadáver, mas o lugar onde ela achava que o fígado deveria estar se encontrava cheio de alguma outra coisa. *Talvez o intestino delgado?* E nada mais estava na posição certa. Ela ficou em silêncio, com o olhar fixo para baixo, por tanto tempo que risos começaram a soar na sala de aula. Hazel voltou a si de repente e constatou que todos a observavam.

— Não sei — respondeu ela por fim, com a voz baixa.

— Sente-se, sr. Hazelton.

Ela voltou a seu lugar com as bochechas ardendo.

— Que sirva de lição a todos vocês — afirmou Straine, com o olhar fixo em Hazel. — O que leram nos livros pode ajudar a se pavonear na sala de aula, mas não servirá de muita coisa quando estiverem diante de um corpo de verdade. Você pretende realizar operações em ilustrações de livros, sr. Hazelton?

— Não, senhor — murmurou Hazel.

Os lábios finos de Straine se contraíram. Ele não olhou para Hazel pelo resto da aula. Quando o sol havia se posto e Straine, por fim, os liberou, a mão de Hazel doía pelo esforço de tomar notas rápido o suficiente para acompanhar a lição. Ela pegou o caderno e se levantou para ir para casa, já fantasiando com o banho que Iona prepararia para ela em Hawthornden.

— *Sr.* Hazelton. — chamou a voz de Straine na penumbra. — Por favor, fique aqui um momento.

O coração de Hazel bateu forte no peito. Burgess lançou um olhar solidário a ela, mas se virou e saiu pela porta antes que Straine pudesse pedir que ele também permanecesse. Hazel tentou esconder o rosto entre a gola da camisa e a cartola. Nas semanas desde que ela começara a se vestir como George, ninguém notara o disfarce. (Thrupp a chamando de "garoto bonito" foi o mais próximo que alguém havia chegado, e bastou para fazer os pelos da nuca dela se arrepiarem.) Mas Straine a vira antes, na Residência Almont. Eles haviam sido apresentados. E algo de ferrenho em seu olhar dava a Hazel a impressão de que ele nunca se esquecia de um rosto.

— Você acha que tenho cara de idiota? — perguntou ele devagar, deixando cada sílaba se prolongar, depois que Hazel se aproximou tanto quanto se atrevia.

— Senhor? — indagou ela, com a voz rouca.

— Você acha que tenho cara de idiota? — repetiu ele, com a voz suave.

— Não, senhor… é claro que não — Hazel conseguiu dizer.

— Não sou fã de bailes de máscara, *sr. Hazelton*. Esse tipo de frivolidade só é possível aos ricos, aos aristocratas que não têm nada melhor a fazer com seu tempo que entreter uns aos outros com bobagens e comer até morrerem. Algumas pessoas têm que *trabalhar* para viver, sr. Hazelton, para ganhar a vida com disciplina, esforço, habilidade e… — sua mão apontou para o olho perdido — … sacrifício. Não dou aulas porque gosto de fazer a seleção entre um bando de estúpidos choramingões que querem brincar de médico nem porque acho muito gratificante demonstrar, ano após ano, os princípios mais *básicos* da anatomia. Dou aula por dinheiro, sr. Hazelton, e porque acredito ser meu dever educar os homens que de fato vão atuar como profissionais em minha cidade.

— Senhor…

— Vamos acabar com essa farsa agora, srta. Sinnett. Se, como afirma, você não me acha com cara de idiota, por favor, me explique por que acredita ser capaz de continuar a me enganar com tanta facilidade?

O sangue de Hazel gelou. Devagar, ela levantou os braços para tirar a cartola do irmão, revelando o cabelo preso por grampos.

— Uma brincadeira divertida para você, presumo.

Hazel olhou para a cartola enquanto falava.

— Senhor, sinto *muito* pela farsa, mas garanto que nunca encarei isso como uma brincadeira. Quero mesmo aprender anatomia e *quero mesmo* ser uma cirurgiã.

— Rá!

A risada de Straine fez tremer o esqueleto do animal pendurado no teto, mas nenhuma alegria se refletiu em seu olho.

Hazel corou.

— Se o senhor acha que só porque sou mulher sou incapaz de aprender…

Straine a interrompeu com uma risada fria.

— Então você me acha, *sim*, com cara de idiota, srta. Sinnett. Ora, que pena. Quase acreditei que você fosse mais inteligente que isso. Não, ao contrário de alguns de meus colegas deploráveis, eu não me recusaria a ensinar a rara mulher cuja mente fosse capaz de compreender filosofia natural e o estudo do corpo. É verdade que, de modo geral, o cérebro feminino é menor, mais suscetível à *histeria*

e à emoção, menos propenso à razão. Mas não há motivo para crer que um espécime do sexo feminino capaz de ser ensinado não possa existir.

Então havia uma chance! Seria uma oferta de paz? Existia alguma possibilidade de Straine ver Hazel como essa exceção? Talvez, se ela tirasse o disfarce e suplicasse perdão, pudesse continuar na turma. Ela abriu a boca para começar seu pedido de desculpa, mas, antes que as palavras se formassem, Straine continuou:

— Não, eu me recuso a ensinar mulheres por um motivo simples: não perco tempo nem energia com diletantes. Não há lugar para uma mulher praticar medicina em nosso mundo, srta. Sinnett, por mais triste que isso possa deixá-la. Outra consequência de crescer sem o brilho dos privilégios é que desde cedo nos tornamos capazes de dissipar fantasias e ilusões. Nenhum hospital vai contratar uma cirurgiã mulher, tampouco uma universidade. Ainda menos disposto, imagino eu, estaria um paciente a se submeter ao bisturi de uma mulher. Então você veio aqui sob o fingimento tolo de que *não* é sobrinha do *visconde Almont* e filha de um lorde, e de que *não* vai se casar com um filho igualmente frívolo da alta sociedade e dedicar o resto da vida a parir seus filhos e dar jantares. Estou equivocado, srta. Sinnett?

Hazel não sabia o que dizer. Straine continuou a encará-la. O rosto dele não tinha qualquer indício de bondade ou misericórdia. Era um rosto cruel, marcado por algo parecido com pena.

— Você pode até ter frequentado esse curso com boas intenções. Talvez tenha dito a si mesma que não era uma brincadeira e talvez até tenha acreditado nisso. Mas não perco meu tempo com estudantes que não serão médicos, independentemente do gênero. Para o seu azar, srta. Sinnett, seu sexo é um impedimento. Embora me pareça que sua inteligência também teria sido. Não coloque os pés em minha sala de aula outra vez.

Hazel sentiu os olhos se encherem de lágrimas, ficando quentes e vermelhos. Ela tentou contê-las, mas não conseguiu. Uma lágrima escorreu pela bochecha.

— Não tente segurar o choro por minha conta. As mulheres têm tanta dificuldade para controlar as emoções. Está dispensada, srta. Sinnett.

As lágrimas silenciosas ameaçaram se tornar soluços. O cérebro de Hazel se encheu de mil respostas… desculpas, insultos… mas todas se dissolveram quando ela tentou falar. A garota permaneceu imóvel como se tivesse sido aparafusada ao

chão, enquanto Straine voltou ao seu pergaminho para fazer anotações, trabalhando como se ela não estivesse presente. Hazel continuou parada pelo que poderiam ter sido apenas cinco segundos ou uma eternidade antes de sair correndo.

No trajeto de volta a Hawthornden, ela estava em estupor, atordoada pela vergonha, pelo constrangimento e pela raiva, tudo ao mesmo tempo. Foi apenas quando chegou em seu quarto, quando retirou as roupas de George e as jogou do outro lado do cômodo, que seus soluços enfim escaparam do peito. Ela se deixou cair de lado, vestindo só a *chemise*, e chorou.

14

Hazel ainda não tinha saído do quarto quando o sol já estava a pino. O cômodo estava quente e abafado. Ela havia suado durante a noite, o que fez a *chemise* grudar no corpo. Iona havia deixado chá e torrada em uma bandeja perto da porta, mas era impossível saber quanto tempo se passara desde então. O bastante para o chá ter esfriado e a torrada, amolecido. Hazel se forçou a se sentar, soltando um gemido, enquanto as memórias do dia anterior voltavam com tudo. Foi o olhar do dr. Straine que ela recordou acima de tudo. Era uma expressão que ela não conseguia desvendar. Na hora, havia achado que talvez fosse pena, mas, ao recordar, parecia ressentimento. Ele se ressentia de Hazel e de tudo que ela representava, simples assim.

Era compreensível, não? Quem era ela, afinal? A filha rica de um lorde respeitável e capitão da Marinha Real, sobrinha de um visconde e a futura noiva de seu herdeiro. Ela tinha uma mãe negligente, o que permitiu que nutrisse seu fascínio infantil por fisiologia enquanto lady Sinnett se focava em proteger o herdeiro, e um pai ausente que deixou uma biblioteca em casa. Por mais que Hazel lesse, por mais que tivesse talento para o estudo do corpo, o dr. Straine tinha razão.

Seu futuro consistiria em frequentar bailes em Londres e escolher cardápios para os convidados do marido na Residência Almont. Se seu marido permitisse, ela poderia organizar um evento e convidar pensadores proeminentes para visitá-los, mas seriam *eles* os homens de grandes ações e descobertas. Seriam os convidados dela que trariam histórias e ideias. Hazel ficaria sentada em um divã, ouvindo. Aquele era o mais próximo que ela chegaria do mundo da ciência: estaria na borda da bolha, autorizada a ouvir, servir chá, sorrir de maneira resoluta e oferecer suas opiniões apenas se estivessem disfarçadas de gracejos inofensivos. Seu caminho era finito e predeterminado. Ensinar anatomia a ela seria como ensinar um porco a ler antes do abate.

Hazel olhou para o canto do quarto que considerava sua pequena biblioteca científica e laboratório: o divã ao lado da sacada, invisível sob pilhas gigantescas de livros que ela trouxera do escritório do pai. Ali havia o *Tratado do dr. Beecham*, é óbvio, mas também *Estudos modernos de química: Uma história da medicina real na prática*, assim como *Remédios caseiros, 1802*. Era naquele canto que Hazel guardava seus cadernos — pilhas deles, com anos de anotações, em sua maioria bobagens, deviam ser até ilegíveis — e seus espécimes favoritos. Havia borboletas fixadas em tábuas com agulhas de costura, suas asas estendidas. Havia um falcão taxidermizado na cornija da lareira, presente de um primo distante para George, que ficou muito feliz em dá-lo para a irmã ao ver como ela contemplava o animal. Era o bico que Hazel não conseguia parar de admirar. A ave estava morta (e, para ser sincera, empalhada de maneira medíocre), mas seu bico era monstruosamente afiado, como se o falcão pudesse descer da cornija a qualquer momento e dissecar um camundongo para o jantar.

Naquele momento, tudo parecia patético. Os livros, os espécimes que ela reunira, as ervas medicinais que colhera do jardim e catalogara com tanto esmero, os cadernos… Bastava olhar para Hazel se sentir enjoada. Antes que pudesse se dissuadir, ela saiu de baixo das cobertas, caminhou até seu laboratório, pegou uma borboleta aprisionada dentro de uma caixa de vidro e a atirou no chão.

O coração de Hazel bateu forte. Foi uma sensação boa, destruir algo. A garota repetiu o gesto com outra caixa, contendo um escaravelho que o pai havia trazido para ela. A caixa se estilhaçou, os cacos de vidro brilhando como pedras preciosas no carpete. Hazel empurrou uma pilha de livros com o braço e os jogou no chão. Arrancou punhados de páginas dos cadernos. O vidro quebrado estava por toda parte, espetando seus pés e, embora ela conseguisse ver as gotas de sangue brotando nas pernas, Hazel mal sentia dor. Suas orelhas zumbiam com um eco de uma risada que ela percebeu, com espanto, ser sua.

Era tudo inútil, despropositado, insensato. *Humilhante.* Ela tinha se sentido tão orgulhosa ao recriar o experimento de Galvini que Bernard descrevera, tão orgulhosa por realizar um *truque de mágica*. Não era algo *novo* nem *útil* para ninguém. Ela não contribuíra com nada para o mundo. Só tinha feito um sapo dançar para seu próprio divertimento. Na verdade, ela mesma era o sapo dançante. *Que divertido! Olhem, rápido, venham ver: uma mulher que gosta de ler sobre sangue e*

tripas! Paguem dois pennies*, entrem, ela até fingirá que vai se tornar uma cirurgiã um dia! Não se preocupem se ela manchar as saias de bile, uma de suas criadas limpará. O pai comprará outro vestido para ela. Por mais meio* penny*, você poderá vê-la usando um paletó masculino!*

Hazel continuou a rasgar seus livros até estar com os braços cheios de páginas amassadas. Então abriu a porta da sacada aos chutes e, sem pensar duas vezes, lançou as folhas por cima do corrimão, até a ravina lá embaixo.

As páginas se separaram no ar, algumas sopradas pelo vento. Por um momento, elas ficaram suspensas, voando como um bando de pássaros feridos. E então caíram. Hazel observou até todas desaparecerem sob a copa das árvores.

Ela voltou ao quarto e viu com novos olhos o estrago que tinha feito. O local estava coberto de cacos de vidro, pedaços de insetos e penas. Um pote de tinta foi derramado em seu robe, e uma mancha preta como petróleo subia pela barra. O exemplar do *Tratado do dr. Beecham* estava aberto na representação de um busto de David Hume.

Iona parou no batente, seu rosto uma máscara de choque e pavor.

— Senhorita!

— Desculpe, Iona — disse Hazel, retirando com cuidado uma pena que havia se cravado como uma flecha em um retrato de seu tataravô. — Você deve ter ouvido um barulho terrível lá embaixo.

— Seus pés, senhorita!

Hazel olhou para baixo e entendeu por que Iona parecia tão horrorizada. Seus pés estavam cobertos de sangue, como se ela estivesse usando um par de meias vermelhas.

— Não dói tanto. Vou lavar os pés na banheira e ficarei bem. E vou arrumar tudo isso. Desculpe. Devo ter… perdido a cabeça por um momento.

Iona roeu a unha com nervosismo.

— Senhorita, seu… quer dizer, lorde Bernard Almont veio vê-la. Ele está à porta.

— Bernard? Agora? Por quê?

— Não sei, senhorita.

Hazel se examinou diante do espelho. Ela ainda vestia a *chemise*, que estava grudada em algumas partes do corpo pelo suor. O cabelo se encontrava meio solto

e desgrenhado, sem chapéu, cheio de nós, empapado e amassado pelo sono. As mãos estavam sujas de tinta e sangue e com arranhões, como os provocados pela ponta de uma pena de escrever.

— Por favor, diga a Bernard… hã, a Sua Senhoria que estou indisposta no momento e que o visitarei mais adiante esta semana.

— Sim, senhorita — respondeu Iona, saindo correndo do quarto com um último olhar pesaroso para a bagunça no canto.

Hazel suspirou e endireitou uma cadeira que havia caído de lado. Os murmúrios baixos da voz doce de Iona ecoaram do térreo. Hazel ouviu a reação áspera de Bernard, embora não conseguisse entender as palavras, e depois passos.

Iona voltou, anunciando:

— Ele insiste em vê-la, senhorita.

As duas trocaram um olhar.

— Certo — concordou Hazel, resignada. — Creio que não temos tempo para um banho, mas posso ao menos escovar o cabelo enquanto encontramos um par de meias limpas.

As duas trabalharam com afinco para deixar Hazel o mais apresentável possível. Depois que a jovem arrancou meia dúzia de estilhaços de vidro das palmas das mãos, Iona a ajudou a vestir suas luvas mais grossas, de um marrom escuro que não revelaria caso algum dos arranhões começasse a sangrar. Depois de quinze minutos e de grandes esforços, Hazel parecia… não exatamente *bem*. Ela ainda tinha olheiras escuras de tanto chorar, e sua pele estava pálida. O cabelo, que teria exigido ao menos uma hora de escovação cuidadosa para ficar apresentável, estava escondido embaixo de um dos chapéus de que Hazel menos gostava. Mas ela parecia *humana* e, pelo menos, bem o suficiente para encontrar o primo, um garoto que a havia visto se jogar nua na lama quando eles eram crianças.

— Bernard — cumprimentou Hazel ao chegar no alto da escada e vê-lo lá embaixo —, a que devo o prazer de sua companhia?

— Você poderia pedir desculpas por me deixar esperando — respondeu Bernard, concentrado na própria abotoadura.

Hazel franziu o cenho.

— Está bem, então. Desculpe, Bernard.

Ele estufou o peito. Usava um casaco que ela nunca tinha visto antes, com um tom vivo de azul-claro, combinado com um colete amarelo e uma calça da mesma cor. Se houvesse alguma chance de Bernard ter lido aquela obra, Hazel acharia que ele havia se fantasiado de Jovem Werther. Ele segurava um buquê de lírios brancos com um laço.

— Para você — ofereceu ele, empurrando as flores para ela. — Fui informado no mercado que representam pureza. E devoção. Meu pai comentou que você tinha adoecido.

Hazel se forçou a sorrir e levou os lírios ao nariz para cheirá-los, como era esperado. *As mulheres no mercado mentiram para você,* ela quis responder. *Disseram o que foi preciso para fazer a venda. Viram seu casaco azul chamativo e perceberam que você não saberia que lírios brancos são flores fúnebres.*

— São lindas. Obrigada.

O peito de Bernard se estufou ainda mais.

— Então, como está se sentindo? Continua mal?

— Você sabe que minha mãe exagera quando se trata da saúde de Percy. Passei uma tarde com um resfriado, e ela o levou ao campo para garantir o bem-estar dele.

— Fico aliviado em ouvir isso — disse Bernard, aprumando-se. — Não sobre sua mãe. Que você está se sentindo bem. — Ele pigarreou e então continuou: — Vim perguntar se você gostaria de dar um passeio comigo pelos Jardins de Princes Street hoje.

Dessa vez, Hazel nem conseguiu fingir entusiasmo. Ela pensou na bagunça que havia deixado no quarto, nos cacos de vidro e nas páginas rasgadas que representavam os esforços em vão de sua juventude. Quando abriu a boca, a primeira coisa a sair foi uma risada sarcástica gutural.

— Você deve estar de brincadeira — comentou ela.

Pela reação de Bernard, parecia que Hazel tinha entornado um bule de chá quente em sua camisa.

— Eu… não creio… — balbuciou ele.

— Espere. Desculpe, não foi isso que quis dizer. É só que…

… minha vida inteira desmoronou, todo o meu esforço foi em vão e, ainda por cima, estou coberta de sangue…

— … ainda estou *um pouco* resfriada. Não estou bem o bastante para um… passeio.

Bernard a observou de cima a baixo com um olhar crítico.

— Bom, você parece mesmo um pouco pálida.

Um caco de vidro perfurou o calcanhar de Hazel dentro do sapato. Ela mordeu a língua para não gritar.

— Bom, se era só isso — comentou ela entredentes —, receio que devo encerrar nossa visita.

Bernard pareceu surpreso.

— O quê?

Uma pontada de dor subiu pela panturrilha de Hazel.

— Peço desculpas, primo, mas preciso que saia agora.

Uma sombra perpassou o rosto de Bernard, uma expressão sinistra que Hazel nunca tinha visto antes. Seu primo, quase sempre jovial e bem-humorado, havia crescido, e ela não notara. O maxilar dele tinha se tornado mais afilado, a sobrancelha mais baixa, a boca mais tensa.

— Então, para deixar claro: você está *recusando* meu convite para um passeio.

— Bernard, sinto muito, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar do que caminhar pelos Jardins de Princes Street, fingindo estar interessada no que você tem a dizer.

A resposta saiu muito mais cruel do que Hazel pretendia, mas as palavras fugiram de sua mente e escaparam pela boca.

Bernard parecia ter levado um tapa. Ele ficou boquiaberto como uma truta por alguns instantes, antes de conseguir unir os lábios.

— Presumo que verei você no baile, ao menos? — perguntou ele por fim.

O baile dos Almont era um evento anual em Edimburgo, uma oportunidade para lorde Almont ostentar suas aquisições de arte mais recentes e para as mulheres ostentarem seus vestidos mais caros.

— Sem dúvida, Bernard — disse Hazel em tom melancólico.

— Bom, nesse caso, creio que não tenhamos mais nada a discutir. Desejo um bom dia a você, então, prima.

Bernard se foi com um giro do casaco azul. Charles, em choque, fechou a porta depois que ele saiu.

— *Argh*. Finalmente! — exclamou Hazel, jogando os lírios em uma mesa de canto e arrancando os sapatos e as meias. Ela massageou o pé massacrado. — Vou precisar de um banho quente para tirar esse vidro. Desculpe de novo pela bagunça, vou arrumar assim que estiver, bem, inteira de novo. Francamente, que audácia a dele, chegando assim sem avisar e agindo como se eu tivesse cometido um pecado por não querer *dar um passeio* com ele. O que é um "passeio", afinal? Nada além de andar mais devagar que qualquer caminhada humana natural para exibir sua roupa nova para as pessoas, que por sua vez estão distraídas porque só querem exibir a *própria* roupa nova. É um exercício inútil de egocentrismo que nem *funciona* porque são todos egocêntricos demais para proporcionar a admiração de que os outros necessitam tão desesperadamente. E até parece que Bernard precisa ficar dando voltas pelos jardins feito um animal em exibição para as pessoas notarem suas roupas. Aposto que daria para ver aquele casaco azul de Glasgow. Aaai, consegui. — Hazel tirou com as unhas um caco de vidro muito dolorido. — Charles, traga-me uma bacia, por favor? Preciso me livrar desses cacos antes que entrem no meu outro pé.

Charles, que permanecia em silêncio ao lado da porta, obedeceu. Iona se aproximou, roendo a cutícula do polegar.

— Se me permite, senhorita? É possível que a senhorita, talvez, tenha sido *um pouquinho* dura com ele.

Hazel umedeceu o polegar e o passou em uma mancha vermelha na perna. A cor saiu. Que bom. Era apenas sangue seco, um arranhãozinho.

— Dura? Ele é um homem, não é? Tem o mundo inteiro a seus pés. Acho que consegue lidar com a minha recusa de um *passeio*.

— Mas ele é seu noivo — argumentou a criada, com os olhos baixos.

— *Ainda não*. Por mais que minha mãe queira que isso seja verdade, para se livrar de mim de uma vez por todas.

Iona engoliu em seco e enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

— Então, talvez a senhorita devesse ser mais doce com ele, para garantir que…

— Ah, Iona, faça-me o favor. Tenho a vida inteira pela frente para ser doce com Bernard, se ele quiser. Não posso ter uma única tarde para lamentar o meu futuro?

Charles trouxe a bacia, e os três voltaram ao quarto de Hazel para começar o trabalho lento de desfazer o estrago que ela causara no auge de sua frustração.

— É uma pena jogar todas essas coisas bonitas fora — comentou Charles, pegando um besouro que havia caído da caixa.

Hazel pegou o besouro dos dedos dele e o ergueu contra a luz. O animal era preto, mas, onde o sol da tarde o iluminava, brilhava em um azul iridescente.

— Não vamos jogá-las fora, Charles. Vamos apenas varrer o vidro e guardar os espécimes de volta. Amanhã vou colocá-los em placas novas.

— Muito bem.

Hazel observou Charles enquanto ele varria o chão. Então observou Iona observando Charles, e benevolência se ergueu como uma maré em seu peito.

— Sabe — comentou ela —, Bernard não estava errado sobre este ser um lindo dia para um *passeio*. Posso terminar de arrumar o resto sozinha. Por que vocês dois não vão aos jardins? Usem uma das carruagens.

Os dois criados fitaram Hazel com espanto.

— Aos Jardins de Princes Street, senhorita? — perguntou Charles.

— Juntos? — perguntou Iona.

— Com certeza — respondeu Hazel, veemente. — Ora, está frio, então lembrem-se de levar casaco e cachecol… mas está sol, e só Deus sabe como isso é raro nessa parte do mundo.

A expressão de Iona alternou entre pavor e encanto. O efeito lembrava uma criatura da floresta adorável mas ensandecida.

— A senhorita tem certeza de que vai ficar bem sozinha? Sem mim?

— Iona, sem querer menosprezar seu serviço impecável, mas com certeza consigo ficar sozinha por uma tarde. Posso até dar uma volta na ravina.

— Um *passeio*? — sugeriu Iona, com um brilho travesso no olhar.

— Engraçadinha.

— Você ficará bem sem acompanhante? Mesmo na ausência da sua mãe, eu me preocupo… sabe, é uma questão de aparências.

— Iona, já faz semanas que vou a Edimburgo sem acompanhante.

— Ah — soltou a criada. — Eu me esqueço quando você está vestida como George.

— Andem logo, antes que fique tarde. Vou pedir à cozinheira que deixe o jantar de vocês preparado, caso demorem a voltar.

O sorriso de Charles poderia ter acendido todos os candeeiros de Hawthornden ao mesmo tempo. Os dois se levantaram e foram sem jeito até a porta, cada um tentando ser gentil e deixar o outro passar na frente, até Charles fazer uma reverência e Iona passar primeiro e, então, tropeçar nas próprias rendas.

— Cuidado! — exclamou Charles, tocando o ombro dela com delicadeza.

Levou meia hora para Hazel terminar a arrumação da bagunça em seu laboratório amador, reunindo e alisando os papéis que não havia atirado da sacada e pressionando-os entre capas de livros para alisar os vincos. As emoções suscitadas pelo confronto com Straine pareciam muito menores agora, mais distantes, como se tivessem se encolhido até ficarem pequenas o suficiente para Hazel depositá-las metodicamente em uma caixa de chapéu e esquecê-las no fundo do armário.

Ela ouviu alguém cantarolando na cozinha e sentiu o cheiro vindo de lá. A cozinheira estava fazendo torta de peixe, uma das preferidas de Hazel, e ninguém era capaz de fazer jus ao prato como ela. A garota entrou na cozinha e encontrou a mulher virando um monte de purê de batata em um prato gigantesco. Uma panela de molho branco estava em fogo brando.

A cozinheira sorriu ao ver Hazel.

— Minha mão está como nova — anunciou ela com orgulho, estendendo a palma cujo corte Hazel havia costurado. — Nem um pouco de pus… vou lhe contar a verdade, eu estava um pouco preocupada, mas não queria incomodar a senhorita, que andou tão ocupada esses dias. Sua *doença* e tudo mais.

O sorriso da cozinheira revelou o espaço entre seus dentes, e Hazel não pôde conter o próprio sorriso.

— Não tendo pus está ótimo. Venha, deixe-me ver.

O corte, que tinha sido profundo, agora era apenas uma linha fina e cor-de-rosa, bordada pela costura de Hazel.

— Acho que já consigo retirar os pontos.

— Tomei muito cuidado com eles, para não deixar que se forçassem ou esticassem.

— Está uma maravilha. Cicatrizou perfeitamente.

Hazel tirou um grampo do cabelo e, erguendo a mão da cozinheira à luz do fogo, puxou cada ponto devagar. A mulher se crispou e desviou o olhar, mas os

dedos de Hazel foram ágeis, e o trabalho estava acabado antes que a mulher tivesse a chance de dar um gritinho sequer.

— Pronto — disse Hazel. — Creio que nem vá deixar uma cicatriz. No máximo, uma pequena.

— Eu não seria uma cozinheira sem cicatrizes na mão, senhorita.

— Bom, espero que se contente com uma a menos. Vim aqui para pedir que guarde pratos para Charles e Iona. Eles talvez fiquem fora até tarde. Falei que podiam ir aos Jardins de Princes Street juntos.

A cozinheira bateu palmas.

— Ah, que ótimo!

Susan, a copeira, largou uma pilha de pratos na pia com estardalhaço.

— Já não era sem tempo! — Ela bufou. — Vivo falando para aquele rapaz fazer alguma coisa. Ele passa o dia todo olhando para ela com cara de bobo. Chega a ser uma surpresa que consiga fazer o próprio trabalho.

O calor da cozinha, a simpatia da cozinheira, o fogo, o cheiro da torta de peixe… Tudo aquilo tomou conta de Hazel e expulsou os sentimentos ruins da manhã e do dia anterior. Suas mãos foram firmes e aptas com a agulha e o grampo, retirando os pontos com cuidado. Ela tinha gostado da sensação de competência, de ver o ferimento da cozinheira, saber como tratá-lo e, então, conseguir tratá-lo. Talvez ela tivesse sido tola ao pensar que havia uma chance de trabalhar como cirurgiã na esfera pública, mas talvez tivesse sido igualmente tola em fingir que seria inútil aprender todo o possível naquele meio-tempo. Quando se casasse com Bernard, ela deixaria Hawthornden, bem como seu laboratório improvisado e os livros do pai. Ela partiria para a Residência Almont levando apenas seu enxoval e sua mente. Com a mãe e Percy em Bath e o pai no exterior, talvez aquele fosse o último período de sua vida em que ela teria a oportunidade de assistir a aulas sem ser descoberta. Talvez houvesse uma solução.

— Você poderia deixar um prato quente para mim também? — pediu Hazel. — Tenho que resolver algo em Edimburgo e talvez demore a voltar.

15

A PLACA FOI PREGADA na porta de carvalho gigantesca do Le Grand Leon em uma manhã gelada de novembro, pelo sr. Arthur, que se certificou de que o aviso estava reto antes de suspirar e voltar para dentro do teatro.

— Então é verdade? — perguntou Thomas Potter, o ator principal.

Sua boca estava tensa, pressionada em uma linha reta. Ele olhou para Isabella por cima do ombro, que estava às costas dele, observando o diálogo com nervosismo por trás de uma cortina de cabelo loiro.

— É — confirmou o sr. Arthur. — E, com o estado da cidade, sabe-se Deus quando reabriremos para a próxima temporada, então é melhor vocês começarem a procurar outras formas de ganhar a vida.

Isabella puxou o paletó de Thomas.

— Thom, o que vamos fazer em relação a…?

Ele se virou para ela.

— Vamos dar um jeito. Eu vou dar um jeito — respondeu Thomas, beijando o topo da cabeça dela com ternura.

Jack estava sentado nos caibros, ouvindo tudo. Fazia dias que ele vinha ouvindo as conversas entre o sr. Arthur e o dono do teatro, entre o dono do teatro e a coreógrafa. Na última semana, o espetáculo vinha sendo apresentado para fileiras de assentos quase vazias, o veludo vermelho desgastado acumulando uma camada fina de poeira. Era arriscado demais para os ricos se aventurarem até o teatro com a ameaça de uma peste. Então, eles ficavam em casa. E, por isso, ao menos por enquanto, o Le Grand Leon estava fechando as portas.

— Você pode ficar, Jack — disse o sr. Arthur no dia seguinte, quando todos os atores haviam ido embora, entregando ao garoto um molho pesado de chaves de latão. — Na verdade, eu adoraria que você ficasse. Afugentaria ladrões. Não posso pagar muito… nada, na verdade… mas, se você precisar, teria um teto sobre a

cabeça. Vai ser bom ter alguém para manter esse lugar em ordem. Caso, você sabe…

— Caso o quê? — perguntou Jack, aceitando as chaves.

O sr. Arthur sorriu com tristeza.

— Caso o teatro reabra na próxima temporada — respondeu ele.

O homem deu um tapinha cordial no ombro de Jack e avançou pelo corredor rumo ao saguão, deixando o garoto sozinho em um teatro cheio de ecos e fantasmas.

Jack precisaria roubar mais um corpo em breve se quisesse comer.

16

Hazel tinha a expectativa de que a porta principal da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo daria direto da rua para o anfiteatro cirúrgico, que ela conhecia apenas do local debaixo das arquibancadas. Mas, em vez disso, após ela erguer e soltar a aldrava de latão sobre a porta, um lacaio de peruca empoada a convidou, com a maior cortesia, a entrar em um cômodo elegantemente decorado que parecia um salão sofisticado ou um clube de cavalheiros. Uma chama laranja-viva ardia alegremente, e seu crepitar era o único som no cômodo silencioso, onde cerca de dez homens de bigode estavam espalhados em sofás de veludo, bebendo conhaque e lendo jornais.

Uma parede inteira do salão era ocupada por cabeças de animais empalhadas. Havia zebras, rinocerontes, um leão e um elefante coberto de cicatrizes, embora suas presas de marfim tivessem sido removidas. A parede oposta era tomada por estantes tão altas que exigiam uma escada deslizante para alcançar os volumes nas prateleiras superiores. Hazel tentou dar uma olhada nos títulos, mas a maioria estava desbotada demais para ler. Os volumes na parte inferior da estante eram todos em latim.

A lareira deixava o salão incrivelmente quente, e Hazel resistiu ao impulso de puxar a anágua e afrouxar o espartilho. As semanas usando as roupas antigas de George a haviam feito se esquecer de como as camadas de tecido dos trajes femininos eram sufocantes, ainda mais quando se vestia para parecer o mais refinada possível. Como era o caso naquele momento. Ela havia se vestido como se fosse um soldado se recobrindo de camadas de armadura, com toda a proteção que poderia ser conferida a ela por sua riqueza e bom gosto. O vestido elegante era azul, com uma barra preta de veludo e bombazina. Um laço lavanda prendia a gola ao pescoço. Ou seja, Hazel parecia uma mulher prestigiada da sociedade de Edimburgo e, embora o lacaio da Sociedade de Anatomistas pudesse ter se

questionado em segredo por que ela não contava com um acompanhante, ele tinha uma posição baixa demais para questionar ou recusar a entrada dela. Ser mulher havia fechado muitas portas para Hazel Sinnett, mas também revelado uma ferramenta valiosa em seu arsenal: mulheres eram quase sempre ignoradas por completo, o que lhes dava o poder da invisibilidade. As pessoas *viam* as mulheres, viam os vestidos que usavam em passeios públicos pelo parque e as luvas que repousavam nos ombros dos pretendentes no teatro, mas mulheres jamais eram consideradas *ameaças.* Jamais eram consideradas desafios dignos de atenção. O lacaio poderia ter recusado a entrada de uma pedinte e até de um homem estranho ou estrangeiro, mas Hazel, vestida com riqueza, poderia passar por ele se o fizesse de maneira apressada e fingisse confiança. E foi o que ela fez.

O dr. Beecham estava sentado sozinho a uma pequena mesa, com uma xícara de chá forte fumegando ao seu lado e livros e papéis espalhados ao redor. Um grande casco de tartaruga servia como peso de papel. Mesmo com o calor do fogo que irradiava da lareira, ele usava o paletó de sempre com a gola erguida até o queixo.

— Olá, dr. Beecham? — cumprimentou Hazel, baixinho.

Alguns dos cavalheiros mais próximos resmungaram com a interrupção, antes de retomarem sua leitura.

O dr. Beecham terminou de fazer uma anotação e, em seguida, devolveu a pena com cuidado ao tinteiro.

— Eu já tive o prazer de conhecê-la? Por favor, perdoe-me se já fomos apresentados. É uma pena, mas minha memória não é a mesma de antigamente.

— Essa é… uma pergunta interessante, dr. Beecham. Eu sou… Meu nome é Hazel Sinnett — explicou a garota, tirando o chapéu e afastando os cachos do rosto. — Mas o senhor me conhece como…

— George Hazelton — completou Beecham, levantando-se e estendendo a mão.

Hazel a apertou, perplexa.

— Sim, claro. Straine comentou… Mas estou me adiantando. Srta. Sinnett, por favor, sente-se. Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

Atônita, Hazel se sentou à frente de Beecham. (Os cavalheiros mais próximos riram com escárnio quando ela fez isso, mas retomaram a leitura ainda mais

rapidamente do que antes.)

— Fascinante — comentou Beecham, encarando o rosto dela como se conseguisse ver os ossos e músculos sob a pele. — Não sei como não a reconheci de imediato. Absolutamente fascinante. As roupas vieram de… alguma loja? Um alfaiate?

— Eram do meu irmão. — Então, antes que pudesse se conter, Hazel acrescentou: — Ele morreu.

Uma sombra perpassou a expressão de Beecham.

— Meus pêsames. Meus mais sinceros pêsames. Eu tive um filho que… — Ele olhou para além de Hazel por um momento, depois balançou a cabeça. — Não importa. É um prazer enfim conhecê-la pessoalmente, srta. Sinnett.

— Então, espere um segundo. O senhor…? — começou Hazel, mas então mudou de ideia. Ela piscou algumas vezes. — Então o senhor não está bravo comigo?

O dr. Beecham abriu um sorriso solidário.

— Não, confesso que não estou bravo com você. Talvez um pouco desapontado com minhas próprias habilidades de observação, mas… não, não. Não estou bravo. Interessado, na verdade.

— Interessado?

— Em você. Enquanto espécime. É muito raro encontrar uma mulher com o seu interesse pelas ciências naturais. E ainda mais raro, devo dizer, com o seu talento. Conte-me: a senhorita sempre se interessou por anatomia?

E assim, enquanto uma xícara de chá era colocada à sua frente e Hazel se acomodava na poltrona de veludo surpreendentemente confortável, ela se viu admitindo tudo para o dr. Beecham. Contou a ele sobre a infância solitária cercada pelas paredes cinzentas de Hawthornden, escondida no escritório do pai lendo livros de medicina e alquimia à luz de velas até muito além da hora de dormir. Falou sobre o pai no exterior e a mãe distante, vivenciando um luto perpétuo, obcecada pela saúde do irmão caçula, o novo herdeiro. Desde que aprendera a escrever o próprio nome, Hazel queria estudar o corpo humano, aprender as leis que o regiam, entender como controlar esse invólucro estranho que continha a alma. Ela havia percebido como o corpo era frágil quando ralou o joelho na

infância e viu o sangue brotar debaixo de suas meias. Passaria, então, horas traçando as finas veias azul-esverdeadas sob a pele.

Beecham escutou com atenção, acrescentando mais açúcar na própria xícara e assentindo enquanto Hazel falava.

— E foi assim que fui parar em suas aulas de anatomia — concluiu ela.

Hazel não havia comentado que se infiltrara no anfiteatro cirúrgico para ver Beecham realizar a demonstração com o *ethereum* milagroso. Não havia necessidade de colocar aquele garoto em maus lençóis.

— Juro que foi sem qualquer maldade e tampouco com intenção de zombar do senhor. Eu apenas não consegui pensar em outra forma de assistir às aulas. Por favor, se me permitir continuar na turma, vou me esforçar mais que qualquer estudante que o senhor já ensinou e aprender com mais diligência. Se o senhor puder conversar com o dr. Straine, convencê-lo a me permitir continuar meus estudos… serei discreta, se precisarem, e vou, *sim*, encontrar uma forma de trabalhar como médica. Ainda não sei como, mas vou. Seus ensinamentos não serão em vão. Juro que darei um jeito de passar no Exame de Medicina, e serei um orgulho para seu curso, tenho certeza disso.

Hazel estava sem fôlego quando parou de falar. Sua boca tinha agido mais rápido que seu cérebro.

Beecham acrescentou mais açúcar a seu chá e tomou um gole, pensativo. Ele fez uma careta e acrescentou outra colher.

Então, para a surpresa de Hazel, uma pequena cabeça de couro surgiu do casco de tartaruga sobre a mesa.

— Ah, olá, Galen — cumprimentou Beecham.

Ele deu à tartaruga um pedacinho de biscoito e acariciou o casco de maneira distraída, antes de voltar a atenção a Hazel, dizendo:

— Sabe, não compartilho das mesmas *noções* sobre médicas mulheres que nosso amigo, o dr. Straine. Quando se vive por tanto tempo quanto eu, minha cara, você aceita novidades onde quer que elas surjam e, sem dúvida, a senhorita é uma novidade.

O dr. Beecham não devia ter mais do que cinquenta anos, mas Hazel entendeu o que ele queria dizer.

— Então… — começou a garota devagar — … posso continuar em seu curso?

Beecham pigarreou e fez sinal para um garçom trazer um bule cheio.

— Infelizmente, se o dr. Straine se recusa a permitir que a senhorita assista às demonstrações dele, não há nada que eu possa fazer. Quando ele falou comigo no outro dia, eu tentei sugerir que uma mente excepcional para a medicina poderia, sim, vir na forma feminina, mas, ora… É um velho teimoso.

— Mas, sem dúvida, como *diretor* do curso, como companheiro de trabalho… Tendo seu avô como fundador da sociedade, sem dúvida há *algo*…

— Srta. Sinnett, por mais que me doa dizer isso, é possível que o dr. Straine tenha certa razão. As demonstrações anatômicas podem ser bem horripilantes. Pele saindo e órgãos inchados. Talvez seja melhor, afinal, proteger sua sensibilidade delicada. — Ele tomou um grande gole de chá e suspirou, satisfeito. — E as aulas irão se tornar ainda mais desafiadoras. De um rigor inacreditável. E ainda há o Exame de Medicina. Tudo muito exaustivo. É, talvez seja melhor, *sim*, afinal…

A centelha de uma ideia se iluminou no cérebro de Hazel, e ela falou antes que a lógica ou a razão pudessem extingui-la.

— E se eu prestar o Exame de Medicina? Mesmo sem as aulas. E se me permitirem prestar o Exame de Medicina?

O dr. Beecham inclinou a cabeça e levou a pena aos lábios.

— Um experimento — observou ele.

— Sim — apressou-se em concordar ela —, exato. Um experimento. Para testar minhas capacidades. E, se eu passar, recebo minhas qualificações *e* o senhor passa a permitir que mulheres frequentem suas aulas daqui em diante. As suas e as de Straine.

Um bule cheio foi depositado na mesa, e Beecham agradeceu o criado com um sorriso caloroso. Quando o médico se inclinou para a frente para encher sua xícara mais uma vez, Hazel pensou ter vislumbrado algo cintilante e dourado, quase resplandecente, dentro do bolso do paletó dele. Porém, antes que ela conseguisse examinar com mais atenção, Beecham se aprumou.

— Se a senhorita pretende prestar o Exame de Medicina, saiba que será um feito quase impossível sem a vantagem de estudar com cadáveres. Duvido que *qualquer pessoa* consiga passar sem dissecações. Até o próprio John Hunter teria dificuldades.

— Vou dar um jeito. Garanto ao senhor: vou dar um jeito. E não serei a última mulher a tentar se matricular em seu curso, dr. Beecham, isso eu também garanto. Quando eu passar, outras verão que é possível. Eu *vou* passar.

Beecham parecia muito alegre. Seus olhos brilhavam de entusiasmo.

— Eu adoro um jogo, srta. Sinnett.

— Então temos um acordo — disse Hazel, estendendo a mão.

Beecham levou a própria mão em direção à dela, mas então recuou com um movimento súbito.

— As condições são as seguintes: a senhorita vai prestar o Exame de Medicina ao fim deste semestre. Se passar, abrirei o curso a todas as mulheres que queiram prestá-lo, embora eu deva alertá-la de que podem não haver tantas quanto a senhorita parece crer que compartilhem de sua predileção peculiar. *E*, no caso improvável de ser aprovada, vou oferecer à senhorita um período de treinamento, comigo, no hospital universitário, onde, como a senhorita deve saber, sou o chefe de cirurgia. É um treinamento raro e *muitíssimo* disputado.

Ele moveu a mão, pronto para apertar a de Hazel, mas dessa vez a garota hesitou.

— E caso eu reprove? Todas as apostas têm riscos, certo?

Beecham riu baixinho, mas não de maneira cruel.

— Está bem, srta. Sinnett. Considero isso mais um *experimento* que uma aposta. Imagino que os riscos de sua reprovação sejam evidentes. De um lado, eu não conseguiria convencer meu colega dr. Straine a permitir que outras mulheres frequentem nossas aulas. E combinaremos que, se a senhorita não passar no Exame de Medicina, não vai poder prestá-lo no futuro. Esse experimento mais geral, o de uma mulher se tornar cirurgiã, estará concluído.

Hazel assentiu, e eles apertaram as mãos.

A de Beecham era fria, um gelo que ela conseguiu sentir mesmo através da luva.

— Muito bem, então. Estou ansioso para vê-la no exame. Ah, uma última coisa! — Ele ergueu um dedo enquanto revirava a pilha de livros a seu lado. — Arrá! Pronto. Uma edição mais recente do *Tratado do dr. Beecham*. Para você estudar. Notei que a que a senhorita levava para a aula era um pouco datada. E um pouco surrada, se me permite dizer.

Hazel pegou o livro. A luz do fogo se refletiu nas letras douradas da capa.

TRATADO DE ANATOMIA DO DR. BEECHAM

OU A PREVENÇÃO E CURA DE DOENÇAS MODERNAS

de dr. William Beecham
24ª edição, 1816

— Obrigada — agradeceu Hazel, folheando as páginas e notando algumas anotações nas margens. — Tem certeza de que não se incomoda? Tem anotações nela.

O dr. Beecham fez um gesto de que não era nada.

— Apenas rabiscos, aposto. E agora, se me der licença, devo voltar às minhas anotações. Mortes *terríveis* estão acontecendo no centro da cidade. Simplesmente terríveis.

Hazel se empertigou, atenta.

— Fiquei sabendo! Dizem que é a febre romana outra vez. O senhor! O senhor foi mencionado em uma reportagem, falando sobre as mortes.

— Sim, andei examinando os corpos. Terríveis. Terríveis, de fato terríveis.

— Acha que é verdade, então? — perguntou Hazel, baixinho. — A febre romana está de volta?

O dr. Beecham pareceu arrasado. Ele assentiu.

— Parece ser o caso. E há muito pouco interesse do público quando são os pobres que morrem. Pouquíssimas pessoas se importam.

— Meu irmão que morreu… foi a febre — contou Hazel, evitando encarar o médico. — Meu irmão George. Na última vez que ela atingiu Edimburgo.

— George — repetiu o dr. Beecham, em voz baixa. — George. Óbvio. Minhas mais profundas e sinceras condolências por sua perda, de verdade.

Ele ficou com o olhar perdido por tanto tempo que a garota se perguntou se deveria partir. Quando estava prestes a se levantar, Beecham falou:

— *Morte magis metuenda senectus*. Sabe latim, srta. Sinnett?

— Só um pouco, infelizmente. É… hã… algo como: "Tememos a velhice…"?

— “A velhice deve ser mais temida que a morte.”

Beecham voltou a assumir aquela expressão distante, e ele e Hazel ficaram em silêncio por alguns instantes, ouvindo a lareira crepitar e os homens de bigode ao redor deles fungarem e virarem as páginas de seus jornais. Por fim, o dr. Beecham disse:

— Bom, espero que estude muito e passe na prova, srta. Sinnett. — Seus olhos refletiam o brilho alaranjado do fogo. — Ainda mais se a febre romana voltar à nossa bela cidade. Pode ser que a senhorita finalmente descubra a cura.



*Trecho de **História da medicina real na prática** (1811):*

A filosofia da medicina durante o período Tudor foi dominada pela noção dos quatro humores, encontrados nos escritos de Hipócrates (c. 460 a.C.) e posteriormente desenvolvida por Galeno de Pérgamo (c. 129 d.C.), o célebre médico da Roma Antiga.

Os médicos atuavam com o entendimento de que cada indivíduo tinha um *humor*, ou fluido, dominante que governava sua personalidade, e toda doença poderia ser compreendida no contexto de excesso ou deficiência de tal humor. Os quatro humores eram: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra.

SANGUE	*Sanguíneo*	*Quente e úmido*	*Amigável, ri e brinca com frequência; tem aparência rosada e boa pele*	*Ar*	*Primavera*	*Fígado*
FLEUMA	*Fleumático*	*Frio e úmido*	*Desanimado, frequentemente esquecido; terá cabelos brancos desde jovem*	*Água*	*Outono*	*Cérebro*
BILE AMARELA	*Colérico*	*Quente e seco*	*Rancoroso, de temperamento curto e infeliz; a pele pode ser esverdeada*	*Fogo*	*Verão*	*Vesícula biliar*

BILE NEGRA	*Melancólico*	*Frio e seco*	*Preguiçoso e adoentado; cabelo e olhos pretos*	*Terra*	*Inverno*	*Baço*



17

Hazel estava tão distraída ao sair da Sociedade de Anatomistas, tão encorajada e cheia de propósito e determinação, que assim que deu um passo confiante pelo batente rumo às pedras molhadas do terreno cercado nas ruas de Edimburgo, trombou com um estranho.

— Ei!

— Descu… É você!

Hazel tinha começado a se desculpar enquanto alisava as saias, mas, ao erguer os olhos, viu o garoto da demonstração cirúrgica. O que a havia guiado pela viela estreita, como um Virgílio através do Inferno, até o lugar secreto sob os assentos da arquibancada. Ele estava diante de Hazel, parecendo chocado demais para falar, e a garota conseguiu dar uma boa olhada no rosto dele.

Sim, era ele, o mesmo garoto de antes, com o cabelo preto emaranhado que chegava à nuca e o nariz adunco fino, com um calombo no centro. E lá estavam seus estranhos olhos acinzentados. De perto, Hazel viu que as írises eram margeadas por azul-marinho. O azul se misturava ao cinza como veneno se dissolvendo em água. Ele era alto, tinha pelo menos um metro e oitenta. Sua calça acabava nos tornozelos, embora alguém tivesse soltado as bainhas para torná-la mais comprida. A camisa também tinha mangas curta demais, e Hazel identificou ao menos quatro rasgos que haviam sido costurados cuidadosamente com pontos pequenos e desengonçados.

— Srta. Sinnett — disse o garoto, revelando seu canino pontudo com um sorriso. — Ou seria lady Sinnett? Seja como for, nos encontramos mais uma vez.

— Pode me chamar de Hazel. E lamento não poder lhe dar a honra de lembrar o seu nome, visto que você nunca me disse qual era.

O garoto sorriu e deu uma piscadinha, ou talvez estivesse apenas protegendo os olhos do sol poente que vinha da High Street, atravessava a entrada do terreno

cercado e os iluminava com o resto de luz natural amarelo-pálida do fim de outono.

— Não tem por quê. Não tenho o hábito de andar com damas da alta sociedade como a senhorita, então acho que apresentações são desnecessárias.

— Já nos encontramos. Duas vezes — argumentou Hazel.

— É verdade, mas será que nos conhecemos mesmo se não lhe dei meu nome? — perguntou ele, e dessa vez piscou de verdade.

Hazel sentiu um estranho calor subir do umbigo até o peito, um entusiasmo terrível que antes só havia sentido ao preparar um experimento, quando ainda estava à espera dos resultados. Era curiosidade, vontade de saber o que aconteceria em seguida, combinada à sensação de tomar uma taça de champanhe de estômago vazio.

O garoto estendeu a mão, e Hazel esticou a sua para cumprimentá-lo.

No momento em que se tocaram, as bolhas de champanhe no estômago de Hazel espumaram com uma energia frenética. Era galvanismo, os choques elétricos de Galvini. Não havia outra forma de descrever. Uma corrente de eletricidade fluía da mão dele pela de Hazel, direto para o coração acelerado dela.

— É um prazer encontrá-la de novo, Hazel Sinnett — disse ele, apertando a mão da garota.

A mão dele era tão grande que a de Hazel desparecia em seu interior.

Então, da abertura do terreno cercado, que cruzava com a High Street, outro garoto gritou com as mãos em concha:

— *Ei! Currer! Pare de flertar!*

Ele devia ser mais velho que o garoto de olhos cinza, mas era mais baixo e atarracado. Seu corpo parecia um quadrado compacto de músculo.

— Você pegou o pagamento atrasado, né? Só dá logo a minha metade para eu poder ir ao pub. Juro por Deus, Jack, é bom não me dar calote, parceiro. Bailey já cortou meu crédito no King's Arms, e preciso tomar alguma coisa forte, preciso mesmo.

Jack suspirou e soltou a mão de Hazel.

— Calma, Munro! Já estou com o dinheiro. Pode ir ao pub, é só pedir para Bailey colocar sua primeira bebida na minha conta. Anda logo!

Jack evitou encarar Hazel, as bochechas coradas de constrangimento.

Munro não pareceu convencido, mas mesmo assim desapareceu atrás da viela de pedra. Jack o observou partir, então se voltou para Hazel, que estava parada com o cenho franzido.

— Jack… Currer, então?

Jack Currer, o garoto de olhos acinzentados, fez uma reverência exagerada.

— Ao seu dispor.

Hazel notou a terra sob as unhas dele e a lama incrustrada em seus sapatos. Ela observou a placa da Sociedade de Anatomistas e então perguntou:

— Você é um ladrão de túmulos, não é?

Jack se levantou da reverência com uma sobrancelha arqueada.

— Não. Não, não, não. Nunca um ladrão de túmulos. Tomo muito cuidado com isso. Saiba que, se a pessoa não tira nada além do corpo, ela não pode ser incriminada por roubo de túmulos.

— Então você é um *ladrão de corpos*?

Jack olhou para trás para checar se havia alguém ouvindo a conversa. Eles estavam sozinhos no terreno cercado. A porta da Sociedade de Anatomistas estava trancada, e a viela ao lado, vazia. Ele se aproximou de Hazel.

— Prefiro o termo "ressurreicionista". Faz parecer um pouco mais *romântico*, não acha?

— Então é por isso que você conhecia a passagem para o anfiteatro cirúrgico. Você vende *corpos* para eles, para os médicos.

— Às vezes.

Hazel observou o garoto ainda mais de perto, de cima a baixo. Ele parecia ter a idade dela, talvez fosse um ano mais velho. Os dedos finos dele se contraíam durante a conversa.

— E quanto você cobra por algo assim? — perguntou ela. — Um corpo.

— Depende. Você quer comprar um?

— Depende. Você faz entregas?

4 de novembro de 1817
Henry Street, 2
Bath

Querida Hazel,

Seu irmão Percy pegou um resfriado. Ele funga o dia inteiro e passa metade da noite acordado com tosse. É o suficiente para encher de sofrimento meu pobre coração. Eu o levo às fontes termais duas vezes por dia, e o boticário nos deu gotas de láudano para ajudá-lo a dormir. Imploro que você reze por ele e peça ao Senhor uma recuperação rápida. Um resfriado terrível!!!

— Sua mãe, lady Lavinia Sinnett

18

O Castelo Hawthornden havia sido construído em cima de uma escarpa e, se alguém seguisse a trilha estreita do jardim e virasse à esquerda após a fachada de pedra do edifício, descobriria uma pequena porta de madeira escondida na encosta, bem abaixo da edificação. Era uma porta manchada, descorada pelo sol e dilatada pela chuva e pela umidade, mas estava quase invisível na noite escura sem luar. Possuía uma gradezinha de metal na altura dos olhos, que se abriu com um tinido quando Jack Currer bateu.

— Quem está aí? — perguntou alguém do lado de dentro.

Era uma voz feminina, de Hazel, fingindo convicção e com um tom grave e masculino para afugentar o possível invasor.

Jack ergueu sua lanterna para iluminar o próprio rosto.

— Não seja boba, sou eu. Quem mais conseguiria encontrar, no meio da noite, a porta escondida da maldita masmorra que vocês construíram na lateral de um castelo?

— Qual é a senha?

— Ah… hã… — Jack baixou os olhos para a palma da mão, onde havia escrito as palavras com nanquim. O suor tinha feito as letras se misturarem. — *Morto… vivios… bo…* Não, não, espera. *Docas?*

Hazel suspirou e abriu a porta pesada da masmorra com um rangido.

— *Mortui vivos docent*.

Jack empurrou o carrinho de mão para passar por Hazel e entrar na câmara subterrânea. Ela teve que se encostar na parede úmida para não ser atropelada.

— Desculpe, faltei às aulas de latim em Eton — comentou ele.

— Mas é evidente que não faltou às de etiqueta — rebateu a garota.

Jack terminou de empurrar o carrinho de mão e largou as alças. Ele soltou o ar pelo esforço e limpou as mãos na calça, deixando uma mancha de tinta.

— *Mortui vivos docent* — repetiu ele. — O que isso significa?

Hazel encarou a forma escura escondida sob um lençol no carrinho de mão.

— "Os mortos ensinam os vivos." Li em um livro.

A masmorra era iluminada por tochas na parede e alguns candeeiros a gás posicionados sobre a mesa de trabalho. Não havia janelas para o exterior, só a gradezinha na porta, que Hazel deslizou para fechar com firmeza após passar a tranca. Na mesa, havia um conjunto de estranhas ferramentas prateadas. Jack reconheceu algumas, como as facas e a serra de ossos. Mas outras tinham pontas curvas e cabos parecidos com os de uma tesoura. Era um conjunto descombinado, algumas já enferrujadas, outras feitas de prata maciça. A coleção de alguém que acumulara o que havia conseguido encontrar.

Havia dois pares de algemas pregados na parede, onde um prisioneiro poderia ser pendurado pelos punhos.

— Vocês usam esse lugar? — perguntou Jack, um pouco receoso. — Quer dizer, como uma masmorra de verdade.

— Poderíamos usar.

Jack riu.

— Na verdade, acho que nunca abrigou um prisioneiro de verdade — explicou Hazel. — Estava vazia desde que eu nasci. Até agora.

Jack pegou um pequeno bisturi com cabo de madeira e o girou entre os dedos.

— Até que você o transformou em seu laboratório particular.

— Algo assim.

— Seus pais não se importam com a filhinha deles fugindo à noite, indo para debaixo do penhasco se encontrar com ressurreicionistas?

— Meu pai está em um posto da Marinha Real em Santa Helena, supervisionando o exílio de Napoleão. Minha mãe… — Hazel hesitou, em busca das palavras certas. — Ela viajou para a Inglaterra. E nunca presta muita atenção em mim, mesmo quando está aqui.

Havia algo na expressão de Jack… na maneira como seus lábios se curvavam, em seus olhos acinzentados que pareciam infinitos, como se fossem janelas para um oceano calmo que se estendia por quilômetros… que fazia Hazel querer lhe fazer confidências, desabafar tudo que jamais dissera em voz alta. Talvez porque nunca havia tido para quem contá-las em voz alta antes.

— Então… — recomeçou Jack, dando um passo na direção de Hazel. A claridade da tocha dançava sobre seu rosto. — Você está em um castelo enorme, completamente sozinha. Eu achava que damas nunca ficassem sozinhas.

O estranho choque elétrico atravessou de novo o corpo de Hazel. De repente, ela percebeu como suas ações tinham sido tolas. Ela havia dito a um estranho onde morava, o convidado a entrar e revelado que vivia sem proteção. Jack poderia ser perigoso. Poderia ser membro de uma quadrilha de ladrões que aparecia assim que o garoto lhes desse o sinal. Então, um bando de criminosos saquearia Hawthornden, deixando Hazel amarrada e amordaçada em um canto.

De maneira involuntária, a garota levou a mão à maior faca na mesa.

— Talvez eu não seja uma dama.

Jack analisou o corpo dela de cima a baixo. Então, começou a rir com tamanho ardor, com um entusiasmo genuíno e quase infantil, que Hazel teve certeza que ele nunca havia planejado roubá-la.

Seu coração bateu mais forte, e a garota ficou aliviada que os candeeiros a gás e a luz da tocha escondiam seu rubor. Ela pigarreou.

— Então, o espécime. Pode colocar sobre a mesa — comentou, usando a faca na mão para apontar.

— Pode deixar — respondeu Jack, tirando os olhos dela e se dirigindo ao carrinho.

A garota desviou a atenção enquanto Jack mexia no cadáver e ajeitava os braços e as pernas em uma posição de quem poderia estar apenas dormindo sob a mortalha.

— Com ou sem o manto?

— Sem. Pode ser sem. Vou ter que olhar de um jeito ou de outro. Quanto lhe devo? — Ela tirou uma bolsa de moedas de debaixo do avental. — Seis guinés, se não me engano?

— É um cadáver fresco, desenterrado esta noite! Dez guinés.

— Só porque você o desenterrou esta noite não quer dizer que foi enterrado hoje. O cheiro não está nada fresco. Sete guinés.

— Nove, senão o levo direto para a Cidade Velha e o dou para o barbeiro na Haymarket Street. Ele é um bom freguês, sempre paga o que peço.

— Oito guinés e três xelins — sugeriu Hazel, estendendo as moedas pesadas na palma da mão.

Jack hesitou, mas então pegou-as.

— Fechado.

Depois de guardar o dinheiro no bolso, ele tirou o lençol com um floreio e revelou o cadáver ressequido: uma jovem mirrada, cuja pele parecia de cera. O cheiro dominou a masmorra. Era algo entre o aroma doce e repugnante de carne apodrecida e ovos estragados, um almíscar morno de larva.

— Tome — disse Hazel, oferecendo a Jack uma laranja cheia de cravos. Ela já segurava outra perto do nariz. — Ajuda com o cheiro.

Jack aceitou com gratidão.

— Leu isso em um livro também?

— Na verdade, li, sim — respondeu Hazel.

O corpo tinha pálpebras azuis e um cabelo que parecia palha. Se tivesse que adivinhar, Hazel diria que elas tinham a mesma idade. Ela conseguia ver que a mulher, ou garota, levara uma vida difícil, interpretando o corpo da desconhecida como se fosse um livro. Os pés tinham úlceras de frio e eram deformados nas solas por conta de sapatos de má qualidade. As unhas estavam amarelas e quebradas. Hematomas subiam por cada membro. Na parte de trás da cabeça, um pedaço do cabelo amarelo-palha tinha sido raspado, revelando cicatrizes e marcas de sucção circulares de uma operação com o emprego de ventosas sobre cortes na pele. A garota tinha ido a um hospital para os pobres e sido tratada com facas e copos quentes, para sugarem o sangue da parte traseira do crânio. Hazel nunca tinha visto o procedimento, mas havia lido a respeito. Observar as cicatrizes com os próprios olhos… os hematomas de sucção roxos formando círculos perfeitos, como se a garota tivesse enfrentado uma criatura aterrorizante das profundezas do mar… fazia o procedimento parecer muito mais brutal do que Hazel imaginara ao ler as páginas dos livros.

A garota também tinha outra cicatriz, de pelo menos trinta centímetros, que descia pelo centro do peitoral até os seios. Havia sido bem costurada por suturas tão limpas que eram quase invisíveis. Hazel se perguntou que doença tinha sido tratada. Talvez alguém tivesse tentado salvar a vida dela.

Jack já tinha sido pago, mas ficou examinando o cadáver por cima do ombro de Hazel.

— Será que ela… sabe… será que foi a febre?

— A febre romana? — perguntou Hazel, perplexa.

Jack assentiu. Ele ouvira os boatos. O padre que falara diante do corpo no enterro tinha rezado a Deus para que encontrassem uma cura.

— Não, sem dúvidas não foi o caso.

Jack se aproximou, perguntando:

— Como você sabe? É do que todos estavam dizendo que ela morreu!

— Sério? Não, aqui, olhe… — Hazel usou o lençol para virar o corpo, a fim de mostrar as costas lisas do cadáver. — Nenhum bubão. Nenhum furúnculo. É isso que dá nome à febre romana.

— Não é porque veio de Roma?

Jack tinha ouvido mais de um contrarregra no Le Grand Leon praguejar contra "aqueles malditos *italianos*" pela doença que ameaçava seu trabalho.

— Não, definitivamente não. É porque o principal sintoma, depois da febre, são esses furúnculos, cheios de sangue. Quando eles explodem, parecem feridas de punhaladas. Como as que Júlio Cesar levou na escadaria do Senado. Em Roma. *Plaga romanus*.

— Também aprendeu em um livro? — indagou Jack.

— Na verdade, isso sei por experiência própria.

Jack deu meio passo à frente.

— Então — disse ele —, você sabe identificar do que ela morreu?

Em resposta, Hazel ergueu a faca maior e fez uma longa incisão vertical descendo pelo peito do cadáver, igualzinho como vira o dr. Straine fazer na aula. Então ficou olhando para baixo, incrédula. Ela virou a cabeça para Jack, depois de volta para o corpo, e então para Jack outra vez.

— Na verdade — começou Hazel —, sei exatamente do que ela morreu. Ela não tem coração.

— Quer dizer que ela era insensível? Mas ela está morta… como você sabe disso?

— Não. Olhe aqui. Ela literalmente não tem um coração.

Jack baixou o olhar para o vazio enorme no peito do cadáver. Era tudo tão *vermelho* e *úmido* que ele não sabia o que deveria procurar.

— Bem ali. — Hazel apontou com a faca para o centro do peito da mulher. — Embaixo da caixa torácica. Na frente dos pulmões.

— Não estou vendo nada.

— Essa é a questão.

O coração não estava lá. Em seu lugar, não restava nada. Apenas um vazio entre as vísceras e a escuridão que brilhava vermelha sob a luz das velas. As veias tinham sido cauterizadas de maneira grosseira; as artérias maiores, costuradas. Nenhum animal havia arrancado o coração dela. O órgão tinha sido roubado.

— Então — disse Jack, recostando-se na parede úmida da masmorra para manter o equilíbrio e quase chamuscando o casaco em uma tocha —, alguém a abriu e… e… arrancou o coração dela? Jesus, por quê?

Hazel voltou a estudar o corpo. Mesmo com o peito aberto, a morta transmitia um ar de serenidade.

— Talvez ela tivesse inimigos. Você sabe quem ela era? Seu nome ou algo assim?

Jack fez que não. Estava escuro demais no cemitério para enxergar direito a lápide.

— Talvez tenha sido um acidente — sugeriu Hazel baixinho. Ela se concentrou nas cicatrizes de cortes e de ventosas. — Talvez ela tenha sido levada ao hospital e alguém estivesse tentando salvá-la, mas não sabia como.

— Salvá-la do quê?

Hazel só conseguiu dar de ombros.

Jack queria ficar ali. Ele não sabia explicar por que… Desejou que houvesse um motivo para permanecer, para aproximar seu corpo do de Hazel e inspirar o aroma metálico de trovoada que a envolvia. Era um cheiro peculiar, uma mistura de bergamota e sabão. Ele queria observar as mãos dela, habilidosas e sem luvas, em ação. O rosto dela, igual a uma pedra, na maior concentração, era de uma beleza impossível com seus traços afilados.

Ele se obrigou a dizer:

— Então já vou.

Jack estendeu a laranja coberta de cravos para devolvê-la, mas Hazel indicou que não precisava.

— Leve com você para usar na próxima vez.

— Haverá uma próxima vez? — perguntou Jack.

— Você está recusando uma cliente disposta a pagar, Jack Currer?

— Nem sonhando. Só acho que talvez eu devesse perguntar à senhorita o que pretende fazer com esses cadáveres.

— Pensei que estivesse bastante óbvio a essa altura. Vou estudá-los.

Jack abriu a boca para responder, mas apenas suspirou, balançando a cabeça com um sorriso incrédulo.

Ele empurrou o carrinho de mão de volta pela portinha e até a grama preta como nanquim.

— Jack, preciso de um corpo que tenha tido a febre… se conseguir encontrar — pediu Hazel. — Quero examiná-lo. Quero tentar curar essa doença.

Hazel ainda não tinha admitido em voz alta, nem para si mesma, que curar a febre romana era mesmo sua ambição.

Jack não zombou nem riu dela. Apenas assentiu.

Hazel depositou mais algumas moedas na mão dele.

— Pagamento. Adiantado.

— Vou ver o que consigo fazer.

Ela se virou para o corpo.

Jack parou no batente e observou Hazel inspirar fundo algumas vezes para criar coragem e, então, fazer uma incisão lenta no couro cabeludo do cadáver. Hazel não tirou os olhos do cérebro que tinha acabado de revelar. As curvas de um cinza leitoso eram visíveis sob o pedaço de crânio branco.

— Tchau, Hazel Sinnett — disse Jack, puxando a porta que rangia.

As dobradiças tiniram.

Ele já havia dado alguns passos pela trilha do jardim quando ouviu a resposta dela sussurrada na escuridão.

— Tchau, Jack Currer.

19

Uma batida suave interrompeu a concentração hipnótica de Hazel. Ela estava dissecando um estômago para ver se conseguia traçar um diagrama de seus vasos sanguíneos. A garota ignorou o barulho, pensando que devia ser apenas um passarinho, um daqueles pretos que piavam nas árvores ao longo da entrada da propriedade, mas então a batida se repetiu, um pouco mais frenética. *Toc, toc, toc!*

— Senhorita! — sussurrou Iona, a voz em pânico.

Houve mais uma série de batidas.

— Senhorita, por favor.

Hazel suspirou e limpou seu pequeno bisturi no avental. Ela estava usando o instrumento para abrir as camadas de revestimento do estômago e vinha fazendo um progresso excelente. Com relutância, a garota caminhou até a porta, percebendo então o quanto seu pescoço e ombros doíam. Ela devia ter passado horas trabalhando, tão focada na tarefa à sua frente que o tempo avançara como um borrão. Hazel entreabriu a porta, surpresa ao perceber que havia luz do sol do outro lado.

Iona parecia aterrorizada, então olhou para o avental manchado de sangue de Hazel e ficou ainda mais aterrorizada.

— Eu não sabia se deveria incomodá-la, mas…

Depois de muitas horas na penumbra das velas que iam sendo consumidas aos poucos, Hazel teve que levantar o braço para proteger os olhos injetados da claridade.

— *Precisava* me incomodar, então? — retrucou Hazel. Ela havia passado tanto tempo sem falar que sua voz estava com uma rouquidão estranha, e as palavras saíram mais ácidas que havia pretendido. — Desculpe, não deveria ter falado dessa forma. Do que você precisa, Iona?

Iona torceu as mãos.

— É só que, hoje à noite, digo, daqui a algumas horas… É o baile.

O dia estava nublado, com nuvens plúmbeas pairando baixo no céu. Aquela era a Escócia. *Devia* ser sombria. Então por que estava *tão* claro? Hazel quis recuar para as trevas, como um cogumelo.

— Que *baile*?

Iona olhou para trás, como se houvesse algum outro criado por ali que pudesse livrá-la da obrigação desagradável de transmitir aquela informação a Hazel.

— O… hã… o baile dos Almont.

Hazel franziu o cenho enquanto as palavras eram transmitidas para a parte de seu cérebro responsável por aquele tipo de coisa.

— Ai, *droga. Droga, droga, droga!*

Iona lançou um olhar solidário para ela.

— Já passou do meio-dia, senhorita.

— Passou do meio-dia? Já? Como?!

Sem se dar conta, Hazel passara a noite e a manhã inteira trabalhando. Ela saiu da masmorra em direção à trilha marrom enlameada, e a expressão de Iona revelou o quanto Hazel fedia. Seu cabelo estava emaranhado e sujo com uma combinação gosmenta de tinta e sangue de cadáver, sem falar no que devia haver sob suas unhas.

— Vai dar tudo certo — garantiu Iona, embora seu olhar deixasse claro que ela achava que havia uma grande chance de não dar tudo certo. — Mandei Charles começar a preparar o banho.

— Faz sentido — disse Hazel, dando passadas largas para subir a colina até a entrada principal do castelo. — É o único evento da Temporada que não posso perder.

Iona correu atrás dela. Seria uma tarde longa e angustiante, e Hazel sabia que a noite seria mais longa e angustiante ainda.

20

O cabelo de Hazel precisou ser lavado duas vezes com o sabonete em barra de rosa-mosqueta e ser escovado por duas horas. Por fim, Iona conseguiu deixar Hazel com uma aparência apresentável a tempo de chegar atrasada à Residência Almont, mas não atrasada a ponto de ser considerada uma grosseria imperdoável. Hazel havia deixado Iona apertar os cordões de seu espartilho com força suficiente para que ela coubesse no vestido de veludo azul com a barra rendada. Até Hazel teve que admitir, enquanto estudava o próprio reflexo no espelho do saguão de entrada da Residência Almont, que o traje ficava bem nela. O tom de azul-meia-noite deixava o rubor de suas bochechas mais rosado e tornava seus olhos mais brilhantes, apesar de ela ter passado a noite toda acordada.

— Prima! — exclamou Bernard, correndo ao seu encontro na entrada do salão de baile e lhe oferecendo o braço. — Bem-vinda, finalmente. Você está… maravilhosa.

Hazel abafou um bocejo, transformando-o em um sorriso educado. Ela pousou a mão no ombro de Bernard com graciosidade e deixou que ele a guiasse até o salão. O cômodo estava bem-iluminado e quente, repleto de corpos e crinolinas rodopiando. Centenas de velas altas repousavam em candelabros dourados. Em algum momento, um cartão de dança foi preso ao pulso de Hazel e uma taça de champanhe foi colocada em sua mão.

Gibbs Hartwick-Ellis havia deixado crescer um bigodinho ridículo desde a última vez que Hazel o vira no teatro. Ele estava encostado em um canto, tentando de maneira educada se livrar de uma conversa com o rude barão Waldorf, que se inclinava para a frente, impedindo a fuga do pobre Gibbs.

Hazel lançou um olhar solidário para o garoto. Ela já tinha sido obrigada a se sentar ao lado de Waldorf em um dos jantares de seus pais e, mesmo depois de estudar cadáveres, ainda sentia ânsia de vômito ao se lembrar do hálito do barão…

sem mencionar a forma medonha como o olho de vidro de Waldorf rolava em seu globo ocular, como se tivesse vontade própria.

Hazel não avistou Cecilia, mas era impossível não notar a sra. Caldwater. Por pouco os cristais não vibravam com sua risada aguda. Hazel daria uma volta rápida pelo salão, para que todos notassem que comparecera ao evento, e, na sequência, retornaria ao cadáver em sua masmorra. (Ela havia se esquecido de passar na casa de gelo. O corpo duraria apenas mais algumas horas antes de a carne começar a se desintegrar a ponto de se tornar inútil.)

Ela poderia dizer que estava com dor de cabeça. Ou que se sentia fraca. Ninguém questionava muito quando uma mulher se sentia fraca, nem o fenômeno cultural mais abrangente das mulheres que pareciam desmaiar em massa. Havia explicações simples para as mulheres desfalecidas: ou o clima estava excepcionalmente quente ou frio naquela época do ano, ou decerto o espartilho da dama encontrava-se apertado demais. Sem dúvida, os desmaios faziam os homens se sentirem muito úteis e fortes, capazes de levantar uma mulher com todas as saias e abanar o rosto da vítima até ela piscar os cílios ao recuperar a consciência.

Quando a orquestra começou uma valsa animada, Bernard entrelaçou os dedos nos de Hazel e a puxou com firmeza. Com um pouco de firmeza demais. O veludo grosso fazia a *chemise* grudar na pele da garota, e a mão de Bernard suava de maneira desagradável. Talvez ela nem precisasse mentir sobre se sentir fraca, afinal.

Hazel tentou relaxar a própria mão na de Bernard, mas ele apenas a puxou com mais força.

— Que prazer vê-la fora de casa, prima — comentou ele com frieza.

Hazel fez uma pequena reverência. Ela tentou se lembrar de quão grosseira havia sido com o primo na última vez que ele a visitara em Hawthornden.

— Bernard, quando nos vimos no outro dia… eu estava doente. Não estava em condições de lhe fazer companhia.

Ele ergueu uma mão enluvada em sinal de perdão.

— Não se preocupe. Mas eu seria negligente se não lhe contasse o que as pessoas andam dizendo. Você estava estranha nos últimos tempos. Faltando a

eventos sociais. Quase se tornou um fantasma. *Ninguém* a via há semanas. Há quem pense que está me evitando — comentou. — Bobagem, eu sei.

— Estive doente. Só isso, Bernard.

Ele sorriu, mas seus olhos não estavam alegres. Os dois pareciam rodopiar mais rápido que os demais dançarinos.

— Passei em Hawthornden algumas vezes, sabia? Para lhe fazer uma visita. Sua carruagem não estava lá.

— É mesmo? — perguntou Hazel, torcendo para sua voz parecer suave. — Que estranho. E que coisa estranha de se notar.

Inesperadamente, Bernard envolveu a cintura de Hazel com o braço e puxou o corpo dela contra o seu em uma postura de valsa. Ela quase arfou com a presunção do primo.

— Visitando outro pretendente, é? — escarneceu Bernard.

Hazel quase riu na cara dele.

— Não — respondeu ela, tropeçando enquanto tentava se deixar conduzir por ele na pista de dança. — Posso garantir que não existe outro pretendente.

Os olhos de Bernard estavam sérios e frios. Ele se parecia mais com o pai do que nunca.

— Havia botas no saguão de entrada — comentou ele entredentes. — Botas masculinas. Existe alguém íntimo o bastante para deixar as *botas* em sua casa, embora eu não consiga imaginar quem possa ser. Se fosse alguém do clube, suponho que eu já teria ficado sabendo. Juro por Deus, Hazel — ele apertou as mãos dela com tanta força que doeu —, se você estiver me humilhando, eu…

Ele soltou as mãos de Hazel em vez de completar a frase. Seu cabelo, tão bem-penteado e cheio de pomada, tremeu de leve com a emoção.

— Bernard — disse Hazel em voz baixa —, eram as antigas botas de George. Juro. Eu as uso para caminhar nos jardins e à beira do rio, para não sujar as minhas de lama.

Ela ficou aliviada por apenas parte da explicação ser mentira.

— Ah — fez Bernard, e o rosto dele se abrandou. — Bem, nesse caso, talvez eu possa oferecer a você um passeio em nosso jardim de inverno? Juro que é muito bonito no outono, com o clima ameno como está.

Hazel olhou ao redor. Ninguém estava lhes dando muita atenção. Até a srta. Hartwick-Ellis, que em geral dedicava uma atenção invejosa a tudo que Hazel fazia, estava ocupada flertando de modo jovial com o filho do embaixador dinamarquês, mal piscando para não tirar os olhos do rapaz loiro e bonito.

— Talvez nós devamos encontrar um acompanhante? — sugeriu Hazel.

— Ah, bobagem. — Bernard pegou o braço dela e a guiou em direção a uma entrada de criados. — Você queria que eu a levasse a uma *cirurgia horrenda* na Cidade Velha sem acompanhante!

Eles estavam na entrada da cozinha, uma pequena passagem úmida com alguns candeeiros a gás bruxuleantes. Um lacaio passou, carregando uma bandeja de doces, e desviou o olhar com educação.

Hazel tentou se afastar, voltar à festa.

— Bom, na verdade, não estaríamos a sós em uma demonstração cirúrgica, mas…

Antes que ela pudesse terminar a frase, Bernard colocou a boca na dela. Sua língua, úmida como um verme, serpenteou pelos lábios fechados de Hazel até ganhar força e abrir a boca dela.

Os lábios dele eram frios e estranhos. A língua, viscosa. Uma parte do cérebro de Hazel falou para ela estapeá-lo, para se distanciar. Mil palavras firmes se formularam com perfeição, mas ela parecia incapaz de fazer com que saíssem de sua garganta. Seu corpo também estava sofrendo de uma estranha paralisia. Hazel só conseguiu ficar parada, os olhos abertos como um peixe, até Bernard por fim recuar com um estalo satisfeito dos lábios. Ele secou a parte de baixo do rosto com a manga e arqueou as sobrancelhas.

O estômago de Hazel se revirou, e ela tentou não fazer uma careta ao ver o rosto do primo: o rubor, o vazio inerte dos olhos, os lábios finos ainda brilhando de suor. Então aquilo era um beijo. Era sobre aquilo que ela havia lido em romances e poemas, o que havia inspirado grandes artistas. Era mais úmido que ela havia imaginado, e mais frio.

Por fim, a voz de Hazel retornou. Ela se afastou de Bernard, dizendo:

— Não sei *onde* você estava com a cabeça, mas assim vai acabar arruinando a *nós dois*. Se alguém tiver visto o que acabou de acontecer…

Bernard levou as mãos ao quadril e estufou o peito.

— Quem? Um criado? Você não está nem um pouco arruinada, Hazel. *Eu* ainda quero me casar com você, então considere-se bastante segura.

Por um momento, Hazel imaginou outra vida, uma na qual se mudava para Yorkshire, mendigava nas ruas, fingia ser George Hazelton para sempre. Talvez ela pudesse se tornar uma parteira: a velha louca em uma cabaninha na floresta com uma botica estocada de raízes, ervas e chás malcheirosos, que ajudava mulheres em necessidade. Ela seria uma cirurgiã, uma professora, uma bruxa… Sua história seria contada a debutantes nervosas antes de sua estreia na sociedade como uma lição do que não fazer. Uma lenda.

Mas o vislumbre de uma vida alternativa durou apenas instantes antes de desaparecer como pó em uma mão aberta em um dia de ventania. Não havia outra vida para ela a não ser se casar com Bernard e se tornar a viscondessa Almont. O beijo dele seria o primeiro e último que ela provaria.

Bernard se aproximou e beijou Hazel de novo.

— Venha — disse ele, puxando o braço dela mais uma vez. — Vamos retornar à festa.

Hazel se deixou ser guiada pela entrada de criados, de volta ao tumulto dourado do salão de baile. Ela vagou em estupor, sem prestar atenção em Bernard. Ele a levou até a orquestra e sussurrou no ouvido do violinista principal, que interrompeu a música.

Os casais dançando cambalearam e tropeçaram em suas saias. Bernard ergueu uma taça de cristal e bateu na lateral para chamar a atenção do salão. Lorde Almont estava por perto, radiante.

— Olá, olá a todos — começou Bernard, forçando uma voz mais grave. — Sim, olá. Meu pai, o visconde, minha mãe, a viscondessa, e eu gostaríamos de agradecer a todos por estarem conosco em nossa confraternização. O baile anual é uma tradição que prezo muito e que espero manter por muitos anos. Peço desculpas por interromper as festividades, mas tenho um pequeno anúncio a fazer. A encantadora srta. Sinnett e eu estamos noivos. Ou, pelo menos, ficaremos noivos daqui a um instante. Hazel, minha cara, quer se casar comigo?

A visão de Hazel se afunilou, ficando escura e com contornos difusos. Um zumbido ecoou em seus ouvidos, e a boca ficou seca, a língua virando areia.

Todos os olhos no salão se voltaram para ela, e os sorrisos da multidão eram vorazes. O vestido de Hazel se tornou insuportavelmente quente e provocou tanta coceira em seu pescoço e seus braços que ela sentiu uma urticária se espalhando por baixo do tecido. O cômodo estava silencioso, apenas com o tilintar de taças de champanhe. Todos esperavam que Hazel dissesse alguma coisa, que desse sua resposta.

Sem conseguir fazer mais nada, Hazel ergueu os cantos dos lábios no que poderia ser um meio-sorriso ensandecido.

— Arrá! — gritou Bernard.

Aplausos soaram como disparos. Hazel desviou dos votos calorosos e dos tapinhas em sua mão. Ela percebeu que estava com dificuldade para respirar. Talvez não fosse o vestido. Talvez fosse o salão, a casa, sua vida. A escuridão nos contornos de sua visão começou a crescer, e as sílabas em sua língua soaram grossas e pesadas quando ela tentou dizer a alguém que precisava sair dali.

— A pobrezinha deve precisar comer alguma coisa!

— Deve ter tomado champanhe demais! Rá-rá!

— Levem a coitada para uma cama.

— Deus sabe que ela não vai descansar quando for a cama *nupcial*!

Alguma alma gentil a guiou de volta à carruagem dela.

— Por favor, peça desculpas a Bernard por mim — murmurou Hazel a quem quer tenha sido, antes de seu cocheiro estalar o chicote.

Então a carruagem partiu, levando-a de volta à segurança de Hawthornden. Mas a garota sabia que era uma segurança temporária. Seu futuro viria atrás dela, por mais que ela fugisse, puxada por quatro cavalos, o mais rápido que podia.

21

Em seu novo laboratório improvisado, Hazel havia esvaziado a mesa, preparado uma página em branco do caderno e substituído todas as velas por círios novos à espera de Jack Currer, que faria uma nova entrega às dez daquela manhã. Ela estava de mau humor. Os acontecimentos do baile dos Almont ficavam se repetindo em sua mente, por mais que tentasse afastá-los e se concentrar na prova iminente. O exame exigiria todo o tempo e atenção dela. A situação com Bernard teria que esperar.

Porém, com a vinda de Jack Currer, Hazel estava inquieta demais para estudar. Às dez e meia, a garota havia afiado todas as penas e as ordenado, da mais curta à mais comprida, sobre a mesa.

Às onze, quase todas as velas já haviam se transformado em tocos de cera. Por fim, momentos antes do sino soar indicando meio-dia, Hazel ouviu uma batida na porta da masmorra.

— Finalmente — murmurou consigo mesma. — Entre! Está destrancada.

A porta se abriu com um rangido, revelando uma fresta do céu nublado e Jack, sozinho.

— Aí está você. O corpo ficou lá na frente? O carrinho quebrou, imagino. Ótimo, simplesmente ótimo. Se precisarmos de mais alguém para ajudar a carregar o corpo, posso chamar Charles, mas eu preferiria que resolvêssemos isso sozinhos.

Jack não ergueu os olhos do chão de terra batida.

— O que foi?

— Não tem cadáver. Não fui ontem à noite.

— Como é?

Os ombros de Jack ficaram tensos, na altura das orelhas. Ele parecia querer estar em qualquer lugar menos ali. Hazel notou as olheiras roxo-escuras dele.

— Não tem cadáver — repetiu Jack, apenas.

Hazel franziu o cenho, mas se obrigou a manter a compostura, perguntando:

— Quando devo recebê-lo, então? Um corpo que tenha morrido da febre?

— Não vou trazer mais cadáveres — respondeu ele, desviando o olhar.

Deu para notar um grande hematoma na bochecha esquerda.

Antes que Hazel pudesse pensar, ela deu alguns passos à frente e ergueu o rosto de Jack com as mãos. O cabelo dele estava particularmente sem força e brilho, e o olhar, vazio.

O trabalho de ressurreicionista o mantinha acordado à noite com frequência, ele estava acostumado a passar horas sem dormir. Mas a noite anterior tinha sido diferente. A exaustão havia começado em sua alma e saído para o corpo. Ele havia contado os segundos até o amanhecer em seu enxergão nos caibros do Le Grand Leon, desejando que seus olhos se fechassem, sem conseguir forçá-los a obedecer.

Jack afastou o queixo das mãos de Hazel e deu de ombros para ajeitar o casaco.

— Não entendo — anunciou Hazel, resoluta. — Paguei adiantado. Você só me deu um cadáver. Para curar a febre, e para passar no Exame de Medicina, vou precisar de vários…

— Bem, pode encontrar outro ressurreicionista, então.

Hazel soltou uma risada abrupta.

— Não é como se desse para postar um anúncio no jornal vespertino.

Jack não sorriu.

— Olhe, desculpe. Sinto muito, e estou com seu dinheiro aqui se quiser de volta.

Ele tirou algumas moedas do fundo do bolso, deu uma olhada rápida nelas e então as deixou na mesa de madeira, onde deveria depositar um cadáver.

— Não posso lhe arranjar mais cadáveres, ao menos até…

Jack não sabia como completar a frase.

— Até o quê? — perguntou Hazel.

Ele suspirou.

— Meu sócio… hã, ele não é bem um sócio. É mais um colega, na verdade. Munro. Ele está, hã, desaparecido. Ele foi escavar uma noite dessas, algumas noites atrás… sozinho, acho, mas talvez estivesse acompanhado… e, enfim, ele não voltou.

Hazel o encarou, intrigada.

— Bem, talvez ele tenha mudado de ideia. Saído da cidade. Ido visitar algum parente.

— Ele não faria isso sem se despedir. E ele não é o primeiro, aí é que está. Ressurreicionistas estão desaparecendo com muita frequência.

— Você acha que tem alguém *matando* ressurreicionistas?

— Não, eu não… Quer dizer, os policiais devem estar fechando o cerco. Um de nós deve ter pegado o corpo de um homem rico ou sua esposa sem querer, e agora a polícia quer a cabeça de todo mundo. Esse tipo de coisa acontece às vezes, policiais caindo em cima. Eles perdem o interesse depois de um tempo.

Ele quase mencionou a história que Munro havia lhe contado, meses antes, sobre os três homens estranhos que surgiram depois de uma ressurreição. Na época, Jack achou que fosse apenas uma das lorotas de Munro, o tipo de história de fantasma que ele espalhava para parecer mais valente e interessante, assim como dizia ser capaz de atirar em um pardal com uma pistola a sessenta passos de distância. Jack havia zombado dele por isso, e Munro ficara envergonhado e pagara a rodada seguinte.

— Mas, enfim — continuou Jack —, é arriscado demais ir sozinho agora, e não tenho um vigia, então, a menos que eu queira me juntar a Munro em uma cela ou… ou seja lá onde ele está, por enquanto é isso.

Hazel pegou as moedas que Jack havia devolvido. Ela passou os dedos ao longo dos contornos de metal.

— E se você não tivesse que ir sozinho? — perguntou ela com cuidado. — Você faria outra escavação, de um cadáver, se tivesse um parceiro?

— Acho que sim.

— Maravilha, então. Vamos hoje à noite — anunciou Hazel, passando por ele para sair da masmorra. — E serei uma parceira muito generosa, vou deixar que você fique com todo o dinheiro. Na verdade, eu *deveria* pedir metade.

Hazel já estava na trilha do jardim, a meio caminho do castelo, quando Jack saiu de seu estupor e a alcançou.

— Espere! Espere, espere, espere. Isso é loucura. Não vou fazer uma escavação com uma dama.

— Não, não vai. Você fará uma escavação comigo. Não me faltam botas velhas, e me sinto muito à vontade vestindo a calça do meu irmão. Não sei se serei de muita ajuda para escavar, mas, como vigia, garanto que sou imbatível.

A cabeça de Jack rodopiava com tudo que ela estava dizendo.

— Espere. Espere, espere. Não. Se os guardas nos pegarem, eles vão achar que eu a sequestrei. Vão achar que estou tomando liberdades com a… a filha de um… seja lá o que seu pai é.

— Capitão da Marinha Real. Na verdade, é minha mãe quem tem o título de nobreza, como filha… agora irmã, na verdade, de um visconde.

Jack resmungou.

— Ah, não se preocupe com isso — disse Hazel. — Estarei vestida como homem.

— Ah, é? Tenho certeza de que será muito convincente.

— Mais do que você imagina. E, de todo modo, não seremos pegos.

— Não podemos fazer isso.

— Claro que podemos. Preciso de um cadáver. Você precisa do dinheiro. E, com mais urgência, precisa de um parceiro para ajudar você na escavação. Aqui estou eu. Já encontrou um morto? Um da febre?

Jack assentiu, relutante. Ele havia sondado um funeral no cemitério de Saint Dwynwen, perto do centro de Edimburgo. Era um corpo sem família. Dois assistentes do Saint Anthony's, o hospital dos pobres, deixaram o corpo envolto em um lençol, e um padre murmurara algumas orações antes do enterro em um caixão de madeira vagabundo. Não havia sequer uma lápide, apenas uma cruz simples de madeira. Jack ouvira o padre comentar com tristeza para o coveiro, enquanto balançava a cabeça, que a febre tinha sido rápida naquele homem.

— É perigoso. Além do risco de sermos pegos, as pessoas vivem pegando a febre de cadáveres.

— Eu já tive a febre — retrucou Hazel. — E você?

Jack deu de ombros.

— Estou fazendo isso há muito tempo e nunca peguei. Quem sabe meu sangue tem alguma coisa que me dá sorte.

— Bom, então está decidido. Eu e você vamos escavar o corpo juntos.

— Viu, esse é o problema das pessoas ricas. Vocês partem do princípio de que podem fazer o que quiserem, quando quiserem e tudo simplesmente *vai dar certo para vocês*, de um jeito ou de outro!

Àquela altura, Hazel havia chegado à porta principal pesada de Hawthornden. Ela se voltou para Jack antes de entrar e retrucou:

— Bom, às vezes é, *sim*, apenas uma questão de sair fazendo as coisas. Quem deu permissão a você para escavar corpos de túmulos?

— Ninguém! — vociferou Jack. — É um crime! Essa é a questão.

— E agora é um crime que vamos cometer juntos.

Jack só conseguiu dar risada, e Hazel retribuiu com um sorriso.

Os olhos dos dois se encontraram, e Hazel corou.

— Bem — retomou ela —, é melhor você dormir um pouco. Há quartos de hóspedes se você…

Ela apontou para o castelo atrás de si.

Jack balançou a cabeça. Ele não conseguia imaginar como seria ser hóspede em uma daquelas casas grandiosas. Ele duvidava que até a exaustão lhe permitiria dormir em um ambiente tão estranho.

— A casa de hóspedes no fim da estradinha também está vazia, se preferir.

— Não, prefiro voltar para minha própria cama por um tempo.

— Está bem, então. Você me encontra aqui à meia-noite?

— Use roupas escuras — avisou Jack em resposta.

— Não sou tola, Jack Currer. Ao contrário do que você pensa.

— Ah, garanto que já a considerei muitas coisas, srta. Sinnett, mas nunca tola.

22

JACK JÁ ESTAVA esperando do lado de fora quando Hazel chegou. Ele estava recostado em uma mureta de pedra, construída um século antes para conter ovelhas, descascando uma laranja com os dedos compridos e jogando a casca com polpa na grama. Quando a viu se aproximar, ele soltou um assobio baixo.

— Olhe só quem apareceu — comentou ele, avaliando-a de cima a baixo.

Hazel fez uma pequena reverência irônica. Ela vestia uma calça e uma camisa de George, mas nos pés usava um par desconfortável de botas sujas que tinham pertencido a Charles. Nenhum dos sapatos de George parecia adequado para um passeio no cemitério, e Charles teve o maior prazer em trocar suas botas de trabalho por um par de botas de equitação de couro de George.

Uma agitação que já era familiar retornou ao peito de Hazel quando viu Jack à toa ali, como se estivesse recostado em um barco no Tâmisa. Apenas o movimento rápido dos dedos terminando de descascar a laranja revelava seu nervosismo.

Não era incomum Jack passar algumas semanas sem trabalhar com Munro. A parceria deles era uma questão de conveniência e, muitas vezes, Munro preferia trabalhar com um novato nas escavações, partindo do princípio de que conseguiria surrupiar a parcela do companheiro. Mas nenhum dos antigos contatos de Jack em Fleshmarket o tinha visto, e a estalajadeira da pousada perto das docas onde ele se hospedara nos últimos meses disse que ele não voltara para buscar suas coisas. A mulher franzina de pele pálida levara Jack aos aposentos do amigo pela bagatela de um sorriso charmoso somado à mentira esfarrapada de ser irmão de Munro. O quarto estava igualzinho a como Munro o teria deixado antes de uma escavação: cobertas sujas na cama desfeita, um par extra de sapatos no canto do guarda-roupa e uma bolsa de moedas costurada na lateral do colchão imundo, que Jack sabia onde encontrar em meio ao emaranhado de palha. Munro até poderia ter saído da cidade sem se despedir, mas nunca partiria sem seu

dinheiro. Jack colocara a bolsa de moedas de volta no lugar e, enquanto fechava e trancava a porta, prometera silenciosamente que descobriria o que aconteceu com o amigo. Mesmo que estivesse morto, Munro merecia um funeral cristão. Até pecadores mereciam uma lápide.

Jack lambeu o suco dos dedos e deixou o formigamento causado pela fruta cítrica despertá-lo.

— Tenho que admitir — comentou ele, aproximando-se de Hazel e vendo o cabelo dela escondido sob o chapéu —, você vestida de homem fica mais convincente do que imaginei.

Hazel revirou os olhos. Atrás de Jack, havia um carrinho de mão contendo duas pás, uma manta de estopa e velas.

— Tenho alguns fósforos e uma vela também, caso precisemos de um pouco de luz, mas, pela minha experiência, o melhor é tentar acostumar a vista ao escuro o mais rápido possível. Vamos aproveitar a caminhada para isso.

Seguindo a estrada, o cemitério atrás de Saint Dwynwen não ficava muito longe. Era menos de uma hora de caminhada. Qualquer que fosse o perigo por trás do desaparecimento dos ressurreicionistas, era mais inteligente Jack ficar fora da cidade por um tempo, evitando a região mais notória de Greyfriars Kirkyard, bem no centro da Cidade Velha. Distrações demais, gente demais, riscos demais.

Talvez fosse excesso de cautela, mas ele não tinha recorrido a Jeanette para encontrar o cadáver. Jack não tinha nenhum motivo para desconfiar que ela tivesse algo a ver com o sumiço de Munro, mas também não tinha motivo algum para confiar nela, e manter-se vivo significava confiar apenas em si mesmo. E, pelo visto, pensou ele, confiar na filha fantasiada de uma nobre. Por que ele estava confiando nela?

Jack tentou argumentar mentalmente. Uma das primeiras lições que havia aprendido nos becos estreitos e nos esconderijos do submundo de Edimburgo era nunca depender de alguém com menos a perder que você. Ele sabia como era a vida dessas garotas da alta sociedade, as restrições impostas a elas, como se equilibravam de maneira precária no precipício entre promessa e desgraça. Imagine o que aconteceria com a reputação de Hazel, com a reputação da família dela, se as pessoas descobrissem que estava saindo às escondidas no meio da

noite, sem supervisão, com um garoto pobre que trabalhava no teatro. Também era do interesse dela não ser pega. Ao menos, aquela era a explicação lógica.

Porém, se Jack fosse honesto, se ele se permitisse admitir a pequena verdade oculta em algum recôndito do seu cérebro, ele não tinha um motivo sequer para confiar em Hazel Sinnett, mas confiava mesmo assim.

Ela era diferente de todas as garotas que havia conhecido, o som de suas sílabas era mais estreito e refinado que as de Jeanette ou mesmo de Isabella. As garotas do teatro usavam uma forte maquiagem com óleo, então havia algo de surpreendente em estar perto de Hazel, em ser capaz de ver as sardas e os pelinhos loiros aveludados em suas bochechas.

Jack não conseguia explicar. Ela não era mais bonita que Isabella. Ela era baixinha, arrogante e rica. Tinha um nariz afilado, traços masculinos e cílios e sobrancelhas pálidos demais para o cabelo escuro. Mesmo assim…

Mesmo assim…

Desde que a vira na frente da Sociedade de Anatomistas, Jack havia se flagrado traçando o queixo dela em sua mente antes de dormir. Ele conseguia imaginar o arco fino dos lábios pálidos, as sardas quase invisíveis nas bochechas. O rosto dela estava gravado em sua memória, e lá permanecia: um eco que se recusava a cessar. Uma assombração. Desde o momento em que os olhos dele encontraram os grandes olhos castanhos dela refletindo o poente, da cor quente de madeira lustrada ou âmbar polido, Jack havia confiado nela, e continuava confiando por muito mais tempo do que seu instinto de sobrevivência julgava ser prudente.

— Você disse "caminhada"? — perguntou Hazel. — Por que iríamos a pé? Pedi para o cavalariço preparar dois cavalos. Você sabe cavalgar, não?

— É claro que sei cavalgar — mentiu Jack. — Só não queria que *você* tivesse que se preocupar com seus criados sabendo sobre suas… idas e vindas à meia-noite. Não queria causar um escândalo e tudo mais.

Hazel olhou para ele de soslaio, guiando-o em direção aos estábulos.

— Minha casa sempre foi um pouco estranha. Meu pai ausente e minha mãe… Bom, para resumir: meu irmão morreu, e minha mãe entrou em luto e nunca mais saiu. Então ninguém se importa muito com o que faço ou aonde vou, ainda mais porque nunca tive que me preocupar com o espetáculo aterrorizante de uma festa de debutante em Londres, visto que estou noiva praticamente desde que era bebê.

— Você está *noiva*?

É claro que ela estava noiva, pensou Jack. Mulheres como ela sempre estavam noivas. Eram quase criadas para isso. Leitoas preparadas para o abate.

Hazel hesitou. Sua resposta habitual ficou presa na língua, e as memórias do ocorrido no baile dos Almont voltaram com tudo, trazendo ondas de emoção: primeiro terror e, então, por incrível que pareça, alívio pelo inevitável ter, enfim, acontecido. Hazel riu, uma risada gutural que afugentou alguns pássaros nas árvores mais próximas.

— Acho que estou noiva, sim.

— Essa não me parece ser a reação típica. A maioria das noivas fica entusiasmada com esse tipo de coisa.

— Ainda não tinha admitido em voz alta. Meio que parecia ser apenas um pesadelo até agora.

— Por quê? Ele é feio? Tem cicatrizes de varíola? Não, deixe-me adivinhar: está beirando os sessenta, com uma barriga grande?

— Na verdade, não. Ele faz dezoito anos em março e é considerado bastante bonito. Lorde Bernard Almont. Você o conhece, por algum acaso?

Jack fez que não.

— Mas conheço a casa — disse ele, antes de conseguir se conter.

Hazel olhou estranho para o garoto.

— Quer dizer, todo mundo conhece a Residência Almont. É grande. Na Cidade Nova — acrescentou Jack. Em seguida, tentou mudar de assunto. — Então por que você não quer se casar? Morar naquela casona, ter dinheiro e tudo o mais?

— Não creio que deixem viscondessas dissecar cadáveres.

— Bom, como elas conseguiriam encaixar isso em suas agendas sociais movimentadas?

— Sem dúvida mancharia as luvas.

Jack colocou para trás da orelha um cacho de cabelo que caía sobre o próprio rosto.

— Então deixam mulheres prestes a se tornarem viscondessas dissecarem cadáveres?

— Só se ninguém descobrir.

Hazel sorriu enquanto abria o portão do estábulo e guiou Jack na direção de um cavalo de cor alaranjada amarrado a uma estaca, com uma sela já afixada. Ela passou a mão pela crina
do cavalo.

O animal tinha um pelo brilhoso e uma mucosa cor-de-rosa aveludada ao redor do focinho. Porém, o que mais chamou a atenção de Jack foi sua altura espantosa e colossal.

Hazel notou o medo no rosto dele.

— Eu sei, são maiores do que os pôneis que costumamos ver por aqui. Meu pai mandou trazer de Londres. Cavalos árabes. Mas são um amor, de verdade. Esta é a minha, a Senhorita Rosalind — explicou Hazel, acariciando com ternura as ancas da égua marrom, que respondeu com um relincho afetuoso.

Hazel percebeu a expressão de Jack e revirou os olhos.

— Eu era *criança* quando escolhi esse nome. Não sabia como escolher o nome de um cavalo. Esse é seu, durante hoje à noite pelo menos. Betelgeuse.

Ela apontou a cabeça na direção de um garanhão tão preto que Jack nem o havia notado, um animal horripilante com patas esguias que pareciam ter a altura de um andar inteiro. O cavalo, Betelgeuse, soltou um bufo desconfiado.

— Ótimo — comentou Jack.

Hazel subiu no dorso da Senhorita Rosalind com facilidade, e desatou as rédeas da estaca com um único movimento do pulso. Ela guiou a égua em um trote suave, traçando um círculo.

— Bem, de nada adianta fazer cerimônia. Vamos, monte logo.

Betelgeuse jogou a cabeça para trás e olhou bem para o garoto. O cavalo parecia tão animado quanto Jack com a ideia de ser conduzido pelo rapaz.

— Espere! Espere um pouco — pediu Jack, quase sem conseguir conter o alívio. — Tenho o carrinho de mão. Não vamos conseguir trazer o corpo de volta no dorso do cavalo. Acho que é melhor caminharmos, afinal.

Hazel saltou da sela para o chão com tanta naturalidade que era como se as regras de gravidade não se aplicassem a ela.

— Do você está falando? — perguntou a garota.

Ela deu a volta até a lateral do estábulo, onde havia uma carrocinha recostada em um fardo de feno. Sem dificuldade, ela empurrou a carroça até a égua e afixou

sua alça na sela da Senhorita Rosalind.

— Pronto! — concluiu Hazel, tirando um pedaço de nabo do bolso e deixando que a Senhorita Rosalind o lambesse. — Simples. E muito mais fácil de transportar que um carrinho de mão.

Jack fez uma careta.

— Pois é. Muito mais fácil.

Ele suspirou, depois tirou o tecido e as pás de seu carrinho de mão e os apoiou na carroça de Hazel. Em seguida, deu um passo cuidadoso na direção do gigantesco garanhão preto.

— Vamos acabar logo com isso, parceiro — murmurou Jack. Ele rezou pedindo proteção, encaixou o pé no estribo e subiu com toda a força que conseguiu reunir. — Nada mau!

Era a primeira vez que Jack montava em um cavalo. Ele se sentiu forte, seguro, como se ele e o animal tivessem uma conexão, como se pudessem atravessar rios e saltar cercas.

Jack deu um impulso suave com os calcanhares em Betelgeuse, para fazer com que a montaria fosse para a frente. Em vez de andar, o cavalo reagiu com uma guinada maldosa que obrigou Jack a se inclinar para a frente. Seus dedos ficaram brancos com o esforço de segurar as rédeas, e suas coxas tremiam. Hazel e a Senhorita Rosalind já estavam alguns passos adiante na estradinha. Com os dentes cerrados e mais uma reza (ele estava mais devoto nos últimos quarenta segundos do que em toda a sua vida), Jack voltou a se aprumar e bateu o calcanhar no flanco do cavalo, torcendo para que ele se movesse de verdade.

Betelgeuse obedeceu. Assim que o cavalo percebeu que estava livre da corda no poste, ele não apenas se moveu, mas desatou em pleno galope, passando em alta velocidade por Hazel em sua montaria e correndo rumo à escuridão entre os pinheiros gigantescos que cercavam a estradinha.

Hazel gritou alguma coisa atrás dele, mas Jack só conseguia ouvir o vento e seu coração batendo alto nos ouvidos gelados. Também havia outro som, um lamento agudo como o de uma chaleira, e Jack levou vários segundos para se dar conta de que era o próprio grito.

Sua cavalgada aterrorizante não durou muito. Havia algo escuro e impossível de distinguir na estrada mais adiante, com contornos pretos horizontais,

bloqueando o caminho. Porém, a velocidade do cavalo fez com que o objeto surgisse à frente de Jack antes que o rapaz conseguisse reagir: era um tronco caído, com a madeira quase toda apodrecida, e repleto de insetos.

Betelgeuse saltou, e Jack escorregou da sela e caiu duro no chão. Ele deu uma cambalhota e então caiu de ponta-cabeça no tronco podre. O som dos cascos do cavalo monstruoso diminuiu à distância. Jack gemeu. Sentiu algo úmido e frio escorrendo do lodo para o tecido de seu casaco.

Hazel e a montaria dela se aproximaram.

— Você disse que sabia cavalgar! — gritou ela ao desmontar.

Jack gemeu de novo.

Com mãos gentis, Hazel o ajudou a se sentar. Ele massageou a parte de trás da cabeça, que estava machucada.

— Achei que conseguiria aprender. Sei lá, parecia que era só ficar sentado.

— É um pouco mais complicado que isso. Sinto muito, Jack, de verdade.

— Não é culpa sua.

Betelgeuse trotou para perto de onde os dois estavam sentados. O cavalo inflou as narinas com satisfação.

— A culpa é *dele* — acrescentou Jack.

— Você acha que quebrou alguma coisa? Algum osso? Jack, você está tonto?

Ele piscou para desanuviar a visão e viu a topografia sombreada do rosto de Hazel a poucos centímetros de distância. Ela estava tão perto que Jack conseguia sentir o hálito dela em sua testa enquanto Hazel examinava se havia algum galo em seu crânio. A única coisa ferida era o orgulho de Jack. Ele teria um hematoma pela manhã, mas aquela não era uma experiência nova para um garoto que tinha morado nas ruas por conta própria desde os onze anos de idade.

— Estou bem, de verdade. É com esse animal que você deveria se preocupar. Ele é um maníaco, estou falando.

E, assim, eles cavalgaram até Saint Dwynwen em um único cavalo, a Senhorita Rosalind, com Jack sentado atrás de Hazel, os braços ao redor da cintura fina da jovem. Hazel havia amarrado as rédeas de Betelgeuse à sela da Senhorita Rosalind, e o animal cavalgou obediente ao lado deles pela trilha escura da floresta, que serpenteava por hectares de terras agrícolas de um lado e o riacho do outro. Jack olhou feio para Betelgeuse, que mal lhe deu atenção.

Com a exceção do beijo terrível de Bernard, Hazel nunca estivera tão perto de um garoto em sua vida. Quase todo o tempo que passara com Bernard tinha sido em chás da tarde — ocasiões na qual ele se sentava do outro lado de móveis decorados com brocados enquanto um monte de criados trazia pratos de biscoitos recém-saídos do forno — ou então em bailes insuportáveis, nos quais dançavam com os cotovelos para fora e rodopiavam com posturas perfeitamente rígidas sob a luz forte dos salões, como se fossem dois bonecos em um relógio mecânico. O momento atual era íntimo e estranho. Hazel conseguia sentir o calor de Jack em suas costas.

Com o balanço suave do cavalo e seus braços ao redor da cintura de Hazel, Jack não podia negar que era uma sensação boa estar encostado na garota, cheirando o cabelo e o almíscar sutil do suor dela.

— Isso é… ? — perguntou Hazel sem olhar para trás, com receio em sua voz.

— Ah. Ah! — fez Jack, afastando o cabo de uma colher de jardineiro que estava pressionado contra as costas da garota.

Ele corou e se xingou baixinho, e os dois cavalgaram o restante do caminho em silêncio.

A igreja de Saint Dwynwen despontou no horizonte como fumaça, um pequeno prédio cor de ferro com uma torre fina e torta.

— É melhor descermos do cavalo — sussurrou Jack. — Seguir o resto do caminho a pé.

Hazel concordou. Com elegância, ela desmontou e fez a gentileza de estender a mão para Jack, que a aceitou. Ainda assim, o garoto caiu com um baque ao lado dela. Os dois estavam cercados por floresta, com musgo úmido e lama embaixo das botas. Hazel prendeu os cavalos em um galho próximo enquanto Jack pegava os equipamentos da carroça: duas pás, um lençol encardido e uma corda comprida.

— Vou logo avisando: não é um trabalho agradável.

— Não se preocupe. Não pensei que seria — respondeu Hazel.

Jack conseguia ver o brilho do sorriso maroto dela nas sombras.

Os dois partiram em direção aos fundos da igreja, onde os mausoléus e tumbas montavam guarda, como sentinelas silenciosas. Quando chegaram à cerca com

espinhos, Jack saltou de imediato, por força de hábito. Hazel ficou parada do outro lado.

— É mais fácil do que parece — murmurou Jack, de olho na pequena casa paroquial, com uma única vela acesa na janela, para confirmar que ninguém estava vindo. — Se você consegue montar naquele cavalo monstruoso, garanto que consegue pular essa cerca.

Hazel hesitou e, por um momento, Jack ficou convencido de que havia sido um erro trazê-la, que ela faria com que eles fossem pegos ou então gritaria… mas ela foi em frente. Hazel pulou a cerca sem nem erguer a barra da calça.

— Então, cadê a cova? — perguntou a garota, recuperando o fôlego.

Foi Jack quem sorriu então. Ele inclinou a cabeça e a guiou até o canto sudeste do cemitério, onde tinha visto o funeral alguns dias antes. Para o azar deles, no escuro, com a cabeça ainda meio embaralhada pelo medo e pelo cheiro do cabelo de Hazel no ar, Jack teve mais dificuldade para localizar a cova recente do que esperava.

— Juro que é em algum lugar por aqui — sussurrou Jack.

Quanto mais tempo eles se demoravam por lá, mais arriscada a missão se tornava. O segredo de ser um bom ressurreicionista era entrar e sair antes que um enlutado a meio metro de distância percebesse o intruso lá.

Hazel caminhou devagar, tentando enxergar os nomes entalhados nas lápides. Ela parou na frente de cada uma, sua boca articulando os nomes sem que as palavras deixassem seus lábios.

— Tantas crianças — comentou ela baixinho.

E tantas mortes em 1815, o ano em que a febre havia assolado Edimburgo sem piedade, matando ricos e pobres, nobres e seus criados. Era uma doença lenta muitas vezes, e brutal. Tão contagiosa nas horas antes da morte que havia casos de famílias que abandonavam os doentes sozinhos em casa, que ficavam chorando e batendo nas janelas, suplicando que alguém, quem quer que fosse, viesse abraçá-los enquanto morriam. E atingia crianças, além de homens e mulheres jovens. Aquela era a maior crueldade da doença: ela com frequência levava aqueles que ainda não haviam tido a oportunidade de viver.

— Aqui está — indicou Jack, baixinho.

Ele parou diante de um monte de terra revirada, úmida e recém-escavada, com uma cruzinha de madeira.

Hazel parou ao lado dele e pegou uma das pás.

— Então agora cavamos — disse ela.

— Agora cavamos.

Trabalharam em silêncio por quase uma hora. De tantos em tantos minutos, Jack levantava a cabeça para se certificar de que a paróquia continuava em silêncio, mas Hazel, para a surpresa dele, possuía uma diligência espantosa. Ela mal levantava a cabeça, empenhando-se de maneira metódica e criando um ritmo hipnótico: o som de sua pá raspando a terra e, em seguida, sua batida suave ao ser depositada na superfície. *Raspa. Bate. Raspa. Bate. Raspa. Bate*.

E então um som quebrou o ritmo: algo distante, na floresta. Um estalo de folhas. Talvez um animal pequeno afiando as unhas no casco de uma árvore. Hazel não notou, sua pá mantendo o ritmo, mas Jack ergueu a cabeça. Estava escuro demais entre as árvores para se distinguir qualquer coisa. Deviam ser apenas os cavalos, disse o garoto a si mesmo. Tinham que ser os cavalos. Ele vinha fazendo aquele trabalho a tempo suficiente para não se deixar assustar pelas sombras.

Um barulho mais imediato os alcançou: metal contra madeira, o som da pá de Hazel atingindo o caixão.

— Certo — disse Jack —, vou abri-lo agora.

Hazel assentiu e protegeu os olhos de farpas errantes quando Jack levantou a pá e desferiu um único golpe confiante na tampa do caixão. Ela fez um estalo parecido com um tiro de pistola. Jack jogou a pá na grama ao lado do buraco que haviam escavado e se ergueu até a superfície.

— Jogue o pedaço da tampa do caixão para mim — pediu ele. — Depois vou descer uma corda para você. Enrole ao redor das pernas dele para eu puxar.

Hazel assentiu em silêncio. Ela arrancou o pedaço solto da tampa do caixão e, em seguida, avaliou o que havia revelado: pés usando sapatos marrons em farrapos, quase sem material suficiente para não se despedaçar, e o cheiro vil de putrefação e morte. Um verme se contorceu entre os dedos dos pés do cadáver, e Hazel conteve a ânsia de vômito com a manga.

— Quem me dera poder dizer que você se acostuma com isso — murmurou Jack, cobrindo o próprio nariz.

Enquanto baixava a corda para Hazel, ele voltou a estudar a floresta, onde pensou ter visto uma sombra. Houve um movimento. Algo impossível de distinguir. Talvez fosse apenas um animal, uma raposa à espreita em meio a vegetação rasteira e musgosa. A única coisa que Jack podia fazer era terminar o trabalho rápido e sair dali.

Hazel enrolou a corda algumas vezes ao redor dos tornozelos do cadáver, depois a amarrou em um nó direito apertado.

— Pronto.

Jack puxou, e terra salpicou o rosto de Hazel conforme a corda deslizava pela lateral da cova. A garota tentou ajudar a guiar o corpo para fora do caixão através da abertura lascada na madeira, mas Jack fez a maior parte do esforço físico, puxando a corda para cima e para trás de maneira contínua até o corpo voltar de ponta-cabeça ao mundo dos vivos, sete palmos acima do chão.

Em seguida, Jack baixou a mão para ajudar Hazel a subir.

— Agora temos que despi-lo, e garantir que não estamos levando nenhuma peça de roupa conosco. Não somos ladrões, afinal.

Quando completaram a tarefa, os dois pararam diante do corpo, a escuridão protegendo o pudor do morto desconhecido.

— Que estranho — observou Hazel. — Parece que estamos em um funeral.

— Você se acostuma — disse Jack, já começando o processo de enrolar o corpo no lençol.

Ele jogou o corpo por sobre o ombro com facilidade. Hazel pensava que Jack era feito apenas de traços aquilinos e linhas estreitas, porém ele se mostrara surpreendente forte. O garoto depositou o cadáver na carroça com delicadeza e, em seguida, apontou para Hazel e o cavalo.

— Vá na frente, milady.

Hazel subiu na sela da Senhorita Rosalind, depois ofereceu a mão para ajudar Jack a montar às suas costas.

Os dois chegaram em Hawthornden bem quando o céu começava a clarear, com um tom de cinza nevoento. Jack entrou atrás de Hazel na masmorra e depositou o corpo sobre a mesa.

— Gostaria de ficar para uma xícara de chá ou alguma outra coisa? — perguntou Hazel, após terem ficado parados sob a meia-luz por alguns segundos.

— Podemos subir para o castelo. Tenho certeza de que a cozinheira já está acordada, caso você queira um café da manhã.

Jack balançou a cabeça e afastou o cabelo do rosto.

— Não, é melhor eu voltar à cidade. A pé.

— Ah. Está bem, então. — Hazel baixou os olhos para o cadáver, ainda envolto na manta de Jack. — Vou precisar de mais de um corpo, creio eu. Caso você fique sabendo de mais alguém que tenha morrido da febre.

— É o que não falta.

Hazel ergueu a vista, espantada ao perceber que Jack estava sorrindo.

— Até a mesma hora na semana que vem — despediu-se ele.

23

Para a surpresa de Hazel, Jack voltou a Hawthornden antes do domingo à noite. Poucos dias após a escavação bem-sucedida, ao sair para uma caminhada depois do café da manhã, Hazel o viu perto dos estábulos, com um ar acanhado.

— Eu estava pensando que, se, *por acaso*, você estivesse livre hoje, poderia me ensinar a cavalgar — disse ele. — Só não espere que eu aprenda em uma única lição, ainda mais se você me colocar em um brutamontes como Beetle… seja lá qual for o nome dele.

— Betelgeuse — respondeu Hazel, tentando conter um sorriso ao se aproximar. — Uma das estrelas mais brilhantes no céu noturno. É visível a olho nu, pelo que dizem.

— E fica tão no alto quanto aquele cavalo.

Hazel já havia entrado no estábulo e tirado o grande cavalo árabe preto de sua baia. Os dois se aproximaram de Jack, que começou a parecer arrependido da ideia de tentar montá-lo de novo.

Se Betelgeuse fosse capaz de sorrir com escárnio, o teria feito ao baixar a vista para Jack com um olhar que só poderia ser interpretado como desafiador. Jack ergueu o braço como se fosse afagar o animal, mas, então, pensando melhor, usou a mão erguida para arrumar o cabelo, fingindo que essa tinha sido sua intenção desde o início.

— Então — começou Hazel —, queremos que o cavalo se acostume com você.

— Acho que já tivemos uma apresentação bastante íntima.

— Nada de movimentos súbitos. Mexa-se muito devagar. Estenda a mão… isso, muito bom, assim mesmo… e agora ande ao redor dele, mas mantenha o contato o tempo todo. Ele precisa saber onde você está.

Jack obedeceu, sentindo-se um pouco bobo ao dar uma volta no cavalo enquanto Hazel observava.

— Agora, apoie o pé esquerdo no arreio ali. Sempre monte pelo lado esquerdo.

— Por quê?

— Na verdade, não sei ao certo. Foi só a maneira como me ensinaram. Imagino que tenha *algo* a ver com a aristocracia, mas não faço ideia.

— Bom, longe de mim querer desrespeitar algo a ver com a aristocracia — retorquiu Jack, seus olhos encontrando os de Hazel.

Com uma graciosidade inesperada, Jack subiu no dorso de Betelgeuse sem dificuldades.

— Arrá! Consegui!

Betelgeuse se inclinou para comer um pouco de grama amarelada, e Jack apertou as rédeas, apavorado.

— Agora é com as coxas — disse Hazel.

Jack arqueou a sobrancelha.

— Aperte com as coxas — explicou ela. — E mantenha a coluna ereta. E tente não ter medo. Cavalos conseguem sentir esse tipo de coisa.

— Certo. Isso. Sem medo.

— Você desenterra corpos em cemitérios no meio da noite, e está com medo de um cavalo?

— Veja bem, essa é a questão — comentou Jack, enquanto Betelgeuse decidia começar a vagar para a esquerda. — Cadáveres não vão morder você. Não vão fazer *nada* com você. São os seres vivos que machucam.

— É, acho que você tem razão.

Hazel montou na Senhorita Rosalind e, com um pouco de esforço, os dois conseguiram fazer seus cavalos andarem lado a lado pela longa estradinha na frente de Hawthornden.

— Acho que isso basta por hoje — disse Hazel, quando retornaram aos estábulos. — Mas, se quiser, pode voltar amanhã. Talvez seja bom para meus estudos… fazer uma pausa, tomar um pouco de ar fresco.

— É. Parece uma boa ideia.

Na segunda vez que saíram para cavalgar, eles chegaram até o limite da propriedade com o terreno ao lado, onde ovelhas pastavam, sossegadas, pelas colinas verdes. Depois, Hazel levou Jack de volta a Hawthornden pela trilha estreita dentro da floresta, ao longo do riacho.

— Você acredita em fantasmas? — perguntou Hazel enquanto eles passavam pelos ciprestes imponentes perto dos portões dos fundos.

Ela sempre achara aquela pergunta tola, do tipo que crianças sussurravam umas às outras entre brincadeiras, mas as últimas semanas focadas no corpo humano a haviam deixado mais curiosa sobre a morte e o que acontecia após atravessar o véu.

— Por que você quer saber? — retrucou Jack.

Ele acariciou o pescoço de Betelgeuse. Tinha aprendido que o cavalo não era tão assustador uma vez que o conhecia.

— Nunca vi evidência com meus próprios olhos, mas acho que deve haver algo além de eletricidade animando nossa carne — explicou Hazel. — Uma alma que continua a viver após o nosso tempo aqui.

A expressão de Jack ficou tensa. A morte era sempre uma constante na Cidade Velha, mas, nas últimas semanas, as ruas tinham sido tomadas por um silêncio novo e inquietante, denso como cera de vela. Ninguém falava a respeito, mas Jack sabia que os desaparecimentos continuavam. E não eram apenas ressurreicionistas… A menina que trabalhava na peixaria e piscava para Jack sempre que ele passava no mercado havia sumido, e o homem atrás do balcão respondera com um dar de ombros quando Jack perguntara sobre ela. Fazia meses que ninguém via Rosie, uma prostituta que fumava charutos com os atores no Le Grand Leon. Desde que começou a circular a notícia de que a febre romana poderia ter voltado, ninguém fazia muitas perguntas quando os cômodos estreitos e atulhados da Cidade Velha passavam a abrigar alguns corpos a menos.

— Não sei — respondeu Jack. — Acho que acredito em fantasmas, sim. Mas não acho que os fantasmas ficariam em cemitérios.

— Por quê? Por ser um solo sagrado?

— Não — disse Jack, arrancando a folha de uma árvore e a girando entre os dedos. — Não acho que os fantasmas gostariam de ser lembrados da morte. Imagino que, depois de saírem do corpo, queiram ficar o mais longe possível dele.

Já lidei com vários cadáveres, e não há motivo para alguém querer ficar perto daquilo. Não passamos de um bando carne, e começamos a apodrecer bem rápido. Os fantasmas podem ir a qualquer lugar, certo? Não tem motivo para permanecer perto de seu corpo carcomido por vermes.

— É uma perspectiva bastante desanimadora — comentou Hazel. — Mas acho que há certa poesia nela.

Eles cavalgaram em silêncio até chegarem ao ponto na floresta em que o córrego se estreitava até deixar de existir.

— O córrego não para aqui — explicou Hazel. — Na verdade, ele continua embaixo da terra, creio eu, ou então fica tão estreito que mal pode ser chamado de córrego. Mas, depois daquelas árvores… veja, perto da ravina… ele volta a nascer.

— É o mesmo córrego, então? Ou são apenas *dois* muito próximos?

— É… — começou Hazel, então hesitou.

Ela ia responder que era *obviamente* o mesmo córrego, como alguém poderia ser ridículo a ponto de insistir que não? Mas percebeu que não tinha um bom motivo que comprovasse sua convicção.

— Às vezes as coisas acabam — comentou Jack. — Ei, olhe lá.

Ele apontou para um conjunto de flores com pequenas pétalas verde-claras, tão claras que eram quase peroladas. Cada flor possuía um círculo branco no centro.

Hazel não as reconheceu. Embora tivesse caminhado por aquela trilha centenas de vezes, as flores verdes eram tão pequeninas e rentes ao chão que desapareciam em meio à vegetação rasteira e ao musgo.

— O que são? — perguntou a garota.

— Não sei o nome certo, mas minha mãe chamava de flor-de-erva. Ela usava as raízes para fazer chá. Dizia que era bom para nos manter fortes.

Fazia anos que Jack não pensava no chá da mãe, mas, assim que a lembrança lhe veio, ele sentiu o cheiro do amargor distinto e tanino do chá.

— Acho que, parando para pensar, talvez ervas daninhas fossem as únicas coisas que ela podia se dar ao luxo de usar para fazer chá.

Enquanto Jack ainda estava perdido em seu devaneio, Hazel saltou do cavalo e começou a arrancar um punhado de pequenas flores, tomando cuidado para manter as raízes brancas cor de leite intactas.

— Medicina popular costuma ser muito mais eficaz do que os procedimentos com sangrias e ventosas feitos nos hospitais — disse ela. — Sua mãe deve ter aprendido isso em algum lugar.

— Imagino que sim.

Jack não comentou mais nada sobre a mãe nem sobre sua origem, e Hazel não insistiu. O garoto ficou grato por isso. Não queria que Hazel olhasse para ele com pena, o que, para crédito dela, a jovem nunca tinha feito. Hazel era uma das poucas pessoas abastadas que Jack conhecera que nunca agiam como se estivessem lhe fazendo um grande favor ao interagir com ele.

Quando voltaram aos estábulos, Jack escovou os cavalos para protelar ir embora, embora o cavalariço sempre cuidasse dos animais ao fim do dia. Betelgeuse balançou a crina em sinal de aprovação. Os dois tinham virado amigos, afinal.

— Você escolheu o nome dele? — perguntou Jack, dando um tapinha no pescoço do cavalo. — Betelgeuse. Nome de estrela chique.

— Foi meu irmão George. Ele adorava as estrelas. Quando eu era pequena, ele me ajudava a sair pela janela do quarto das crianças e subir no terraço, onde me mostrava os desenhos formados por elas. Eu sei de cor todos os ossos do corpo e os ácidos que podem ser usados para dissolver a carne. Mas ele sabia histórias. George era… gentil.

— Sinto muito pela sua perda.

— Obrigada.

Jack não tinha mais nada inteligente a dizer. Todo o seu estoque de palavras se esgotara e, se ele continuasse ali, iria passar vergonha.

— Vejo você no domingo à noite — despediu-se ele de repente, falando um pouco alto demais. — Quer dizer, se você ainda quiser escavar.

— Eu quero — garantiu Hazel.

Na noite de domingo, quando Jack chegou a Hawthornden, encontrou apenas a Senhorita Rosalind, já selada e amarrada à carroça.

— Como você ainda é um iniciante, imaginei que seria melhor cavalgar no mesmo cavalo — disse Hazel, encaixando o pé no estribo e montando a égua. — A estrada é um pouco mais traiçoeira que o terreno do castelo.

— Você parece bem presunçosa para quem me deixou escavar tudo sozinho da última vez — retrucou ele, jogando o equipamento na carroça.

Ele estendeu a mão para acariciar as ancas da Senhorita Rosalind, mas mudou de ideia.

— Alguém tem que ser o cérebro da operação, e alguém tem que ser o músculo — rebateu Hazel.

— Pensei que eu fosse a beleza.

— Não — disse Hazel, acariciando o flanco aveludado do pescoço da égua. — Isso fica por conta da Senhorita Rosalind.

O percurso até o cemitério pareceu levar apenas uma fração do tempo da semana anterior. Hazel sentiu que estavam cavalgando há apenas alguns momentos quando as árvores se abriram para revelar Saint Dwynwen. As mãos de Jack se mantiveram na cintura dela o caminho todo, quentes e confortáveis. Era como se a curva das costas de Hazel tivesse sido feita para ficar encostada no peito dele, e ela sentiu algo parecido com tristeza quando percebeu que eles precisavam desmontar e se dirigir ao cemitério com suas pás.

— Ele morreu da febre? — perguntou Hazel quando já estavam cavando há tempo suficiente para uma fina camada de suor ter se acumulado em sua testa.

Jack fez que sim com um resmungo e não parou de escavar. Ele tinha visto o caixão ser enterrado, marcado por uma letra *R* sinistra em tinta vermelha escorrendo que o hospital havia começado a usar. O número de mortos pela febre romana não parava de crescer.

— É um homem, como da última vez — sussurrou Jack, depois de acrescentar uma quantidade pesada de terra ao monte acima deles e parar para secar o suor dos olhos. — Sem família, sem funeral. Só um caixão de pinho do hospital beneficente.

— Que coisa terrível — disse Hazel.

Jack ergueu a cabeça, surpreso.

— É — concordou. — Acho que é mesmo.

Era terrível mesmo. Ele não tinha parado para pensar naquilo. Jack se dessensibilizara tanto diante da dimensão da morte em Edimburgo que sua primeira reação tinha sido alívio: caixões de pinho eram os mais fáceis de quebrar.

Estando tão perto de Hazel em uma cova outra vez, Jack conseguia sentir a carga magnética da pele dela e o cheiro de sal do seu suor. Ele queria beijá-la, mas, antes que conseguisse pensar em como fazer isso, veio o estalo de metal sobre madeira.

Lá estava, bem como Jack se lembrava: um caixão de pinho com a parte de cima da letra *R* despontando do solo.

— De romana — explicou ele baixinho.

Esse é o momento, pensou. *Beije-a agora*.

Mas, em vez disso, ele jogou a pá para cima da grama e se ergueu para sair do buraco.

Hazel já sabia o que fazer quando Jack desceu a corda. Ela agiu rapidamente, prendendo-a ao redor dos pés do cadáver e ajudando Jack enquanto ele içava o corpo através do buraco no caixão. Hazel fez tudo usando o tato, para não ter que olhar de perto um rosto em processo de decomposição.

Quando o corpo tinha saído da cova, Jack estendeu a mão para Hazel. Ela a pegou, sentindo os calos na própria pele, que estava áspera e com bolhas pelo esforço da noite.

— Sua mãe chegou a mencionar se a flor-de-erva ajuda com bolhas? — perguntou ela, massageando as palmas das mãos.

Eles estavam sentados lado a lado na grama escura.

— Acho que não.

Apesar da resposta, Hazel decidiu que tentaria mais tarde.

Eles ficaram sentados por alguns minutos, recuperando o fôlego. Jack se perguntou se teria coragem para tentar beijá-la, mas por fim falou:

— Acho que é melhor despirmos o pobre coitado agora.

Quando estava na cova, Hazel não notara nada de extraordinário no rosto do cadáver, mas agora que estavam no nível do solo, ela não conseguia desviar o olhar. Havia algo de estranho no rosto, tão encovado que a pele parecia macilenta. O luar não era forte o suficiente para que ela distinguisse os detalhes nos traços do homem.

— Você ainda tem aquele fósforo e vela? — perguntou ela a Jack.

Uma pequena chama ganhou vida e iluminou o rosto dos dois com um brilho laranja. Por um momento, Hazel se esqueceu de onde estava, que estava se protegendo do frio noturno em um cemitério. O brilho da vela deixava o rosto de Jack Currer belo e estranho, com ângulos tão afilados que Hazel sentiu o impulso de passar o dedo nos contornos de sua pele, gravar seu perfil em uma moeda.

Então, a garota se voltou para o cadáver, e seu sangue gelou.

Os olhos do homem eram cavidades grotescas, cavernas fibrosas vazias com polpa e vermes. Porém, ainda mais horrendo: suas pálpebras haviam sido costuradas para se manterem abertas. Um barbante preto fino, costurado em xis caprichados, prendia a pálpebra superior do homem morto à sua sobrancelha, e a inferior à sua bochecha. Ele parecia uma marionete aterrorizante. Nada de natural havia acontecido ali. E o homem tinha sido obrigado a assistir ao que quer que ocorrera.

Jack fez o sinal da cruz.

— O que é isso? — sussurrou ele.

— Não sei, mas febre romana que não é.

Um barulho os tirou do transe inquietante. O som de folhas sendo esmagadas. E então uma sombra se movimentando entre as árvores. Um ser humano.

— Se abaixe! — murmurou Jack, empurrando Hazel para dentro da cova que haviam terminado de escavar pouco antes.

Ele também saltou no buraco e baixou a cabeça até os dois ficarem fora de vista, parados lado a lado na fossa estreita.

Suor escorria pela testa de Hazel. Ela tinha uma mancha de terra no lado direito do rosto.

— Tem alguém aqui? — perguntou Hazel, aos sussurros.

— Não sei.

Eles esperaram, os corações acelerados. Caiu um silêncio. E então veio o barulho de botas na grama. Passos. Alguém estava caminhando na direção do cemitério. Hazel e Jack se entreolharam, os rostos tão próximos que o garoto conseguia distinguir o brilho das gotas de suor na testa dela.

— Deve ser só um jardineiro — opinou Jack, baixinho. — Só uma inspeção de rotina.

Porém, por mais que falasse isso, seu coração se apertou. Não era um hábito dos jardineiros trabalhar depois da meia-noite.

— Talvez o padre dando um passeio? — sugeriu Hazel.

Jack não sabia. Ele fez sinal para os dois se ajeitarem de maneira que o topo de suas cabeças não ficasse visível para quem… ou o que… estivesse lá em cima.

O buraco era largo o suficiente para eles se sentarem lado a lado, embora seus joelhos roçassem na terra solta das paredes da cova. Um verme serpenteou na direção do olho de Jack e, por instinto, o garoto se afastou para mais perto de Hazel. Ela abraçava os próprios joelhos, tentando respirar em silêncio.

Os passos — não havia como negar que eram passos — continuaram a se aproximar, chegando cada vez mais perto do esconderijo dos dois.

Os olhos de Hazel se arregalaram.

— O corpo! — lembrou ela.

Eles o haviam deixado caído na grama, nu. Se quem estivesse lá em cima o visse…

— Deixe. De todo modo, está escuro demais para enxergar.

O que Jack não acrescentou era que, se quem estivesse no cemitério se aproximasse o bastante para ver o corpo, também estaria perto o bastante para olhar dentro da cova e encontrar os dois, tremendo no frio da noite.

Os passos estavam muito próximos agora: o som parecia um guincho de botas na grama úmida e dava a impressão de que a pessoa estava a poucas fileiras de distância, mas nem Jack nem Hazel se atreveram a olhar. E não era apenas um par de passos. Hazel ouviu com atenção e, depois, ergueu três dedos para Jack. Havia pelo menos três homens caminhando juntos pelas fileiras de tumbas.

Os passos cessaram. Jack e Hazel se entreolharam outra vez. Não havia nada que pudessem fazer. Eles podiam tentar correr, mas sair do buraco levaria um tempo e eles poderiam ser pegos em uma emboscada. Estavam em menor número.

— Está tudo bem — murmurou Jack. — Seja lá o que for, está tudo bem.

Sem pensar, ele passou um braço ao redor do ombro de Hazel.

A garota abriu um sorrisinho e ajeitou o próprio peso, ouvindo o som do calcanhar de sua bota contra a madeira. Eles haviam escavado até o caixão. Mas não havia nada que pudessem fazer quanto a isso. Só lhes restava esperar e torcer

para que ninguém se aproximasse o bastante para perceber que havia um buraco no chão contendo dois jovens apavorados.

Hazel pressionou seus ombros aos de Jack, em parte para se proteger do frio da terra úmida que se infiltrava através do casaco, e em parte porque o calor dele, a força de sua presença, a deixava menos apavorada. Ele a ancorava. Os dois estavam juntos. Não teriam que enfrentar aquilo, o que ou quem quer que estivesse ali, sozinhos.

Eles permaneceram imóveis, escutando os passos irem e virem pelo que pareceram horas. As articulações de Hazel doíam, mas ela não se atreveu a se mexer.

Por fim, os passos se afastaram por completo.

Os únicos sons eram o grasnado de um pássaro noturno e o assobio do vento por entre as fileiras de lápides. Mesmo assim, Jack e Hazel continuaram imóveis, abraçados na terra rasa sobre o caixão.

Uma lua crescente havia nascido no céu, fina e afiada como um bisturi. Sob a claridade, Hazel examinou o rosto de Jack: os pontinhos de lodo em seu nariz, os estranhos olhos de falcão, os lábios finos e os cílios mais escuros e compridos que os dela, tão curvados que quase alcançavam suas sobrancelhas perpetuamente franzidas.

Sentindo o olhar dela, Jack se virou.

— Será que…

Hazel se aproximou e o beijou. Ela não tinha previsto aquilo, não tinha nem imaginado como seria, mas, quando Jack virou o rosto para ela, a poucos centímetros de distância, ela se sentiu atraída como estivesse sendo puxada pela gravidade. Parecia magnetismo, o frio de seus lábios procurando o calor dos dele. Os olhos do garoto se arregalaram de surpresa, mas então ele engoliu em seco o resto da frase e retribuiu o beijo, intensa e urgentemente.

Jack abraçou Hazel e a beijou como se ela fosse sua única fonte de oxigênio. Suas mãos percorreram o cabelo dela, subiram pelo pescoço, traçaram o maxilar. Com as pontas dos dedos, ele contornou os lóbulos aveludados das orelhas perfeitas dela. Nenhum dos dois sabia que poderia ser assim, que deveria ser assim: tão simples. Era como se os lábios de um fossem onde os lábios do outro sempre deveriam estar. Como se o próprio destino os tivesse trazido àquele

momento, apavorados e doloridos em uma cova semiescavada, para que pudessem ficar juntos.

Quando Hazel se afastou, estava corando.

— Desculpa — disse ela.

— Não precisa pedir desculpa.

Hazel se aconchegou perto dele, a curva de sua coluna se encaixando perfeitamente no peito de Jack. O garoto baixou o braço sobre ela, e os dois ficaram observando a lua e escutando os sons da noite.



Eles acordaram com um céu cinza enevoado e um padre os encarando do alto da cova. Jack se levantou com dificuldade e saiu da pequena trincheira, que parecia ainda mais estreita à luz do dia. As paredes de terra seca tinham desmoronado um pouco enquanto dormiam. Ele estendeu a mão para Hazel e a puxou para cima da grama.

— Bom dia, padre! — cumprimentou Jack com entusiasmo. — Linda manhã. Um pouco de neblina, mas eu é que não vou reclamar.

— Posso explicar — disse Hazel.

Os olhos do padre se arregalaram de terror. Ele se virou para o cadáver mutilado deitado na terra, depois para Hazel e Jack, então para o corpo outro vez, e de volta para os dois.

— Desapareçam, ó mortos, deste mundo dos vivos! — exclamou o padre. Ele dobrou os joelhos alquebrado, pegou um punhado de terra e a atirou em Jack e Hazel. — Xô! Xô! Esta terra é santa e consagrada. Sumam!

Hazel ergueu as mãos para proteger os olhos.

— Senhor… padre, é tudo um mal-entendido…

Mas Jack a interrompeu:

— Sim! Somos mortos-vivos que despertaram! E vamos… — ele pegou o braço de Hazel — … embora agora. *Arghhhh!* — Jack balançou os braços no ar. — Sua santidade é *poderosa demais*!

E então o garoto sibilou como uma cobra.

Antes que pudessem ver a reação do padre, eles se viraram e correram na direção das árvores. Felizmente, a Senhorita Rosalind ainda esperava por eles, mal-humorada e pronta para uma refeição, mas teve o maior prazer em levá-los de volta a Hawthornden.

Alguém, três alguéns, rondaram pelo cemitério à noite, ressurreicionistas estavam desaparecendo e algo horrível acontecera com os olhos de um homem morto… Mas Hazel não conseguia pensar em nada daquilo. Os pensamentos giravam feito redemoinhos em seu cérebro e se dissolviam como creme sendo mexido em um chá fraco. Tudo que ela conseguia fazer era se manter desperta e com a postura aprumada sobre a Senhorita Rosalind, com as mãos de Jack Currer em sua cintura, fantasiando sobre a própria cama com carvões aquecendo as cobertas, e a torta de peixe da cozinheira recém-saída do forno, e a sensação dos lábios de Jack nos seus.

Ela havia beijado Jack Currer em uma cova, e ele havia retribuído seu beijo. Apesar de tudo que haviam enfrentado durante a noite, aquele tinha sido o momento em que o coração de Hazel batera mais forte.

Quando ela voltou ao Castelo Hawthornden, abrindo a porta de madeira rangente o mais silenciosamente possível, encontrou Charles dormindo no banco de veludo do saguão, perto da porta da biblioteca. Iona dormia a sono solto ao lado dele, com a cabeça apoiada em seu ombro. Hazel fechou a porta devagar e descalçou as botas para poder se esgueirar para a cama sem acordá-los.

24

Sem um corpo novo para estudar, Hazel dedicou todo o seu tempo e atenção a diagramar e preservar os órgãos do único corpo que ela e Jack tinham *conseguido* roubar. Ela coletou amostras de cada ferida provocada pela doença e submergiu as crostas em soluções variadas: álcool, tônicos, sal e, por um capricho, raiz de flor-de-erva em pó.

Porém, somente um corpo não bastaria para passar no Exame Real de Medicina. Hazel encomendou exemplares dos livros mais recentes sobre fisiologia diretamente de Paris, da Filadélfia e de Roma, depois passou o maior número de horas possível estudando-os. Ela leu e releu a nova edição do *Tratado do dr. Beecham* que o ex-professor lhe dera até as páginas ficarem amolecidas pela oleosidade de seus dedos. Hazel memorizou os comentários nas margens, em sua maioria anotações de pouca importância e sem sentido: *Sistema venoso pequeno* escrito ao lado de um diagrama da vesícula biliar, *Tônico de mercúrio?* na página sobre tratamento do resfriado comum.

Mesmo assim, estava cada vez mais difícil para ela se concentrar. Todo piscar de olhos parecia vir acompanhado da imagem aterrorizante dos olhos costurados em um horror absoluto, os fios pretos perfurando pálpebras finíssimas. Hazel lia madrugada adentro para evitar pesadelos. Quando não pensava no cadáver macabro, seus pensamentos se voltavam para os lábios de Jack e a maneira como seu coração havia palpitado quando ele apertou seu corpo contra o dela. Nada disso a ajudaria a passar no exame. Hazel não podia pensar demais sobre aqueles assuntos no momento.

Então, ela levava livros em suas caminhadas e lia na cama até tarde da noite, até as velas se apagarem. Em mais de uma ocasião, durante o café da manhã, Iona teve que substituir o livro nas mãos de Hazel por uma torrada, para garantir que a jovem se alimentasse.

A criada também insistiu que Hazel fosse aos Jardins de Princes Street durante um dia razoavelmente agradável, talvez o último assim do ano. O sol fraco conseguia, com muito esforço, fornecer um pouco de calor em meio ao céu cinza-escuro.

— Vamos — disse Iona, separando as botas de Hazel. — A senhorita não pode ficar enfurnada aqui o inverno todo. Pode até levar os livros para o jardim! Não seria agradável?

— Iona, meus livros são pesados. Devem pesar uma tonelada. Eu não teria como carregá-los até um lugar agradável na grama, os cavalos não conseguiriam levá-los na carruagem até onde eu decidisse me sentar.

— Bom — sugeriu Iona, falando devagar —, talvez a senhorita possa levar apenas *um* livro para ler nos jardins… Afinal, só passará uma tarde ali.

Hazel se engasgou com o chá.

— Um livro? *Um* livro? Isso é absurdo. E se eu terminar de ler? E se for insuportavelmente chato? O que vou fazer se acabar de ler o único livro que levei ou descobrir que ele é intragável? E se não conseguir me concentrar nele? Alguém poderia derramar chá no livro. Pense só. Alguém poderia derramar chá em meu *único* livro, e ele ficaria *manchado*. Convenhamos, Iona, pense bem.

— Dois livros, então, senhorita.

Hazel suspirou, mas acabou concordando. Ela partiu para a cidade com três livros na carruagem, sabendo muito bem que Charles e Iona estavam aliviados por poderem ficar mais ou menos a sós no castelo por algumas horas.

Mesmo com o espectro da febre romana pairando sobre Edimburgo, os Jardins de Princes Street se encontravam cheios de pessoas fazendo piquenique e caminhando, mulheres andando apressadas em pares e carregando sombrinhas. Todas celebravam aquele dia que provavelmente seria o último antes da primavera com o sol brilhando, ainda que pouco, detrás das nuvens e da névoa fumacenta. Como estavam tão contentes? Como os ricos ignoravam com tanta facilidade o caos e o terror em sua cidade?

Entretanto, pensou Hazel, ali estava ela, desfrutando do calor fora de época, tentando estudar. *Passe no exame e depois se preocupe com o resto*, disse a si mesma. *Apenas passe no exame.*

Hazel encontrou um lugar isolado no gramado, sob um grande olmo frondoso, e abriu os livros diante de si: o *Tratado do dr. Beecham*, outro livro de anatomia e um romance chamado *Razão e sensibilidade*, publicado de maneira anônima e creditado apenas a "uma dama". Hazel gostava da autora, quem quer que ela fosse, e havia trazido o romance como uma recompensa, caso conseguisse terminar sua revisão do sistema pulmonar.

Hazel se acomodou na grama e pegou o *Tratado do dr. Beecham* para refrescar a memória, mas, antes que conseguisse chegar às páginas sobre as artérias dos pulmões, uma sombra surgiu sobre o livro. Ao erguer os olhos, a garota se deparou com Hyacinth Caldwater, com a mão apoiada sobre uma barriga de grávida gigantesca.

Hazel engoliu em seco o nó que surgiu em sua garganta.

— Ah, Hazel, *querida*! — exclamou a sra. Caldwater. — A alta sociedade está em polvorosa desde o seu noivado! Você saiu do baile antes da dança. Você está bem? E, mais importante: já definiu uma data? Porque preciso liberar espaço na minha agenda, simplesmente preciso. Não há dúvida de que seu casamento será o evento da Temporada. Imagino que o pessoal de Londres também virá…

Hazel suspirou e fechou o livro.

— Sra. Caldwater. Sempre um prazer vê-la.

— Agora, você *precisa* me contar o que estava passando em sua cabeça quando Bernard fez o pedido. Confesso que pensávamos que ele demoraria mais umas duas Temporadas para noivar, vocês ainda são tão *jovens*. E você esteve tão ausente nesta Temporada. — comentou a sra. Caldwater, arqueando a sobrancelha em uma expressão conspiratória. Ela se aproximou como se quisesse contar um segredo para Hazel, embora sua voz ainda soasse alta e aguda como um sino de bronze. — Metade da Charlotte Square está convencida de que você conseguiu seduzir um conde polonês e Bernard sabia que precisava agir enquanto tinha chance. Ouvi vários boatos de que sua mãe estava farta da demora, então foi para Londres arranjar uma união com um inglês para você e deixar Bernard com ciúme! Por que outro motivo ela iria tão cedo? Sem dúvida ela ficou contente pela

união com Bernard Almont estar enfim acertada. Ela vai voltar, agora que você está noiva?

— Minha mãe está em Bath, com Percy. De férias. Devido à constituição delicada dele. Para evitar a febre.

O rosto coberto de ruge da sra. Caldwater se tornou uma máscara de compaixão.

— Ah, sim, claro. Ah, minha querida. Sua pobre mãe e tudo pelo que passou… Perdeu o primogênito, e seu pai ausente durante a maior parte do ano. É difícil para ela, você diria?

— Sim — respondeu Hazel, gostando ainda menos da conversa a cada segundo que passava. — Imagino que seja.

Com uma indiferença hercúlea às tentativas educadas de Hazel de voltar a atenção para o livro, Hyacinth Caldwater se virou para exibir o perfil inchado, apoiando a mão embaixo da barriga. Ela devia ter no mínimo quarenta anos. Pelas rugas delicadas no canto dos olhos, ao menos cinquenta, calculou Hazel. Contudo, era inegável: a mulher estava grávida.

Notando o olhar fixo de Hazel, a sra. Caldwater sorriu, radiante.

— Dá para acreditar? Um milagre. Eu e meu marido, o coronel, estávamos tentando ter um filho desde que nos casamos, um século atrás. Ha-ha-ha! E agora, finalmente: *puf!*

— Puf — repetiu Hazel.

— Obra do dr. Beecham. Ele me contou tudo sobre dietas, mandou que eu mascasse as pastas mais horrendas que se pode imaginar, mas, bom, veja com seus próprios olhos. O homem é um gênio. *Terrivelmente* caro, é óbvio, mas vale cada centavo. Não faço ideia de como alguém sobrevive neste país sem poder pagar pelos melhores médicos.

— Eles vão aos hospitais beneficentes. Muitos morrem lá.

A sra. Caldwell riu como se Hazel tivesse contado uma piada.

— Os hospitais beneficentes, claro! — exclamou, batendo na barriga outra vez. — Bom, nós dois precisamos nos alimentar. Por favor, *mande* minhas lembranças à sua mãe e fique à vontade para aparecer na Casa Barton para um chá quando quiser. Olhe como você está magrinha! É um absurdo. Um escândalo! Eu mesma vou engordar você, se for preciso.

— Tchau, sra. Caldwater, e parabéns pela sua bênção — disse Hazel e, então, antes que a mulher pudesse fazer outra pergunta impertinente, abriu seu livro e o ergueu diante do rosto.

O dr. Beecham era um gênio, não havia dúvidas disso. Embora Hazel questionasse um pouco o bom senso de qualquer pessoa que trabalhasse para colocar mais integrantes da família Caldwater no mundo.

Ela estava folheando o volume de Beecham quando algo caiu: um pedaço de pergaminho tão bem-dobrado que havia passado despercebido, enfiado de maneira invisível entre as páginas. Ela o desdobrou com cuidado. Estava amarelado e rasgado nas pontas. Parecia ser muito mais antigo que o livro que o continha.

Era um desenho feito a bico de pena de uma mão humana, com os dedos cortados. Setas identificavam cada uma das veias que ligavam os dedos à palma da mão. Para Hazel, pareciam as anotações de alguém prestes a realizar uma cirurgia laboriosa.

O pergaminho era frágil como uma asa de borboleta, e a tinta estava quase desbotada. Seria possível que fosse uma anotação do próprio dr. Beecham, o avô? Guardada e preservada pelo neto, talvez colocada em uma pilha de papéis e enfiada sem querer em um de seus livros? A caligrafia era inclinada, angulosa e muito precisa, cada letra uniforme e exata. Será que Beecham queria que Hazel a encontrasse? Uma lembrança da mente científica mais brilhante na história recente da Escócia, dada para inspirá-la, como um gesto de boa-fé?

Hazel desejou ter conhecido o primeiro dr. Beecham, o homem que havia dedicado a vida a entender o corpo humano. Aquele desenho em pergaminho era obra de um homem dedicado como um monge, que havia estudado articulações, músculos e veias com tanta paciência e cuidado que conseguia reproduzi-los com perfeição no papel. Hazel alternou o olhar entre o papel e a própria mão. Seus olhos quase se encheram de lágrimas.

Uma nova sombra pairou sobre o livro. Havia alguém parado diante dela, tossindo para chamar sua atenção. Por um momento terrível, Hazel teve certeza de que Hyacinth Caldwater voltara para perguntar sobre um vasto leque de assuntos íntimos ou desagradáveis. A garota afastou o livro do rosto, munida de uma desculpa gentil, mas se deparou com o noivo, Bernard Almont.

Ele tossiu de novo, com polidez.

— Desculpe interromper sua leitura. Estudando, imagino?

Hazel assentiu.

Seu primo usava uma sobrecasaca azul-marinho simples e uma calça cinza. O conjunto era consideravelmente discreto e adulto, para os padrões de Bernard.

— Posso me sentar? — perguntou ele.

Hazel assentiu outra vez.

Bernard estendeu um lenço e então se sentou ao lado dela na grama.

— Pretendia passar em Hawthornden, ou pelo menos mandar uma carta, mas achei muito difícil, bem, criar coragem para tanto. Lamento pelo meu comportamento no baile, por tê-la surpreendido com o noivado. Pela maneira como agi no corredor de criados. Admito que talvez eu tenha tomado mais champanhe que o recomendável, mas isso não é justificativa. — Ele pigarreou. — Não me comportei como um cavalheiro. Um pedido de casamento não deveria ser tão público e, caso me recuse, prima, eu ficarei extremamente entristecido, mas respeitarei seu direito de fazer isso.

O balão cheio de vergonha, constrangimento e alívio a respeito de tudo que havia acontecido com Bernard estourou no peito de Hazel.

— Obrigada, Bernard.

Ele inspirou, contente.

— Então… você aceita? Casar-se comigo, digo? Por favor, diga que sim. Sei que fui horrível, mas não há ninguém que eu tolere tanto quanto você.

A memória sensorial de Jack a atingiu. O calor de seu corpo, a forma como seu beijo havia deixado o peito dela apertado e a cabeça zonza. Hazel estava de volta na cova com ele, seus corações acelerados batendo em sincronia. Conseguia sentir os pelos delicados na nuca dele quando o abraçara e o cheiro de suor, flor de sabugueiro e hortelã do garoto. O aroma doce e terroso a fazia desejar ser capaz de fechar os olhos e passar o resto da vida em um cavalo com ele abraçado às suas costas.

Hazel deixou o livro de lado e voltou a encarar o rosto ansioso e esperançoso do primo. Ele estava fazendo uma pergunta cuja resposta ela já sabia, soubera a vida inteira. Havia apenas um futuro para Hazel, se quisesse sobreviver.

— Sim, Bernard — respondeu ela, com a voz suave. — Vou me casar com você.

— Ah, maravilha!

Ele a beijou, e Hazel se aproximou para permitir o gesto. Ela manteve os olhos abertos e viu as pálpebras dele tremularem de prazer. Bernard se afastou com um estalo úmido.

— Vamos esperar até sua mãe voltar para começar os preparativos, mas minha família vai querer uma grande festa — avisou ele.

Hazel não soube o que dizer. Apenas assentiu outra vez e apontou para o livro.

— Ah, sim, claro — concedeu Bernard. — Prometi que deixaria você retomar sua leitura.

Ele se levantou e sacudiu a poeira do lenço em que havia se sentado, franzindo o cenho ao notar uma pequena mancha. Em seguida, dobrou o tecido e o devolveu ao bolso. Bernard fez menção de ir embora, mas, antes de se virar por completo, parou e ergueu um dedo.

— Existe…? — começou ele. — Desculpe mencionar isso, não sei nem por que estou perguntando, mas… você tinha outro pretendente? Sei que é ridículo, mas os boatos… bem, você sabe como são essas coisas.

— Não. Não há nenhum conde russo nem duque bávaro nem seja lá o que as pessoas da Cidade Nova inventaram para se entreter com o teatro fechado.

Bernard sorriu e fez uma reverência ao partir. Hazel continuou a ler sob a luz do sol poente até ficar escuro demais para enxergar as palavras, perguntando-se em que parte da cidade Jack Currer estaria naquele momento e por que a mentira inocente que havia contado ao primo surgira tão facilmente.



Trecho de ***Observações do diarista Samuel Brass*** *(vol. 1, 1793):*

O que terá acontecido ao baronete dr. William Beecham? Ninguém o acusaria de ser um *bon vivant* social, mas nos últimos meses ele parece ter se retirado por completo da alta sociedade. Compareci ao almoço anual do conde de Tooksbery, em Hampshire, na semana passada, e a condessa comentou que acreditava que o médico não andava bem da cabeça desde a morte da esposa. "E quem trata um médico que enlouqueceu?", acrescentou ela, antes de consultar o marquês de Fountaine sobre as mais novas tendências de jardinagem.

A avaliação da condessa é generosa. Línguas menos gentis sugerem que a loucura se devia a uma obsessão pela alquimia e pela Pedra Filosofal. Embora o médico nunca tenha sido dos mais extrovertidos, ao menos ele era uma presença constante na alta sociedade londrina. Beecham passou o último verão na ilha de Skye e simplesmente não retornou à Inglaterra. Lady Sordell sugeriu que talvez ele tivesse perdido a benevolência da Família Real e que seu isolamento na Escócia fosse, na verdade, um exílio a mando da rainha Charlotte. Pois saibam que não creio nisso. Tendo comparecido a diversas festas nas quais Beecham se manteve no canto com o ar triste, posso atestar pessoalmente que ele nunca gostou da companhia de ninguém além da esposa, de seus livros e de sua tartaruga de estimação. Não me resta dúvidas de que seu afastamento da sociedade londrina foi resultado de sua livre, espontânea, infeliz e antissocial vontade.

25

Quando Jack ouviu a batida nas portas do Le Grand Leon, ele teve certeza de que eram os credores querendo reaver a propriedade. Quando o teatro fora fechado, o sr. Anthony deixara as chaves com Jack e pedira para ele manter o lugar em boas condições até reabrirem para a temporada seguinte. Ladrões, o garoto poderia enfrentar. Banqueiros eram o verdadeiro perigo.

Em um breve lampejo de esperança, ele imaginou que talvez a batida fosse de Hazel, que tinha vindo encontrá-lo para fugirem juntos. A lembrança do beijo permanecia em seus lábios — o prazer, a emoção escondida e também o pavor, porque acontecera na mesma noite do corpo aterrorizante, do homem com os olhos costurados, que haviam deixado na grama e o padre encontrara. Jack achava mais fácil fingir que a incursão tinha sido um sonho, que nada daquilo havia acontecido.

O sol mal havia raiado sobre a colina Arthur's Seat, que o garoto conseguia entrever da janelinha na galeria superior, desde que esticasse o pescoço e afastasse a cortina. Mas, naquela manhã, ele puxou as cobertas sujas sobre a cabeça e torceu para as batidas cessarem. Não foi o que aconteceu. Elas continuaram, ressoantes e frenéticas, fazendo a parede do saguão tremer.

— Ei, o teatro está fechado! Volte outra hora! — gritou Jack.

O barulho persistiu. Quem quer que fosse não desistiria. Jack suspirou e saiu de baixo da cortina do palco em desuso, que ele usara para transformar sua cama em um ninho de veludo.

— Está bem, está bem, quem quer que seja! Só fique quieto um segundo que já vou descer.

O sr. Anthony tinha usado correntes pesadas para fechar as portas, e Jack estava mexendo nelas quando ouviu uma voz do outro lado da porta:

— Jack? Jack Currer? É você, não é? Ah, por favor, que seja você, Jacks.

Ele destrancou as correntes, abriu a porta e se viu diante de Jeanette, sua antiga espiã. Desde que ela arranjara o trabalho como criada na Residência Almont, os dois trabalharam juntos uma única vez. Apenas três meses haviam se passado desde que ele a vira, mas Jeanette parecia ter envelhecido anos. Ela vestia o uniforme de criada, mas estava enrugado e vincado, como se a menina tivesse dormido com ele. O cabelo parecia seboso sob a touca, e a pele, amarelada e pálida. As olheiras sob os olhos encovados eram quase pretas. E Jeanette apertava a barriga.

— Não tinha a quem procurar. Se contasse para a governanta no trabalho, eu seria despedida com certeza, e não tenho como pagar um médico. Você sempre foi bom comigo, Jacks. Alguns garotos me contaram que você estava aqui, e eu…

Jeanette apertou a barriga de novo, e Jack entendeu, ou achou que entendeu.

— Venha, entre — disse o garoto, convidando-a a passar e fechando a porta em seguida.

Jeanette poderia usar o banheiro e, enquanto isso, ele tentaria arranjar alguns biscoitos.



Hazel estava de óculos quando abriu a porta da masmorra e encontrou Jack ao lado de uma menina fazendo uma careta de dor e apertando a barriga.

— Você usa óculos? — perguntou Jack, antes de qualquer cumprimento educado.

— Raramente — explicou Hazel, corando. — Só quando fico acordada até tarde. E estou estudando. E a letra é pequena. Cale a boca. O que está acontecendo?

Hazel passou por Jack para consolar a menina, mas ela se retraiu.

— Está tudo bem, Jeanie, vamos lá — disse Jack. Depois, se dirigiu a Hazel: — Essa é Jeanette. Eu a conheço há muito tempo. Ela está com algum tipo de… condição, e nenhum de nós tem como bancar um médico, então pensei em trazê-la aqui e ver se você poderia dar uma olhada nela.

— Não vou ao hospital! — exclamou Jeanette. — Já fui ao hospital dos pobres, e é terrível. Não vou aguentar aqueles cheiros de novo. E os gemidos!

— Calma. Ninguém vai levar você ao hospital. Vamos dar uma olhada em você aqui mesmo — tranquilizou Hazel.

Apaziguada, Jeanette seguiu Jack até o laboratório escuro dentro da masmorra, embora ainda olhasse ao redor com desconfiança. Hazel tirou seus livros e anotações da mesa comprida e acendeu uma vela nova, percebendo que a antiga tinha se derretido quase por completo.

— Sente-se aqui… — indicou Hazel — … e me diga qual é o problema.

Jeanette parecia familiar, mas Hazel não a identificou.

A menina obedeceu e endireitou a saia sobre o colo. Ao notar o olhar de Hazel em sua barriga, disse:

— Não estou grávida. Não tem como. É impossível. Juro. Ei! Conheço a senhorita, não conheço? Jacks, eu a conheço. Ela é… ela conhece o lorde Almont, não é?

— Ele é meu tio.

O rosto da menina enfim voltou à memória de Hazel: ela era a jovem criada da família Almont.

Jeanette bufou, furiosa, e tentou sair de cima da mesa. Porém, mal tinha se levantado alguns centímetros quando a dor atacou de novo. Com delicadeza, Jack a ajudou a se sentar de volta.

— Não posso ficar aqui — insistiu Jeanette. — Se descobrirem que vim aqui… se acharem que estou grávida, não vou mais poder trabalhar. A sra. Poffroy vai me botar no olho da rua num piscar de olhos. Já ouvi histórias assim. Sei o que acontece com meninas que têm a reputação destruída.

— Jeanette — começou Hazel, com calma. — É Jeanette, não é? Prometo que não vou contar a ninguém que você veio aqui hoje. Juro pela minha honra. Além disso, a sobrinha de um visconde não deveria ter montado uma enfermaria na masmorra de casa, não é?

— Acho que não — murmurou Jeanette.

— Bom, nesse caso, a solução é bem simples. Você guarda meu segredo, e eu guardo o seu.

Jack sorriu para Hazel ao ouvir isso, e um calor se espalhou do peito dela até a ponta dos dedos. Hazel ajeitou os óculos, tirou um caderno das prateleiras e lambeu a ponta de sua pena.

— Então, Jeanette, qual é o problema? — perguntou.

A menina passou a língua pelos lábios secos e puxou a camisa.

— Minhas regras não descem faz séculos. No primeiro mês achei que tinha perdido a noção das datas, mas se passaram dois, e agora três. E sinto dores horríveis na barriga, piores do que qualquer coisa que já senti. Tão fortes que nem consigo trabalhar sem gemer, e a sra. Poffroy teve que deixar a criada da cozinha me botar na cama.

Hazel escolheu suas palavras com cuidado:

— E… você tem certeza de que não está…

— Não estou grávida — repetiu Jeanette. — Juro. Nunca estive com um homem. Alguns tentaram quando eu morava em Fleshmarket, mas eu sabia o que fazer quando eles vinham para cima de mim. É só perguntar ao Jack, ele vai contar. Então, a menos que tenham inventado outro jeito de uma garota ter um bebê que não envolva um homem no meio de suas pernas, estou dizendo, não tem bebê.

— Posso? — perguntou Hazel, apontando para a barriga de Jeanette.

Ela permitiu com um aceno de cabeça, e Hazel passou a mão na barriga da menina. Era magra e firme, mas não havia inchaço, tampouco a pele esticada de uma gestação. Jeanette se incomodou com o toque.

— Aqui dói? — perguntou Hazel.

Jeanette assentiu.

— Tive um sonho estranho — comentou Jeanette. — Bem quando a dor começou. Passei a ter sonhos naquela época, e agora tenho quase toda noite.

— Que tipo de sonhos? — questionou Hazel.

— Estou deitada embaixo de um véu. Quase como uma noiva, talvez, mas não sei direito o tipo de véu. Bom, estou com isso em cima de mim, em um quarto grande com estranhos ao redor. Daí um homem vem. Um homem estranho com uma cabeça de monstro. E ele levanta uma faca sobre mim. E tem um olho só. Um olho grande e gordo bem no meio da cara. Quando tento entender o que ele está fazendo com aquela faca enorme, acordo na minha cama, no aposento dos criados.

Um olho só. Era possível que ela tivesse interagido com o dr. Straine? Que ele a tivesse machucado?

— Jeanette, quando você foi ao hospital para os pobres, qual era o motivo?

A menina franziu a testa.

— Eu não devia ter mais do que sete anos, acho. Tirei o apêndice.

— E o médico… o médico que a operou quando você era criança, no hospital para os pobres. O nome dele era Straine, talvez? Ele tinha um olho só, e um tapa-olho de seda preto?

— Não. Era um médico francês horroroso. Não me lembro do nome dele, mas não tinha tapa-olho.

— Posso examinar sua barriga? — perguntou Hazel. — Com sua camisa levantada? Jack, você se importa em dar uma saída?

O garoto fez uma pequena saudação e deixou o laboratório.

— Vou estar aqui fora se precisarem de mim — avisou.

— Ah, nunca precisamos de você, seu paspalho! — retrucou Jeanette.

Em seguida, a menina ergueu a *chemise*, revelando pernas pálidas e magricelas e uma barriga ainda mais pálida. Vários hematomas se amontoavam ao redor de seus joelhos, e havia uma cicatriz feia de dez centímetros com uma crosta de pus verde abaixo de seu umbigo.

— Jeanette — disse Hazel —, essa cicatriz veio de onde?

— Já falei. Tiraram meu apêndice quando eu era criança.

A cicatriz tinha sido costurada com pontos regulares, mas estava vermelha e irritada, inflamada e escorrendo.

— Essa cicatriz não é nova? Você já tinha?

— Desde que me entendo por gente — garantiu Jeanette.

— Bom, nova ou velha, a cicatriz está infectada. Vamos precisar limpá-la e fazer um bom curativo para que possa cicatrizar de novo.

— Esse é o problema, então? — perguntou Jeanette, cobrindo-se outra vez. — Era só isso o tempo todo? Minha cicatriz?

— Não sei se é só isso. Eu não creio que suas regras deixariam de vir por conta de uma infecção. Mas pelo menos podemos cuidar disso agora.

Hazel limpou a ferida delicadamente com água e sabão, depois passou um pano de algodão por cima dela. Jeanette cerrou os dentes para não gritar.

— Desculpe — disse Hazel. — Sei que arde.

Quando a ferida estava limpa, Hazel fez um emplastro com mel, açafrão e hamamélis em pó e colocou um curativo na cicatriz. Ela deu a Jeanette uma pilha de curativos de linho novos.

— Troque o curativo todos os dias — instruiu, e Jeanette assentiu. — Se não melhorar em uma semana, peça a Jack para trazê-la aqui novamente.

Após se vestir, Jeanette levou a mão ao bolso do avental, com o semblante envergonhado.

— Não tenho muito, mas para pagar pelo que você fez…

Hazel afastou a mão dela.

— Ai, meu Deus, nem pense nisso. Por favor, não seja boba. Ainda sou uma estudante. Fico grata pela oportunidade de aprender com uma paciente viva, para ser franca.

Jeanette tirou a mão do avental com gratidão.

— Jack! — chamou Hazel. — Pode entrar.

Jack retornou, tampando os olhos. Hazel baixou as mãos dele.

— E aí, você a curou? Deu um jeito nela? — perguntou o garoto.

— Não tenho certeza, mas foi um começo — disse Hazel. — E, Jack, se tiver algum outro amigo ou conhecido que precise, bem, de uma consulta… Você sabe que ainda não sou médica, mas entendo o básico, e imagino que o Castelo Hawthornden seja melhor que um hospital para pobres.

— O que você está sugerindo? — perguntou Jack.

— Bem, tem ao menos uma dezena de quartos vazios. Como os meus pais foram embora, e levaram a maioria dos criados com eles… há espaço de sobra no salão principal para montar algumas camas, e colchões para quem precise de repouso. Temos comida mais que suficiente, porque só Deus sabe que a cozinheira ainda não se acostumou a encomendar mantimentos apenas para mim, Iona e Charles.

— E pessoas doentes com a… — Jack baixou a voz — … febre?

— Traga-as para cá — respondeu Hazel, torcendo para seu tom expressar a bravura que desejava possuir. — Os pacientes com risco de serem contagiosos podem ficar no solário.

Jeanette ergueu a cabeça e comentou:

— Conheço um menino que foi atropelado por uma carruagem algumas semanas atrás. A perna quebrou e nunca cicatrizou direito. Eu mesma vi o osso cortando a pele.

— Traga-o aqui — disse Hazel. — O Castelo Hawthornden pode se tornar um hospital-escola para uma pessoa.



Não faltaram pacientes para Hazel tratar. Não havia escassez de homens, mulheres e crianças pobres desesperados por cuidados médicos, mas que não queriam recorrer ao fedor purulento do hospital, onde os médicos usavam jalecos manchados de sangue e três pacientes dormiam em cada cama.

Na semana seguinte ao tratamento de Jeanette, uma dezena de pessoas apareceu na porta do laboratório da masmorra querendo a ajuda de Hazel. Foram trinta na semana posterior. Graças a Jeanette e Jack, todos logo ficaram sabendo do serviço, e não demorou para Hazel estar tratando de tudo, desde tuberculose a constipação. Para cada um que aparecia em busca de tratamento, Hazel tomava notas minuciosas, registrando sua idade, ocupação, sintomas e o tratamento que recomendava.

Febres eram tratadas com cordial de linhaça e soro de laranja, e Hazel mantinha o paciente aquecido com cobertas e tomando muito chá. Ossos quebrados eram presos a tábuas de madeira com faixas de tecido. Ferimentos eram fechados com pontos. Quando uma mulher chegou apertando a bochecha com dor, Hazel arrancou um dente podre de sua mandíbula e tratou a gengiva com mel e óleo de cravo-da-índia.

A garota se viu consultando cada vez menos o exemplar do *Tratado do dr. Beecham* e ficando mais confiante nas próprias habilidades e em seu instinto de diagnóstico. Ela conseguia tratar a maioria dos pacientes em uma tarde e mandá-los para casa, mas outros (como o conhecido de Jeanette, um menino chamado Bobby Danderfly que tivera a perna quebrada em um acidente de carruagem) a garota ajudava como podia em sua mesa e, depois, enviava para convalescer em uma cama no Castelo Hawthornden.

Quando o primeiro paciente com febre romana chegou, Hazel reuniu todos os funcionários da propriedade na biblioteca e disse:

— Nenhum de vocês precisa ficar nesta casa. Sei que é um risco trazer doentes para cá, ainda mais com a febre.

Ela tinha instalado o paciente em uma esteira de palha no solário. Passara a manhã tentando mantê-lo o mais confortável possível, limpando o sangue e o pus de seus furúnculos estourados com gentileza e esfregando um pano umedecido com água gelada em sua testa febril.

— A casa de guarda é grande o suficiente para todos que não quiserem ficar aqui — completou ela.

Charles, Iona e a cozinheira assentiram com ar solene. Susan, a copeira, fechou a cara.

— E ninguém além de mim deve ir ao solário, está bem? — alertou Hazel.

— Não entendo por que temos que sair daqui — retrucou Susan, com escárnio. — Não me dispus a trabalhar em um maldito hospital. Gostaria de saber o que a *dona da casa* pensa disso tudo.

— Bem, enquanto minha mãe estiver na Inglaterra, creio que a dona da casa seja eu, Susan.

A copeira murmurou alguma coisa.

— E, cozinheira, você poderia preparar uma panela de mingau? — pediu Hazel. — Talvez com geleia de groselha? Para ajudar nossos pacientes a manterem sua energia.

Embora seus dias houvessem se tornado cheios e exaustivos… cuidando de pacientes, preparando cataplasmas e lavando panos imundos… Hazel ainda não conseguia dormir direito. Ela tinha pesadelos horrorosos e inquietantes com o rosto mutilado do cadáver que ela e Jack haviam desenterrado. Outras noites, era o rosto de Bernard que pairava no vazio infinito de suas pálpebras fechadas. De toda forma, Hazel se revirava nas cobertas até ver, com igual medida de decepção e alívio, os primeiros sinais dos tons pastéis da aurora pela janela.

Às vezes, a garota ficava tão exausta que apenas encarava o nada, sem piscar, diante de sua mesa de trabalho na masmorra. Sem adormecer, mas sem estar de todo consciente.

— Cuidado — disse Jack, segurando Hazel quando ela ameaçou cair certa manhã.

Ele estava na masmorra, ajudando a preparar um bule de chá de raiz de flor-de-erva como se lembrava que a mãe fazia.

— É o cheiro — murmurou Hazel com um sorrisinho, depois que Jack a ajudou a se sentar em uma cadeira. — Esse chá tem cheiro de barro e esterco.

— Por sorte, o gosto é só um pouquinho pior do que o cheiro — brincou Jack. — Espere, vou preparar um bule de chá preto para nós dois.

Jack mal tinha se levantado para sair quando ouviram uma batida suave na porta.

Eles se entreolharam. De repente, Hazel se sentia totalmente desperta.

Uma segunda batida suave soou. E então um gemido de dor.

Hazel começou a se levantar, mas Jack ergueu a mão, dizendo:

— Eu cuido disso.

Ele destravou e abriu a porta. Hazel se inclinou para ver quem havia chegado ao batente. Era uma jovem com a mão na barriga, curvada de dor, o cabelo loiro e liso caindo em volta do rosto.

— É aqui? — questionou ela, de cabeça baixa. — Por favor, é aqui que podem me ajudar?

— Isabella? — perguntou Jack.

A moça ergueu o rosto, revelando olhos cheios de lágrimas.

— Isabella — repetiu ele.

Então percebeu a barriga de grávida.

Ela gemeu.

Hazel chegou atrás dele e viu sangue e fluido escorrendo entre as pernas da moça.

— Pelo amor de Deus, Jack, saia da frente — instruiu ela. — Tem uma mulher dando à luz na soleira da porta.

Jack piscou e deu alguns passos para trás, entrando na masmorra. Sua boca não se fechara por completo desde que vira Isabella, bem ali, grávida.

Hazel se apressou em avaliar a situação.

— Meu Deus. Acho que não dá tempo de levar você para a casa principal — avisou. — Aqui, venha se sentar. Jack, corra até Hawthornden e busque Iona. Peça

para ela trazer uma bacia de água.

Jack assentiu e, após uma última olhada rápida para Isabella, correu para fora da masmorra.

— Aquele era… Jack Currer? — perguntou Isabella, enquanto Hazel a guiava com delicadeza para a cadeira de madeira.

Hazel estava distraída fazendo uma lista mental de tudo que precisaria para dar à luz um bebê, então perguntou:

— O quê? Jack Currer? Era, sim. Você o conhece? — Seus olhos se arregalaram. — Ele é o… hm…?

Isabella manteve a mão na barriga.

— O pai? Não. O pai se alistou. O regimento dele foi enviado para Yorkshire. Era para eu ter ido com ele, mas… — Ela apontou para a barriga. — Era para termos nos casado também.

— Vocês dois vão se juntar a ele em breve — garantiu Hazel. — A família logo estará reunida.

— Ele não era um soldado. Era um bailarino no teatro comigo. Jack também trabalhava lá. Nos caibros. Jack sempre foi gentil comigo.

— Ele é gentil — concordou Hazel, sorrindo.

— Mas o teatro foi fechado por conta da febre, e agora meu Thomas está longe e não sei como vou enfrentar isso — contou Isabella. Suas mãos tremeram, e outra convulsão tomou conta dela. — Dói tanto! Não me avisaram que doeria tanto.

Uma auréola de suor havia brotado na testa dela.

— Eu sabia que não poderia ir ao hospital para os pobres, com as histórias que já ouvi de mulheres chorando, deitadas no próprio vômito. Eu não sabia o que fazer.

— Isabella. Preciso que me escute. Meu nome é Hazel Sinnett. Esse bebê está vindo, e eu e você vamos fazer isso juntas — disse Hazel, tentando soar o mais confiante possível.

A garota acendeu o restante das velas no laboratório.

— Cadê Iona com a água? — murmurou.

Naquele instante, Iona entrou apressada pela porta, carregando uma bacia. Jack veio atrás com vários panos, parecendo um pouco nauseado.

— Ah, maravilha. Iona, coloque o balde aqui e me ajude. Jack, você vai me ajudar também. Precisamos colocá-la em cima da mesa.

Os três guiaram Isabella gentilmente até ela se deitar na bancada.

— Hm, Iona, se puder… meu exemplar do *Beecham*, por favor?

Os olhos em pânico de Isabella alternaram entre Hazel e Jack.

— Um livro? Para que o livro?

— Nada! Não é nada — repetiu Hazel, virando as páginas em frenesi. — Só confirmando uma coisa. Isso. Isso, ótimo. Aqui.

Hazel pegou valeriana seca em um de seus potes.

— Masque isso. Para ajudar com a dor. E respirações profundas, isso é muito importante. Você precisa respirar fundo. Deite-se assim, com as pernas para cima. Lembre-se: continue respirando fundo.

— Você já fez isso antes, certo? Um parto? — perguntou Isabella a Hazel, que se posicionara entre suas pernas.

— Não um parto *na prática*. Mas li muito a respeito.

A reação de Isabella foi absorvida pelo seu grito de dor na contração seguinte.

— Você vai fazer o seguinte — instruiu Hazel. — Vai olhar para mim, e me contar tudo que vai fazer com seu bebê e… e Thomas em Yorkshire. E cada vez que pensar em alguma coisa, vai fazer força para empurrar o bebê. Entendeu?

Isabella deu um aceno fraco da cabeça.

— Que bom — disse Hazel.

— Podemos… podemos dar uma volta no parque.

— Ótimo. Empurre.

— Podemos ensiná-la a ler — disse Isabella. — Vai ser uma menina. Eu e Thomas sempre tivemos certeza de que teríamos uma menina.

— É um bom plano. Empurre para mim.

— Podemos viajar até o lago.

— Empurre! E, Iona… água limpa, por favor!

O parto continuou até as velas se tornarem tocos. Iona havia corrido até a casa principal duas vezes para substitui-las, de modo que Hazel, com as mãos entre as pernas de Isabella, tivesse luz suficiente para distinguir a bebê em tom vermelho-vivo vindo ao mundo. Seu cabelo já era visível, molhado e escuro. Em algum momento durante a segunda hora do parto, Jack havia desaparecido.

— Ai, meu Deus. Isso não se parece nem um pouco com o desenho — murmurou Hazel.

— *O quê?* — gritou Isabella.

— Nada! Nada! Apenas continue deitada. Vai ficar tudo bem. Estamos quase acabando. Consigo ver a cabeça dela. Isabella? Isabella, consegue me ouvir? Você vai ser mãe.

Isabella assentiu, mas lágrimas escorriam por suas bochechas.

— Só queria que Thomas estivesse aqui — lamentou ela, quase aos sussurros.

— Você vai estar com ele em breve. Empurre uma última vez.

Isabella gritou. E então aquele grito se transformou em dois, unido ao som de uma bebê gritando diante do mundo novo e frio que havia adentrado.

Hazel enrolou a bebê em um pano limpo e a apoiou com delicadeza no peito de Isabella.

— Você tinha razão — comentou Hazel. — É uma menina. Ela é linda, igual à mãe.

A bebê era linda mesmo. Tinha olhos azuis redondos, e seu choro se misturou ao riso grato de Isabella.

— Uma bebê. Tenho uma bebezinha.

— Você conseguiu.

Isabella ergueu os olhos para Hazel e disse:

— Você também. Não sei o que eu teria feito se não fosse por você, juro.

Isabella e a recém-nascida repousaram lá por uma hora, enquanto Iona buscava torradas com manteiga para todos. Hazel aceitou e comeu sua fatia com gratidão. Ela não tinha percebido como estava com fome. Fazia horas que não comia nada.

Jack reapareceu quando Isabella estava começando a despertar.

— Ela não é linda? — perguntou Isabella ao garoto. — Minha bebê.

Jack tirou um objeto de trás das costas. Era uma caixinha de música quadrada, com as laterais pintadas em cores vivas.

— Queria ser o primeiro a dar um presente à sua filha — explicou ele.

— Jack, não precisava — disse Isabella, estendo a mão para pegar.

Quando ela abriu a caixinha de música, a melodia fina de uma valsa encheu o laboratório. A dançarina, uma bailarina loira, girava em círculos perfeitos no meio

da caixa. Era quase impossível perceber que a boneca de porcelana tinha sido quebrada e remontada com pasta adesiva.

— Obrigada, Jack — agradeceu Isabella. — Ela vai amar.

— Ela já tem nome? — perguntou o garoto.

Isabella olhou para a filha e depois para Hazel, então disse:

— Acho que vou batizá-la em sua homenagem. Pequena Hazel. Sei que Thomas vai ficar contente.

— Pequena Hazel — repetiu Jack.

Hazel não confiou na própria voz, então apenas assentiu e terminou de secar a bacia que estava lavando. Ela manteve as costas viradas para Jack, para que ele não visse as lágrimas em seus olhos.

26

A AFEIÇÃO QUE JACK sentira por Isabella tinha parecido tão real, tão imediata e importante. Porém, na tarde seguinte, enquanto descia em direção à margem do córrego onde tinha visto Hazel sentada, ele percebeu que aquele amor tinha sido como observar uma vela em um quadro. Um quadro de um pintor talentoso, que capturou a luz e o brilho que a vela emana sobre tudo ao redor, mas ainda assim não passava de uma chama feita de tinta a óleo sobre tela. Quando Jack olhava para Hazel, a chama era real e lambia o ar. Ele sentia seu calor e seu poder, ouvia seu crepitar. Era como ver fogo com os próprios olhos pela primeira vez.

— Você foi incrível lá dentro — elogiou ele. — As coisas que você faz, as coisas de que é capaz. É tão… você é incrível.

Hazel ergueu o rosto, mas continuou sentada à margem do córrego.

— Não tenho ideia do que estou fazendo. Jack, eu estava apavorada.

— Como assim? Apavorada?

— Uma vida do zero em minhas mãos? — indagou Hazel, assentindo em resposta. — E se eu tivesse cometido um erro? E se tivesse machucado a bebê ou Isabella? Eu… nem sei o que faria. Como eu viveria com isso?

Jack se sentou ao lado dela e encarou o fio estreito de água correndo pelas rochas. O castelo lançava uma sombra escura sobre eles. No dia depois do parto, haviam conseguido levar Isabella e a bebê para a construção principal, onde Isabella podia dormir no antigo quarto de George.

— Você fez tudo com perfeição — disse Jack. — A bebê é perfeita.

— Dessa vez.

Ela hesitou, e Jack estava se perguntando se havia cometido um erro ao descer para fazer companhia a ela quando Hazel voltou a falar:

— Eu era tão confiante. Esse é o problema: eu pensava que sabia tudo, que conseguiria *fazer* qualquer coisa. Só quando vi certas coisas com meus próprios

olhos que percebi como é tênue a linha entre tudo dar certo ou ser arruinado para sempre, e de repente me dei conta de que não sei de *nada*. Sou apenas uma garotinha boba brincando de fantasia e faz de conta. Ainda nem fiz o Exame de Medicina. Onde estou com a cabeça?

Jack pegou a mão de Hazel. Estava fria, parecia quase de cera. Branca e pálida.

— Hazel — disse ele em voz baixa. — Você é a pessoa mais brilhante que já conheci na vida. Você é incrível.

— Estou com medo.

— Que bom. Não tem problema. Não tem nada de errado em sentir medo.

Hazel baixou a cabeça até apoiá-la no peito de Jack, e ele a abraçou. Naquele momento, começou a chover. Uma garoa tão suave que as gotas mal incomodavam.

— Vamos sair da chuva — falou Jack, ajudando Hazel a se levantar.

Ele começou a guiá-la pela trilha em direção ao castelo, mas ela resistiu.

— Não — pediu. — Ainda não.

Hazel e Jack caminharam em direção aos estábulos, onde o ar estava morno e seco, com um cheiro agradável de palha.

Eles tiraram duas mantas de cavalo das prateleiras e se sentaram sob o telhado do celeiro, com as portas abertas, observando a chuva cair e o céu escurecer acima do parapeito de pedra do Castelo Hawthornden. O sol já se punha. Os dias curtos de inverno tinham chegado a Edimburgo, junto ao vento extremamente frio.

Hazel enfiou as mãos dentro do casaco de Jack para esquentá-las.

— Ainda não consigo me aquecer — sussurrou ela.

Então Jack se aproximou para beijá-la, pressionando os lábios com tanta ternura nos dela que pareciam feitos de sombra, em vez de carne. Hazel retribuiu o gesto, e não demorou para os dois estarem se beijando de maneira tão intensa que, por um momento, nem parecia que eram duas pessoas distintas. Havia começado a chover mais forte lá fora do batente frágil de madeira do estábulo, mas nenhum dos dois se importou. Jack pressionou Hazel contra uma viga e tirou os grampos do cabelo dela até seus cachos caírem abaixo dos ombros. Ele encostou o rosto no cabelo dela e inspirou fundo, passando um dedo pela curva da sua bochecha.

— Senhor do céu — sussurrou ele. — Você é tão linda, Hazel Sinnett.

— Nunca me chamaram de linda antes.

Hazel não havia se dado conta disso até aquele momento.

Jack a encarou por alguns segundos, com as mãos ao redor do rosto dela. Então se aproximou e deu um beijo em cada pálpebra de Hazel.

— Alguém deveria dizer que você é linda toda vez que o sol nasce. Alguém deveria dizer que você é linda às quartas-feiras. E na hora do chá. Alguém deveria dizer que você é linda no Natal e na véspera de Natal e na *ante*véspera do Natal. Na Páscoa também. Ele deveria dizer isso na Noite de Guy Fawkes e no Ano-Novo, e no dia oito de agosto, apenas porque é verdade.

Jack beijou os lábios de Hazel outra vez, com delicadeza, depois se afastou para olhar nos olhos dela.

— Hazel Sinnett, você é a criatura mais milagrosa que já conheci, e vou pensar em como você é linda até o dia da minha morte.

27

A PRIMEIRA MORTE nas mãos de Hazel aconteceu uma semana depois. Foi um paciente de febre romana, que pegou no sono certa noite após recusar a água fresca que Hazel havia oferecido e nunca mais acordou. Ela não havia chorado enquanto o enrolava em lençóis e o carregava até o carrinho na trilha para o laboratório da masmorra.

Jack encontrou Hazel aos prantos perto do carvalho-vermelho, com o cadáver ainda no carrinho. Sem dizer uma palavra, o garoto começou a cavar uma cova.

Ao perceber o que ele estava fazendo, Hazel disse:

— Tenho que estudá-lo, Jack. — Ela mal conseguia falar de tanto que chorava. — Preciso de todos os cadáveres possíveis.

— Não esse, meu bem — respondeu Jack, baixinho. — Você conhecia esse homem. Cuidou dele. Pode enterrá-lo e lamentar por ele. Ele não precisa ser despedaçado. Pelo menos, ainda não.

Hazel não respondeu, só inspirou fundo até o choro parar. Então secou as lágrimas e subiu de volta para o castelo. Quando Jack terminou de enterrar o homem, retornou a Hawthornden e viu que Hazel estava com os olhos secos, já tratando pacientes no solário.

Não havia literatura médica sobre nenhum tratamento, que dirá uma cura, para a febre romana. Portanto, Hazel começou a testar pequenos remédios inofensivos. Ela deu chá de limão e mel aos pacientes. À tarde, insistia que tomassem leite com sementes de cardamomo em pó, como o livro aconselhava a tratar tuberculose. Os curativos eram trocados três vezes ao dia, e o pano quase sempre estava pegajoso com as crostas das feridas. Aos pacientes que conseguiam aguentar o cheiro, ela oferecia o chá de raiz de flor-de-erva que Jack preparava. Se ele o havia tomado na infância e nunca pegara a febre romana, talvez houvesse algo no chá que pudesse ajudar.

O mais curioso era que parecia funcionar, ao menos em alguns pacientes. Uma hora depois de ela servir chá de raiz de flor-de-erva a quatro pessoas com febre romana, uma delas bateu na janela suavemente e pediu para Hazel providenciar um baralho para que pudessem jogar uíste. No dia seguinte, a garota moeu a raiz de flor-de-erva e a aplicou nas pústulas.

As feridas não desapareceram, mas houve uma melhora inegável: a pele antes inflamada e vermelha, com riscos amarelo-esverdeados, se tornou lisa e rosada. O primeiro paciente de febre romana que chegara em Hawthornden, um pescador chamado Robert Bortlock com bigodes brancos e um nariz no formato de nabo, tinha até começado a pedir para repetir a comida no café da manhã.

As crostas da febre romana cicatrizando nas costas dos pacientes lembravam Hazel dos desenhos de varíola que ela tinha visto nos livros.

Evidentemente, ela conhecia a história de Edward Jenner e da vacinação contra a varíola. O médico inglês havia notado que as ordenhadoras da cidade pareciam ser as únicas que não estavam sucumbindo à doença e levantara a hipótese de que a exposição delas à varíola bovina tivesse ensinado seus corpos a se defender da versão humana e mais letal do vírus. Lorde Almont chegara até a receber Jenner em um de seus salões. Embora Hazel fosse jovem demais à época para absorver o que o médico dissera, ela se lembrava de seu cabelo grisalho ralo e do lenço branco enrolado com firmeza ao redor do pescoço grosso, amarrado em um laço quadrado elegante sob o queixo.

Mas a inoculação já existia há décadas. Os cientistas a entendiam do ponto de vista conceitual: era possível treinar um corpo a combater uma doença mortal introduzindo uma versão enfraquecida dela. Antes de Jenner usar vacas, as pessoas moíam crostas de feridas cicatrizadas de varíola em um pó fino e o injetavam sob a pele.

Por que ninguém havia tentado fazer isso com a febre romana? Era uma epidemia em escala muito menor que a de varíola, mas, se a técnica funcionasse, os médicos de Edimburgo poderiam salvar milhares de vidas. Será que havia tão poucos casos de recuperação da febre romana que a possibilidade de inoculação sequer era considerada? Hazel imaginou que haveria ao menos alguma menção a isso na literatura especializada, talvez um ensaio na *Revista Escocesa de Medicina* ou

um estudo publicado em Londres. Mas não encontrou nada. Ela decidiu escrever para o dr. Beecham na Sociedade de Anatomistas e pedir sua opinião.

Dr. William Beecham III
Sociedade Real de Anatomistas
Edimburgo

Caro dr. Beecham,

Espero que esteja bem, e garanto que continuo a estudar com afinco para o Exame de Medicina. Como parte de meus estudos, comecei a oferecer consultas, de maneira rudimentar, a vários homens e mulheres escoceses sofrendo de uma grande variedade de doenças, incluindo, sinto dizer, a febre romana. Espero que perdoe minha insolência, mas gostaria de pedir a opinião do senhor sobre o assunto. Alguma experimentação de inoculação contra a febre romana já foi realizada? Com o auxílio de um rapaz da cidade e a partir de suas lembranças de um remédio popular tomado na infância, tratei pacientes com um chá feito de raiz de flor-de-erva e, ao ver resultados positivos, acrescentei o pó de flor-de-erva a um emplastro para cicatrizar as pústulas dos doentes. O resultado tem sido encorajador. Tanto que me perguntei se as crostas cicatrizadas não poderiam ser usadas para o processo de inoculação. Sei que a agenda do senhor deve ser cheia, mas, se tiver tempo, por favor, responda.

Atenciosamente,
Hazel Sinnett
Castelo Hawthornden

No mínimo, ele poderia lhe recomendar a literatura científica adequada. Porém, em seu íntimo, Hazel fantasiava sobre a resposta de Beecham, sobre a possibilidade de ele responder com uma carta cheia de respingos de tinta por puro entusiasmo, cada frase pontuada por uma exclamação, porque *ela havia descoberto a cura, a resposta era essa o tempo todo!* E ninguém mais precisaria sofrer da febre romana, porque a vacina dela seria enviada para toda a Escócia. A Sociedade

Edward Jenner prestaria homenagens a Hazel, com um jantar e um evento de gala. O próprio rei mandaria buscá-la para ser apresentada na corte. Hazel nem precisaria do Exame de Medicina. Seria instantaneamente a médica mais famosa do reino, antes mesmo de completar vinte anos.

Quando não estava examinando um novo paciente no laboratório ou indo de leito a leito no primeiro andar do Castelo Hawthornden, ela se mantinha perto do saguão de entrada, na esperança de receber uma resposta de Beecham. Quando ouviu uma batida na porta principal do castelo, seu estômago deu um nó. Pela janela, a garota conseguia ver Jack no gramado atrás do castelo, ensinando a Charles o básico da luta de espadas.

— Não, não — instruiu Hazel a Iona. — Eu atendo.

Alisando as saias, ela abriu a porta e deu de cara com algo ainda mais inesperado que a carta.

— Meus cumprimentos, senhorita — disse o garoto, fazendo uma grande reverência e abrindo um sorriso desdentado ao se levantar. Seu rosto e seu cabelo estavam manchados de fuligem. — Ouvi dizer que Jack Currer anda por essas bandas. Diga a ele que Munro voltou dos mortos.

Embasbacada, Hazel o conduziu para dentro do castelo e o ajudou a tirar o casaco. Uma das mangas balançava, frouxa e vazia. Munro, o garoto desaparecido, voltara ao mundo dos vivos com apenas um braço.

28

MUNRO BEBEU DOIS BULES de chá e comeu uma bandeja de biscoitos inteira antes de se encostar no sofá, dar um tapinha na própria barriga e sorrir para Hazel e Jack, que o encaravam com fascínio desde que ele chegara ao Castelo Hawthornden.

O garoto lambeu os lábios.

— Ouso dizer que esses biscoitos estavam excelentes, senhorita. Excelentes mesmo.

— Obrigada — disse Hazel.

— Munro! — exclamou Jack, sem conseguir se conter. — Onde você estava? E como perdeu o braço?

Munro soltou um suspiro e seu lábio superior chegou a tremular.

— Uma pena, não é? — comentou ele, erguendo a manga esquerda da camisa, que se encontrava vazia. — Mesmo assim, graças ao bom Deus que não foi minha mão de tiro, hein? Creio que, se botarem uma pistola na minha mão direita, ainda consigo acertar uma dúzia de tetrazes antes de o dono do terreno descobrir que estou por lá.

Munro se virou e deu uma piscadinha atrevida para Iona, que alimentava o fogo na lareira e fingia não estar ouvindo atentamente a conversa deles.

— Cozinho um belo tetraz assado no fogo, com algumas castanhas na barriga se conseguir encontrá-las. O melhor Natal que eu já tive foi com um tetraz roubado com castanhas, lá na antiga ocupação em Fleshmarket Close. Lembra daquele lugar, Jackzinho? Com metade do telhado caído e os pisos carcomidos por cupins, mas até que não era tão ruim.

— Munro — repetiu Jack. — Seu braço. Você desapareceu. Por *semanas*.

— Certo, certo. A história. Antes de começar, seria possível arranjar mais desses biscoitos? Ah, obrigado, você é um anjo, sério. Enviada do céu.

"Então, antes de mais nada, devo avisar que não me lembro de tudo. Vai e volta, como a névoa. É como se eu estivesse vendo tudo através da fumaça do jantar queimado de alguém. Mas sei por onde começar, essa parte até que é fácil: eu estava cavando em Greyfriars, tentando pegar o corpo de uma pobrezinha que morreu com o bebê ainda na barriga. Ela se matou, foi o que disseram. O namorado não a amava mais. Arsênico, pelo que ouvi. Mas é claro que a família nunca admitiria uma coisa dessas, então disseram que tinha sido a doença romana. Uma desculpa conveniente, com a peste à solta pela cidade.

"Então, à meia-noite, fui ao cemitério sozinho. Em geral, é bom ter um parceiro nesse tipo de coisa, mas você sabe que Bristlwhistle foi embora para Calais e Milstone morreu no mês passado… uma tragédia, uma tragédia… e em que outro pilantra eu poderia confiar? Ainda mais quando eu estava tentando fazer uma fortuna com aquela pobre menina grávida. Trabalho nesse ramo há tanto tempo que não gosto de dividir os lucros se não precisar. Quando se é pobre por tanto tempo quanto eu, acho que a ganância deixa de parecer um pecado tão grande.

"Então, é, fui sozinho ao Greyfriars à noite… nem me dei ao trabalho de levar uma tocha, já que conheço o terreno muito bem. Poderia andar de olhos vendados sem tropeçar em lápide alguma, juro. Não tem uma pedra ou formigueiro naquele lugar que eu não poderia ter identificado em uma noite sem luar e com os olhos fechados.

"O portão estava destrancado. Aquela foi a primeira coisa estranha de que me lembro. Pulei por força do hábito, só por cautela, mas me lembro de maneira bem vívida que estava fechado, isso sim, mas não trancado. Então é óbvio que imaginei que alguém tivesse chegado primeiro para pegar meu grande prêmio, então corri até a cova e não tinha ninguém lá. A terra estava revirada por conta do enterro, mas ninguém a escavara. Não tinha vivalma no cemitério. Nem vento. Era como se os fantasmas tivessem deixado de se mover. Estava tudo tão parado que eu conseguia ouvir meu coração batendo. Disso me lembro bem. Não sei se é importante, ou se significa alguma coisa, mas juro por Deus: aquela foi a noite mais silenciosa de que me lembro. As luzes estavam apagadas até na escola George Heriot. Nenhuma vela na janela.

"Comecei a cavar, mas, antes de conseguir tirar mais que alguns centímetros de terra, um homem apareceu na minha frente do nada. É a única maneira que posso

explicar, ele simplesmente *surgiu* bem diante do meu nariz. Não o escutei chegar, nem o escutei respirar. Ele usava um chapéu que tampava a cara e, no escuro, não dava para ver nada. Mas eu ainda estava com a pá, veja bem, e a levantei diante do rosto dele e avisei para não se aproximar mais. Esse cadáver é meu, falei, eu a encontrei e, além do mais, cheguei aqui primeiro. Todo ressurreicionista que se preze sabe que não deve roubar um corpo de quem já o está roubando.

"Mas esse homem, esse fantasma ou seja lá o que for, só abriu um sorriso horroroso, e vi uma fileira de dentes amarelos em meio às sombras. Aí tive a impressão de que já o tinha visto antes, que ele era um dos homens que me abordaram com Davey naquela noite… você se lembra, Jack… e pensei 'Ah, ele é só um policial, então'. Fiz que sairia correndo, mas antes mesmo de eu conseguir comandar minhas pernas, o homem me pegou e botou um lenço na minha cara, umedecido com não sei o quê. Tinha cheiro doce. Cheirava a flores… e morte. Tentei prender a respiração, tentei me debater, mas então tudo ficou pesado e zonzo. Quando dei por mim, já amanhecia, e ele estava me empurrando em uma cadeira de rodas com um véu sobre a minha cabeça.

"Estávamos em algum lugar da Cidade Velha, dava para saber pelos cheiros e pela maneira como os paralelepípedos se mexiam, e eu tenho quase certeza de que atravessamos uma ponte, mas não sei onde. Como falei para vocês, eu estava com essa renda pesada e preta, um véu ou coisa assim, sobre a cabeça e o corpo, como se fosse uma viúva de luto ou uma avó. Tentei fugir, mas era como se minhas pernas não existissem, e eu também não conseguia mover os braços. Mal conseguia enxergar através do pano, então só restava esperar e torcer para que ele me deixasse sozinho por tempo suficiente para eu dar um jeito de me libertar.

"Chegamos a um prédio com uma placa dourada na porta, e o homem de chapéu bateu algumas vezes. Eles me empurraram para dentro, por um salão e depois por outro que parecia um teatro. Era assim, eu me lembro: um teatro com fileiras de bancos e tal, e serragem no chão. Eu conseguia sentir o cheiro, era inconfundível.

"Eles tiraram meu véu nessa hora. Não tinha ninguém na plateia, só duas mesas no palco, um médico de jaleco. Um velho estava dormindo em uma das mesas. Talvez nem fosse tão velho, era difícil ver, mas pareceu bem velho para mim. E devia ser velho para estar dormindo. O homem de cartola aceitou o pagamento do

médico e me deixou com meu olhar perdido, torcendo para não notarem que eu ainda estava vivo embora tivessem tentado me matar.

"O médico afiou uma faca, e aí não consegui me conter. Gritei, acho, ou talvez tenha ganido feito um cão. Então o médico tirou um lenço do bolso e entornou um pouco de poção azul no pano. Tentei me mexer, tentei fugir, juro, mas era como se eu estivesse amarrado embora meus braços e pernas estivessem livres. Meu cérebro tinha ficado ruim. Ele enfiou o pano na minha cara e senti o mesmo cheiro de novo, de corpo apodrecido e alguma flor doce, como o perfume de uma dama. E então tudo no salão virou um redemoinho e ficou preto, e eu não conseguia mais gritar. Parecia vodu ou algo assim. Não doeu. Achei que fosse doer, mas não. Foi como adormecer, e aí o restante das lembranças ficaram turvas. Se eu não tivesse acordado sem o braço esquerdo", Munro apontou com a cabeça para o espaço em que seu braço outrora estivera, "eu poderia imaginar que tivesse sonhado com isso ou talvez bebido demais no pub na noite anterior.

"Acordei no hospital Saint Anthony sentindo meu corpo todo em chamas, preso a uma cama com outros dois pobres-coitados, ambos pedreiros que tiveram as pernas esmagadas por um tijolo do tamanho da ilha Skye. Nós formávamos um trio deplorável, isso eu garanto."

— Não se lembra de mais nada? — perguntou Jack, com os braços apoiados nos joelhos.

Munro balançou a cabeça.

— Eles me mantiveram no hospital por um tempo, tentando entender como perdi o braço. Contei sobre o homem, o teatro, o lenço úmido e tudo mais, mas ninguém pareceu dar muita atenção. Pensaram que eu era um bêbado qualquer que se meteu em encrenca, e acho que eu não tinha como negar. Tentei sair do hospital o quanto antes, juro. Cheirava a bosta e morte lá dentro, e um dos rapazes que dividia a cama comigo roncava feito um elefante resfriado. A comida não era tão ruim, desde que você tirasse os insetos. Larvas são que nem a gente, estão sempre tentando se esquentar e comer alguma coisa, não dá para julgar. Ai, será que daria para eu tomar um gole de algo mais forte que esse chá aqui? Considerando que passei por um calvário, como dizem.

Hazel assentiu, e Iona foi buscar o uísque no armário.

— Os médicos do hospital disseram alguma coisa sobre o ferimento? — perguntou a garota. — Sobre por que o braço pode ter sido retirado?

— Pensando bem, eles comentaram que os pontos foram muito bem-feitos. Que pareciam o trabalho de alguém que sabia o que estava fazendo.

— Posso ver?

Munro deu de ombros e ergueu a camisa sobre o lado esquerdo, revelando o que restava do braço. Tinha sido cortado na altura da articulação; não havia nada abaixo do ombro. Bem como Munro mencionara, os pontos pretos eram pequenos, retos e uniformes. A ferida secretava um pouco de pus, e a pele ao redor das cicatrizes estava vermelha e inchada, mas os pontos eram perfeitos.

— Mas por que alguém tiraria seu braço? — questionou Jack, perplexo. — Não consigo entender.

O uísque de Munro chegou. Ele agradeceu Iona com uma piscadinha e deu um grande gole.

— Não faço ideia — respondeu, secando os lábios com a manga do braço que restava. — Não vou mais poder cavar, é uma pena. E como vou arranjar um trabalho honesto agora? Eu não conseguia um desses nem quando tinha dois braços.

— Vamos encontrar algo para você — garantiu Jack. — Você pode vir trabalhar comigo no teatro.

— Ah, isso, sim, é uma piada! — exclamou Munro, soltando um riso parecido com um grasnado. — Não sumi a ponto de não saber o que está acontecendo por lá. Fechou por causa da peste, não é? Como vai o *seu* emprego no teatro, Jack?

Jack se afundou na cadeira.

— Podemos encontrar algo para você em Hawthornden — sugeriu Hazel. — Sempre precisamos de alguém para cuidar do terreno. E… você atira, correto? Tenho certeza de que a cozinheira adoraria mais alguns coelhos.

Munro estufou o peito.

— Mesmo com só uma das mãos, não tem ninguém na Escócia que atire melhor que eu, juro. Obrigado, senhorita. De coração.

Ele tirou o gorro e se levantou apenas para fazer uma reverência profunda. Algumas cartas de baralho e moedas falsas caíram de seus bolsos, e Munro corou enquanto as apanhava do chão.

— A história acaba aí? Você não se lembra de mais nada? — questionou Hazel. — Não havia um homem caolho? Esse médico, no anfiteatro cirúrgico, usava tapa-olho?

Munro tomou mais um gole de uísque.

— Foi isso que aconteceu — respondeu ele. — Fiquei no hospital por um tempo até me mandarem para casa, fui ao pub, depois vim aqui atrás de Jack. Quanto ao médico… não posso dizer com certeza. Toda essa história está um pouco confusa. Eu não reconheceria a cara dele nem se ele tivesse três olhos, para falar a verdade.

Hazel continuou sentada, pensando. Alguém havia sequestrado Munro, usado *ethereum* nele (o que mais poderia ter sido?) e tirado seu braço. Eram essas as informações que ela tinha. Os mistérios eram *por que* e *quem*. A pergunta de *quem* era preocupante, mas não tanto quanto a seguinte: quando atacariam de novo? Porque, ao menos para Hazel, parecia que quem quer que estivesse sequestrando e mutilando os pobres de Edimburgo não tinha intenção de parar.

Ela mandou Charles chamar o intendente de polícia, que chegou a Hawthornden ao pôr do sol. Ele tinha um bigode tão espesso e reto quanto cerdas de vassoura, e suas narinas estavam infladas de irritação desde o momento que suas botas cruzaram o batente.

— Por favor, sente-se — ofereceu Hazel. — Iona, busque mais um bule cheio.

— Obrigado, senhorita — disse o intendente, sentando-se na cadeira à frente de Munro, que relaxava no sofá.

Hazel se preocupou ao avaliar Munro pelos olhos do intendente: a sujeira de gordura e fuligem, as mangas da camisa amareladas, o cheiro de bebida pairando ao redor dele como perfume.

— Quer dizer que… — afirmou o intendente quando a história de Munro foi concluída — … você se embebedou, teve um pesadelo e acordou sem o braço.

Hazel se levantou com raiva.

— Não, não é nada disso! — exclamou ela. — Algo está acontecendo na Sociedade de Anatomistas. Com ou sem o envolvimento de alguém de lá, estão usando o anfiteatro cirúrgico. E o *ethereum* deles. No mínimo, o senhor precisa começar uma investigação!

O intendente se levantou. O bigode tremia enquanto ele falava, e as gotas de saliva que saíam de sua boca a cada som de *p* pontuado depositavam-se entre os fios.

— Você… a *senhorita*… não me diga o que "preciso" fazer. Nem nesse, nem em qualquer outro caso. Agora, como a senhorita vem de uma boa família, vou supor que esse… esse… esse charlatão deplorável e infeliz a ludibriou para conseguir sua compaixão e seu dinheiro, e que a senhorita não me chamou aqui deliberadamente como um trote grosseiro.

— O senhor entendeu errado — disse Hazel. — Ele está contando a verdade. Ele não é o único que teve partes do corpo arrancadas. Tem alguma coisa…

O intendente a interrompeu com um bufo e um balançar de cabeça.

— Seu cérebro é ocioso demais, senhorita. Sua imaginação lhe escapa.

Ele colocou o chapéu e se inclinou para falar com Hazel de modo que Munro não pudesse ouvir:

— Cá entre nós, esse tipo de coisa acontece o tempo todo com a ralé da Cidade Velha. Eles encontram um ouvido amigo e inventam todo tipo de história para despertar a compaixão alheia.

Hazel se livrou da mão dele, que a segurava, e afirmou:

— Garanto que não é o caso, senhor.

O lábio superior do intendente se crispou e o bigode tremeu.

— Servi com seu pai na Marinha Real, alguns anos atrás, contra os franceses. Vim a Hawthornden como uma cortesia. Mas vou lhe dizer uma coisa, senhorita: espero que seu pai retorne antes que a filha dele passe de uma simples tola a uma perturbação pública.

29

Nenhum dos pacientes com febre romana que Hazel tratava com raiz de flor-de-erva estava melhorando, mas, para seu enorme alívio e surpresa, nenhum deles estava morrendo. Parecia que ela havia conseguido conter a doença, limitar sua propagação e mitigar sua mortalidade, mesmo que não conseguisse curá-la por completo. Ainda.

Hazel tomou notas cuidadosas de cada paciente e seu progresso. Ela tinha enviado uma cópia de seus registros ao dr. Beecham junto com a carta — à qual, para sua tristeza, ainda não fora respondida.

— Com o que ele pode estar tão *ocupado*? — queixou-se a Iona enquanto retirava uma farpa da canela de um rapaz. — Quanto tempo demora para escrever uma carta?

Iona lhe entregou o algodão e o álcool para desinfetar a ferida.

— Não faz tanto tempo assim, senhorita. Ele é um médico bem famoso, não é? Deve receber muitas correspondências.

— Bem, suponho que isso seja verdade — murmurou Hazel.

A farpa saiu da perna do menino antes que ele pudesse gritar.

— Pronto. Novinho em folha. E evite parapeitos instáveis daqui em diante. Você tem sorte de uma farpa ser tudo que tivemos de resolver.

Iona levou o menino à saída e trouxe o paciente seguinte, um rapaz de cabelo ruivo usando um paletó marrom que já tinha visto dias melhores. O garoto parecia pálido e cansado. Sua camisa esfarrapada tinha se rasgado na altura do pescoço, e alguém havia tentado remendá-la.

— Burgess! — exclamou Hazel, surpresa.

Ela teve que resistir ao estranho impulso de abraçá-lo devido ao puro choque de vê-lo ali, em seu laboratório na masmorra de Hawthornden, como uma aparição.

— D… desculpa — disse Burgess, confuso, as sobrancelhas castanho-claras se arqueando. — Creio que ainda não fomos apresentados. Mas… disseram que este era o lugar para obter tratamento?

Ele olhou para trás de Hazel, supondo que haveria um médico homem em algum lugar.

De uma das camas no solário, veio um gemido baixo.

— Gilbert Burgess. Ah, você não me reconhece. É óbvio. — Hazel ergueu o cabelo na altura da nuca. — George Hazelton, a seu dispor.

Então, seja pelo choque, pela febre ou por ambos, Burgess desmaiou.



— Não consigo acreditar — disse ele, quando enfim acordou em uma das camas no castelo.

O diagnóstico de Burgess não havia demorado muito: ele tinha febre alta e novas pústulas se formando por todo o corpo. Era febre romana. Iona havia trazido uma tigela de mingau com geleia. Distraído, o rapaz remexia o mingau, sem conseguir comer.

— Uma garota, esse tempo todo — continuou Burgess. — Perdão, uma *dama*. E ninguém sabia. Nossa, eu daria de tudo para ver a cara de Thrupp agora.

— Bem, alguém sabia. O dr. Straine me reconheceu e me expulsou do curso.

— Nós nos perguntamos o que aconteceu quando você desapareceu. Alguns garotos pensaram que você tinha adoecido ou se casado às pressas ou coisa assim. Thrupp tentou nos convencer de que você tinha fugido por causa de dívidas de jogo, mas eu sabia que era tudo asneira.

— Como andam as coisas por lá? — perguntou Hazel, tentando manter a voz casual. — No curso, quer dizer. O que vocês estão aprendendo?

Burgess ficou acanhado e manteve os olhos na tigela de mingau, que tinha um tom pastel de cor-de-rosa graças à geleia de framboesa.

— Eu desisti — admitiu ele. — Algumas semanas atrás. Poderia colocar a culpa na doença, mas a verdade é que estava além das minhas capacidades. Minha família mal conseguia bancar a mensalidade… pegamos dinheiro emprestado de

todos os nossos parentes vivos, e teria sido insuportável para mim reprovar no exame depois de tanto esforço.

— Então você desistiu? Burgess, não! — exclamou Hazel.

Burgess fez que não era nada.

— Não, é melhor assim. Eu teria sido um péssimo cirurgião. Ao contrário de você… *você*! Você era brilhante. Não acredito que a expulsaram do curso só porque usa saias. A audácia daqueles homens, sério. Juro que eu queria estrangular Straine metade do tempo. Fico arrepiado só pela maneira como ele *fica parado ali*, sabe? Com aquele olhar em seu único olho? — comentou Burgess, com um calafrio.

— Bom, talvez eu ainda me torne uma cirurgiã — retrucou Hazel com um sorrisinho. — Ou, melhor, existe uma chance.

Ela explicou o acordo que fizera com o dr. Beecham, que teria permissão para prestar o Exame de Medicina. Se passasse, garantiria um período de treinamento sob a tutela do próprio dr. Beecham e a permissão para mulheres ingressarem no curso dali em diante.

O ânimo de Burgess melhorou quando ela contou aquilo.

— Que maravilha, Hazel, de verdade! Você precisa passar. É claro que vai passar, você é uma gênia nessas coisas.

— Bem, você está noiva, não está? — perguntou Jack, do canto.

Hazel nem o havia notado sentado ali, lendo um dos livros em brochura dela.

— Mesmo se você passar, seu novo marido vai deixar que siga com isso? — insistiu o garoto.

— Não acho que essa decisão caberá a ele — respondeu Hazel, tensa.

— Aposto que ele achará que cabe, sim — retrucou Jack, com um tom gélido.

— Hm, parabéns atrasados! — ofereceu Burgess, quebrando a tensão. — Pelo noivado! Quem é o sortudo?

— Obrigada. É o futuro visconde Almont, na verdade.

Os olhos de Burgess se arregalaram.

— Hazel, isso é… ah, *caramba*! Não posso chamá-la de Hazel! Lady Sinnett, digo. Lady Almont, na verdade.

— Pode me chamar de Hazel, sim. Estou noiva praticamente desde que nasci. Ele quis oficializar as coisas, só isso. Vamos nos casar apenas daqui a um ano,

então minha vida não vai mudar em termos práticos nesse meio-tempo. O Exame de Medicina é um assunto bem mais urgente que meu casamento bobo.

Jack respirou fundo, largou o livro em cima da mesa e saiu da sala. Hazel o ignorou e se concentrou em Burgess.

— Por favor, diga que se lembra de algo que o dr. Beecham ensinou sobre a estrutura do sistema linfático, porque sou um caso perdido para isso — pediu a garota.

Daquele dia em diante, Burgess virou seu tutor pessoal e grande apoiador. Sempre que Hazel terminava de examinar os novos pacientes que chegavam ao laboratório e completava sua ronda nas camas dos pacientes dentro do Castelo Hawthornden, ela visitava o leito de Burgess, e o garoto a ajudava a estudar. Ele fazia perguntas brilhantes, tinha um talento para abordar os exatos conteúdos que Hazel estava torcendo para escapar sem saber direito.

Quando a carta do dr. Beecham foi entregue por Charles, Hazel estava tão distraída recitando todos os ossos do ouvido para Burgess que só percebeu o que tinha em mãos quando o pergaminho se encontrava aberto diante dela.

Cara srta. Sinnett,

Que prazer inesperado receber notícias suas. Espero que se lembre de nossa aposta e que seus estudos estejam progredindo a tempo para o Exame de Medicina. Devo confessar uma profunda esperança de que a senhorita passe.

Infelizmente, não trago mais boas-novas nesta carta. A inoculação foi tentada em Edimburgo durante a primeira onda da febre romana, sem efeitos positivos. Pelo contrário, alguns pacientes que participaram do experimento sucumbiram à doença.

Desconheço a "raiz de flor-de-erva" que a senhorita citou, e devo supor se tratar do nome regional de uma planta com outro nome mais adequado. No entanto, garanto que eu e meu estimado avô, durante toda a sua vida, fizemos experimentos com uma grande variedade da flora escocesa e não encontramos nada que mitigasse os efeitos horríveis e letais da doença. Devo aconselhar que interrompa todos os testes e não trate vítimas desafortunadas com remédios da crença popular, sem fundamento científico. Não continue a usar a "raiz de flor-de-erva" de forma alguma. Efeitos positivos no curto prazo podem provocar consequências letais no

futuro. Se a senhorita se tornar médica, logo vai aprender que o bem-estar do paciente deve se sobrepor ao ego demasiado zeloso do médico.

Atenciosamente,
Dr. William Beecham III

Hazel releu a carta, sentindo como se tivesse levado um tapa na cara. Quando deixou o papel cair de suas mãos, Burgess o pegou, formulando as palavras com a boca enquanto lia em silêncio.

— Bom, eu acho que foi uma boa ideia — opinou ele por fim. — E o chá de raiz de erva-de-flor é a única coisa desde que peguei a maldita febre que me faz sentir como se minha cabeça não estivesse prestes a explodir, apesar do que o dr. Beecham diz. Ele não é tão importante assim! Você sabia que o avô dele enlouqueceu no fim da vida? Alquimia e tudo o mais. Vai ver eles são todos doidos. Esqueça isso, Hazel.

Hazel concordou com um aceno distraído da cabeça. Ela tinha sido tola e ambiciosa demais. Era apenas uma criança, e há anos alguns dos médicos mais respeitados do mundo vinham trabalhando no problema da febre romana sem chegar a resultado algum. Ela sequer passara no Exame de Medicina ainda e fora arrogante a ponto de acreditar ter visto algo que o próprio dr. Beecham não tinha. Suas bochechas arderam, e ela arrancou a carta das mãos de Burgess. Hazel a rasgou e atirou os pedaços de papel no fogo, não por raiva, mas por uma humilhação profunda.

— Não importa — disse Hazel, estendendo a mão para tirar de Burgess a caneca de chá que ele estava bebendo. — Vamos obedecer ao especialista, ao menos por enquanto.

Burgess afastou a caneca e tomou mais um gole em protesto.

— De jeito nenhum.

— Está bem — concedeu Hazel. — Como quiser, mas, se algo der errado, que fique na sua consciência a partir de agora.

Burgess deu outro gole.

— É apenas chá — argumentou ele. — E faz eu me sentir melhor. Não sei do que o dr. Beecham estava falando, mas é você quem está me tratando, não ele. E, se

vale de alguma coisa, confio em você, dra. Sinnett.

Aquilo quase bastou para fazê-la sorrir.

Hazel não vinha sorrindo muito nos últimos dias. Além da espera pela resposta do dr. Beecham, Jack praticamente desaparecera de Hawthornden desde o reaparecimento de Munro, tentando encontrar um novo trabalho.

— Você pode ficar aqui — sussurrara Hazel para ele alguns dias após a chegada de Burgess, enquanto ainda estava na cama.

Jack vestira a camisa surrada e o casaco que havia deixado pendurado no dorso da cadeira.

— Não posso ficar aqui — retrucara ele, jogando água fria da bacia nas bochechas. — Preciso arrumar um emprego. Ninguém sabe quanto tempo vai demorar até o teatro reabrir. Se roubar corpos está perigoso demais, preciso encontrar outra coisa.

— Está, *sim*, perigoso demais, Jack. Não sabemos quem sequestrou Munro nem por quê. E a polícia não vai ajudar ressurreicionistas, isso se não forem os policiais os responsáveis. Por favor, por favor, prometa que não vai roubar cadáveres outra vez.

— Prometo — murmurara Jack.

Ele tinha amarrado os cadarços das botas, beijado a testa de Hazel e saído de Hawthornden a pé. Ela não o vira desde então.

20 de dezembro de 1817
Henry Street, 2
Bath

Minha queridíssima Hazel,

A notícia de seu noivado finalmente chegou a nós em Bath, e estou encantada. Que alegria saber que você será bem-cuidada e que seu querido primo Bernard finalmente se tornará seu marido. O único acontecimento recente que me trouxe tanta alegria é Percy estar se recuperando (finalmente!) de seu resfriado.

Mal posso esperar para ver você e seu futuro marido em Londres durante a Temporada da sociedade. Como você sabe, Percy estudará em Eton no ano que vem. Acredito que devo permanecer em Londres para ficar perto dele caso o resfriado retorne.

Estou muito orgulhosa de você.

— Sua mãe amorosa, lady Lavinia Sinnett

30

Ela se casaria com um duque ou um conde. Algum título do gênero. Qual era a diferença, aliás? E que diferença fazia, no fim das contas? Todos eles viviam em mansões e não faziam nada além de dar ordens em criados e escolher qual lenço bordado colocar no bolso a cada dia. Não era de surpreender que os nobres tivessem tempo para inventar medicamentos e matemática… eles precisavam fazer isso, por puro tédio.

O teatro continuava fechado devido à doença. Fazia meses que Jack não ganhava um salário regular e, sem o bônus de novos cadáveres para vender aos anatomistas, sua situação estava se tornando cada vez mais precária.

Ele tentou o estaleiro primeiro, na esperança de que ser jovem e relativamente em forma lhe garantisse um emprego construindo navios. Mas as vagas em Leith eram escassas. O capataz riu na cara de Jack quando ele pediu um emprego.

— Tive que dispensar vinte homens só este ano — explicou o homem. Ele escarrou e cuspiu para longe de Jack. — Desculpe, rapaz.

Parecia que, onde quer que ele tentasse, havia uma dezena de homens mais velhos e experientes à espera de uma oportunidade de falar com o chefe e implorar por um salário decente.

— Tem trabalho em Newcastle, pelo que ouvi dizer — sussurrou um homem para Jack depois que os dois foram rejeitados como pedreiros. — Se não houver nada que o prenda aqui. E nas Américas… dá para ganhar dinheiro de verdade por lá, se você conseguir suportar a viagem.

Jack respondeu com um aceno educado, mas se afastar ainda mais de Hazel parecia impossível. Para onde ele iria, se ela estava bem aqui? Mas como Jack poderia pedir que ela desistisse de um conde se não conseguia nem ganhar um salário decente? Nos últimos tempos, ver o rosto dela, limpo a não ser pelo suor de se debruçar sobre cadáveres e tratar novos pacientes, fazia Jack se sentir

profundamente envergonhado, como se os dois fossem de espécies completamente diferentes. Ele era bom em vender cadáveres, essa era a mais pura verdade… Era bom em escavar sem ser pego e em negociar uma libra a mais com médicos que usavam camisas de linho amarrotadas.

Mesmo com o sequestrador, aquilo não devia ser mais perigoso que trabalhar na pedreira ou nas minas. Jack sabia se defender. Era mais esperto que Munro e muito melhor de briga. Ele tinha feito uma promessa a Hazel, era verdade… mas ela nunca havia passado uma noite com fome, ao contrário dele, cerrando os punhos nas cobertas e torcendo para pegar no sono logo e não ter mais que sentir o estômago apertado se contorcendo. Ela não sabia o que era viver naquela cidade sem uma moeda no bolso, tendo apenas a si mesmo para se defender do frio ou da exaustão. Ela sempre esteve segura.

A pobreza tornava Jack vulnerável, mas também o tornava imprudente.

31

— Já ouviu falar do paradoxo do navio de Teseu?

Na teoria, o jantar na Residência Almont era para celebrar o noivado de Hazel e Bernard, embora os dois estivessem sentados em lados opostos da mesa de banquete. A jovem se encontrava ao lado do barão Walford, que se inclinava cada vez mais perto enquanto falava, enquanto Hazel tentava desesperadamente recuar o máximo que sua cadeira permitia sem tombar. Depois de quatro pratos, o barão já havia chegado tão perto que Hazel conseguia ver o cuspe em seus lábios. Ela se esforçou para segurar as lágrimas provocadas pelo hálito acre dele.

— Sim, milorde, eu inclusive…

— É uma noção filosófica complexa — prosseguiu o barão —, mas que consigo explicar em termos simples para uma mulher através de uma história. Imagine um navio grande. Com o passar do tempo, pedaços do navio vão apodrecendo. Mas cada tábua de madeira apodrecida logo é substituída. Eventualmente, todos os pedaços de madeira usados para construir o navio original foram substituídos. Ainda se trata do mesmo navio?

Lorde Almont se levantou, a algumas cadeiras de distância.

— Não! — exclamou ele com deleite, apontando para Walford. — É um navio diferente. Todas as madeiras são diferentes.

— Ah! — fez o barão. — E *quando* o navio deixa de ser o mesmo de antes?

O rompante do lorde havia chamado a atenção da sala de banquete. Bernard se levantou como o pai e respondeu:

— No meio do processo. Quando metade da madeira é substituída, ele deixa de ser o mesmo navio.

— Mesmo que todos ainda chamem o navio de Teseu? — perguntou Hazel em voz baixa.

Todos se voltaram para a garota. Bernard olhou feio para ela.

— Sim, querida — respondeu ele entredentes. — Não importa como as pessoas o chamam. Quando passa da metade, não é mais o mesmo navio.

— Algumas mulheres… — observou lorde Almont ao filho — … ainda têm que entender que gostamos mais de olhar para elas do que de *escutá-las*.

O barão Walford soltou uma risadinha, e seu olho falso rolou na cavidade ocular.

— Arrá! Mas então, voltando ao navio — prosseguiu o barão. — Imagine que pegaram toda a madeira podre que foi retirada e a usaram para construir um segundo navio, no Museu Britânico. Qual seria o verdadeiro navio de Teseu nesse caso? O que continua navegando com o nome original ou o que está no museu?

— O segundo — respondeu Bernard de imediato. — O segundo. Com a madeira original.

— Temos um verdadeiro sábio entre nós! — gritou lorde Almont, batendo nas costas de Bernard.

O filho sorriu, radiante.

— Com certeza — concordou o barão Walford, girando sua taça de vinho antes de esvaziá-la em um único gole.

— Por que tão filosófico, Walford? — perguntou lorde Almont.

— Bom… — começou o barão, ajustando o olho falso. — Estou à procura de um olho novo. Marquei um procedimento. Segunda-feira da semana que vem, na Sociedade de Anatomistas. Vou enxergar pela primeira vez em vinte anos. Ao menos, é o que o médico garante.

— Como assim? — perguntou Hazel, empertigando-se pela primeira vez em todo o jantar. — Que procedimento vai permitir que o senhor volte a enxergar? Que tipo de olho novo?

— Calma, calma, *querida* — interveio Bernard.

— Barão Walford, sem querer me intrometer, mas, por favor… — prosseguiu Hazel — … que tipo de cirurgia poderia lhe devolver a visão? Com um olho falso?

O barão deu um tapinha no topo da cabeça dela.

— Não é nada com que uma jovem precise se preocupar! Ainda mais quando ela tem um casamento para organizar!

— Sim — disse Hazel. — Um casamento. É claro.

Depois do jantar, os cavalheiros se recolheram na biblioteca para tomar conhaque e fumar charutos. Bernard saiu por um momento para acompanhar sua noiva à carruagem.

— Hazel — disse ele, após um pigarro, assim que chegaram ao lado de fora. — A sua… fantasia de ser uma… médica ou seja lá o que for.

— Não é uma fantasia, Bernard. Vou ser médica. Sei que não é o que *você* nem seu pai desejam, mas estou estudando há semanas.

Bernard olhou ao redor com nervosismo. Depois que Hazel começou a falar, percebeu que não conseguia mais parar.

— Sou boa nisso, Bernard, muito boa — prosseguiu ela. — Nem sempre acreditei que era, mas sou mesmo. Eu tratei meia dúzia de pacientes; estou tratando meia dúzia de pacientes *agora*. Realizei um parto! Vou passar no exame, Bernard, e vou me tornar médica. Estou segura de que já sou uma médica, na verdade.

Bernard abriu e fechou a boca, como se fosse um peixe na praia.

— Hazel, acalme-se!

— Estou calma, Bernard. Perfeitamente calma. Mas devo avisar que, se não me deixar continuar minha carreira, não tenho certeza de que posso me casar com você.

Bernard olhou em direção à porta fechada da Residência Almont, como se estivesse considerando entrar para falar com o pai. Ele ajustou o próprio colete.

— Certo. Está bem. Não há necessidade de dizer isso, Hazel. Sejamos racionais.

— Estou sendo racional, Bernard.

Ele pigarreou de novo.

— Tudo bem. Há um exame, você disse? Algum tipo de exame para ser médica? — perguntou o primo.

— O Exame Real de Medicina, sim. Daqui a uma semana.

— Uma semana — repetiu Bernard. — Perfeito. Você vai fazer esse… esse Exame Real. E, se passar, podemos ao menos conversar sobre como seria esse…

futuro.

Hazel se animou um pouco.

— Então, está dizendo que há uma chance? Quer dizer, você estaria disposto a permitir que eu… a permitir que nós…

Bernard esfregou as têmporas.

— Só… Certo. Faça sua prova, e depois… E depois vamos pensar. Mas, Hazel, juro por Deus. Juro. Se não passar nessa prova, me prometa que essa história acabou. E meu pai nunca pode descobrir nada a respeito disso.

— Nunca — repetiu Hazel.

— Você *me promete*, Hazel?

— Prometo.

— Está bem.

Bernard beijou o topo da cabeça dela e a ajudou a entrar na carruagem.

— Coisa linda. Cuidado para não chacoalhar muito na rua! — gritou ele para o condutor. — Minha futura esposa está aí dentro.

32

Durante semanas, a data do Exame Real de Medicina parecera muito distante para Hazel, uma abstração que nunca iria se materializar de verdade. Até que, de repente, o dia chegou. No fim das contas, as informações que ela havia aprendido durante horas intermináveis de leitura e memorização de seu exemplar do *Tratado do dr. Beecham* pareciam quase irrisórias se comparadas ao que ela havia aprendido nas poucas semanas em que trabalhara como médica atendendo aqueles que vinham a Hawthornden. Beecham estivera certo ao duvidar de Hazel quando fizeram a aposta. Afinal, se ela tivesse estudado apenas com livros, nunca teria se sentido pronta. Mas, tendo passado por tudo aquilo, ela quase se sentia.

Na manhã do exame, ela releu suas anotações enquanto levava colheradas de mingau à boca, mal percebendo o que comia de tão focada que estava nas palavras diante de seus olhos. Sistema pulmonar? Linfático? Órgãos? Ela ticou mentalmente cada área que revisava, uma a uma, surpreendendo-se ao constatar que talvez estivesse pronta, afinal.

— Pare com isso — disse Burgess, comendo o próprio mingau com um vigor que fez Hazel sorrir.

Ele estava melhorando. Embora ainda sofresse com uma ocasional tosse ruidosa, as lesões em suas costas estavam diminuindo. E seu apetite retornara.

— Parar com o quê? — perguntou Hazel, sem tirar os olhos do pergaminho, deixando uma gota de mingau cair no colo.

— De estudar. Você sabe tudo isso de trás para a frente. Ninguém se sairá tão bem nesse exame quanto você, e você sabe disso.

— Obrigada, Burgess. E obrigada por toda a sua ajuda.

O garoto deu uma risadinha.

— Parece estranho que você esteja me agradecendo, considerando que praticamente salvou minha vida — comentou ele.

— Um tratamento é bom — retrucou Hazel. — Uma cura seria melhor ainda.

— Bom, não tenho dúvida de que haverá uma cura em breve, se a dra. Hazel Sinnett estiver em busca dela.

— Ainda não sou uma doutora.

— Daqui a algumas horas, será.

Hazel reuniu suas penas, a tinta e as facas. Também pegou seu *Tratado do dr. Beecham*, mais para dar sorte do que por qualquer outro motivo.

— Jack veio aqui recentemente? — perguntou ela a Iona enquanto a criada ajudava a amarrar os cadarços de suas botas.

Iona balançou a cabeça.

— Não nos últimos dias, infelizmente. — Então, vendo a expressão de nervosismo de Hazel, Iona acrescentou: — Mas não há com o que se preocupar. Aquele rapaz sabe se livrar de qualquer encrenca, a senhorita o conhece. Mais fujão que um bagre ensaboado, e muito mais esperto.

Hazel só conseguiu assentir. Jack estava bem.

Ela precisava se concentrar no exame.

A princípio, Hazel tinha planejado prestar a prova vestida como George Hazelton. Ela tinha escolhido um dos melhores paletós de George para a ocasião, e o manteve estendido no próprio quarto para que vê-lo toda manhã servisse de lembrete da tarefa por vir. Mas, quando chegou a hora de se arrumar naquela manhã, a garota hesitou. Ela não faria o exame como George Hazelton. Ela o faria como Hazel Sinnett.

Então, Iona a ajudou a entrar em um vestido novo, que chegara da costureira poucas semanas antes e que Hazel ainda não usara. A saia era de musselina branca, forrada por fitas na barra, e caía em camadas delicadas até a altura dos tornozelos. O corpete era de seda vermelho-sangue, com mangas bufantes em linho branco. A gola ia até o queixo, um lembrete para ela manter a cabeça erguida.

— Não se atrase — alertou Iona, enquanto terminava de amarrar o corpete. — Você me lembrou dezenas de vezes, e não me esqueci: é às oito em ponto.

Hazel ajeitou os punhos das luvas.

— Não vou me atrasar — garantiu. — Confie em mim.

Ela ainda se lembrava daquela manhã em que teve que entrar escondida na demonstração cirúrgica do dr. Beecham na Sociedade de Anatomistas, e de ter

ficado do lado de fora da porta trancada quando o sino soou pela cidade.

Ainda havia geada quando Hazel se dirigiu à carruagem, o orvalho congelado e cristalizado durante a noite. A garota se deliciou com o barulho do seu sapato na grama. Aquele seria um dia bom, pensou ela.

Sua confiança durou até a carruagem terminar a subida pela encosta da Cidade Velha. Pelas janelas, Hazel entreviu os outros candidatos a médicos se dirigindo à sala de exame na universidade. O grupo, como um todo, era sério: homens de casacos escuros e botas desgastadas, com óculos e expressões de concentração intensa no rosto. Eles atravessavam os paralelepípedos com os olhos baixos, os cenhos franzidos. Hazel sentiu o estômago se contrair e o café da manhã transformado em bile subir pela garganta. O balanço da carruagem a deixaria enjoada.

— Pode parar a carruagem! — gritou ela ao condutor. — Vou andando daqui em diante.

Ao abrir a porta da carruagem, ela foi recebida pelo frio. Seu vestido era fino demais para a temperatura de dezembro, e ela havia se esquecido de trazer uma pele. Hazel caminhou a passos rápidos para se aquecer enquanto atravessava a ponte em direção à universidade. Ninguém prestou atenção nela enquanto caminhava ao longo da rua de pedra e passava por lojas que cheiravam a carne quente e cerveja velha, com pedintes enrolados em cobertas sob seus toldos, vira-latas de pelos duros abanando os rabos musculosos de euforia ao encontrar qualquer resto de comida, crianças jogando um jogo com copos e dados, um homem de cartola empurrando uma pessoa de véu em uma cadeira de rodas.

Hazel ficou paralisada. O homem e a cadeira de rodas viraram a esquina e desapareceram em uma viela. Como Jeanette havia descrito? O sonho dela com um véu. E depois Munro havia contado a mesma história. Ele havia descrito *exatamente aquela cena*: ser empurrado pela cidade em uma cadeira de rodas, debaixo de um véu preto e pesado. Mais ninguém na rua havia parado ou notado qualquer coisa fora do comum. Aos olhos alheios, tratava-se de uma viúva idosa de luto ou um inválido passando a manhã fora de casa.

Hazel prendeu a respiração por um instante. Ela observou o homem e a cadeira de rodas saírem da rua principal e entrarem em uma viela, no terreno cercado que levava à Sociedade de Anatomistas. Hazel deu um passo à frente, sem conseguir

resistir o impulso de espiar pela esquina. Quando viu o movimento de uma capa e uma porta se fechando, confirmou o que já sabia: quem quer que estivesse na cadeira de rodas estava sendo deixado no anfiteatro cirúrgico.

Um alarme soou em sua mente. Era segunda-feira. O barão Walford faria sua cirurgia naquele dia, na Sociedade de Anatomistas. Não tinha sido isso que ele dissera? O que estava acontecendo atrás daquela porta?

Hazel tinha tempo de sobra antes do exame. Ela saíra de Hawthornden tão cedo que poderia ter ido a pé até a universidade e ainda estar sentada em sua cadeira, com o tinteiro cheio, quando o exame começasse. Com certeza não haveria mal em ir até lá e apenas… dar uma olhada. Descobrir o que estavam fazendo. Decerto não seria nada demais. Além disso, o barão Walford tinha ficado bêbado no jantar. Era provável que ele só fosse tirar as medidas para um novo olho de vidro, e a mulher na cadeira de rodas devia ser… uma viúva idosa indo encontrar o neto, que era um professor visitante.

Hazel tinha tempo. Tempo de sobra. Ela desejou que Jack estivesse ali para botar juízo na cabeça dela, para avisar se ela estava sendo ridícula, se devia ignorar o barão e a mulher de véu e manter o foco. Manter o foco em chegar à universidade, no exame, em seu futuro. Mas Jack não estava ali. Ele estava em algum lugar da cidade sem ela, e Hazel estava sozinha na esquina movimentada, roendo as cutículas enquanto considerava cada alternativa.

A decisão foi tomada assim que ela viu a cadeira de rodas desaparecer atrás da porta e sentiu o coração começar a bater forte nos ouvidos, medo e adrenalina fazendo os pelos em sua nuca se arrepiarem. Hazel tirou o chapéu e olhou ao redor para verificar que ninguém a observava. Então, desapareceu na pequena viela que levava à lateral do prédio, onde, poucos meses antes, um garoto que ela ainda não conhecia como Jack Currer havia lhe mostrado uma entrada secreta.



Trecho do ***Tratado de anatomia do dr. Beecham — ou A prevenção e cura de doenças modernas*** *(17ª edição, 1791), de dr. William R. Beecham:*

O objetivo do médico é proteger e servir o próximo. Essa é a diretriz singular daqueles que se comprometem com a ilustre profissão: ajudar pessoas em necessidade. O propósito do estudo deve ser a expansão do conhecimento, mas nunca pelo conhecimento em si. Deixe o conhecimento pelo conhecimento para os filósofos. A vida de um médico é curta demais para ser desperdiçada em um academicismo ocioso. Além de usar a mente, ele deve usar as mãos.

33

O CORREDOR DE PEDRA era mais escuro e mais estreito do que Hazel se lembrava. Teias de aranha se prendiam em suas saias, e ela tentou suprimir um espirro provocado pela poeira que pairava no ar, visível nos retângulos finos de luz que conseguiam se infiltrar pelos cantos da porta lascada às costas dela. A cada passo que Hazel dava, o corredor se tornava mais escuro e mais frio. Depois de dez passos, a garota se arrependeu profundamente de sua decisão. Ela deveria estar sentada na sala da universidade, sorrindo diante das provocações de Thrupp porque sabia que daria conta do que quer que aparecesse no exame. Seu pergaminho estaria alisado, a caligrafia impecável. Talvez ela tivesse sido a primeira a chegar à sala. Os minutos estavam passando.

Hazel balançou a cabeça, tentando expulsar aqueles pensamentos. Ainda conseguiria chegar sem atraso. Ela tinha tempo de sobra. O chão se inclinou um pouco para baixo, e Hazel ouviu o tom baixo de vozes do outro lado de uma porta que ela não conseguia distinguir na penumbra.

— *… não vai sentir nada, eu lhe garanto.*

— *… Eu mesmo passei por esse procedimento…*

— *Nós escolhemos esse aqui porque ele é jovem, viu? Vale os três pences a mais, prometo.*

Hazel girou a maçaneta pesada de metal e estremeceu com o rangido que soou. A garota ficou à espera de gritos, de uma mudança no tipo de murmúrio no palco, mas não o escutaram. Ela abriu a porta alguns centímetros, apenas o suficiente para deixar uma fresta de luz entrar. Então, diante da falta de reação dos homens no palco, abriu-a o suficiente para conseguir se virar de lado e passar de maneira furtiva.

O cheiro de palha foi a primeira coisa que ela sentiu. Palha fresca tinha sido depositada no palco e embaixo das arquibancadas, provavelmente para absorver

sangue. Hazel agradeceu em silêncio todas as aulas de etiqueta que sua mãe havia insistido que ela fizesse, para apender a dar passos discretos e delicados. Ela avançou o máximo que sua coragem permitia, devagarinho, nas sombras.

Sem as pernas de cem homens para camuflá-la nas arquibancadas, Hazel foi obrigada a permanecer nos fundos, de onde conseguia enxergar a cena no palco apenas como vultos indistintos. Havia um homem sentado em uma cama hospitalar, falando com animação. Era a voz dele que ecoava pelo salão. A pessoa encoberta continuava na cadeira de rodas, com o homem de cartola parado com um ar ameaçador atrás do ombro dela. E, no centro do palco, brandindo o frasco azul de *ethereum* em uma das mãos e um lenço rendado na outra, encontrava-se um médico.

Ele usava um avental de açougueiro, e uma engenhoca estranha cobria seu rosto. Pareciam óculos de segurança, mas, em vez de duas lentes de vidro, contava com apenas uma. Havia uma lupa circular no centro do rosto do médico, preservando sua identidade e transformando-o em uma criatura saída da mitologia grega. Lá estava o homem de um olho só com quem Jeanette havia sonhado: um ciclope distorcido, com um olho de vidro redondo instalado em latão. Sua íris ampliada era azul, e ondulava pelo vidro como se fossem as águas do mar.

— O *ethereum* é o segredo aqui, milorde. Talvez o senhor tenha visto minha demonstração no começo da estação?

O vulto na cama se apoiou nos cotovelos e respondeu:

— Infelizmente, não, doutor.

O médico molhou o lenço com o líquido azul iridescente.

— Bom, o efeito é bastante impressionante. Pacientes o compararam a uma boa noite de sono. O senhor acordará daqui a algumas horas sentindo-se revigorado. Na pior das hipóteses, será como uma noite de sono conturbada. A pior parte será a dor no olho novo, mas deve diminuir com o passar das semanas. O senhor vai perceber o embaçamento melhorar um pouco a cada dia.

— Vou lhe dizer que estou muito ansioso, doutor — comentou o vulto. Era o barão Walford, vestindo uma camisa simples de linho, mas ainda assim inconfundível. Ele estalou os lábios audivelmente e se recostou na mesa. — Faça o

que for preciso, doutor. Não vejo a hora de me livrar daquele olho falso pavoroso de uma vez por todas.

A expressão do médico era invisível por trás da lupa. Ele levou o lenço úmido de *ethereum* ao rosto do barão. Então, se virou para o vulto encoberto na cadeira e disse ao homem de cartola:

— Por obséquio, senhor.

O homem retirou o véu preto do vulto na cadeira de rodas, revelando um garoto de cabelo loiro tão sujo que quase parecia castanho, com as mãos amarradas no colo e um pano envolto na cara para impedir que ele gritasse. O garoto fez força contra as amarras, debatendo o corpo para tentar se libertar. Mesmo de longe, Hazel conseguia discernir o pânico em seu rosto, que estava ficando vermelho como uma beterraba.

— Calma, calma — tranquilizou o médico.

Ele voltou a umedecer o lenço com *ethereum* e o pressionou no rosto do refém. O garoto se debateu diante dos captores, mas, então, sua postura se afrouxou.

— Pronto — disse o médico. — Vamos colocá-lo na mesa. O senhor pode me ajudar?

O homem de cartola ajudou a tirar o garoto da cadeira e a colocá-lo na mesa comprida no centro do palco, bem ao lado do barão Walford, que estava deitado tranquilamente, como se estivesse apenas dormindo. O corpo do garoto foi arrastado de forma inerte, como uma boneca de pano.

— Foi um pesadelo encontrar o olho da cor certa — comentou o homem de cartola, que tinha a voz áspera. — Precisei pegar uma dezena de garotos até encontrar um com o tom certo. "Mogno", não é? Por favor, me diga que essa cor é mogno.

— Sim, sim — confirmou o médico. — Posso imaginar o trabalho que deu. Mas, pelo tanto que o cavalheiro na mesa está pagando, acho que é melhor darmos a ele exatamente o que quer.

O homem de cartola pigarreou.

— *Quanto* ele está pagando, aliás? Por esse tipo de coisa?

— Ora, ora, Jones, você sabe que acho uma grosseria falar sobre dinheiro. Mas lhe garanto que é o bastante para pedir um olho novo da cor do antigo. — O médico ajustou a lente da lupa e selecionou um bisturi da mesa. — O

procedimento é bem simples, ainda mais porque o cliente já está sem um olho. A órbita foi preparada. Agora, só precisamos de…

Com um barulho úmido repulsivo, o médico levou o bisturi ao rosto do garoto, que estava inconsciente, mas ainda com os punhos atados. Ele não se mexeu quando o bisturi se afundou sob o osso da sua testa e fez um corte grosso descendo por seu nariz.

— Lá vamos nós — comentou o médico, tirando o olho de sua órbita. — Jones, por favor, busque raiz de mungo em pó, pó de prata e o cataplasma que guardo em um pote preto no armário, por obséquio.

O homem de cartola encarava o rosto do garoto com um sorriso terrível e feroz. Ele assentiu e obedeceu, trazendo os três ingredientes que o médico havia pedido até a mesa.

O médico pingou com cuidado uma gota de cataplasma na órbita ocular vazia do barão e, em seguida, inseriu o globo ocular do garoto.

— É pura magia isso, doutor — murmurou o homem de cartola.

— Não é magia, Jones — retrucou o médico com certa impaciência, cobrindo a órbita ocular com os pós. — Nada além de ciência. E, é claro, um conhecimento do corpo humano aperfeiçoado ao longo de décadas de prática.

Ele riu baixinho, ainda concentrado na operação.

Hazel estava paralisada de terror. Sua voz ficou presa na garganta, os pés fixados ao chão, pesados como se fossem feitos de aço derretido. Em sua mente, ela visualizou o que *deveria* estar fazendo, as ações que deveria estar tomando: interromper o procedimento aos gritos, derrubar o bisturi das mãos do médico ou, ao menos, sair correndo para buscar ajuda, chamar o intendente da polícia outra vez, trazê-lo nem que fosse arrastado até a entrada da viela e forçá-lo a ver o que estava acontecendo. Em algum canto de sua mente, ela sentiu o chamado do Exame de Medicina. A prova já devia ter começado, mas talvez, se ela corresse, ainda conseguisse chegar a tempo. Porém, seu corpo não obedecia a mente. O terror tinha se tornado um ser vivo dentro dela, um monstro que transformava suas veias em gelo e seus músculos em água. Ela não conseguia fazer nada além de observar enquanto o médico completava sua operação terrível, inserindo o olho cor de mogno do garoto no rosto inchado e vermelho do barão Walford.

Quando a cirurgia se encerrou, o médico se afastou para examinar o resultado, inclinando a cabeça. Ele limpou o bisturi no avental, levou a mão ao bolso e pegou um pequeno frasco que cintilava com um brilho dourado. O líquido iluminou o rosto do médico por baixo, como se fosse uma vela.

— Pronto. Basta uma gota para evitar a infecção e garantir que o olho novo se ajuste — murmurou.

Com delicadeza, ele inclinou o frasco de modo que uma única gota dourada caísse sobre o rosto do barão.

— O que vamos fazer com ele? — perguntou o homem de cartola, indicando com a cabeça o garoto amarrado. Sua órbita ocular vazia entornava um rio de sangue sobre a mesa e a palha no chão. — Está sangrando muito.

O médico estava distraído, concentrado no barão. Ele estalou a língua e deu uma olhada rápida no garoto.

— Ah. Algodão na ferida para conter o sangramento — comentou. — Não sei se ele vai sobreviver, o coitado. Vamos mantê-lo aqui por algumas horas e ver se ele se recupera. Se morrer, leve-o para o hospital dos pobres. Você sabe o que fazer, Jones. Se perguntarem, é a febre romana.

O médico se voltou para o barão, debruçando-se para avaliar o próprio trabalho, as centenas de veias minúsculas que ele havia posicionado e selado para dar um novo olho ao homem que havia pagado por isso.

— Creio que seja um dos meus melhores trabalhos, Jones.

— E um dos mais rápidos também — acrescentou o homem de cartola. — Feito na metade do tempo de seus outros.

— Bom, eu me esforcei — respondeu o médico.

Seu cabelo estava úmido de suor. Ele tirou a lupa e secou a testa com uma das luvas. Em seguida, o dr. Beecham se virou para a arquibancada do anfiteatro, olhou bem na direção de Hazel e completou:

— Afinal, tivemos uma plateia hoje.

34

Antes que hazel pudesse se mover, o homem de cartola agarrou seu cotovelo com a mão áspera. Ele tinha avançado como um cão de caça nas sombras, tão rápida e silenciosamente que já estava empurrando Hazel em direção ao palco do anfiteatro cirúrgico, antes que ela tivesse tempo de gritar.

— Srta. Sinnett — cumprimentou o dr. Beecham, limpando o sangue das luvas. — Bem-vinda. Confesso que estou encantado pela senhorita ter acompanhado minha cirurgia esta manhã. Sinto que minhas mãos ficam mais firmes quando estou realizando uma performance para alguém. Como é maçante fazer arte em uma sala vazia, uma sinfonia sem ouvidos para escutá-la. E creio que a senhorita seja uma das poucas que de fato conseguiria apreciar a gravidade do que faço aqui. Os outros… — Beecham apontou para o barão adormecido, cujo olho encontrava-se coberto de algodão — … se contentam em apenas receber o que querem. Eles pagam o preço, e a tarefa é realizada. Sem curiosidade. Sem curiosidade pela ciência além de seus próprios interesses mesquinhos e tolos. É trágico, de certa forma, como a vida deles é restrita. Como pouco se importam com o mundo além de seus próprios corpos. Mas a senhorita… A senhorita, Hazel Sinnett, entende. O exame era hoje de manhã, não era? Imagino que isso signifique que desistiu de nossa pequena aposta. Não tem importância, não mesmo. Estou muito mais contente com o fato de a senhorita estar aqui.

O médico continuou:

— A senhorita entende o verdadeiro milagre que é pegar uma parte viva de um ser humano e transpô-la a outro, a fim de restaurar o dom da visão por meio de uma, digamos, doação de nosso generoso doador. Levei anos para conseguir transpor olhos. Dedos são fáceis. Fiz em um instante. Membros completos foram uma progressão natural daí. Agora, o *coração* ainda não consegui. Estou

trabalhando na transposição de um coração. Mas me sinto otimista. O coração será o próximo passo para mim.

Hazel balbuciou, debatendo-se contra o aperto firme do homem de cartola. Todas as perguntas que ela queria fazer subiam por sua garganta ao mesmo tempo, e a que escapou de seus lábios foi:

— O que o senhor está fazendo?

Beecham parou de limpar as luvas.

— O que estou fazendo? Minha cara, pensei que fosse óbvio…

Hazel conseguiu livrar seu cotovelo do aperto do homem de cartola, e Beecham ergueu a mão, indicando que o lacaio podia recuar.

— O senhor está… está sequestrando pessoas — acusou ela. — Está raptando pobres e fazendo operações com eles. Usando seu *ethereum* e roubando partes deles. Membros, órgãos, olhos.

— "Roubar" é uma nomenclatura grosseira — defendeu-se Beecham, estremecendo de leve. — A senhorita sempre teve uma vida muito protegida, srta. Sinnett. Duvido que esteja ciente das coisas horrendas que acontecem na Cidade Velha entre os verdadeiramente pobres e desamparados. Essas pessoas são ladrões e criminosos. Perdem seus membros e suas vidas de maneiras insensatas e terríveis todos os dias. Esse ladrão poderia ter morrido de fome ou tuberculose, em uma briga ou de mil outras formas. Uma facada em uma confusão no pub poderia tirar seu olho amanhã, e ninguém daria a mínima. Eu apenas trago ordem ao caos. Dou sentido a suas vidas.

— Você é um assassino! — vociferou Hazel.

— Talvez — admitiu o dr. Beecham, sem preocupação. — Mas também trago vida. Salvo vidas com os corpos que mato. A pobreza é a verdadeira assassina, srta. Sinnett. Eu não criei os pobres que sofrem ao morar com outros vinte em um mesmo cômodo imundo, trabalhando vinte horas por dia em troca de um mísero pedaço de carne. Isso lá é vida?

Hazel olhou para o garoto e para o rio de sangue que escorria de onde o olho dele tinha sido retirado. Seu cabelo loiro estava empapado de sangue, mas seu peito ainda subia e descia com respirações fracas.

— Ele pode morrer! — exclamou ela. — Esse garoto está morrendo, e o senhor o mataria porque o barão queria um olho novo.

O dr. Beecham riu de leve.

— Sim, creio que esse exemplo parece um pouco fútil, não? Os ricos querem o melhor. Começou com dentes novos: quase todos, se não todos, os cirurgiões conseguem criar dentes falsos a partir da boca de outras pessoas. Mas sou o único capaz de ir além. Quase todos querem algo a mais, e estão dispostos a pagar por isso. Nem toda transposição que faço é por vaidade, minha cara. Só neste ano já fiz… deixe-me ver… dois fígados, um útero e um pulmão. Tudo para prolongar a vida daqueles que gastam seu tempo com arte, literatura, música e ciência. Tirando daqueles condenados a vidas de miséria e trabalho pesado. Agora, diga-me: isso é errado?

Hazel não conseguia desviar os olhos do garoto sangrando na mesa e suas respirações fracas.

— Por favor! — berrou ela. — Por favor, ele está morrendo.

Uma sombra de decepção atravessou o rosto do dr. Beecham, mas ele a encobriu com sua máscara de pessoa agradável e estalou a língua.

— Gostaria muito que a senhorita compreendesse as implicações maiores disso aqui, srta. Sinnett. De verdade — falou Beecham, raiva surgindo em sua voz. — A senhorita não *enxerga* o que fiz? Não dá valor? — perguntou, apontando um dedo enluvado para a órbita ensanguentada, esburacada e contorcida do garoto. — Não, creio que não. Diria que é provável que ele sobreviva. Se o choque fosse matá-lo, já teria acontecido. Acho que lhe fiz um favor, na verdade. Ele estava mendigando na rua quando meu funcionário o encontrou e, pelo que sei, garotos com deformidades físicas suscitam muito mais compaixão nos transeuntes. Talvez ele até me agradecesse, se pudesse. A humanidade é muito mais que a soma de seus indivíduos patéticos, e são poucos os escolhidos para realizar feitos tão milagrosos. A senhorita acredita que Deus lamenta quando insetos são esmagados sob pedras enquanto homens constroem torres, catedrais e universidades?

— Você não é Deus — bradou Hazel, balançando a cabeça.

Beecham riu.

— Se a senhorita soubesse, srta. Sinnett… As coisas que me tornei capaz de realizar ao longo de minha vida. As coisas que já fiz com o corpo humano. As coisas que *posso fazer*! Mas não quero me precipitar.

— O que seu avô pensaria? O dr. Beecham, no tratado dele, escreve sobre proteger a humanidade e agir como um instrumento para a melhoria da humanidade…

— Meu avô? O que tem ele…? Ah! Ah, que piada, que piada. — Beecham soltou uma gargalhada gutural e secou uma lágrima. — Aquelas palavras foram escritas por um tolo. Um jovem tolo que ainda tinha muito a vivenciar. Garanto, srta. Sinnett, que sou muito mais sábio do que meu *avô* era quando escreveu aquelas palavras, tanto tempo atrás.

Hazel franziu o cenho, porém, antes que pudesse responder, uma batida soou na porta atrás de Beecham.

— Mais uma entrega — avisou uma voz abafada do lado de fora.

— Entrem — mandou Beecham.

Dois homens carregavam uma maca entre si, com um corpo escondido sob um lençol. Eles tinham a aparência estranha: um era baixo e careca, e o rosto do outro ficava escondido atrás de um bigode de morsa. Pareciam familiares, mas Hazel não conseguia identificar de onde os conhecia.

— Encontrei esse aqui roubando corpos em Greyfriars ontem à noite — explicou o homem de bigode, revelando uma fileira de dentes grotescos de tão amarelados. — Sozinho. Acho que quase o matamos de susto.

Hazel sentiu um nó no estômago e deu um passo à frente, mas o homem alto envolveu um braço musculoso ao redor de seu pescoço, imobilizando-a.

— Ah, não se atreva, mocinha — rosnou o homem no ouvido dela.

O dr. Beecham fungou e instruiu:

— Levem o barão embora na maca e coloquem o corpo na mesa. O barão pode convalescer na sala de recuperação.

Os dois recém-chegados assentiram e começaram a trabalhar. Eles depositaram o corpo envolto pelo lençol ao lado do garoto sangrando. O barão Walford foi colocado na maca e retirado do anfiteatro cirúrgico.

— Um cadáver? — perguntou Hazel baixinho.

— Ainda não — respondeu Beecham, simplesmente.

Depois que os dois homens saíram e fecharam a porta, Beecham removeu o lençol que cobria o segundo corpo.

— *Não!* — gritou Hazel, se debatendo contra o homem que a segurava.

Ele a apertou com mais força. A garota pisou com vontade nos pés dele e tentou acertar o cotovelo em sua barriga, mas ele não demonstrou a menor reação ou fraqueza.

Deitado na mesa, calmo como se dormisse, estava Jack.

— Não! — gritou Hazel. — Por favor, não! Qualquer um menos ele. Por favor.

O dr. Beecham hesitou, parecendo interessado.

— Você conhece esse garoto?

Hazel pensou no que poderia responder.

— Eu… — Sua voz vacilou. Ela balançou a cabeça. — Por favor, solte-o.

— Estou fascinado com o motivo pelo qual uma jovem dama da sua posição social poderia ter alguma conexão com um ressurreicionista — comentou Beecham. — Como seus caminhos se cruzaram. É fascinante, de verdade.

Àquela altura, lágrimas escorriam pelo rosto de Hazel, entrando em seu nariz e boca.

— Por favor — implorou ela, perdendo a voz. — Por favor.

— Srta. Sinnett, estou prestes a lhe ensinar uma lição muito importante. Minha vida é muito longa… sim, mais longa do que a senhorita imagina, e ligações emocionais, como qualquer laço tolo que a senhorita possa ter com esse garoto deitado sobre a mesa, não servem a propósito algum. O prazer é passageiro. A ciência, as informações que podem ser reunidas e aprendidas… são *elas* que duram. São elas que constroem um legado. Pessoas como nós, srta. Sinnett, têm o potencial de usurpar o próprio Deus.

A expressão de Beecham se tornou mais sombria ao prosseguir:

— Ligações emocionais são dor. A senhorita pode achar que entende de dor, srta. Sinnett. Eu também achava isso quando tinha sua idade. Mas a força vem da capacidade de superar esses impulsos humanos. Sentimentalismo. Pieguices.

Hazel não conseguia falar nada. Ela se debateu contra o captor, mas seus músculos pareciam se enfraquecer e o salão começava a rodopiar.

— Acho que vou usar o coração dele — comentou o dr. Beecham, com um sorrisinho maldoso repuxando o canto dos lábios. — Eu pretendia praticar a transposição de um coração. É perfeito.

Ele apontou para o outro garoto deitado na mesa, cujo sangramento no olho havia estancado e coagulado em tons de marrom e castanho. Sua respiração havia

cessado.

— Eis um corpo, pronto para recebê-lo — indicou o médico. — Vamos ver se o ressurreicionista consegue ressuscitá-lo.

— O senhor não pode fazer isso — implorou Hazel. — Não pode.

Beecham apenas deu um sorriso melancólico e pegou uma faca da mesa. A lâmina tinha vinte centímetros de comprimento. Estava coberta de manchas de cirurgias anteriores, mas continuava tão afiada que Hazel conseguia ver o brilho de seu gume.

Jack começou a despertar na mesa.

— Jack! — gritou Hazel. — Jack, por favor, acorde!

O homem alto cobriu a boca dela para abafar os gritos.

Beecham levou a faca ao peito de Jack. Sangue espirrou no lado esquerdo do rosto do médico, que ficou com uma aparência louca. Ele havia retirado a faca do corpo e a erguido para fazer a incisão seguinte quando os olhos de Jack se contraíram e ele estremeceu sobre a mesa.

O dr. Beecham suspirou, baixou a faca e pegou o frasco azul de *ethereum*. De maneira lenta e deliberada, enquanto bolhas de sangue subiam pela ferida no peito de Jack, o médico umedeceu um novo lenço.

— Pouquíssimas pessoas sabem fazer um bom trabalho — reclamou ele, enquanto os olhos de Jack se abriam.

Os dedos de Hazel encontraram uma pena recém-afiada no bolso de seu casaco, e então aí tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Em um único movimento, ela tirou a pena do bolso e apunhalou o peito do homem às suas costas. Ele cambaleou para trás, apertando o lugar onde a pena se encontrava cravada em um ângulo perfeito de noventa graus.

— Jack! — gritou Hazel. — Jack, o lenço!

Jack se sentou na mesa, recuperando a consciência bem quando o dr. Beecham se virou para ver o que Hazel havia feito, observando o capanga cair no chão. Jack se esticou e arrancou o lenço da mão do dr. Beecham. Como que por reflexo, ele pressionou o lenço no rosto do médico com uma força surpreendente até Beecham cair no feno manchado de sangue sob a mesa no palco.

Por um momento, Hazel e Jack ficaram parados, arfando, desorientados. Hazel correu até ele e o envolveu em um abraço. Quando ela se afastou, os joelhos de

Jack cederam, e ele caiu. Beecham havia feito apenas uma incisão, à esquerda do coração, mas era profunda.

— Hazel — murmurou Jack, a cor de seu rosto se esvaindo.

— Vamos conseguir ajuda para você — sussurrou ela. — Shhhh. Shhhhh. Está tudo bem. Você vai ficar bem.

Hazel passou um dos braços de Jack por cima dos próprios ombros, então conseguiu guiá-lo até a cadeira de rodas abandonada na lateral do palco. Seu vestido estava úmido com o sangue dele, mas Hazel mal notou.

O dr. Beecham estava caído no palco, inconsciente graças ao próprio *ethereum*. O homem que Hazel tinha apunhalado com a pena encontrava-se caído de lado. Ela não sabia se estava vivo ou morto, mas só conseguia pensar em tirar Jack dali em segurança.

Ao saírem na rua, foram atingidos por cores e cheiros. Tudo girava, estava claro demais e ninguém parava para ajudá-los. Eles precisavam ir para um lugar seguro, um lugar silencioso. Hawthornden era longe demais. Jack poderia morrer antes de chegarem à carruagem. Hazel não sabia onde era o hospital mais próximo.

— Com licença — disse ela, com a voz trêmula e enlouquecida, a um homem que avançava a passos largos.

O homem olhou para os dois com pena, mas continuou a caminhar. De algum lugar próximo, veio o barulho de um penico sendo esvaziado na sarjeta. Ela precisava tirar Jack da rua.

— Vai ficar tudo bem — murmurou Hazel.

Jack gemeu em resposta.

— Mantenha pressão na ferida, se possível — instruiu ela.

Na South Bridge, ela viu um raio de sol se refletir em uma cartola cinza conhecida.

— Bernard!

A cartola se virou. Bernard ergueu a mão para bloquear o sol e ver quem havia chamado seu nome.

— É…? Hazel, minha nossa. O que você está fazendo aqui? O que…?

— Bernard, explico tudo depois, juro. Posso levá-lo à Residência Almont? Ele foi apunhalado, estou com medo de que acabe morrendo.

Bernard hesitou apenas por um instante.

— Sim, é evidente. Venha, deixe-me ajudar você.

Os dois empurraram Jack pela Lothian Road, passando por Saint Cuthbert mais rápido do que Hazel teria conseguido sozinha.

— Quem é ele? — perguntou Jack, com a voz rouca, quando eles viraram na Princes Street, torcendo o pescoço para focar o olhar inexpressivo em Bernard.

— Shhhh. Calma — disse Hazel. — Estamos quase lá.

Para crédito de Bernard, cada vez que ele olhava para Hazel com a boca aberta, como se estivesse prestes a fazer uma das várias perguntas que sem dúvida estavam em sua mente, o primo apenas balançava a cabeça de leve e voltava a olhar para a frente. Enfim, os dois chegaram à entrada de criados da Residência Almont.

— Há um quarto vazio no segundo andar — indicou Bernard.

Dois lacaios, que saíram para auxiliar quando viram o grupo se aproximando, ajudaram Hazel a levantar Jack com delicadeza para subir a escada de serviço até um pequeno quarto com uma cama sem lençóis. Embora houvesse uma janela minúscula, o cômodo era tomado por sombras.

— Podem me trazer uma vela, por favor? E uma bacia d'água? E toalhas de linho, se tiverem? — pediu Hazel.

Com Jack deitado, Hazel conseguiu examinar melhor a ferida e avaliar o estrago causado pela faca de Beecham no peito dele. Com cautela, a garota começou a tirar a camisa dele, embora parte do tecido se mantivesse incrustrada no sangue seco. A ferida, com vários centímetros de comprimento, era mais profunda do que Hazel havia imaginado e borbulhava com sangue roxo fresco. A pele ao redor já estava quente e em um tom vivo de cor-de-rosa. Bernard teve ânsia de vômito e saiu do quarto em seguida. Hazel se pôs em ação.

Depois de limpar a pele de Jack, ela enfim conseguiu soltar o ar que estava preso no próprio peito havia horas. A ferida era profunda, sim, mas não atingira nenhum órgão vital e, como era uma incisão tão precisa, Hazel conseguiu costurar os pontos com capricho e manter a pele unida para evitar uma infecção.

Em algum momento durante a tarde, Jeanette entrou no quarto com o cabelo preso sob uma touca de criada, carregando uma pilha de panos de linho limpos e uma pederneira para acender a lareira.

— Quando Hamish… ele é o lacaio… falou que uma médica tinha vindo, imaginei que fosse a senhorita — comentou a criada, então seus olhos pousaram

no peito de Jack. — Esse é o Jack! — Jeanette estava em choque, parecendo uma criança confusa. — É o Jack. Esse é o Jack.

Hazel assentiu.

— Jack — repetiu Jeanette em estupor, incapaz de aceitar a realidade. Ela deu um passo adiante e entregou os panos para Hazel. — Jack nunca se machucou. Ele nunca se machuca. Jack não morreria.

— Não acho que ele vai morrer, Jeanette — respondeu Hazel. — Acho que ele vai ficar bem.

Ao ouvir isso, a criada soltou uma risada alta e estranha.

— Bom, é claro que vai! Ele tem uma médica como você.

Hazel abriu um sorriso fraco.

— Ainda não sou uma médica de verdade, Jeanette.

— É mais médica do que muitas daquelas fraudes no hospital para os pobres — murmurou Jeanette, com a energia renovada e indo cuidar da lenha. — Pelo menos você me deu ouvidos. Qualquer outra pessoa teria dito que eu estava doida.

Depois que o fogo estava crepitando na lareira, as duas fizeram vigília diante de Jack por um curto período, até Jeanette se levantar e dizer:

— Vou trazer um jantar para a senhorita. Deve estar faminta.

Hazel não tinha pensado em comida o dia inteiro. Ela não fazia ideia de quanto tempo passara naquele quarto com Jack. Sabia apenas que a janelinha quadrada, antes iluminada pelo sol, exibia o crepúsculo. Jack estava dormindo, com a respiração firme e regular. Seus olhos tremulavam, e Hazel conseguia distinguir as veias sanguíneas vermelhas sob suas pálpebras. Ela passou um dedo ao longo da bochecha dele, a pele pálida escurecida pela barba por fazer.

O momento era tão íntimo que Bernard, parado no batente, baixou os olhos, constrangido. Ele saiu e voltou alguns segundos depois, com uma batida breve na porta entreaberta.

— Vi uma criada prestes a subir com seu jantar, então pensei em trazer eu mesmo — comentou Bernard, deixando um prato de frango assado na mesinha encostada no corredor e se sentando na única outra cadeira no quarto. — Espero não estar atrapalhando nada, meu amor?

— É claro que não — disse Hazel, desviando o olhar.

— Que bom. E ele… como ele está?

— Ele vai ficar bem — respondeu a garota, baixando os olhos para o rosto de Jack.

Ele sempre tinha sido tão bonito? Seus lábios sempre foram definidos assim, com um arco do cupido onde a ponta de um dedo se encaixaria perfeitamente? Suas orelhas sempre foram tão delicadas e macias, curvadas como conchas? Seu cabelo sempre havia sido tão farto e ondulado? Seu peito, que ela conseguia ver mesmo através dos curativos, era largo, mas côncavo na clavícula. Hazel queria apoiar a cabeça ali para sempre.

— Imagino que agora você possa me contar o que está acontecendo — pediu Bernard, tentando fazer a voz soar amistosa.

Hazel descreveu tudo: os corpos que havia encontrado sem braços, pernas e órgãos e, por fim, o que viu quando entrou escondida na Sociedade de Anatomistas.

— Estão sequestrando homens e mulheres pobres e vendendo partes de seus corpos. Ele usa esse… esse *ethereum* para fazer com que fiquem inconscientes durante a operação e então ele… Beecham tinha outra coisa, um frasco com algum líquido que usava durante a cirurgia para fazer as partes vingarem no novo corpo. Não sei direito o que era ou como funciona, mas Jack… quer dizer, esse garoto e eu escapamos com vida.

— E esse garoto é…

— Ele é um ressurreicionista. Um ladrão de corpos que vendia cadáveres dos cemitérios para médicos e anatomistas estudarem. Comprei dele. Para estudar para o exame. Mas é um homem respeitável, de verdade. Ele trabalha no Le Grand Leon. É um homem bom.

Bernard assentiu, com o rosto impassível, mas sem tirar os olhos de Hazel. Ele permaneceu em silêncio por um tempo, então Hazel continuou a falar, com a voz grave:

— Bernard. Algo grave está acontecendo. Algo sério. Não sei quantos foram mortos ou quantos ainda vão morrer ou ser feridos pelo dr. Beecham. Preciso que você fale com o intendente da polícia, ou conte para seu pai, mas precisa ser você. Eles vão acreditar em você, têm que acreditar. Você é um visconde.

— Filho de um visconde.

— Não importa. Você sabe que isso não importa. Tentei falar com o intendente, e ele me ignorou. Mas agora vi com meus próprios olhos, Bernard, juro que é verdade. Você acredita em mim, não é? Ele deu um olho novo para o barão Walford hoje! Na próxima vez que você vir o barão Walford, ele vai estar com um olho novo! Diga que acredita em mim.

— Eu acredito em você, Hazel — garantiu Bernard. — Afinal, você é minha noiva. Temos que confiar um no outro.

Ele se levantou, tenso, e deu um beijo seco na bochecha dela.

— Vou lá, então, e vejo você em breve. Até mais, meu amor.

Hazel não prestou atenção em nada além de Jack. Caso contrário, teria visto os olhos de Bernard ardendo como carvões em brasa.

35

Levou dois dias até Jack se sentir bem o bastante para viajar de carruagem ao Castelo Hawthornden, e mais uma semana, com o mingau da cozinheira e as trocas de curativo atenciosas de Hazel, até ele se sentir bem o bastante para andar. O ferimento cicatrizava sem infecção e, no dia após Jack conseguir dar uma volta lenta nos jardins do castelo sem se curvar de dor, ele disse a Hazel que era hora de voltar ao Le Grand Leon.

— Só para ver como estão minhas coisas — explicou o garoto.

Jack tinha algumas libras escondidas em um buraco nas tábuas de madeira do teto, e duas camisas limpas. Embora Hazel tivesse lavado e esfregado a que ele usava quando foi esfaqueado, ainda havia uma mancha cor-de-rosa no peito, e Jack nunca se sentia confortável com as camisas de tecidos finos que pinicavam, emprestadas do falecido irmão de Hazel. A garota concordou, desde que Jack prometesse voltar na mesma noite.

— Você vai precisar de um emplastro e curativos novos — explicou Hazel. — É importante para cicatrizar direito e evitar uma infecção nesse estágio.

— Ah, tudo bem — concordou ele.

Jack hesitou, então se aproximou como se fosse beijá-la. Mas, em vez disso, piscou algumas vezes, cerrando e abrindo o punho.

— Adeus, então — disse ele, virando-se antes que Hazel pudesse responder.

Pela janela, ela observou Jack e a carruagem desaparecerem na curva, onde as poucas folhas frágeis que resistiam nas árvores, apesar da geada de inverno, o bloquearam do seu campo de visão.

Jack não tinha pensado em como seria difícil subir até o ninho que havia construído nos caibros do teatro sem que os pontos do peito se abrissem. No meio da escada, teve que parar para recuperar o fôlego. Ele estava contemplando se valia a pena continuar a subida quando ouviu uma série de batidas na porta principal do teatro.

Eram fortes e persistentes. Que estranho. Fazia meses que o teatro estava fechado. Jack entrara pela porta dos funcionários, que dava para o beco, e o sr. Anthony possuía todas as chaves do imóvel. Ninguém que estivesse à porta da frente tinha motivo para aparecer no Le Grand Leon.

Jack esperou, escutando os sons do prédio se assentarem: madeira rangendo e ar frio soprando pelas fendas no teto, onde as vigas não se encaixavam direito. Em seguida, as batidas recomeçaram, firmes, vindas de mãos determinadas. Elas não cessaram, então Jack atravessou o saguão empoeirado até a porta principal, tirando uma chavinha pequena do bolso e mantendo os dedos ao redor da maçaneta por via das dúvidas.

— Jeanette? É você? — perguntou o garoto.

Não houve resposta.

Ele abriu a porta e se deparou com o intendente da polícia, dois guardas e o magistrado. Por instinto, Jack tentou fugir. O intendente o agarrou com violência e segurou as mãos do garoto às suas costas.

— Ei! — gritou Jack. — Ei! O que estão fazendo?

— Você está preso pelo assassinato de Penelope Harkness, Robert Paul, Mary McFadden e Amelia Yarrow. E, sem dúvida, por inúmeros outros. Repugnante.

O intendente cuspiu nas botas de Jack.

— É algum engano — respondeu o garoto. — Estou dizendo, é algum engano.

Um dos guardas encontrou a faca no bolso de Jack. O homem a exibiu para o magistrado, depois a guardou no próprio bolso, balançando a cabeça com repulsa.

— Ei, isso é meu! Devolva!

O magistrado pigarreou e encarou Jack com o nariz empinado, embora eles tivessem a mesma altura.

— Ficamos sabendo que poderíamos encontrar você aqui — começou o magistrado. — Parece que seus amiguinhos naquele terreno de Fleshmarket não

são tão confiáveis quanto você gostaria de acreditar. Ladrões, assassinos, traidores. Deus tenha piedade de suas almas.

— Você está mentindo! — exclamou Jack, tentando se soltar. — Você está mentindo. Isso é uma piada! Por que eu mataria alguém?

— Você andou vendendo corpos para a Sociedade de Anatomistas? — perguntou o homem.

Jack sentiu a boca ficar seca e a língua, inchada.

O magistrado sorriu, comentando:

— Faz sentido que um jovem engenhoso quisesse arranjar um atalho, por assim dizer. Não precisaria perder tempo esperando por um funeral se matasse alguém com as próprias mãos.

— Isso é mentira — sussurrou Jack. — Nunca matei ninguém. Sim, vendi corpos, mas os desenterrei no cemitério.

— Muito conveniente, cometer os assassinatos durante um surto de febre romana — prosseguiu o magistrado, ignorando-o. — Não haviam muitas pessoas dispostas a se aproximar dos corpos para confirmar a causa da morte.

O intendente da polícia assentiu e acrescentou:

— Ele até me abordou uma vez. Tinha convencido uma jovem dama de um esquema elaborado. Estava acobertando seus rastros. Tentou fazer o mesmo com o filho do visconde. — O intendente riu com escárnio. — Graças a Deus e ao rei que o jovem lorde Almont foi inteligente o bastante para enxergar o que você é. Quantas outras pessoas você teria matado só para encher os bolsos?

— Encontrem Hazel Sinnett! — implorou Jack. — A dama do Castelo Hawthornden. Encontrem ela e tragam ela aqui, ela vai falar a verdade para vocês.

O intendente deu uma cotovelada na barriga de Jack, que perdeu o fôlego e se curvou. Os dois guardas o seguraram para não cair. Ele sentiu os pontos se abrirem, e o sangue da ferida começou a escorrer por sua camisa.

— Não me diga o que fazer, assassino. E como ousa difamar o nome de membros da sociedade superiores a você!



Jornal Vespertino de Edimburgo

22 de dezembro de 1817

RESSURREICIONISTA É JULGADO POR ASSASSINATO

Ontem, o Tribunal realizou o julgamento de Jack Ellis Currer, acusado de assassinato. Nenhum caso nos últimos anos despertou um interesse tão intenso da população: na hora antes de o prisioneiro ser levado à corte, as portas do Tribunal estavam cercadas por um grande volume de pessoas tentando entrever o processo, que certamente será histórico. Lorde Maclean e outro nobre lorde se sentaram no banco minutos antes das dez horas.

Currer tem grande estatura e vestia um sobretudo azul-marinho esfarrapado. Nada em sua fisionomia indica uma disposição peculiar à crueldade, exceto talvez os traços duros do queixo e a sobrancelha austera. Ao longo dos procedimentos, Currer parecia profundamente atormentado, embora não exibisse expressão de remorso.

O dr. William Beecham III foi chamado para depor que tinha visto Currer rondando a Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo com frequência, em busca de clientes para suas mercadorias macabras. Depois, Bernard Almont, da Residência Almont, filho do visconde Almont, testemunhou que ouviu Currer fazer uma confissão completa quando o ressurreicionista pensou estar prestes a morrer, por conta de uma facada após um jogo de baralho que acabou mal. Currer estava morando ilegalmente no teatro Le Grand Leon, que se encontra fechado, onde a polícia o apreendeu.

Edmund Straine, médico da Sociedade de Anatomistas, também foi indiciado, pela compra ilegal de cadáveres.

36

No dia de natal, Hazel estava caminhando pela Cidade Velha com a cabeça erguida e o olhar baixo. Ela decidira vir a pé de Hawthornden, atravessando estradas sinuosas cobertas pela geada de dezembro e quilômetros de áreas rurais vazias. Seus pés doíam, mas ela mal notava. Tinha uma leve noção de que o calcanhar estava machucado e de que o sangue se infiltrava na meia e no couro da sola da bota. O vento… e o mundo… a haviam insensibilizado, e ela não sentia mais dor.

Uma semana havia se passado desde a prisão de Jack. Sua mãe e Percy continuavam em Londres e permaneceriam lá pelo restante do ano. Hazel estava completamente sozinha naquela cidade.

As ruas estreitas de paralelepípedos se encontravam tranquilas, como se todos os habitantes de Edimburgo estivessem ao redor do conforto das lareiras natalinas, abraçando apertado entes queridos enquanto a ameaça da febre romana continuava a se assomar como uma névoa pela cidade. Hazel tinha dado folga a Iona, Charles e à cozinheira. Ela precisava de apenas uma pessoa naquele dia.

A sala de aula permanecia do jeito que Hazel se lembrava, de meses e uma vida inteira atrás. Não restava odor de sangue ou putrefação; o local fora limpo depois do término do semestre. Hazel adentrou o cômodo com cheiro de verniz de madeira e álcool.

O dr. Beecham se encontrava atrás do púlpito, organizando alguns papéis.

— Só um momento, srta. Sinnett — disse ele, sem erguer os olhos. — Estou me preparando para os estudantes do próximo semestre, que virão depois das festas. A senhorita não acreditaria em tudo que ainda precisa ser feito. A papelada, meu Deus.

Ele ajeitou alguns pergaminhos em fileiras mais ordenadas, depois suspirou e olhou para Hazel.

— Olá.

— Vim devolver seu livro — disse ela, atirando o exemplar do *Tratado do dr. Beecham* em cima de uma carteira, fazendo com que uma pequena nuvem de poeira subisse.

Do bolso do manto, ela retirou o pequeno diagrama da mão e dos dedos que havia caído das páginas. Hazel o guardara em segurança, sentindo que era uma espécie de símbolo que a ligava ao médico e escritor que ela antes tanto admirara. Na noite anterior, enquanto encarava o desenho, todas as peças estranhas de sua hipótese se encaixaram. Ela tinha examinado as evidências e chegado à uma conclusão.

— Você poderia ter ficado com o livro. Tenho muitos exemplares — retrucou Beecham, inexpressivo.

— Finalmente entendi — anunciou Hazel. — Não sei como não percebi antes, como demorei tanto tempo para notar. Na verdade, é claro que sei. Porque é ridículo. E pensei que era impossível. Mas sempre acreditei que o dr. Beecham original tinha sido o maior médico do mundo, então talvez eu devesse ter cogitado que ele seria capaz de qualquer coisa. Que *o senhor* seria capaz de qualquer coisa.

Em vez de responder, Beecham saiu de trás do púlpito, flexionando os dedos dentro das luvas de couro pretas que sempre usava e arqueando uma sobrancelha.

— Tire as luvas — disse Hazel.

Sem falar uma palavra, Beecham obedeceu, afastando com cuidado o couro da pele e, então, puxando cada dedo da luva até as duas mãos ficarem expostas.

Todos os dedos do dr. Beecham estavam manchados e mortos. Eram dez dedos de dez mãos diferentes, que variavam em tom de pele e tamanho. Tinham sido costurados à mão dele com pontos pretos e grossos; bem-feitos, porém visíveis.

— Como pode ver, minha habilidade manual nem sempre foi tão magistral quanto é hoje — comentou.

Ele exibiu os dedos para Hazel, virando cada mão algumas vezes, antes de perguntar:

— Posso?

Hazel assentiu, e Beecham recolocou as luvas.

— No começo, os dedos eram a parte do corpo mais fácil de perder — explicou ele. — E, antes que eu aperfeiçoasse meu tônico para transposição de

membros, apenas fiz o melhor que pude. Então é isso. Você descobriu meu segredinho. Posso lhe oferecer uma xícara de chá?

— Então é verdade — disse Hazel. — O senhor é o único Beecham. Foi o senhor que escreveu o livro, o tratado. Foi o senhor…

— Eu resolvi o enigma da imortalidade — confirmou Beecham. — O maior objetivo de todo médico, imagino. Ao que parece, o outros só não eram tão inteligentes quanto eu.

Os pensamentos de Hazel se encaixaram com um estalo gratificante.

— Nunca houve um filho, muito menos um neto. Apenas o senhor.

Beecham consultou uma chaleira na pequena lareira atrás dele.

— Na verdade, é aí que se engana, srta. Sinnett. Tive filhos. Dois homens, meus meninos Jonathan e Philip. E minha linda filha, Dorothea. E minha esposa, Eloise. No início, pensei que o maior problema da imortalidade seriam meus membros e órgãos me desertando um a um. Depois, descobri que seria ver todos que eu amava morrerem. Quando Eloise estava à beira da morte durante um parto, implorei para que tomasse meu tônico, supliquei de joelhos para que ela sobrevivesse e continuasse a viver ao meu lado. Ela se recusou. Achei uma tolice. Quase todos os dias, ainda acho isso. Mas, em dias como hoje, no Natal… bem, às vezes penso que ela estava certa. Eu gostaria de poder ver meus filhos outra vez. Ela está passando a eternidade com eles, e eu continuo aqui — contou Beecham, servindo-se de uma xícara de chá. — Tome uma xícara também. É um oolong maravilhoso. E não tive a oportunidade de conversar com alguém sendo, bem, eu mesmo desde que Eloise morreu. É de uma liberdade surpreendente.

— Como o senhor conseguiu? — perguntou Hazel, incapaz de resistir.

Beecham sorriu como um gato e, do fundo do bolso no peito do paletó, retirou um pequeno frasco com um líquido dourado.

De perto, a substância se revirava como magma ou mercúrio líquido. Era viscosa e cintilante, com um brilho metálico nas bordas, mas ainda assim translúcida. Parecia um universo envolto em vidro, infinito e em mudança constante.

— Um tônico. Meu tônico. Se quer saber como o descobri, creio que a única resposta seja o medo. Medo da morte. Medo de ser esquecido. Eu sabia desde criança que estava destinado a algo maior que o curtume onde meu pai trabalhava,

onde ele queria que eu trabalhasse. Foi só muito adiante na vida que aperfeiçoei o tônico. E foi necessária uma verdadeira obsessão. Se estava torcendo para saber o que o tônico contém… bem, srta. Sinnett, decidi há muito tempo que a fórmula pertenceria apenas a mim. Digamos que a resposta é "feitiçaria". Afinal, a ciência não é como magia para aqueles que não a entendem? O fardo do conhecimento é que ele torna o mundo mecânico. Sou imortal em um mundo no qual todos os milagres já foram explicados.

Ele apoiou o frasco na mesa. Hazel, paralisada, não tirava os olhos do tônico.

— O que "imortal" significa, então? — perguntou ela. — Em termos técnicos. O senhor envelhece? Creio que não. Pode ser morto?

— Que pergunta interessante! Faz tanto tempo que não ouço uma pergunta interessante. Está planejando me matar, srta. Sinnett? A resposta simples às duas perguntas é não. Punhaladas, ferimentos de pistola, estrangulação… Nenhum efeito. Imagino que uma estratégia mais sistêmica possa acabar comigo: arrancar parte por parte, depois queimar cada uma até virar cinzas… mas, como a senhorita deve imaginar, tenho certo receio de testar essa hipótese com afinco. Por favor, sente-se. Se não posso lhe oferecer chá, posso ao menos lhe oferecer uma cadeira.

Hazel organizou os próprios pensamentos. Após um instante, ela se sentou e olhou nos olhos do dr. Beecham.

— O senhor vai matar Jack Currer. Vão enforcá-lo pelas mortes que o senhor causou.

Vapor subiu da xícara de Beecham.

— A senhorita o ama — disse ele simplesmente. Não era uma pergunta, apenas uma observação. — Então lhe fiz o maior favor de todos, srta. Sinnett. O amor não passa da agonia prolongada de esperar que o sentimento acabe. O medo de perder aqueles que amamos nos leva a cometer atos egoístas, tolos e cruéis. A única liberdade é se libertar do amor. E, uma vez que o amor se foi, ele pode ser perfeito, cristalizado em suas lembranças para sempre.

— Ele não merece morrer — insistiu Hazel.

— Todos nós merecemos morrer — rebateu o dr. Beecham. — É nosso único direito de nascença.

— E quanto a Straine? Ele foi preso também.

Beecham arqueou uma sobrancelha.

— A senhorita o defende? O homem que frustrou suas ambições médicas?

— Não. Ele, não. Mas Straine não é o culpado. Estou defendendo a verdade.

Beecham tomou um grande gole de chá.

— Não existe verdade, srta. Sinnett — disse ele. — Até as supostas verdades mais básicas de nossa anatomia podem ser manipuladas para servir a novos propósitos. A única verdade é o poder, e o único poder é saber como sobreviver.

Ele pegou o pequeno frasco da mesa e o encarou. O líquido era dourado quando Hazel o vira pela primeira vez, mas, daquele ângulo, parecia quase um preto cintilante.

— Descobri que apenas uma gota do tônico, fortemente diluída, basta para garantir que os membros e órgãos transpostos se adaptem bem ao corpo novo, sem infecção. Sei que a senhorita estava curiosa. — Ele girou o frasco nos dedos. — Esse é o mesmo frasco que ofereci à minha esposa, Eloise, antes que ela morresse. Eu o carrego desde então. Sabe, srta. Sinnett, daqui a cem anos, a noção de uma cirurgiã mulher pode não parecer tão absurda. E menos absurda ainda um século depois. A senhorita estará em uma situação muito melhor nos séculos por vir e, até lá, terá aprendido o suficiente para ser mais brilhante que qualquer pessoa poderia sonhar em se tornar durante uma única vida. Aqui. Pegue.

Hazel estendeu a mão por instinto, depois se conteve. Momentos antes, ela havia considerado pegar o frasco e sair correndo, mas então hesitou.

— O senhor entrega a maior obra da sua vida assim, para qualquer um? — questionou Hazel.

— Para qualquer um não, eu lhe garanto. A senhorita é a segunda pessoa a quem ofereço este frasco, e a primeira que tenho certeza de que poderá fazer excelente uso dele. Não importa o que pensa de mim neste momento, srta. Sinnett. Sei que um dia a senhorita vai entender a vastidão do que conquistei. As bases das pirâmides se assentam sobre corpos, minha cara. Todo progresso exige sacrifício humano. Eles eram pobres e carentes. A cidade já os havia matado; eu apenas usei cada parte do animal.

Os ouvidos de Hazel zumbiram e seu coração bateu forte no peito. Ela pegou o frasco.

— Quanto tempo o senhor vai ficar aqui? — indagou a garota, passando o polegar no vidro do frasco, que parecia se manter permanentemente frio. — Em Edimburgo, quer dizer. Quanto tempo até as pessoas notarem que o senhor não envelhece?

Beecham bebeu mais um gole de chá.

— Muito em breve, infelizmente. Creio que vou partir para os Estados Unidos em seguida. É um país vasto. Fácil para um homem desaparecer e se reinventar. Então, não quer chá? Ou talvez algo mais forte? É Natal, afinal de contas. Acho que tenho um conhaque envelhecido em algum lugar por aqui… Ah, sim.

Beecham tirou uma garrafa amarela-âmbar de trás do púlpito. Ele acrescentou uma gota em seu chá e, depois, serviu um pouco em um copo vazio para Hazel.

— Eu insisto — disse ele. — É Natal.

— Saúde, então.

Ela tomou um gole que queimou sua língua e chamuscou sua garganta.

Beecham ergueu a própria xícara de chá.

— A seu noivado — brindou ele, com um brilho no olhar. — Soube que a senhorita ficou noiva há pouco tempo. Até professores ouvem as fofocas da alta sociedade, infelizmente.

Hazel balançou a cabeça.

— É engraçado — comentou ela. — Creio que aquilo que o senhor disse estava correto. Perder quem se ama é a única liberdade que há.

Na manhã seguinte à prisão de Jack, Hazel havia acordado sem insegurança nem medo. Nada a respeito de levar uma vida sem um título ou um castelo a assustava, nem a fúria da mãe ou a decepção do pai. Se fosse preciso, ela viveria como uma bruxa solitária, suturando ferimentos e realizando partos. Mendigaria nas ruas, trabalharia como criada, viajaria para a Europa continental. A mudança tinha sido espantosa… Houve uma centelha em seu cérebro, um milagre de fluidos ou eletricidade, e desde então sua vida parecia completamente diferente. Pela primeira vez em dezessete anos, sua vida pertencia a si mesma.

Hazel havia botado fogo em todas as cartas que Bernard lhe mandara por mensageiro desde sua recusa, sem sequer abri-las. Jogara os lírios brancos enviados por ele no riacho perto de Hawthornden.

Ao terminar seu conhaque, Hazel se levantou e agradeceu ao dr. Beecham pela bebida.

— Boa sorte nos Estados Unidos — disse ela, virando-se para partir.

— Espero mesmo que a senhorita tome — interveio o médico. — Eu falei sério sobre o mundo ainda não estar pronto para a senhorita. Eu teria o maior prazer em ver suas conquistas no próximo século. E eu enfim teria uma mente científica para me fazer companhia.

Hazel se voltou para o médico e retrucou:

— A única utilidade que tenho para a imortalidade é descobrir se é capaz de proteger alguém de um enforcamento.

Beecham se levantou, boquiaberto. Ele piscou algumas vezes, depois voltou a se sentar.

— Sim — concedeu ele, em voz baixa. — De fato, a imortalidade é mais forte que um pescoço quebrado e um estrangulamento.

Hazel assentiu e foi embora, deixando Beecham sozinho na sala de aula. O fogo o iluminava por trás de modo que parecia mais uma sombra que um homem.

37

Não era permitida a entrada de visitantes na prisão, mas Hazel deu uma libra para o guarda, que assentiu e a liberou.

— Cinco minutos — informou o homem, virando as costas.

O veredito tinha saído rápido. Um tribunal de lordes levara apenas quatro horas para declarar que Jack Currer era culpado e merecia ser pendurado pelo pescoço até a morte. Por seu envolvimento na compra de corpos, o dr. Straine perdera sua licença médica e fora expulso da Sociedade de Anatomistas, embora, há dias, uma multidão protestasse nas ruas para que o médico também fosse enforcado.

Hazel ouvira os manifestantes enquanto atravessava a Cidade Velha, mas, assim que entrou na prisão, os muros grossos de pedra abafaram os sons do lado de fora. Apenas gemidos baixos de loucura e tristeza ecoavam pelos corredores, harmonizando com o barulho dos ratos. Eram os lamentos daqueles que sabiam que não restava ninguém para ouvi-los.

Jack não havia testemunhado em própria defesa no julgamento. Ele não havia oferecido justificativas nem explicações. Melhor ser considerado um assassino do que um assassino *e* um louco.

Hazel achava que iria se debulhar em lágrimas ao vê-lo novamente, mas não houve nenhuma. Todas as lágrimas a haviam deixado nos últimos dias. A jovem estava esvaziada tanto de alegria quanto de tristeza, completamente entorpecida.

Jack estava mais magro do que Hazel jamais o vira, sentado à parede com as costas curvadas em um C, rolando um dado que haviam se esquecido de tirar dele depois do julgamento. Seu cabelo pendia longo e fraco, e seus olhos estavam vermelhos de exaustão.

Assim que a viu, Jack se levantou e foi até as grades, estendendo os braços para segurar as mãos da garota.

— Hazel. Hazel, meu amor — disse Jack, ajeitando uma mecha do cabelo castanho-avermelhado dela atrás da orelha.

Ele estava tão perto que Hazel conseguia distinguir as sardas em seu nariz e sentir o calor de sua respiração.

A garota segurava algo na mão fechada. Um pequeno frasco de vidro, emanando uma estranha luminescência que era visível entre seus dedos. Jack encarou o objeto. E ouviu atentamente enquanto Hazel descrevia com exatidão o que havia ali dentro e o poder que conferiria ao garoto. Ele fez algumas perguntas em voz baixa. Hazel as respondeu.

Então ela estendeu o frasco através das grades. Jack o pegou e o girou na palma da mão.

— Então, é verdade? — Foi tudo o que ele quis saber.

Hazel assentiu.

Jack ergueu o frasco em direção à luz fraca que entrava pela pequena janela para examinar seu conteúdo. Uma galáxia minúscula rodopiava dentro do vidro.

— Você tomaria? — perguntou ele em voz baixa. — No meu lugar?

— Jack, você tem que tomar. Por favor. Tome e depois volte para mim. Me encontre em Hawthornden assim que puder. Essa é a nossa chance. De ficarmos juntos. De fugirmos para algum lugar. Para a Europa continental. De recomeçar.

Jack riu, um som lindo e brilhante, repleto de toda a alegria, dor e amor que sentira por Hazel no breve período desde que a conheceu. Foi o riso dele que enfim a fez chorar.

— Por que você está rindo? — perguntou a garota, e, então, começou a rir com ele.

Por entre as grades enferrujadas, Jack pressionou os lábios nos dela. Os dois sentiram o gosto de sal de suas próprias lágrimas.

— Não. Não, não, não, não, não. Hazel, se eu… decidir usar isso, vou ser um fugitivo pelo resto da vida. Ou pelo menos por um bom tempo. Durante minha primeira vida e parte da segunda. Você… — ele a beijou de novo — … você… — e de novo — … linda… — e de novo — … perfeita… — e de novo — … merece uma vida de verdade. Você vai se tornar uma médica brilhante. Vai ajudar muitas pessoas e mudar muitas vidas. Vai iluminar o mundo, e não teria como fazer isso escondida nas sombras. Você não conseguiria criar remédios e curas se

estivesse sempre fugindo. Nenhuma das grandes mentes de nosso tempo teve que trabalhar pelas refeições do dia antes de parar para estudar. Não, Hazel. Não. Não posso fazer isso com você.

— Essa decisão não cabe a você, Jack. Cabe a mim decidir onde quero viver, e como. Não é um bom motivo.

Jack arqueou as sobrancelhas.

— Está discutindo comigo? Estou prestes a ser enforcado, e não posso fazer o que eu quiser? — brincou ele, sorrindo. — Acho que você tem razão. Não é um bom motivo. Faz parecer que estou sendo heroico, quando na verdade estou apenas sendo egoísta.

— Como assim? Como você estaria sendo egoísta?

— Hazel, o pior inferno seria um mundo no qual eu veria você envelhecer, a perderia e ainda seria obrigado a continuar vivendo.

Lágrimas escorriam em silêncio pelas bochechas de Hazel.

— Você sempre terá dezessete anos para mim, Hazel Sinnett — continuou Jack. — Você sempre será bela, obstinada e brilhante. Seu rosto será o último que verei ao fechar os olhos e o primeiro que imaginarei ao acordar.

— Você vai tomar, então? — perguntou Hazel baixinho. — Vai tomar o tônico?

— Não sei ainda. Estou com muito medo.

Uma porta soou atrás de Hazel, e passos pesados de botas vieram em seguida.

— Já chega, mocinha — anunciou o guarda. — A visita acabou.

Hazel se inclinou para beijar Jack de novo.

— Vou passar a vida toda amando você, Jack Currer — prometeu ela, estendendo o braço através das grades para encostar a palma da mão no centro do peito dele, sentindo os pontos que havia dado bem na altura do coração.

— Meu coração é seu, Hazel Sinnett — declarou Jack. — Para sempre. Batendo ou não.

— Batendo ou não — repetiu ela.



Jack Currer foi enforcado no Grassmarket por volta das dez horas da manhã seguinte. Disseram que nunca houve uma multidão tão grande para um enforcamento público em Edimburgo, mas Hazel não compareceu. Também disseram que o corpo foi levado ao hospital universitário.

Mas não disseram se permaneceu lá.

38

Quando a primavera chegou, a geada derreteu, o córrego ocupou suas antigas margens e Iona e Charles se casaram no jardim de Hawthornden. A noiva usou um vestido cor-de-rosa que Hazel encomendara de uma costureira na Cidade Nova, e sua trança estava enfeitada por folhagens e florezinhas brancas.

— A senhorita vai ficar bem? — perguntou Iona depois da cerimônia e da festa, enquanto Charles esperava pela esposa ao lado da carruagem.

Os dois partiriam para Inverness em lua de mel e, embora fossem voltar a Hawthornden dali a um mês, não morariam mais no castelo com Hazel. Charles e Iona viveram juntos em uma pequena cabana, como marido e mulher. Com o pai dela em Santa Helena, e a mãe e Percy em Londres, onde decidiram permanecer, Hazel ficaria sozinha no Castelo Hawthornden pela primeira vez na vida.

Bom, não sozinha. Durante todo o inverno, o primeiro andar de Hawthornden funcionou como um hospital onde Hazel tratava pacientes que sofriam de febre romana e de coisas ainda piores. Graças ao uso da raiz de flor-de-erva, nenhum deles havia morrido. Hazel também estava trabalhando com afinco em uma inoculação, que acreditava poder prevenir por completo o contágio da doença. Coisa que o dr. Beecham sem dúvida teria descoberto, se o número crescente de mortos pela febre romana e o medo que isso provocava na população não fossem um disfarce conveniente para as mutilações e assassinatos que ele cometia.

— Ficarei mais do que bem — garantiu Hazel.

Na verdade, ela estava animada para fazer suas caminhadas solitárias pela manhã, para passar um tempo sozinha com seus livros, noites sentada no peitoril da janela com um exemplar em mãos enquanto a chuva caía do lado de fora do vidro.

— E tem certeza de que não se importa que Charles e eu levemos a carruagem?

— É claro que não, Iona. Se eu precisar ir a algum lugar, tenho a Senhorita Rosalind. Talvez eu devesse arranjar mais um cavalo para os estábulos. Para ela não ficar solitária.

Na semana seguinte à execução de Jack, Betelgeuse havia desaparecido. Parecia que o cavalo tinha sido roubado à noite, mas Hazel não ouvira barulho algum vindo dos estábulos… Era quase como se Betelgeuse tivesse fugido por conta própria.

Iona abraçou Hazel.

— Por favor, cuide-se.

— Cuide-se *você*! Você é uma mulher casada agora. Não há mais lugar para disparates — rebateu Hazel, ajeitando a trança de Iona.

A criada sorriu.

— Eu, uma mulher casada! Você acredita?

— É claro que acredito — respondeu Hazel. — Você merece tudo o que desejar neste mundo, e muito mais.

Iona olhou com orgulho para Charles, que estava recostado à porta da carruagem, espanando poeira da calça, então se voltou para Hazel outra vez.

— A senhorita também merece as coisas que deseja neste mundo — disse ela.

Hazel teve dificuldade para responder, sentindo um nó na garganta. Conseguiu apenas abraçar Iona apertado uma última vez e observar enquanto a carruagem se afastava e sacolejava pela trilha do jardim e depois pela estradinha principal.

Jack a visitava em sonhos às vezes, seus olhos cheios de afeto e desejo. Durante os primeiros meses, os travesseiros de Hazel amanheciam úmidos de lágrimas. Mas, mesmo quando as lágrimas cessaram, a dor continuava em seu coração, pesada como uma pedra, e um aperto no peito surgia no instante antes de abrir os olhos e se lembrar que vivia em um mundo sem ele. Às vezes, Hazel o imaginava velejando para a França ou para as Américas, de queixo erguido nos cordames de um navio enquanto as ondas se quebravam ao redor dele, o garoto que continuaria jovem e bonito para sempre, o garoto que ela havia ensinado a cavalgar e beijado em uma cova. Às vezes, Jack falava com ela nos sonhos, chegando bem pertinho para sussurrar palavras ternas que ela nunca conseguia lembrar depois que acordava. Hazel tentava permanecer ali, no escuro, semiadormecida, o máximo possível. As sombras assumiam a forma do perfil orgulhoso de Jack, dos

contornos de seu rosto. Ela conseguia ver a inclinação do maxilar, os cílios longos e escuros, as sobrancelhas austeras… as centenas de lugares na pele dele em que ela havia encostado os lábios.

Mas então a luz fraca da manhã se infiltrava para dentro do quarto, e Hazel se levantava para começar seu dia de trabalho, curando os vivos.

epílogo

A CARTA CHEGOU AO Castelo Hawthornden amassada em lugares estranhos, com as margens queimadas e amareladas. Parecia ter dado duas voltas ao mundo e passado a maior parte das festas de Natal dobrada no bolso melado de uma criança. Tinha um selo da cidade de Nova York.

Não estava assinada, mas a garota que a abriu tinha certeza de quem era o remetente. Ela afixou a carta sobre sua estação de trabalho para que pudesse lê-la enquanto preparava chá de flor-de-erva, tecia curativos e afiava facas. A garota releu a carta tantas vezes que, mesmo de olhos fechados, conseguia enxergar as palavras escritas naquela letra esguia.

Meu coração continua batendo, dizia a carta, *e ainda é seu. Estarei esperando por você.*

agradecimentos

Este livro começou como um e-mail desconexo para meu agente, Dan Mandel, escrito enquanto meu voo cruzava os Estados Unidos, indo de Nova York a Los Angeles. A Dan, muito obrigada por confiar neste projeto e em mim, e por me mandar mensagens encorajadoras sempre que estou à beira de um colapso. Quero agradecer a Sara Goodman e à equipe inteira da Wednesday, incluindo Alexis, Vanessa, Rivka e Mary, por seu trabalho incansável, e a Kerri Resnick e Zachary Meyer por uma capa mais linda do que eu poderia imaginar. Tenho muita sorte de ter uma família disposta a ouvir todas as minhas ideias divagantes e a celebrar minhas conquistas, e sou especialmente grata a minha irmã, Caroline, por ter lido todos os rascunhos deste livro. Um agradecimento sincero a Katie Donahoe por sua leitura, suas ideias e seu incentivo, e um obrigada a Ian Karmel, que me apoia de todas as formas possíveis.

Usei vários livros para pesquisar sobre o século XIX e a história da medicina, incluindo *Medicina dos horrores*, de Lindsey Fitzharris; *The Royal Art of Poison*, de Eleanor Herman; *Dr. Mütter's Marvels*, de Cristin O'Keefe Aptowicz; *The Knife Man*, de Wendy Moore; e *The Lady and Her Monsters*, de Roseanne Montillo.

Sobre a autora



© Sela Shiloni

DANA SCHWARTZ é roteirista de televisão e criadora do podcast de história *Noble Blood*. Como crítica e jornalista, escreveu para publicações como *Entertainment Weekly, Marie Claire, Glamour, GQ, Cosmopolitan* e *Vanity Fair*. Também é autora dos livros *Choose Your Own Disaster* e *The White Man's Guide to White Male Writers of the Western Canon*. Ela mora em Los Angeles com seu noivo e seus dois gatos, Eddie e Beetlejuice.